
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

SONIA REGINA COELHO

**A ESCOLA MIXTA DA CACHOEIRA GRANDE EM
PRESIDENTE PRUDENTE: Um panorama histórico**

Rio Claro
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

SONIA REGINA COELHO



**A ESCOLA MIXTA DA CACHOEIRA GRANDE
EM PRESIDENTE PRUDENTE: Um panorama histórico**

Trabalho de Conclusão de Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação Matemática.

**Orientador: Prof. Dr. Ubiratan
D’Ambrosio**

Rio Claro

2015

510.07 Coelho, Sonia Regina
C672e A Escola Mixta da Cachoeira Grande em Presidente
Prudente: um panorama histórico / Sonia Regina Coelho. -
Rio Claro, 2015
232 f. : il., quadros, fots.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Ubiratan D'Ambrósio

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Imigração.
3. Nacionalização. 4. Escola rural. 5. Educação matemática. 6.
Etnomatemática. I. Título.

SONIA REGINA COELHO

**A ESCOLA MIXTA DA CACHOEIRA GRANDE EM
PRESIDENTE PRUDENTE: Um panorama histórico**

Trabalho de Conclusão de Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio – Orientador

Profa. Dra. Alexandrina Monteiro

Profa. Dra. Eline Dias Moreira

Prof. Dr. Paulo Sérgio Pereira da Silva

Profa. Dra. Rosana Giaretta Sguerra Miskulin

Rio Claro, SP, 6 de outubro de 2015

DEDICATÓRIA



Aos meus avós espanhóis,
Juan Antonio Salas Molina e Maria Perez de Haro que,
em 1936, construíram a Escola Mixta da Cachoeira Grande, hospedaram e
alimentaram as professoras que lá iniciaram seus sonhos e suas carreiras.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Professor Ubiratan D'Ambrosio pela orientação, paciência, respeito, sensibilidade e amizade e apoio em todas as etapas.

À Maria Jose D'Ambrosio, pela amizade, carinho e solidariedade em momentos difíceis.

Ao Professor Pedro Paulo Scanduzzi por acreditar que meu sonho era possível.

Aos Professores da Unesp de Rio Claro:

Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza,

Prof. Marcos Vieira Teixeira,

Prof^a Dra. Rosana Giaretta Sguerra Miskulin,

Prof. Dr. Roger Miarka,

Prof. Dr. Romulo Campos Lins,

Aos professores examinadores desta pesquisa pela sensibilidade e cuidado com que leram e pelas preciosas observações e sugestões de encaminhamento.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa em Etnomatemática _ GEPEtno da UNESP/Rio Claro pela sua atenção para comigo e recomendações.

Ao sempre presente amigo e vizinho Roberto Barcelos Souza,

Aos colegas de curso pelas oportunidades de discussões e reflexões.

Aos mosqueteiros Claudio e Valdir pelas caronas.

À secretária Inajara Federsom de Moraes pela amizade e orientações sempre precisas.

Aos técnicos em informática Ricardo e Hugo Pereira que me socorreram sempre e impecavelmente.

Aos funcionários da Biblioteca da Unesp de Rio Claro, do Restaurante Universitário, da limpeza, da manutenção, da vigilância, da Seção Técnica de Pós-Graduação, que criaram as condições para a realização deste trabalho.

À Professora Naíde Videira Braga, dirigente, e sua equipe, na Diretoria de Ensino de Presidente Prudente, que possibilitou a descoberta de documentação preciosa.

Aos educadores de Presidente Prudente:

Prof. Eustásio de Oliveira Ferraz,

Prof. Nilberto Gonçalves Torres,

Profª Dra. Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri,

Profª Antonia Salas Martin,

À Valentina Tereshkova Trugilo Romeiro Flores , Pedro Henrique, Berta e Ronaldo Antonio Barbosa Macedo, do Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto.

Aos ex-alunos da Escola da Cachoeira Grande:

Luiza Sallas Coelho,

Honório Parizi,

Maria Silvana de Faria

Aos prudentinos Mercedes Cortes Rodrigues e Isaac José da Silva, moradores do Parque Alvorada,

Aos diretores e funcionários das: Escola Municipal Francisca de Almeida Góes Brandão, Escola Municipal Alayde Tortorella de Faria Motta, Escola Estadual Professor Plácido Braga Nogueira e Colégio Adventista, pela disposição de guiarme entre documentos, livros de Resultados Finais, de Atas e outros que tais.

Aos entrevistados, pela confiança e depoimentos esclarecedores.

Aos primos Honório, Valesca, Vitória, Dirce, Antonia, Encarnita, Yara, Cida e José Antonio, pelas incursões diurnas na cidade de Presidente Prudente e noites de lembranças e fotos.

A todos que não foram citados, mas que deveriam estar aqui e a quem peço desculpas pela falta de lembrança.

Aos meus pais Luiz Coelho e Luiza Sallas Coelho, protagonista e inspiração deste trabalho.

À Malu, irmã e amiga.

Ao Kim, companheiro de horas junto ao computador, muito obrigada.

EPÍGRAFE

Hymno da Escola Rural

Nesta escola modesta da roça

Rodeada de pés de café

O Brasil se levanta e remoja

Numa nova alvorada de fé.

Batida de sol ardente

És do saber o fanal

Que nos leva para a frente

Bendita Escola Rural!

(Gustavo Fernando Kuhlmann)

RESUMO

A Escola Mixta da Cachoeira Grande foi construída em 1936 num lote de terra comprado por imigrantes espanhóis, na então recém-formada cidade de Presidente Prudente, época do desbravamento do Oeste Paulista. O rumo que esta escola rural, construída por meu avô, tomou, foi o motivo para que eu investigasse sua história. O que ocorreu com os primeiros professores e alunos que lá trabalharam e estudaram? A surpresa foi descobrir o esforço em nacionalizar as crianças e a árdua luta das professoras estagiárias recém-formadas nas escolas normais e a sua coragem ao enfrentar situações, as mais inóspitas. Outro aspecto motivador foi o do ensino rural nas décadas de 1930 e 1940, a matemática e livros didáticos da época. Como registro, utilizei algumas fotos do baú da família, uma delas datada pelo fotógrafo, dos alunos com suas respectivas professoras e, a seguir, diários oficiais, anuários de ensino e periódicos de São Paulo e de Presidente Prudente e ainda, entrevistas, depoimentos e conversas serviram para registrar a memória e reconstruir a história de um passado não tão longínquo.

Palavras-chave: Imigração. Nacionalização. Escola Rural. Educação Matemática. Etnomatemática.

RESUMEN

La Escuela Mixta de la Gran Cascada fue construido en 1936 en una parcela de terreno comprado por inmigrantes españoles en la ciudad entonces recién formado de Presidente Prudente, el tiempo del claro Oeste Paulista. La dirección que esta escuela rural, construido por mi abuelo, tomó, fue la razón para que investigue su historia. ¿Qué pasó con los primeros maestros y estudiantes que han trabajado allí y estudiados? La sorpresa fue descubrir el esfuerzo de nacionalizar los niños y la ardua lucha de los maestros de estudiantes de nueva formación en las escuelas regulares y su coraje para enfrentar situaciones, el más inhóspito. Otro aspecto fue el motivador de la educación rural en los años 1930 y 1940, las matemáticas y libros de texto de la época. Como registro, usé algunas fotos del tronco de la familia, uno de ellos fechado por el fotógrafo, los estudiantes con sus profesores, a continuación, diarios oficiales, anuarios escolares y periódicos de São Paulo y Presidente Prudente y, sin embargo, las entrevistas, declaraciones y conversaciones sirvieron para registrar la memoria y reconstruir la historia de un pasado no tan lejano.

Palabras clave: Inmigración. Nacionalización. Escuela Rural. Educación Matemática. Etnomatemática.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Indalo num dos muros da cidade	19
Ilustração 2: Trabalho indígena	24
Ilustração 3: Escravos trabalhando	25
Ilustração 4: Colheita de café	27
Ilustração 5: Transporte do café era feito em lombo de mula	28
Ilustrações 6 e 7: Cartazes foram distribuídos pelo mundo oferecendo terras e trabalho	30
Ilustração 8: O IMMIGRANTE, São Paulo, n. 1, ano 1, jan. 1908, capa	31
Ilustração 9: Estrangeiros no Pátio da Hospedaria de Imigrantes	32
Ilustração 10: Documento com timbre da Secretaria da Agricultura, que cuidava de terras, colonização e imigração, em 1917	34
Ilustração 11: A Espanha no Brasil	36
Ilustração 12: Humor espanhol	37
Ilustração 13: Viagem do café para o litoral em lombo de mulas	38
Ilustração 14: As Estradas de Ferro de São Paulo	39
Ilustração 15: Terras de cultura na zona sorocabana	42
Ilustrações 16 e 17: Escritura das terras da Fazenda Montalvão	44
Ilustração 18: Professor Antonio d'Assis Bronze e seus alunos formandos em 1940	46
Ilustração 19: Recibo de Rs 60\$000 (sessenta mil réis) da Escola Primária Adventista Príncipe da Paz	47
Ilustração 20: Prof. Antonio d'Assis Bronze	48
Ilustração 21: Certificado de habilitação da conclusão do curso primário de Luiza Sallas Perez na Escola Particular Adventista Príncipe da Paz	48
Ilustração 22: Página do Diário Oficial de São Paulo com o Decreto da Nomeação de Sud Mennucci	57
Ilustração 23: - Página do jornal O Estado de São Paulo do dia 20 de julho, na seção Notas e Informações criticando a nomeação de Sud Mennucci	58
Ilustração 24: Capa da Revista <i>O Estímulo</i> , da Escola Normal de São Paulo (atual E.E. Caetano de Campos), de 1907.....	66
Ilustração 25: Classificação dos alunos publicada no DOSP de 1907 Do segundo ano, foi o 3º colocado	67

Ilustração 26: Gustavo Fernando Kuhlmann e Leowigildo Martins de Mello foram colegas de classe	67
Ilustração 27: Livro Poesias, Bondade e Pátria	68
Ilustração 28: Gustavo Fernando Kuhlmann	73
Ilustração 29: Decreto da denominação do Grupo Escolar de Botafogo, em Bebedouro, para Grupo Escolar Gustavo Fernando Kuhlmann (atual E.E. Gustavo Fernando Kuhlmann (Botafogo) - Rua: Avelino Mariotini nº.1391 Centro - CEP: 14.718-000)	76
Ilustrações 30, 31 e 32 Registros de atas de visitas dos inspetores na Escola de Emergencia do Bairro da Cachoeira Grande	78
Ilustrações 33 e 34: Nomeação da Profª Alayde Tortorella	97
Ilustração 35: Cópia de Ofício autorizando a antecipação dos exames finais em 29/09/1936	98
Ilustração 36: Efetivação da Profª Alayde Tortorella, em 1936	98
Ilustrações 37, 38 e 39 - Documento Oficial dos Resultados dos Exames antecipados realizados na Escola Mixta Rural do Bairro Cachoeira Grande, sob a regência da Professora Estagiária Alayde Tortorella, da sua primeira turma, em 1936	99
Ilustração 40: A Profª Alayde Tortorella é comissionada junto à Delegacia Regional do Ensino, em Presidente Prudente	102
Ilustração 41: Alayde Tortorella é titular na Delegacia de Presidente Prudente, como Auxiliar Comissionada	103
Ilustrações 42, 43 e 44 Recortes de publicações oficiais de Noemia Leite de Carvalho	104
Ilustrações 45 e 46 Lista de alunos da Profª Noemia Leite de Carvalho, em 1937	106
Ilustração 47: Ingresso da Profª Adelaide Tortorella	108
Ilustrações 48 e 49: Frente e verso dos resultados de exames finais da classe da Profª Adelaide Tortorella em 1937	109
Ilustração 50: Desenho feito pela Profª Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri durante a entrevista	118
Ilustração 51: Representação gráfica da mudança da vírgula, no estudo dos decimais	118
Ilustração 52: Caderno da Profª Adelaide Tortorella	121

Ilustração 53: Agenda da Profª Alayde Tortorella	122
Ilustração 54: Professora Antonia Salas Martim	125
Ilustrações 55 e 56: Nomeação e Promoção da Profª Antonia Salas Martim	130
Ilustração 57: Região Escolar de Presidente Prudente em 1936	135
Ilustração 58: Resultado dos exames antecipados	137
Ilustrações 59 e 60: Capa e página do livro <i>Cuore</i> , de De Amicis	151
Ilustração 61: Apresentação do livro <i>Saudade ao Patronato Agrícola</i>	152
Ilustrações 62 e 63: Capa e interior da 1ª edição do livro <i>Saudade</i>	153
Ilustrações 64 e 65: Os livros abaixo foram escritos pelos Inspetores Escolares: Gustavo Fernando Kuhlmann e Henrique Ricchetti	154
Ilustração 66: Como se deve ensinar	155
Ilustração 67: Frontispício do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo	157
Ilustração 68: Cecil Thiré, Euclides Roxo e Julio Cesar de Mello e Souza	166
Ilustração 69: Capa do livro <i>Tudo é Fácil</i>	166
Ilustração 70: Antologia <i>Alegria de Ler</i>	169
Ilustração 71: Pular corda, caçar borboletas, jogar bola, tênis, brincar com fitas, jogar bilboquet, eram brincadeiras que faziam parte dos folguedos das crianças nas décadas de 30, 40, 50 e este desenho fazia parte da capa de um dos livros de Irene de Albuquerque. Provável ilustração de Solon Botelho, que ilustrava os livros de Mello e Souza	169
Ilustração 72: Página da primeira lição do livro <i>Tudo é Fácil</i>	170
Ilustração 73: O mercador de vinhos	171
Ilustrações 74, 75 e 76: Páginas do livro <i>Tudo é fácil</i>	172
Ilustração 77: Página do periódico <i>A Voz do Povo</i> , de 09/02/1936 p. 1	177
Ilustração 78: Termo de Instalação da EEPG do Parque Alvorada	184
Ilustração 79: Escola Estadual do Parque Alvorada - Decreto Nº 14.424 de 14/12/1979	185
Ilustração 80: Ata da cerimônia de inauguração da Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Placídio Braga Nogueira	186
Ilustração 81: Imagem aérea dos quarteirões no entorno da EEPG Placídio Braga Nogueira.....	187

Ilustração 82: Recreio das Crianças.....	192
--	-----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Indalo num dos muros da cidade	19
Fotografia 2, 3 e 4: Pueblo com rua típica da cidade e rua (Calle) com o nome da família Salas (do meu bisavô)	21
Fotografia 5: Documento obtido no Memorial do Imigrante, do Livro de Registro de Imigrantes da Hospedaria de São Paulo, em 20/06/2005	23
Fotografia 6: Assinatura da Lei Áurea no Paço Imperial	26
Fotografia 7: Lévi-Strauss	39
Fotografia 8: Cidade de Presidente Prudente	41
Fotografia 9: Luiza Sallas Perez	45
Fotografia 10: Sud Mennucci	51
Fotografia 11: Professora Adozinda Caracciolo de Azevedo Kuhlmann	70
Fotografia 12: Professor Eustásio de Oliveira Ferraz	81
Fotografia 13: Página do livro <i>Práticas Escolares</i> , de Antonio D'Ávila	86
Fotografia 14: Roda da alimentação – Atividade para o aluno guardada pelo Professor	87
Fotografia 15: Escola Mixta da Cachoeira Grande, a 4 km de Presidente Prudente, 19/05/1936 – R. Bevilacqua Photo	97
Fotografia 16: Professora Noemia Leite de Carvalho e alunos – 1937	105
Fotografia 17: Alunos da Escola Mixta da Cachoeira Grande, 1937	105
Fotografia 18: Professora Noemia Leite de Carvalho e alunos – 1937	108
Fotografia 19: Profª Adelaide Tortorella e sua turma, 1937	111
Fotografia 20: Pedro Tortorella e família	112
Fotografia 21: Honório Parizi	132
Fotografia 22: Alunos da Escola Mixta da Cachoeira Grande, em Presidente Prudente, com a bandeira nacional, em 1937	147
Fotografia 23: Thales Castanho de Andrade	152
Fotografia 24: Entrada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Alayde Tortorella Faria Motta	175
Fotografia 25: Camiseta usada por aluno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Alayde Tortorella Faria Motta	175

Fotografia 26: Centro Comunitário do Parque Alvorada. À direita, na parte do gramado, ficava a “Escolinha”, segundo local da Escola da Cachoeira Grande	177
Fotografia 27: Dona Mercedes Cortes Rodrigues apontando o local da “escolinha”	180
Fotografia 28: Dona Mercedes Cortes Rodrigues	180
Fotografia 29: Dona Mercedes Cortes Rodrigues	182
Fotografias 30, 31, 32, 33, 34 e 35: EEPG Plácido Braga Nogueira em 2014	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Duração do ano letivo	138
Quadro 2: Actividades agrícolas em que as crianças colaboravam	139
Quadro 3: Distribuição das escolas particulares mantidas por estrangeiros, no território do Estado, em 1936	141

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	18
1.1. Ponto de partida: Espanha	19
1.2. Ponto de chegada: Brasil.....	24
1.3. O café.....	27
1.4. Imigração	29
1.5. Do lombo de mulas às estradas de ferro	37
1.6. Presidente Prudente	41
1.7. Meus bisavós em Presidente Prudente	44
2. O ENSINO RURAL NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940	50
2.1. Diretor da Instrução Pública: Sud Mennucci	50
2.2. Inspetor Escolar.....	64
2.2.1. Um Inspetor Escolar: Gustavo Fernando Kuhlmann	65
2.2.2. Entrevista com a Professora Adozinda Caracciolo de Azevedo Kuhlmann	70
2.2.3. Entrevista com um Inspetor Escolar: Professor Eustásio Oliveira Ferraz	77
2.2.4. A Professora Rural	93
2.2.4.1. Entrevista com Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri, filha da Professora Adelaide Tortorella	111
2.2.4.2. Entrevista com uma Professora Rural: Professora Antonia Salas Martim	125
2.2.4.3. Entrevista com ex alunos da escola Mixta da Cachoeira Grande	131
3. REGIÃO ESCOLAR DE PRESIDENTE PRUDENTE	135
3.1. A Escola Rural	135
4. ENSINO PARTICULAR	140
4.1. A Escola Particular sob o olhar de A. Almeida Junior	142
5. NACIONALIZAÇÃO	144
6. OS LIVROS DIDÁTICOS	150
6.1. Quem eram os autores dos livros de Matemática?	164
7. MEU PERCURSO ATÉ A ESCOLA MIXTA DA CACHOEIRA GRANDE	174
7.1. A descoberta	176
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	192

REFERÊNCIAS	201
ANEXO A	205
ANEXO B	213
ANEXO C	219
ANEXO D	221

1 INTRODUÇÃO

Paulista e paulistana, sempre me encantei com as histórias contadas por minha mãe, seus irmãos e primos quando, em agradáveis conversas, recordavam-se de seus tempos de infância e de escola. Estudaram inicialmente na fazenda de café onde meu avô construíra uma escola que só funcionava até o 3º ano primário e o 4º ano eles fizeram na cidade, que ficava a 4 km da fazenda e para onde se dirigiam a cavalo. Esse trajeto era recheado de brincadeiras e eu ficava a devanear sobre tais lembranças da infância que eu, nascida na cidade, não tive.

A década era de 1930, do desbravamento do Oeste Paulista e, para compreender esse desbravamento e como ele se relacionou à criação de escolas nessa região foi o que me motivou a desenvolver essa pesquisa.

E quanto à escola construída por meu avô, surgiram as questões:

Como e quando se deu a sua criação?

Sendo imigrantes espanhóis, quem ministrava aulas às crianças?

Quem pagava a(s) professora(s)?

Como era o ensino de matemática nas décadas de 1930/40?

Quais as tendências daquela época?

Como era a prática escolar?

Meu objetivo então é visualizar um panorama da educação nessa época, já que a criação da Escola Mixta da Cachoeira Grande se deu no ano de 1936 e este trabalho se delimita a esse período.

Método: utilizei neste trabalho procedimentos metodológicos de pesquisa documental, bibliográfica e oral, com fontes primárias e secundárias. Optei por deixar as entrevistas feitas na íntegra, dada a relevância histórica de seu precioso conteúdo. Deixo uma observação para com alguns documentos que aqui estão registrados e, por terem sido escaneados, não apresentam muita nitidez.

1.1 Ponto de partida: Espanha

Almeria, terra de meus abuelos (avós) – província da Espanha que encontra no Indalo (um emblema rupestre que foi encontrado na caverna Cueva de Los Letreros) seu símbolo. O Indalo é uma figura antropomórfica de um homem segurando um arco-íris e considerado símbolo de boa sorte, atraindo riquezas, abundância à terra e paz a sua gente.

Ilustração 1 - Indalo - desenho rupestre que foi encontrado na caverna Cueva de Los Letreros representa um homem segurando um arco-íris



Fonte: www.andalucia.org

Foi considerado um totem, principalmente em Mojácar, onde o pintavam em ocre nas portas das casas, nos muros, como proteção contra as tormentas e o “mal de ojo”. Ele era chamado de “muñequillo mojaquero”. O nome da figura parece ter sido dado em honra ao padroeiro de Almeria, San Indalecio, como cristianização daquilo que é considerado sagrado pelos ancestrais.

Fotografia 1 - Indalo num dos muros da cidade



Fonte: Acervo da autora

O desenho desta forma do Indalo pode ser encontrada em muitos abrigos no distrito de Vélez, mas não há registro de figuras semelhantes fora da geografia espanhola. Mojácar é uma terra na qual sobrevive, como em qualquer outro recanto de Andaluzia, uma admirável fidelidade ao passado árabe. É uma montanha excepcional que domina o horizonte e por este motivo foi muito cobiçada pelos povos antigos. Na região foram encontrados vestígios do período Neolítico. Fenícios e cartagineses se sentiram atraídos pelas notícias destas cidades florescentes onde poderiam exercer o comércio. Quando os gregos ocuparam a região, chamaram-na de Torre de Vigia Murgis Akra. Murgis de altura, daí o Moxacar, derivação latina. A Muxacra árabe deu origem ao nome atual: Mojácar.

Fundada pelos árabes na Espanha no início do séc VII, Mojácar conheceu seu auge na dependência do Califado de Córdoba, assim como sua população e sua localização privilegiadas tornaram o lugar inexpugnável. Ao ingressar no sultanato de Nazari, foi convertida em fronteira, levantou-se e reforçou guaritas e defesa e esteve envolvida em inúmeras batalhas. A 10 de junho de 1488 os governadores da região renderam-se aos Reis Católicos. Nessa ocasião, houve um encontro histórico na Fonte Pública entre cristãos, árabes e judeus.

Mojácar era florescente cidade até meados do século XVIII, no serviço militar, civil e eclesiástico. A população chegou a ser estimada em 10.000 pessoas. Em meados do século XVIII começou a decadência da cidade. Secas recorrentes esgotaram a população agrícola. Em 1838 descobriu-se uma veia de prata em Sierra Almagrera, e dentro e em torno de Mojácar foram colocadas várias minas em operação. Esta foi uma época de ouro para toda a área e Mojácar chegou a uma população de 6.382 habitantes, segundo o censo de 1887. No início da Segunda República fecharam todas as minas e começou uma grave crise, provocando uma onda de emigração para a América do Sul e os Estados Unidos. Entre eles, diz a tradição, José Guirado Zamora, nascido em Mojácar e que se tornou famoso sob o nome de Walt Disney.

Agora, um parênteses para este espanholzinho:

Em 1940 chegaram em Mojácar três homens que se disseram representantes da Walt Disney Studios e procuravam pela certidão de nascimento de José Guirado Zamora, nascido em Mojácar, em 1901. Disseram ainda que José Guirado e Walt Disney eram a mesma pessoa. Passaram vários dias pesquisando nos arquivos municipais, mas os documentos dessa época se perderam durante a Guerra Civil - vários

documentos – com a dificuldade para arquivar e classificar, foram vendidos a uma fábrica de papel.

Nesta feita, sem telefone ou eletricidade, ninguém sabia quem era Walt Disney. Mas sabiam quem era Isabel Zamora – uma bela lavadeira que, com seu filho ainda pequeno, emigrara para Chicago, onde tinha um irmão. Lá ela chegou cansada e desorientada e ficou doente. Seu irmão lhe aconselhou deixar o menino com seus vizinhos, Elias e Flora Disney que eram boas pessoas e que, na ocasião, já tinham três filhos. Doente, ela concordou. O menino foi batizado em junho de 1902, com seu novo nome: Walter Elias Disney e passou a viver com seus novos pais e irmãos.

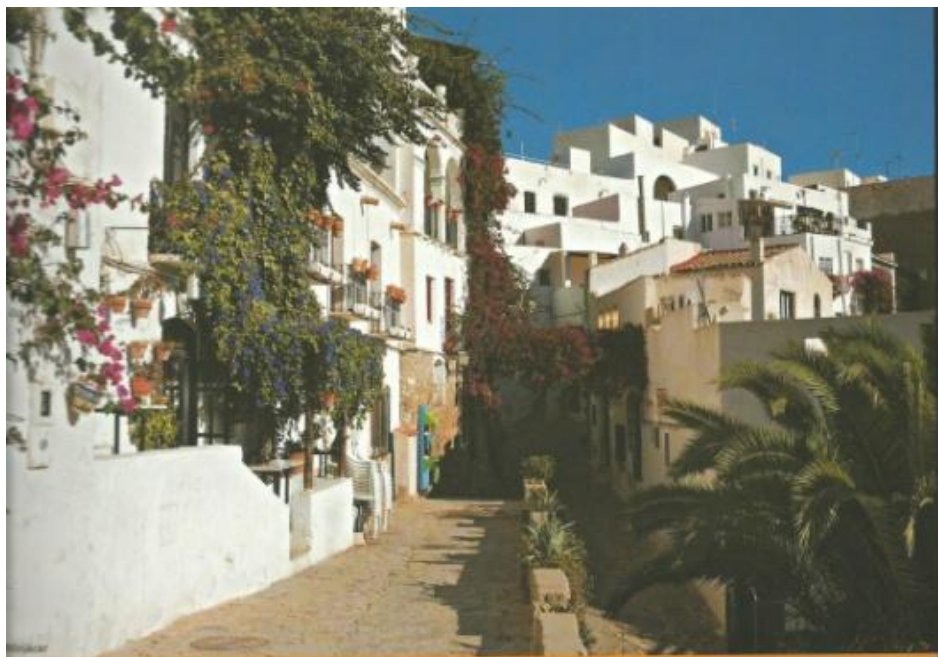
O próprio Disney comentou com Salvador Dalí, na visita que lhe fez na década de 50 que havia nascido em Almeria. Por esta época, houve novas visitas e tentativas americanas de obter os papéis, desta feita, por frades franciscanos da Califórnia, através da Igreja, de um bebê que emigrou no princípio do século. Ainda houve mais uma tentativa, infrutífera, em 1954.¹

Hoje, Mojácar vive graças ao turismo, que, longe de destruir a verdadeira face de seu povo, faz com que os visitantes admirem sua história, arquitetura, casas de cor branca e sua natureza aberta de pessoas que carregam a tolerância e coexistência de diversas culturas e religiões.

Fotografias 2, 3 e 4 - Pueblo com rua típica da cidade e rua (Calle) com o nome da família Salas (do meu bisavô)



1



Fonte: Acervo da autora

Nesta terra encantadora Ginez Salas Carrilo, meu bisavô, conheceu e casou-se com Luiza Molina Grima.

A situação na Espanha no início do século e as vantagens do Brasil fizeram com que meus bisavós fizessem a travessia do oceano e viessem atrás de oportunidades aqui, no Brasil.

Meu avô, Juan Antonio (interessante notar que, aqui no Brasil, mais precisamente na Casa do Imigrante, na hora de registrar os nomes, o nome do meu avô foi aportuguesado para João), veio da Espanha acompanhando seus pais, Ginez e Luiza e seus irmãos.

Fotografia 5 - Documento obtido no Memorial do Imigrante, do Livro de Registro de Imigrantes da Hospedaria de São Paulo, em 20/06/2005

Memorial do Imigrante 16724

Constam dos arquivos do Memorial do Imigrante os seguintes dados:

Nome da Família	Nome do Imigrante	Parentesco	Nacionalidade	Idade	Estado Civil
SALA	GINES	CHEFE	HESPAÑHOLA	55	CASADO
MOLINA	LUIZA	MER	HESPAÑHOLA	47	CASADA
	GINES	FILHO	HESPAÑHOLA	22	SOLTEIRO
	DIEGO	FILHO	HESPAÑHOLA	19	SOLTEIRO
	ANTONIO	FILHO	HESPAÑHOLA	17	SOLTEIRO
	JUAN	FILHO	HESPAÑHOLA	14	SOLTEIRO
	ORESTE	FILHO	HESPAÑHOLA	12	SOLTEIRO
	JOVINA	FILHO	HESPAÑHOLA	10	SOLTEIRA
	JOSÉ	FILHO	HESPAÑHOLA	7	SOLTEIRO
	MARIA	FILHO	HESPAÑHOLA	5	SOLTEIRA
	LUIZ	FILHO	HESPAÑHOLA	3	SOLTEIRO

Procedência: CRÁVINHOS
Destino: VAPOR

Chegada: 09/06/1910
Livro: 04B
Página: 009

SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA

Associação de
Imigrantes do
MEMORIAL DO
IMIGRANTE

STP
GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Fonte: Acervo da autora

1.2 Ponto de chegada: Brasil

No Brasil, em São Paulo, a capitania de Martim Afonso de Souza tinha, a princípio, atividades rendosas de agricultura e comércio, principalmente de engenhos de açúcar localizados no litoral. O planalto foi povoado lentamente devido à sua geografia, os jesuítas escalaram o paredão fundando a São Paulo de Piratininga e as bandeiras, em busca de ouro e pedras preciosas.

Quando os portugueses começaram a colonização do Brasil, não existia mão de obra para o trabalho nas lavouras.

No início, eles procuraram usar o trabalho dos indígenas, mas os religiosos se colocaram em defesa dos mesmos, condenando sua escravidão.

Ilustração 2 - Trabalho indígena



Fonte: D'Ávila, O Tesouro da Criança, São Paulo Editora S. A., 1963, p. 79

A solução foi fazer o mesmo que os demais países europeus vinham fazendo: buscar negros na África, para submetê-los ao trabalho escravo.

Ilustração 3 - Escravos trabalhando



ESCRAVOS TRABALHANDO

Fonte: Von Tschudi, *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, São Paulo, 1953, p. 170.

Em 1792, a Dinamarca foi o primeiro país Europeu a abolir o tráfico de escravos. A seguir, veio a Grã-Bretanha, em 1807 e os Estados Unidos em 1808.

Em 1810, nos tratados comerciais assinados com a Inglaterra, D. João VI se comprometeu a abolir o tráfico de escravos africanos.

As colônias inglesas produziam açúcar e no Brasil a produção do açúcar era grande e movida pela mão de obra escrava, e fazia concorrência ao açúcar inglês. Assim, a decisão da Inglaterra de lutar contra o tráfico de escravos também tinha interesses econômicos, além dos motivos humanitários.

No Congresso de Viena, em 1814/15, foi estabelecido que o tráfico seria interrompido ao norte da linha do Equador.

Em 1817, D. João VI, num novo acordo, concedeu à Marinha britânica o direito de visita e busca, em alto mar, nos navios suspeitos de tráfico. Esse acordo determinava que o navio encontrado em atividade ilegal, jogasse os escravos ao mar.

Mesmo assim, em 1822, após a proclamação da Independência, o tráfico de escravos africanos ainda era intenso.

Após a Independência do Brasil, a Inglaterra avisou que só reconheceria a sua independência se o tráfico negreiro fosse extinto. Foram feitas leis que não foram cumpridas e daí surgiu a expressão: “**para inglês ver**”.

Em 1850 houve a extinção do tráfico negreiro.

Mais 20 anos e foi declarada a Lei do Ventre-Livre (1871).

Em 1885, foi aprovada a lei Saraiva-Cotegipe ou dos Sexagenários que beneficiava os negros de mais de 65 anos.

Apenas em 1888, através da **Lei Áurea**, a liberdade total foi alcançada pelos negros no Brasil.

O Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão.

A escravidão foi um sistema de trabalho essencial para a economia brasileira.

Fotografia 6 - Assinatura da Lei Áurea no Paço Imperial



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_%C3%81urea

No início, a capitania havia cuidado apenas de mineração. Quando os veios se esgotaram, São Paulo se voltou para a agricultura.

1.3 O café

O café conquistou o vale do Paraíba criando assim uma agricultura rendosa.

Ilustração 4 - Colheita de café feita por imigrantes



Fonte: Von Tschudi, *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, São Paulo, 1953, p. 119

A sua cultura foi crescendo e ocupando áreas maiores. Enquanto isso, no litoral, a exportação era realizada em lombos de burro.

Ilustração 5 - Transporte do café era feito em lombo de mula



Fonte: http://www.mariafumacacampinas.com.br/fazenda_cafe/fazenda_7.htm

Os produtores procuravam o porto mais próximo para enviar o seu produto. A dificuldade da descida era grande, pois, em toda a extensão da costa havia o paredão. Ubatuba, por ser mais próxima da Europa, era o porto mais procurado, destacando-se da capital e chegando a render mais do que ela.

Havia a necessidade da construção de uma estrada férrea e esta teve início em 1867, substituindo os lombos de burro na descida da serra, levando as mercadorias para Santos.

Após o início da campanha abolicionista para a libertação dos escravos, as conquistas para isso começaram com a lei do ventre livre, emancipação dos velhos, proibição da venda de escravos separando as famílias, proibição da venda de província para província e a proibição do direito de açoitar.

Esses acontecimentos fizeram com que os paulistas comessem a trabalhar pela imigração, trazendo da Europa o braço para a lavoura.

1.4 Imigração

Antônio da Silva Prado e o deputado Rodrigo Augusto da Silva tomaram a dianteira na promoção da imigração europeia. Antônio da Silva Prado foi nomeado Inspetor especial de terras e colonização da Província de São Paulo em 1878, e, no mesmo ano, Rodrigo Augusto da Silva foi presidente da Associação Auxiliadora do Progresso da Província.

Eles eram contra a abolição da escravidão enquanto não houvesse mão de obra para a lavoura, e representaram o movimento imigrantista.

Em 1885, foi fundada, em São Paulo, a Sociedade Brasileira de Imigração, dirigida pelos cafeicultores Rafael de Aguiar Pais de Barros, Martinho Prado Júnior, conselheiro Antônio Prado e Nicolau de Sousa Queiroz.

Segundo Sud Mennucci (1936),

... anno e meio depois da abolição da escravidão, o novo regime encontrava diante de si o caos e a degradingolada da economia nacional. E dentro desse quadro tragico, uma cousa se evidenciava dolorosamente: a repulsa que os trabalhos agricolas inspiravam a toda a massa popular, "pois os proprios escravos eram os primeiros a abandonar as terras onde haviam labutado até a véspera. Que houvera competido fazer? Duas cousas claras e logicas, simples e diaphanas como conclusão imposta pela emergencia: attrahir o trabalhador alienigena e reeducar o trabalhador nativo.

A primeira, honra seja feita aos estadistas de São Paulo, foi rigorosamente cumprida.

Foi o maior serviço que os paulistas prestaram á sua terra, porque além de se alimentar a grande cultura cafeeira do Brasil, fornecendo-lhe braços num momento de angustia e desamparo, serviu a iniciar a obra de reversão e transformação dos sentimentos populares quanto ás fainas agricolas, modificando a psychologia do povo acerca do valor da agricultura na economia do paiz.

Quanto á reeducação do trabalhador nativo a obra dos estadistas é falha e inconsistente²

O desenvolvimento da produção de café relacionava-se à quantidade de mão-de-obra. São Paulo estabeleceu um sistema que oferecia auxílio formal à imigração europeia, principalmente à italiana e de outras partes do mundo, como o Japão. A propaganda era feita nos países de origem e os imigrantes eram trazidos de suas terras até as fazendas de café.

² Para tentar mostrar melhor imagens de sua época, vários trechos deste trabalho estão aqui transcritos na escrita da época. Leitor, ao ler trechos entre aspas com aparentes erros de português, não se espante! Não são erros, mas a escrita que se alterou várias vezes, principalmente nos últimos anos no Brasil.

Ilustrações 6 e 7 - Cartazes foram distribuídos pelo mundo oferecendo terras e trabalho:



Fonte: Museu da imigração

Ilustração 8 - O IMIGRANTE, São Paulo, n. 1, ano 1, jan. 1908, capa.



Fonte: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_imigracao

Na revista *O Imigrante*, escrita em seis línguas (português, espanhol, italiano, francês, alemão e polonês), a propaganda feita na Europa mostrava, em sua capa, em 1908, um mapa de São Paulo exageradamente grande em relação ao Brasil, para chamar a atenção de possíveis imigrantes. A revista trazia informações

sobre cidades e fazendas e também cartas de colonos e informações sobre a situação de imigrantes já estabelecidos neste país.

Vieram milhares e milhares de famílias estrangeiras, principalmente de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha, Áustria, Japão e de vários outros países.

Ilustração 9 - Estrangeiros no Pátio da Hospedaria de Imigrantes (1910 – sic?)



Fonte: www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao_migrantes/migrante06.html

São Paulo preparou-se antes e, depois da Lei Áurea, continuou buscando mais e mais braços para o trabalho.

Ao se referir aos imigrantes, Carlos de Campos, Presidente do Estado de São Paulo³, na mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de julho de 1925, afirmava que a questão da imigração não era somente “um caso de braços para a lavoura”, mas de garantir aos imigrantes a nacionalidade brasileira, sem lhes opor qualquer dificuldade, “numa ancia fraternal de os fazer brasileiros”, num “acto quase mecanico, que só não se completará, pela repulsa expressa e decisiva do estrangeiro.” E mais, que, pela Constituição Política, em seu art. 69, são cidadãos brasileiros:

Os estrangeiros que se achavam no Brasil a 15 de Novembro de 1889 e não declararam, dentro de seis mezes da proclamação da Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem;
Os estrangeiros que, residindo no Brasil, aqui possuam bens immoveis;
Os estrangeiros que, residindo no paiz, sejam casados com mulher brasileira;
Os estrangeiros que, morando comnosco, tiverem filhos brasileiros;
Os estrangeiros por outro modo naturalizados;
Os nascidos no Brasil, ainda que de pae estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação.

³ ANEXO B

E continua, dizendo que ser cidadão brasileiro é pertencer à comunidade brasileira, ser solidário, viver sob a ação das leis e autoridades brasileiras, para o engrandecimento da pátria, material, intelectual e moralmente. A legislação política tinha, como efeito imediato, a mudança da nacionalidade, “salvo a vontade expressa do emigrante”:

É de valor considerável essa situação, que se torna ainda mais séria, porque a constituição da família, a própria família que vem de fora, se reproduzirá em prole brasileira, falhando ali até a vontade dos interessados, enquanto estiverem no Brasil, isto é, a vontade dos filhos de estrangeiros, nascidos no Brasil, que pela nossa Constituição, são brasileiros.
É um mal? É um bem? É o que é.

Depois de adquirida a nacionalidade, o cidadão teria que defender a pátria, amá-la e ser responsável por sua conservação, em detrimento da desintegração da terra, confusão dos diferentes povos e o desaparecimento da própria nacionalidade.

Quanto aos países de super população, deveriam considerar que as leis brasileiras asseguravam aos estrangeiros aqui residentes, a inviolabilidade dos direitos à liberdade, segurança individual, à propriedade e à honra.

Campos também afirmou que, em São Paulo, existiam todas as condições para que se estabelecessem as correntes imigratórias de qualquer país civilizado, considerando ser um bem a forma política com que a república federativa regesse, permitindo aos Estados, executar e fazer executar as leis de garantias individuais pelas autoridades competentes e idôneas.

Para isso, o Estado de São Paulo preparou sua Polícia Militar e sua Polícia Civil, por oficiais franceses que as tornaram eficazes, disciplinadas e tendo como objetivo o cumprimento do dever, fazendo-as as melhores forças armadas da América, garantindo a manutenção da ordem pública, do indivíduo e da propriedade, exercidas por homens formados em direito, sem saber as localidades onde iriam servir e eram subordinados apenas ao poder executivo, com remuneração respeitável.

Ainda, foi organizado o Serviço Sanitário, para garantir a saúde pública, combater endemias com medidas profiláticas, diminuindo assim o número de vítimas de algumas moléstias.

Para facilitar a comunicação da vida civil (cidade) com a satisfação das necessidades da vida econômica (campo), foi traçado e construído um sistema

ferroviário de mais de seis mil quilômetros, completado por estradas vicinais e de rodagem, ao longo dos quais foram fundados centros de produção agrícola e industrial e, na sequência, criado o ensino primário gratuito para todos.

Mas havia um problema, o de moléstias. O governo se empenhou, então, em melhorar as condições sanitárias.

Para evitar futuras crises econômicas com a vinda dos imigrantes, o governo sabia que era necessário o imigrante encontrar saúde, trabalho e segurança para os seus direitos.

São Paulo abriu assim as portas para a imigração desde que esta se destinasse para a agricultura, para as fazendas, pois na cidade não lhe haveria ocupação. Isso porque a lavoura do café era quase a totalidade da riqueza privada do Estado. Dela dependiam a balança comercial do país e o valor da moeda.

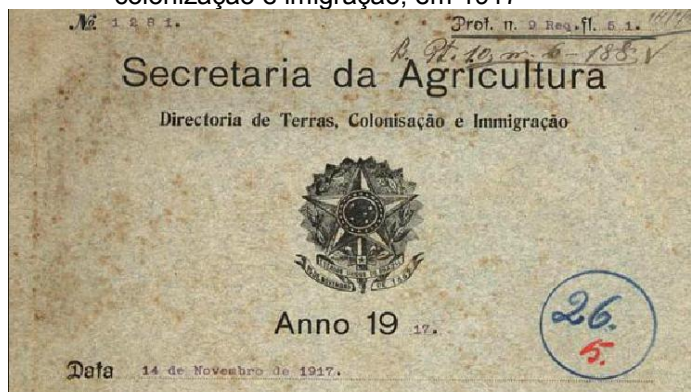
Lembrando que o imigrante europeu estava acostumado com o cultivo de trigo, oliveiras e videiras, ao chegar aqui, deparar-se-ia com arroz, feijão, mandioca, cana de açúcar e café.

É elle sempre um homem do campo, que desconhece os costumes e as leis do paiz; não lhe sabe a língua; não conhece a terra e os seus recursos, mesmo praticamente ignora a sua composição geológica, quaes as plantas adequadas; não sabe quando Ella bem recebe para germinar, crescer e produzir; quaes as épocas de plantar, carpir e colher, quaes as influencias das chuvas, do sol, o efeito das geadas... As estações são diversas; o clima é inteiramente outro.

Pretender, nas extremas terras cobertas ainda de mattas virgens, que só o machado do nosso caboclo sabe desbastar, com homens de outros climas e afeiçoados a outros hábitos, rompendo com tudo que o senso pratico tem fundado, no decurso de annos, estabelecer uma nova organização agrícola não é descortino de estadista, senão sonho de visionário.

- Carlos de Campos

Ilustração 10 - Documento com timbre da Secretaria da Agricultura, que cuidava de terras, colonização e imigração, em 1917



Fonte: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_imigracao

Em 1912 foi criado o Patronato Agrícola, vinculado à Secretaria da Agricultura e a ele competia promover a imigração e colonização do Estado, patrocinar o cumprimento dos contratos de imigração, promover a organização e fiscalizar o funcionamento de cooperativas entre os operários agrícolas para assistência médica, farmacêutica e ensino primário. Esta instituição existiu de 1912 a 1931.

Segundo o Museu da Imigração, a difícil situação que a Espanha vivia no final do século XIX, por conta de sua economia agrária ser insuficiente para suprir as demandas internas, gerou desemprego e fome. O Brasil, vivendo um momento de pujança e com políticas de fomento populacional foi, assim, local de destino para milhares de famílias espanholas. Essa imigração é considerada a terceira maior leva que imigrou para o Brasil, depois dos italianos e portugueses, entre a segunda metade do século XIX até o início dos anos 1970.

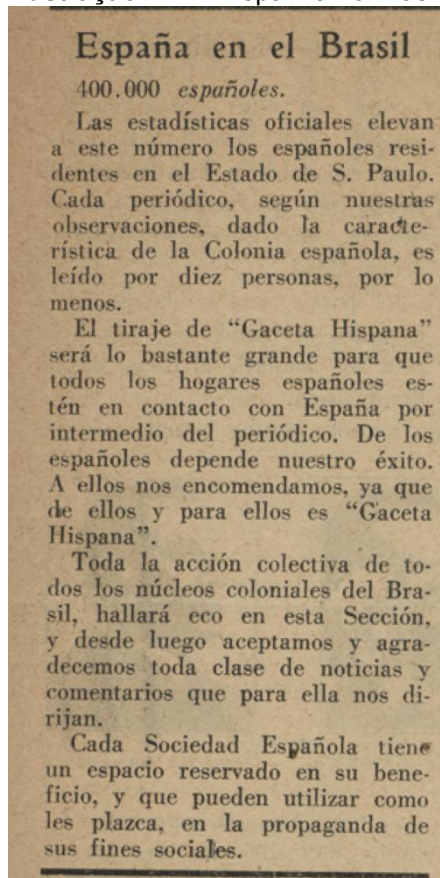
Espanhóis das províncias da Galícia, Catalunha, Valência, Navarra e das cidades de Sevilha, Cadiz, Córdoba, Almeria, Granada e Málaga formam a principal leva de imigrantes que se dirigiram ao Brasil. Saíam dos portos de Vigo, La Coruña, Barcelona, Valência, Sevilha, Cadiz, Malaga e Gibraltar.

Concentraram-se principalmente no estado de São Paulo, atraídos pelas oportunidades de trabalho nas lavouras de café. A primeira leva de imigrantes espanhóis (até os anos 1930), dirigiu-se principalmente para o campo, mas os que vieram depois da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) encontraram nas cidades e suas indústrias maiores oportunidades de refazerem suas vidas. Aliás, o envolvimento de espanhóis em movimentos operários é bastante significativo.

Na capital paulista, os imigrantes espanhóis fixaram-se principalmente nos bairros da Mooca, Ipiranga e Brás. Municípios como São Bernardo, São Caetano e Santos também possuem importantes núcleos de imigrantes dessa nacionalidade.

Os imigrantes continuavam a se comunicar em sua língua pátria e surgiram várias revistas e periódicos. Abaixo, um exemplo:

Ilustração 11 - A Espanha no Brasil



Fonte: Periódico "Gaceta Hispana" – Año I - abril/1936 - Nº 0

Transcrição:

España em El Brasil

400.000 espanhóis - Las estadísticas oficiales elevan a este número los españoles residentes em el Estado de S. Paulo. Cada periódico, según nuestras observaciones, dado la característica de la Colonia española, es leído por diez personas, por lo menos.

El tiraje de "Gaceta Hispana" será lo bastante grande para que todos hogares españoles estén em contacto com España por intermedio Del periódico. De los españoles depende nuestro éxito. A ellos nos encomendamos, ya que de ellos e para ellos ES "Gaceta Hispana".

Toda la acción colectiva de todos os núcleos coloniales del Brasil, hallará eco em esta Sección, y desde luego aceptamos y agradecemos toda clase de noticias y comentarios que para ella nos dirijan.

Cada Sociedad Española tiene um espacio reservado em su beneficio, y que pueden utilizar como lês plazea, em la propaganda de sus fines sociales.

Tradução:

Espanha no Brasil

400.000 espanhóis - As estatísticas oficiais levantaram este número de residentes espanhóis no Estado de S. Paulo. Todos os jornais, de acordo com nossas observações, dada a característica da colônia espanhola, é lido por dez pessoas, pelo menos.

A circulação de "Gaceta Hispana" será grande o suficiente para todas as famílias espanholas que estão em contato com a Espanha através do jornal. Dos espanhóis depende o nosso sucesso. Neles confiamos, já que deles e para eles é "Gaceta Hispana".

Qualquer ação coletiva por todos os núcleos coloniais do Brasil encontra eco nesta presente secção, e, certamente, aceitamos e apreciamos todos os tipos de notícias e comentários que nos dirijam.

Cada empresa espanhola tem reservado um espaço em seu benefício, que pode ser usado como lhes convier, em fins de propaganda social.

Ilustração12 - Humor espanhol



Fonte: Periódico "Gaceta Hispana" – Año I - abril/1936 - Nº 0

1.5 Do lombo de mulas às estradas de ferro

A ferrovia, Estrada de Ferro Sorocabana, importante elemento da infraestrutura da economia cafeeira, expandiu-se pela região, significando transporte rápido, seguro e barato do café para os centros maiores.

Os grandes latifundiários do café das regiões mais antigas se dirigiram para o Oeste Paulista e adquiriam terras com a finalidade de loteá-las, fazendo com que ao

lado do latifúndio cafeeiro se estabelecesse a pequena propriedade rural explorada pelo colono e sua família, no esquema de agricultura de subsistência.

Surgiu o sistema de vendas de terras em forma de loteamento: os proprietários retalhavam suas terras em pequenas propriedades e vendiam os lotes a prazo, para pessoas originárias das zonas velhas do estado, que acumularam recursos como colonos de grandes fazendas de café.

Ilustração 13 - Viagem do café para o litoral em lombo de mulas



Fonte: Von Tschudi, *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, São Paulo, 1953

Ilustração 14 - As Estradas de Ferro de São Paulo



Fonte: Mennuci, *Corografia do Estado de São Paulo*, Editores: J.R. de Oliveira & Cia, 1936, p. 99

Em entrevista ao *Le Monde*, Lévi-Strauss⁴ fala sobre o que vivenciou em São Paulo, nesta época (1985):

Fotografia 7 - Lévi-Strauss



Fonte: São Paulo, terça-feira, 22 de fevereiro de 2005 Folha de São Paulo - Mundo

⁴ Lévi-Strauss, (1908), antropólogo, ensinou Sociologia, na USP, em 1935 e morou aqui no Brasil até 1939, quando voltou para a França. Retornou em 1985, acompanhando o presidente François Mitterrand, por 5 dias, constatando que o Brasil havia se tornado “um outro país”.

“Esta São Paulo, que eu havia conhecido numa época em que ela contava apenas 1 milhão de habitantes, já recenseava mais de 10 milhões deles. Os sinais e os vestígios da época colonial haviam desaparecido. São Paulo havia se tornado uma cidade bastante assustadora, apinhada de torres numa extensão de quilômetros, a tal ponto que, curioso por rever não a casa onde eu havia morado --ela provavelmente não existia mais--, e sim a rua onde eu havia vivido durante alguns anos, eu passei uma manhã inteira, bloqueado no meio de engarrafamentos, sem conseguir chegar ao meu destino”.

“... a natureza de São Paulo já havia sido profundamente alterada. Na época, o ciclo do café já havia acontecido, e todos os territórios nas cercanias da cidade haviam sido dedicados a esta indústria agro alimentícia. Mas, dessa natureza tão forte, ainda subsistiam as encostas da Serra do Mar, entre São Paulo e o porto de Santos. Naquela região, numa extensão de alguns quilômetros, havia um desnivelado de 800 metros, tão abrupta que a civilização havia menosprezado o lugar, o que permitiu preservar a mata virgem. De tal forma que, quando se desembarcava em Santos para subir a serra até São Paulo, era possível ter um contato curto, porém imediato, com aquilo que o Brasil do interior, a milhares de quilômetros dali, podia ainda nos reservar.

O vínculo entre o homem e a natureza talvez tivesse se rompido e, ao mesmo tempo, é possível entender que o Brasil, que se desenvolveu de uma maneira tão considerável, tenha em relação à natureza a mesma política que a Europa praticava na Idade Média, isto é, destruí-la para implantar uma agricultura.”

“O meu primeiro choque, ao chegar ao Brasil, como eu já lhe disse, foi a natureza, tal como ela ainda podia ser contemplada nas encostas da Serra do Mar; mais tarde, quando eu consegui adentrar no interior do país, voltei a ter esse contato com a natureza, a qual já era totalmente diferente daquela que eu havia conhecido... Mas há também uma dimensão para a qual nem sempre se presta a atenção como se deveria, e que para mim foi capital: a do fenômeno urbano.

Quando eu cheguei em São Paulo, as pessoas diziam que nela se construía uma casa a cada hora. E, naquela época, havia uma companhia britânica que, já fazia quatro ou cinco anos apenas, desbravava os territórios a oeste do Estado de São Paulo. Ela construía uma ferrovia e implantava uma cidade a cada 15 quilômetros. Na primeira destas cidades, a mais antiga, havia 15 mil habitantes, na segunda 5 mil, na terceira mil, na seguinte 90, depois 40, e, na mais recente, 1 único habitante - que era um francês.

Naquela época, um dos grandes privilégios do Brasil era de poder assistir, de maneira praticamente experimental, à formação desse fantástico fenômeno humano que é o desenvolvimento de uma cidade. No nosso país, a cidade resulta, de fato, em certos casos, de uma decisão do Estado, mas é, sobretudo, o fruto de milhões de pequenas iniciativas individuais que foram sendo tomadas ao longo dos séculos. No Brasil dos anos 1930, era possível observar este processo se desenvolvendo de maneira mais curta, no período de poucos anos.

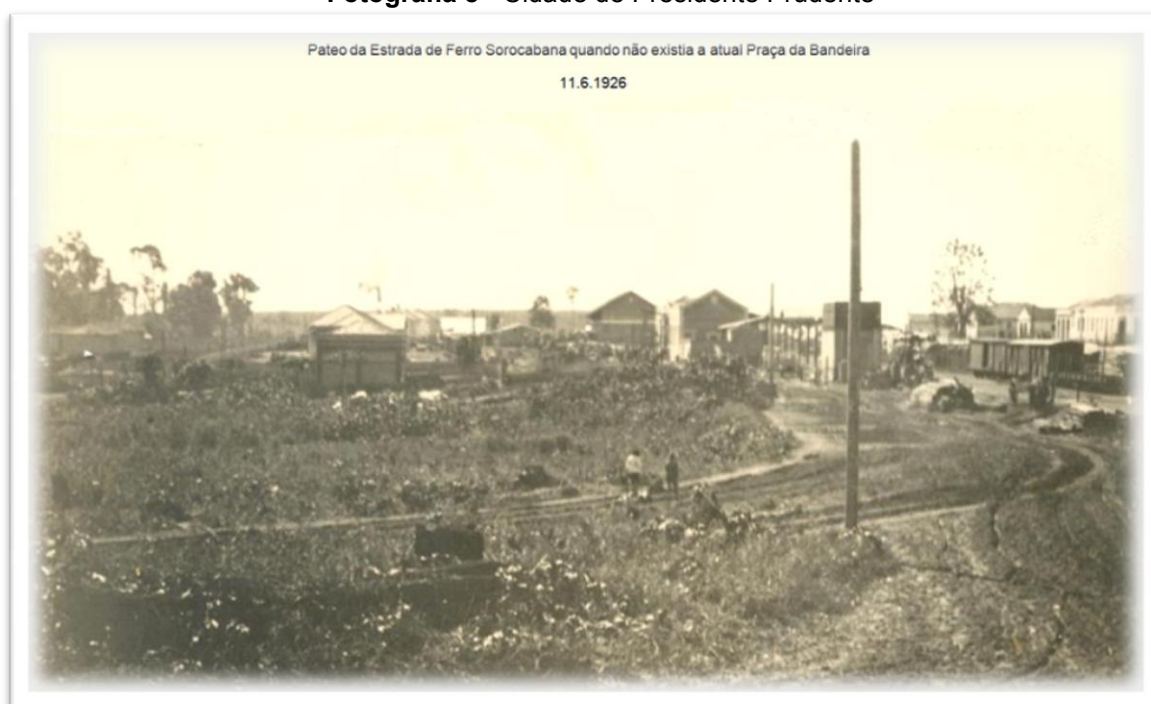
É claro que, uma vez que eu praticava a etnografia, os índios foram essenciais para mim, mas esta experiência urbana também teve uma importância considerável, e os dois Brasis coexistiam, mantendo, contudo, uma boa distância um em relação ao outro.

(Entrevista à Véronique Mortaigne, do Le Monde, em 22/05/2005)

1.6 Presidente Prudente

As estradas de ferro se prolongaram para o interior, para o sertão bruto. E cidades surgiram ao longo das linhas férreas. Mennucci, em seu livro “Pelo Senido Ruralista da Civilização”, conta que Presidente Prudente fez-se cidade em dois anos. “Quando a Estrada de Ferro Sorocabana chegou ao km. 800 da sua linha de Tibagi, colocaram nesse ponto, que era apenas mata virgem, um posto telegráfico. O ponto era constituído por um vagão improvisado. Dois anos depois, já havia em volta desse vagão, nada menos de 800 casas e foi preciso criar ao mesmo tempo o distrito de paz e o município de Presidente Prudente.”

Fotografia 8 - Cidade de Presidente Prudente



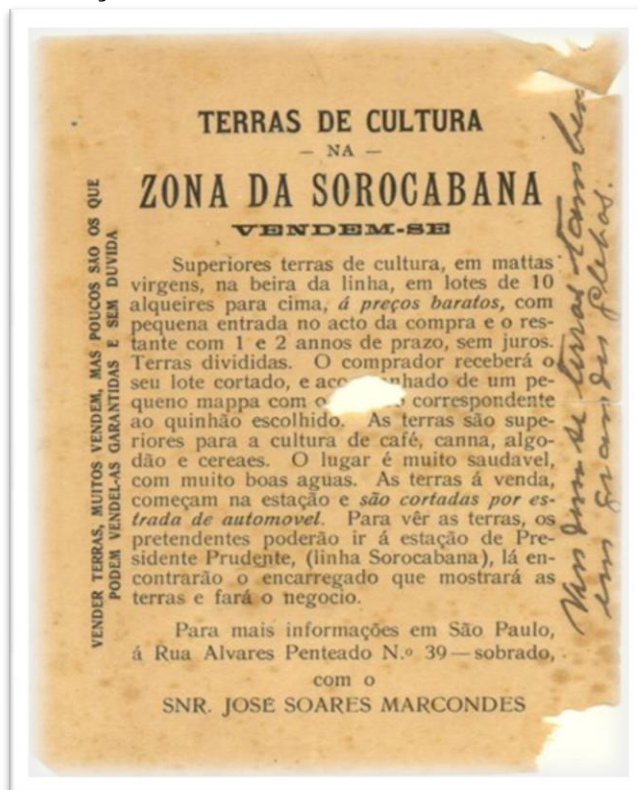
Fonte: Museu de Presidente Prudente

Em Presidente Prudente, Goulart e Marcondes, ambos, fazendeiros de café e negociantes de terras, foram participar da fortuna que o café propiciava àqueles que se sujeitassem a enfrentar os sertões.

Francisco de Paula Goulart chegou ao local onde se ergueria uma das estações da Estrada de Ferro Sorocabana, a primeira, localizada em suas terras, e mandou demarcar o território de um núcleo urbano e ao lado o de uma fazenda que

pretendia abrir para plantar café. Assim nasceu a Vila Goulart, a 14 de setembro de 1917. Ao mesmo tempo em que abria sua fazenda, Goulart ia vendendo terras de cultura de seu vasto domínio aos interessados que chegavam, participantes da invasão do café.

Ilustração 15 - Terras de cultura na zona sorocabana



Fonte: Museu de Presidente Prudente

José Soares Marcondes não era proprietário de terras, mas possuía uma empresa colonizadora para a venda de terras, a Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio. Obteve opção de venda de vários tratos de terra, dentre eles um no Montalvão, e outro latifúndio, fronteiro com a Fazenda Pirapó - Santo Anastácio, separados pela linha férrea da Sorocabana.

Em Presidente Prudente, em fins de 1919, Marcondes iniciou a venda de 4.700 alqueires no Montalvão, que foram retalhados em pequenos lotes de 5 a 20 alqueires. Ele contratou o agrimensor Francisco Cunha para a medição e divisão dos lotes e, como o objetivo principal dos compradores era a agricultura, recebeu a recomendação de que todos os lotes deveriam ter uma parcela de terras altas e água para o pasto. Assim, em todos os serviços que executou para Marcondes, entre eles a fazenda Montalvão, fez primeiramente o levantamento das águas, depois traçando o divisor e abrindo um picadão com comunicação para todos os

lotes que se ligavam por ele à estrada principal e por toda a estação férrea mais próxima, ficando assim todos os lotes com terras para o café, para o pasto e saída independente, evitando conflitos com os vizinhos⁵.

Marcondes não deixou ao acaso a chegada de interessados. Organizou racionalmente uma campanha publicitária em todo o Estado, e mesmo no exterior, divulgando as excelências do solo e as oportunidades de riqueza, chegando a providenciar com a direção da Sorocabana o transporte fácil em vagões especiais. Em pouco tempo, estavam todos os lotes vendidos. Do outro lado da estação, em frente à Vila Goulart, traçou a Vila Marcondes a fim de, como no caso da outra, servir de centro de abastecimento de gêneros e instrumental de trabalho, onde se encontrassem escola, médico, farmácia e hospital. Esses elementos seriam atrativos para a fixação dos compradores de terras.

Com os seus contratos nas fazendas, os colonos tinham garantido o trabalho remunerador para os primeiros anos. Recebiam casa e adiantamentos para as primeiras despesas e aprendiam a conhecer a terra e as suas estações, a trabalhar nela, a amá-la. Depois, se transformavam em pequenos donos de sítios e podiam chegar a ser fazendeiros.

Esse sistema de contratos para as fazendas, mantinha a lavoura de café, base da nossa vida e da nossa riqueza; dava trabalho remunerado ao trabalhador e permitia que ele fizesse economias com as quais se transformava em proprietário, servindo assim à lavoura e à pátria, formando novos cidadãos.

A grande maioria conseguia, com suas economias, o capital que a habilitasse a comprar terra, onde permanecia.

Washington Luis Pereira de Sousa afirmava que:

“... o colono tem na fazenda apenas um estágio, uma passagem rápida, um momento de transição, após a chegada à nova terra, para depois instalar-se definitivamente na sua propriedade.”

“Em São Paulo, pois, a fazenda é necessária ao colono, ao fazendeiro, ao Estado de S. Paulo, no seu desenvolvimento econômico, e finalmente ao Brasil para a sua vida financeira e para a sua organização nacional.”

...

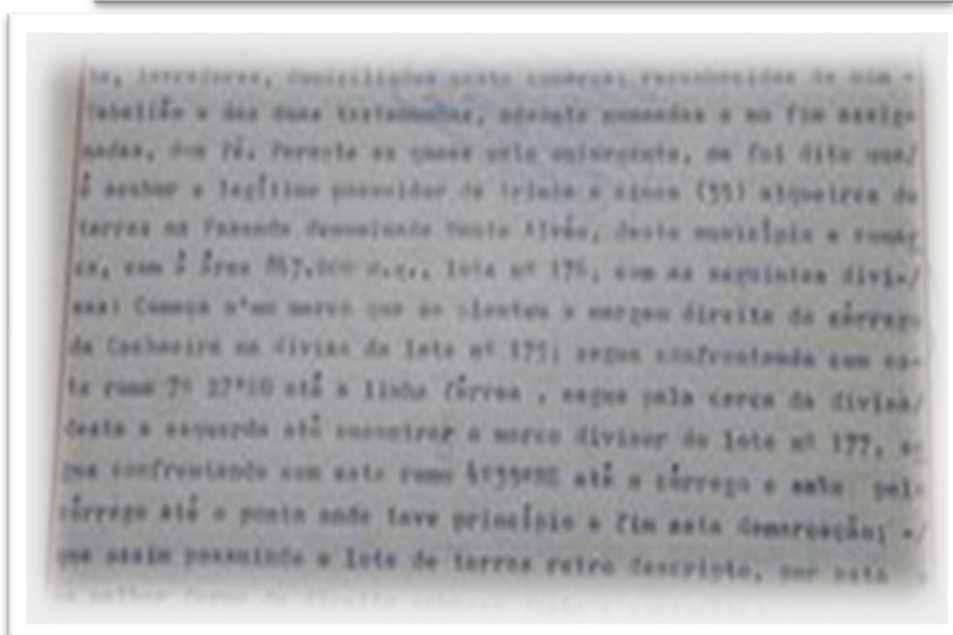
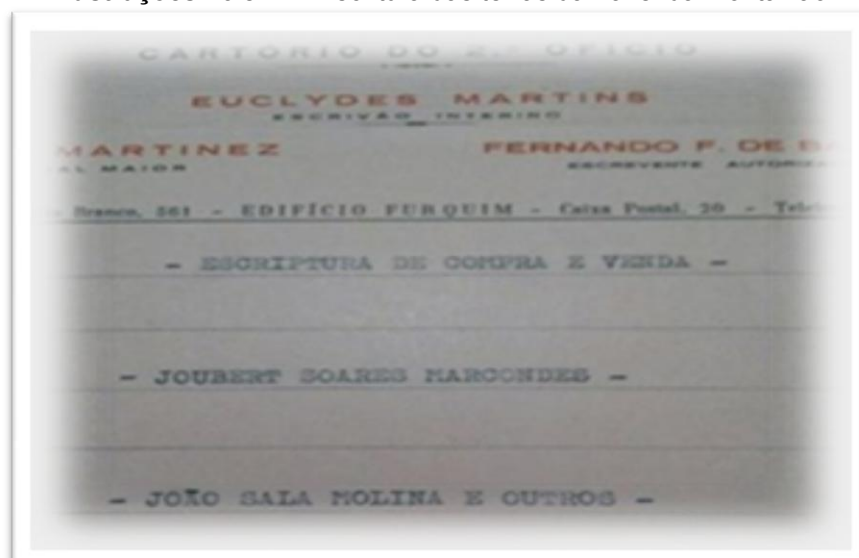
“As fazendas serão sempre núcleos da população mais ou menos numerosos, vilarejos, pequenas aldeias, é verdade, mas com as necessidades imperiosas do viver das coletividades, que devem ser satisfeitas para que elas possam permanecer e prosperar.”

⁵ Informação prestada pelo agrimensor Francisco Cunha a Dióres Santos Abreu, em Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente - FFCLPP 1972

1.7 Meus bisavós em Presidente Prudente

Minha bisavó Luiza, ficou viúva aqui no Brasil e ela, com seus filhos, em 1923, compraram de Joubert Soares Marcondes, filho do José Soares Marcondes, o lote 176 da Fazenda Monte Alvão, com as seguintes divisas: “Começa n’um marco que se plantou a margem direita do córrego da Cachoeira na divisa com o lote nº 175; segue confrontando com este rumo 7° 27’SO até a linha férrea, segue pela cerca da divisa desta a esquerda até encontrar o marco divisor do lote nº 177, segue confrontando com este rumo 4° 39’NE até o córrego e sobe pelo córrego até o ponto onde teve princípio e fim esta demarcação”.

Ilustrações 16 e 17 - Escritura das terras da Fazenda Montalvão



Fonte: Acervo da autora

Meu avô casou-se com Maria Perez de Haro, também espanhola, com quem teve 10 filhos. A fazenda de café lhe rendia o suficiente para criar os filhos e pagar os colonos.

Com os filhos crescendo e os de seus irmãos, mais os filhos dos colonos, houve a necessidade de enviá-los para a escola, o que era inviável, pois a cidade ficava distante 4 km de onde moravam. Meu avô então construiu uma escola e foi nela que seus filhos, sobrinhos e filhos dos colonos estudaram. Era uma escola rural, mista, a Escola Mixta da Cachoeira Grande, a 4 km de Presidente Prudente.

Essa é a Escola Rural que me atraiu a atenção e é objeto da minha pesquisa. Minha mãe, Luiza Sallas Perez nela estudou os três primeiros anos.

Fotografia 9 - Luiza Sallas Perez



Fonte: Acervo da autora

A primeira professora, Alayde, dormia na fazenda e dividia o quarto com ela, que conta até hoje o fato, com muito orgulho. Era uma honra compartilhar tão nobre companhia.

Ela conta que a professora Alayde chorava, baixinho, todas as noites, no quarto, com saudades da família. Essa foi a única professora que dormiu na fazenda. As duas que vieram em seguida, Noemia Leite de Carvalho (de Bauru) e Adelaide Tortorella (de Botucatu), dormiam na cidade, num hotel, e vinham todos os dias para a fazenda e voltavam de charrete.

Depois delas, veio uma professora que casou-se e mudou-se para a fazenda, vindo a morar na casa de um de meus tios que se encontrava desocupada.

Após três anos, os estudos foram complementados na cidade. Minha mãe ia com seus irmãos Ginez e Salvador e seu primo Honório para a cidade a cavalo. Pachola era o nome do cavalo da minha mãe. Ela ia com ele para a escola, uma escola adventista. Os cavalos ficavam na casa de uma tia que tinha residência na Vila Marcondes e permitia que os sobrinhos lá deixassem os cavalos enquanto assistiam às aulas.

Ilustração 18 - Professor Antonio d'Assis Bronze e seus alunos formandos em 1940



Fonte: Acervo da autora

Eles foram estudar na Escola Particular Adventista "Príncipe da Paz", localizada na Rua Benjamin Constant, Vila Marcondes.

Lá, eles completaram os estudos da escola primária e a ilustração 18 mostra a turma de formandos de 1940 com as fotos de minha mãe, Luiza (L. Salas) e seu irmão Salvador (S. Salas).

Esta escola era paga. A ilustração 19 apresenta um dos achados antigos no baú de meu avô: um recibo pago pelo meu avô, João Sallas, no valor de sessenta mil réis:

Ilustração 19 - Recibo de Rs 60\$000 (sessenta mil réis) da Escola Primária Adventista Príncipe da Paz

Rs. 60\$000 N.º 46

ESCOLA PRIMÁRIA ADVENTISTA

DE P. P.

Recebemos do Snr. João Sallas

a quantia de sessenta mil réis

proveniente do seguinte:

Mensalidade do mês de Outubro	30\$—
Novembro	30\$—
	\$—
Total	60\$—

P. P. 8 de Novembro de 1940

Assinado [Signature] TESOUREIRO

Fonte: Acervo da autora

Na escola adventista, as aulas eram ministradas pelo Prof. Antonio d'Assis Bronze, que chegou a Presidente Prudente no início da década de 30 e, mais precisamente na manhã do dia 20 de Junho de 1931, o professor Antonio d'Assis Bronze abriu as portas da sua residência para dar início às aulas que daria em caixotes de cebola que, com disposição e boa vontade, o professor transformou em cadeiras e mesas para uso dos alunos.

E foi lá, na Escola Adventista Príncipe da Paz, que, em 1940, Luiza concluiu seus estudos primários.

Ilustração 20 - Prof. Antonio d'Assis Bronze⁶



Fonte: Foto na parede da Escola Adventista nos dias atuais. Acervo da autora

Ilustração 21 - Certificado de habilitação da conclusão do curso primário de Luiza Sallas Perez na Escola Particular Adventista Príncipe da Paz



Fonte: Acervo de família da autora

⁶ Antonio d'Assis Bronze (1897 – 1977) nasceu na Fazenda Serra de São João da Boa Vista, em São Paulo. Na época em que iniciou seus estudos, as condições das escolas eram precárias, o que não o impediu de seguir a carreira estudantil, aperfeiçoando-se no estudo de línguas. Em 1926, tornou-se adventista do sétimo dia e neste mesmo ano, casou-se com Aurora Pinto e da união conjugal nasceu Jesus de Nazaré Bronze, filho único do casal. Cinco anos mais tarde, fixou residência em Presidente Prudente, SP, onde fundou a escola “Príncipe da Paz”, que alcançou uma matrícula de 160 alunos. Lecionou em Marília, Garça, Mogi das Cruzes, num total de 38 anos de magistério. Faleceu no dia 12 de novembro de 1977, aos 80 anos de idade. *Revista Adventista*, 1978, p. 26.

Música que minha mãe cantava todas as manhãs nesta escola adventista – e da qual ela se lembra até hoje:

*De manhã bem cedo busco,
De Jesus, a direção,
Pra seguir sempre Seus passos,
No conforto ou na aflição.*

*Ele me ama, Ele me ama,
Jesus me ama, bem o sei.
Tenho a prova no calvário;
Para sempre amá-lo-ei*

*Eu, embora pequenino,
Obedeço ao Seu mandar
Sigo a estrada que Ele mostra,
Sem temer nem hesitar*

*Ele é forte, me protege,
E me guarda de pecar,
Se tentado corro a Ele,
Que me livra sem tardar.*

2 O ENSINO RURAL NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

Washington Luís Pereira de Sousa (1869-1957), presidente do Estado de São Paulo, definiu como meta importante de sua administração o combate ao analfabetismo. Em 1920 convidou Antônio Sampaio Dória para ser o Diretor da instrução pública. Este iniciou uma escola primária de dois anos, gratuita e obrigatória, para todos os tipos de escola, isto é, ofereceu instrução elementar a todas as crianças em idade escolar com os recursos disponíveis no orçamento do estado.

Segundo Souza e Ávila⁷, esta reforma vigorou até 1924.

Em 1921, com a saída de Sampaio Dória, o professor Guilherme Kuhlmann assumiu. Em relatório enviado em 1923 ao Secretário do Interior, Alarico Silveira, o novo diretor detalhava os resultados alcançados na execução da reforma de seu antecessor. Ao contrário de Sampaio Dória, que considerava a criação de escolas isoladas rurais um elemento de fundamental importância na campanha de alfabetização, Kuhlmann apostou na criação de escolas reunidas.

Nos anos 30 e 40 vão se delineando nesse estado propostas pedagógicas específicas para a escola primária rural. No início da década de 1930, a instrução paulista ainda passaria por dois momentos distintos: primeiro, com a reforma realizada por Lourenço Filho— entre 27 de outubro de 1930 e 23 de novembro de 1931, no governo do Coronel João Alberto Lins de Barros; e a adoção dos princípios científicos e racionais difundidos pelo movimento da Escola Nova.

A segunda reforma do ensino foi conduzida por Sud Mennucci, no período entre 24 de novembro de 1931 a 24 de maio de 1932, nos governos do General Manuel Rabelo e Pedro de Toledo. Essa reforma modificou algumas medidas introduzidas por seu antecessor. Entre as mudanças, destacam-se a reorganização do ensino rural. Entretanto, no tocante ao ensino rural, pouco pôde fazer, como ele mesmo disse: “Os sucessos políticos de 1932 determinaram o meu afastamento do cargo em 24 de maio e a tentativa ficou no papel.”, referindo-se à Revolução Constitucionalista de 1932.

2.1 Diretor da Instrução Pública: Sud Mennucci

Sud Mennucci foi um ruralista ferrenho, a defender o ensino ruralista. A zona rural, dizia ele, em 1942, no VIII Congresso de Educação, pela sua importância, como alimentadora da população e da indústria e como garantidora das tropas comerciais da nação, deveria fazer jus a um tratamento especial na estrutura do

⁷ Rosa Fátima de Souza e Virgínia Pereira da Silva de Ávila - Para *uma genealogia da escola primária rural: entre o espaço e a configuração pedagógica* (São Paulo, 1889 – 1947) VII Congresso Brasileiro de História da Educação – Cuiabá, MT 2013

Estado brasileiro, a ela destinando-se particularmente os serviços de amparo e defesa de sua gente, sob todos os aspectos das atividades públicas.

E continua:

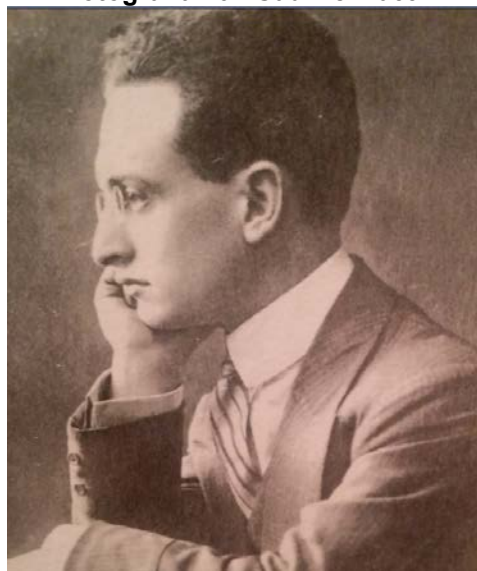
Será isso que acontece? Evidentemente, não. No campo educativo – que é o que interessa agora – a posição da zona rural é a da inferioridade total. O aparelhamento escolar do Brasil está organizado de tal forma que quatro quintos das despesas do ensino são feitas na cidade, que tem apenas um quarto da população nacional. E os outros três quartos, os que moram na roça, mal recebem o quinto restante. Dir-se-á, como estou cansado de o ouvir repetir, que isso já constitui pelo menos um esboço de aparelhamento educativo rural. O argumento é um absurdo, nesta época de concorrência comercial em que a porfia entre os povos se faz sempre no campo econômico, e nosso campo econômico ainda é a lavoura.

Mas nem mesmo como argumento de socorro poderia ser aceito, porque, infelizmente, a verificação da qualidade de ensino que estamos ministrando às zonas rurais é ainda um motivo de desapontamento. O que se classifica, em toda parte, sob o rótulo vistoso de ensino rural, é tudo quanto há de mais contra-indicado para as populações do campo. Nós lhe oferecemos escolas de tipo exatamente idêntico ao das cidades, isto é, do tipo que se veio formando para núcleos de população aglomerada, gozando de um conforto oriundo da concentração demográfica e para gente que se destina a gainas de cunho acentuadamente industrial.

Quer isto dizer que nós damos aos nossos camponeses um tipo de ensino como se eles tivessem de viver nas cidades.

E para o realizar com toda a segurança de êxito, inventamos um sistema admirável: mandamos para a roça professores cuja formação intelectual e profissional e cuja mentalidade estão inteiramente voltadas para a vida social urbana e que não conhecem nem fazem a mínima idéia da organização rural em que vão viver e atuar. Inspirou-nos, é claro, um simplista e traiçoeiro critério de analogia: as escolas que haviam provado bem na cidade, haviam de dar o mesmo bom resultado no campo.

Fotografia 10 - Sud Mennucci



Fonte: capa do livro *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...*, de Ralph Mennucci Giesbrecht (1998)

Quem foi este ilustre professor?

Sud Mennucci (Piracicaba, 20 de janeiro de 1892 – São Paulo, 22 de julho de 1948) foi professor, educador, geógrafo, jornalista e escritor.

Sud era filho de imigrantes italianos, o terceiro de Amedeo Mennucci e Teresa Lari Mennucci. Numa conferência, realizada em julho de 1921, no Jardim de Infância (anexo à Escola Normal da Praça da República), mencionou:

Eu, com quatro anos de escola italiana, dos 6 aos 10 anos de idade, tendo aprendido a soletrar sobre jornais italianos, lendo diariamente notícias e panegíricos da Itália, eu, que recebi, como primeira lição de geografia, os limites da Itália, que tive como lição inaugural de “História de meu país”, a legenda da fundação de Roma, de “Roma, a Eterna”, de “Roma, capus-mundi”, eu, repito, não estaria, hoje aqui, fazendo ponto de honra em ser considerado, pelo meu nascimento, pela minha educação, pelo meu passado enfim, tão bom, tão sincero, tão legítimo brasileiro como os melhores representantes da genealogia nacional.

Muito cedo revelou sua inteligência e precocidade. Possuía 11 anos quando terminou sua formação básica que o habilitou para os estudos da então chamada escola complementar (escola preparatória para o magistério). Formou-se pela escola Normal de Piracicaba em 1908, aos 16 anos de idade. Em 1910, foi lecionar em Cravinhos, na Fazenda Figueira. Começou a escrever artigos para periódicos em Piracicaba, com os pseudônimos de Saul Maia, Cyro Fortes, Silva Martins, Zélio Menna, Conde do Luxo em Burgo...

Foi transferido para Piracaia, em julho de 1911, na Primeira Escola Urbana e Masculina de Arte. Morava numa pensão no Largo da Matriz e, para chegar a Piracaia, não havia trem e ele ia, a cavalo, por quatro léguas. Depois, lecionou em Dourado (substituto efetivo no Grupo escolar de Dourado, em 1912), ao mesmo tempo que dirigia dois jornais da cidade: *A Fita* e *O Imparcial*. Deu aulas em Piracaia e, em 1913, foi convidado a integrar a missão de professores paulistas designados para sugerir ao governo federal as bases da reforma do ensino nas escolas de Aprendizes de Marinheiros do Brasil, chefiada por Arnaldo de Oliveira Barreto. Foi indicado para Belém⁸ e nomeado professor da Escola de Aprendizes Marinheiros do Pará, ocasião em que obteve a patente de tenente-capitão. Voltou em 1914 e assumiu o cargo de professor na cidade de Porto Ferreira.

⁸ Havia então grande empenho do poder público em modernizar as Forças Armadas, sobretudo depois da Revolta da Chibata.

Continuou com as atividades jornalísticas, com a abordagem de temas literários e educacionais e dos problemas do ensino rural, dos métodos de aprendizagem e das idéias da Escola Nova. Conciliava as funções docentes com as de diretor do jornal da cidade, *A Folha*, e as de colaborador dos diários da capital, o *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. Em 1918 publicou seu primeiro livro, *Alma contemporânea*.

Em 1920, Antônio de Sampaio Dória (diretor da Instrução Pública), deu-lhe a incumbência de realizar o Recenseamento Escolar do Estado de São Paulo. Os resultados: 53% das crianças eram analfabetas; na capital, 40% das crianças não frequentavam escola, e, no interior, esse índice subia para 70%. Sud abraça, então, a causa da educação, que julgava ser o único meio de solucionar os graves problemas econômicos brasileiros.

Ainda em 1920 assumiu a Delegacia Regional de Ensino de Campinas, onde se integrou à vida cultural da cidade, elegendo-se secretário-geral do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas e foi transferido no ano seguinte para Piracicaba.

Em 1924 publicou o livro *Humor*, um ensaio crítico sobre a literatura humorística de vários países. No ano seguinte, por solidariedade ao diretor-geral Guilherme Kuhlmann, pediu demissão da Diretoria Regional de Ensino e, em seguida, aceitou o convite de Julio de Mesquita, vindo para São Paulo para trabalhar na redação do jornal *O Estado de São Paulo*.

A experiência com o censo escolar fez com que fosse convidado para realizá-lo no Rio de Janeiro, com Fernando de Azevedo, que deu início a uma série de reformas educacionais, de 1927 a 1930.

Publicou, em 1927, *Rodapés*, uma coletânea de resenhas críticas.

Em 1928 criou, sob orientação do professor Norberto de Sousa Pinto, a primeira escola brasileira destinada a “retardados”, como eram então chamados os portadores da síndrome de Down. Infelizmente esta iniciativa foi abandonada por não haver pessoal capacitado para lidar com tais deficientes.

No ano seguinte, 1929, ingressou nos quadros da Academia Paulista de Letras e, em 1930 foi diretor do jornal *O Tempo* e logo em seguida assumiu o cargo de diretor do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*.

Ao pronunciar o discurso inaugural do Centro do Professorado Paulista, em 1930, Sud Mennucci assim se referiu à categoria: “Classe sem voz, sem

representante, sem programa. Nunca disse o que quer, o que deseja, do que precisa...”

Escreveu *A crise brasileira da educação*, onde defendia a ideia de que o ensino ministrado às crianças da zona rural deveria ser diferente daquele destinado a alunos da zona urbana. Esta obra foi premiada pela Academia Brasileira de Letras:

A Academia Brasileira de Letras, em sessão de 8 de junho de 1933, concedeu a este livro o 1.º prêmio no concurso da série “Francisco Alves”, subordinada ao título “Qual o melhor meio de disseminar o ensino primário no Brasil”.

É o seguinte o teor do parecer:

“O livro de Sud Mennucci é o mais claro, o mais lógico, o mais prático. É também o mais original no modo de encarar o problema e na solução que propõe. Principia o autor tratando da crise universal da educação. A ciência transformou as condições da vida ocidental. Todos os valores de tempo e distância passaram a ter outra significação. A escola antiga ficou fora de fase, atrasou-se tanto mais quanto já não encontra o apoio que sempre lhe deram a família de tipo romano e a oficina. O trabalho moderno é outro; outras são as condições da família em que o pátrio poder já não tem a extensão de outrora, em que a mulher vive e trabalha fora do lar. O surto da “escola nova” corresponde a tais circunstâncias. A escola nova quer ser de preferência internato, quer instalar-se em zona de campo, valendo-se do ar puro, do sol e do cenário. Ela faz do treino sensorial o expediente máximo da sua pedagogia e se organiza com a preocupação do estudo psicológico e fisiológico do educando, do seu gênio, das suas aptidões, das suas preferências, dos seus interesses imediatos. Ela procura reunir tudo quanto cabia à família e à oficina, complemento histórico dos antigos centros de educação. Condicionado o sistema educativo de cada época pela organização do trabalho então dominante, tivemos no Brasil, o que o autor chama “saldo negativo” proporcionado pelo trabalho escravo. No segundo capítulo do seu livro o autor demonstra que a mentalidade nacional foi influenciada pelo preconceito do trabalho manual. Veio a república e com ela a obra de reconstrução educativa. Mas foram copiados os modelos clássicos, inspirados no que se via nos países industriais da Europa. O país ansiava por uma legislação educativa essencialmente rural; deram-lhe escolas urbanistas. E quando pensaram em fundar escolas rurais foi pior. Fizeram-se escolas de cidade localizadas no campo. Alberto Torres por isso mesmo escreveu que a nossa instrução pública era um sistema de canais de êxodo da mocidade do campo para as cidades e da produção para o parasitismo. Em vez de promover o progresso do campo, a escola oficial despovoava as lavouras. Delas o filho do lavrador não sai aperfeiçoado lavrador que o pai deseja... Passa depois o autor a definir o que lhe parece deva ser a escola brasileira, sempre de acordo com o ambiente regional. Só com a segmentação dos latifúndios, sustenta ele, será possível o nosso verdadeiro surto educativo. O êxodo dos campos desaparecerá. A posse da terra seria capaz de anular os resíduos psíquicos da velha prevenção contra os trabalhos de amanhã da lavoura.

Como retalhar os latifúndios, uma vez que a solução russa, violenta e imprópria, ou a rumáica, baseada no consenso dos possuidores, ou a francesa, baseada na herança — não podem ser propostas? A solução de Sud Mennucci é a campanha pelas oportunidades de repartir a terra. Juntem-se a União, os Estados, os Municípios, às Associações particulares nesse objetivo. “Conheço clubes comerciais, escreve o autor, para inúmeros

fins, que entregam aos seus prestamistas as coisas mais disparatadas que eles possam desejar. Nunca ouvi falar de nenhum que sorteasse glebas de terras para o estabelecimento de uma família... Sei de homens pios que deixam avultadas quantias para aumentar patrimônios de todos os gêneros... Nunca me constou... que alguém houvesse doado a casas de caridade grandes lavouras, sob a condição de apurar o espólio mediante a venda a longos prazos desses terrenos a numerosas famílias de caboclos..."

Depois o autor considera o problema do professor. "O professor não gosta do campo, porque o campo é atrasado... mas o campo não progride porque o professor não lhe dá o seu entusiasmo". Se ele foi feito para a cidade...

O sistema de Sud Mennucci para divulgar o ensino primário no Brasil é, destarte, um todo harmônico, antes social que pedagógico, cheio de originalidade e de clareza. A posse da terra, a conquista do meio às comodidades humanas, a formação do professor são as faces mais salientes do seu edifício. "No terreno da prática, escreve Sud Mennucci, a primeira dádiva a conceder ao meio rural seria destruir-lhe o isolamento... Um simples aparelho de rádio obtido das administrações públicas ou mediante subscrição popular, colocado no ponto central do bairro, dar-lhe-á o informante minucioso e quotidiano das coisas e acontecimentos da terra, ao mesmo tempo o recreio costumeiro dos habitantes —O rádio substitui o jornal com vantagem, — Sud Mennucci é jornalista... — alcança a população analfabeta, chega na mesma hora aos pontos onde os jornais levam dias a chegar; junto com o rádio, a energia elétrica".

Sud Mennucci no seu livro, indica, pois, de maneira realmente superior, todas as condições sociais em que se define o problema considerado. E indica, com clareza, simplicidade, entusiasmo, de maneira prática, soluções modernas e possíveis. Deve receber o primeiro prêmio Alves".

(a) Roquete Pinto, Miguel Couto e Aloysio de Castro.

Luiz Gonzaga Bertelli conta que:

Com a Revolução de 1930, e entusiasmado ante a perspectiva de poder interferir nos rumos da educação brasileira, Sud Mennucci aderiu à Legião Revolucionária de Miguel Costa. Em setembro de 1931 teve oportunidade de participar do Congresso da Legião Revolucionária de São Paulo, expondo suas ideias: a criação de um curso profissional obrigatório, em seguida aos quatro anos do curso primário; a criação de uma Universidade do Trabalho, com cursos profissionalizantes de nível superior, que funcionariam paralelamente às escolas clássicas; e o desenvolvimento de cursos de cultura popular, voltados para as tradições e peculiaridades de cada região do país. Defendia ainda que tais cursos seriam de responsabilidade dos Estados e municípios.

Mennucci, em 1931 tornou-se Diretor-Geral do Ensino (cargo equivalente a Secretário Estadual da Educação), quando pôde por em prática uma série de reformas. No entanto, a falta de apoio a suas iniciativas de implantar o ensino rural e a eclosão da Revolução Constitucionalista, levaram-no a deixar a Legião Revolucionária e a própria Diretoria, em maio de 1932.

Após o conflito armado de 1932, Sud Mennucci publicou *Cem anos de instrução pública*, *Brasil Desunido* e *O que fiz e o que pretendia fazer*. Em 1933, assumiu o cargo da Diretoria Geral novamente, por um curto período. Tempo suficiente para que fosse assinado o decreto de criação da Escola Normal Rural de Piracicaba, pioneira nessa modalidade de ensino. Data daí seu novo livro: *Aspectos piracicabanos do ensino rural*.

Organizou, em 1935, a convite da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, os chamados Clubes de Trabalho, que representavam o prolongamento da escola, estendendo as áreas de cultura num círculo muito maior, envolvendo as residências dos alunos e passando à sua diretoria a responsabilidade do encaminhamento da produção.

Segundo Mennucci, em *Pelo sentido ruralista da civilização*,

Organizar-se-ão os Clubes do Trabalho, com meninos e adolescentes de 9 a 18 anos, terão seu *pivot* central na escola, e assistidos pelas instituições oficiais, seja para a agricultura, para o comércio ou para a indústria, farão do cooperativismo um dos seus pulmões, ligando-se ainda à educação sanitária para mostrar que sem homem sadio, não há rendimento em proporção com o esforço.

É, como se vê, o mais formidável plano de cooperação que já se traçou no gênero e que vai ser levado a cabo pelo Governo de São Paulo imediatamente, por iniciativa do Dr. Luiz Piza Sobrinho, Secretário da Agricultura.

Participou, em 1942, do Congresso Brasileiro de Educação, quando representou São Paulo e foi relator do tema que abordava o professor primário nas zonas rurais.

Em 1943 assumiu como diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, sob intervenção, e como Diretor-Geral do Ensino pela terceira vez. Desta feita, fez da ruralização a sua plataforma, criando a Assistência Técnica do Ensino Rural, a Escola Agrícola de Pinhal e diversas escolas rurais. Concedeu aos professores públicos autonomia na elaboração de planos escolares e aumento de vencimentos. Ocupou ambos os cargos até outubro de 1945, quando retornou à Imprensa Oficial.

Em 1946, o interventor Macedo Soares, nomeou, sem concurso, Sud Mennucci docente da recém-criada Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo, para ministrar aulas de História, Geografia e Sociologia. Apesar do notório saber de Sud Mennucci, o ato foi excessiva e duramente criticado pela imprensa.

Ilustração 22 - Página do Diário Oficial de São Paulo com o Decreto da Nomeação de Sud Mennucci

Quinta-feira, 16 de julho de 1946

DIÁRIO OFICIAL
do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil)

Núm. 157 — Ano 566

DECRETO DE 17 DE JULHO DE 1946, LAVRADO NO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO PÚBLICO

SECRETARIA DO GOVERNO

Nomeando:
De acordo com o artigo 16, item IV, do decreto-lei n. 12.273, de 28 de outubro de 1941,
Ligia Azavedo Fagundes, para exercer, interinamente, cargo de Assistente, padrão I, da P. P. II do Q. O., lotado no Departamento do Serviço Público da E. U., ficando exonerado ao cargo de Auxiliar de Escritura, padrão numérico 7, do Quadro Provisório, lotado na Diretoria de Publicidade Agrícola, da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio.

ATOS DE 15 DE JULHO DE 1946, LAVRADOS NO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO PÚBLICO

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

Apostilando:
O decreto de 11 de março de 1946, publicado no "Diário Oficial" de 19 do mesmo mês, que nomeou, de acordo com o artigo 16, item IV, do decreto-lei n. 12.273, de 28 de outubro de 1941, Adelson Augusto Claro, para exercer, interinamente, cargo provisório da classe C da carreira de Investigador da P. P. III do Q. G., para declarar que a referida nomeação deverá ser feita em caráter de lotação decorrente da demissão, a bem do serviço público, ao José Falcetti.

Nomeando:
De acordo com o artigo 16, item IV, do decreto-lei n. 12.273, de 28 de outubro de 1941,
para exercerem, interinamente, cargos da classe I, da carreira de perito Criminalístico da P. P. III do Q. O., criados pelo decreto-lei n. 15.640, de 9 de fevereiro de 1946, ficando lotados no Laboratório de Polícia Técnica, Waldemar Aranha Citrangulo, Roberto Damas Salgado, Marinho Pedro Nicolletti e Lírio Gonide, ficando este exonerado do cargo da classe E da carreira de Escriturário da P. P. III do Q. O., lotado no referido laboratório a partir da data em que tomar posse do cargo para o qual é nomeado por este decreto;
Aldo Gandinetti, para exercer, interinamente, cargo de perito de classe I da carreira de Policial da Polícia de Trânsito, para exercer, em comissão, o cargo de Prefeito Municipal de Ubatuba, sem prejuízo de vencimentos e demais direitos e vantagens de seu cargo.
Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 16 de julho de 1946.
JOSE CARLOS DE MACEDO SOARES
Edgard Baptista Pereira

(*) Publicados novamente por terem saído com incorreções.

Decreto de 17 do corrente:
O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições,
Concede à U. Renata Crepi da Silva Prado, atual Prefeito da Estância de Guarujá, 30 (trinta) meses de licença, em prolongação.
Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 17 de julho de 1946.
JOSE CARLOS DE MACEDO SOARES
Edgard Baptista Pereira.

UNIVERSIDADE DE S. PAULO

Decreto de 9.7.46:
Designando o sr. Benjamin Alves Ribeiro, Professor Catedrático, padrão P, da F.B. I ao QG, lotado na Faculdade de Engenharia e Saúde Pública para, nos termos do art. 7.º, letra "a" do Decreto-lei n. 13.640, de 31.12.42, lecionar o curso de Higiene do Trabalho, na Escola de Engenharia de São Paulo, com a gratificação de Cr\$ 30,00 (trinta cruzeiros), por aula.

Decreto de 16.7.46:
Contratando o sr. Paulo Araújo Corrêa de Brito, engenheiro, graduado na Diretoria de Viação, posto à disposição da Universidade de São Paulo, por ato do Sr. Interventor da E. U., rubricado, de 30-4-46, publicado em 30-4-46, para, no período de 1.º de março de 1946 a 30 de set. de 1946, reger a cátedra de Mecânica Racional — da Escola Politécnica.

Contratando o sr. Paulo Araújo Corrêa de Brito — Engenheiro Classe I, da Tabela III do PP do QO, lotado na Diretoria da Viação, posto à disposição da Universidade de São Paulo, para exercer, em comissão, o cargo de Prefeito Municipal de Ubatuba, sem prejuízo de vencimentos e demais direitos e vantagens de seu cargo.
Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 16 de julho de 1946.
JOSE CARLOS DE MACEDO SOARES
Edgard Baptista Pereira.

Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, da Universidade de São Paulo:
— de conformidade com o disposto no parágrafo 1.º do artigo 1.º do Decreto-lei 15.604, de 26 de janeiro de 1946, o sr. João de Oliveira Filho, para a Cadeira de Instituições de Direito Privado;
— de conformidade com o disposto nos parágrafos 1.º e 3.º do art. 1.º do citado Decreto-lei 15.604, e nos termos do artigo 13 do Decreto-lei 15.601, de 26 de janeiro de 1946, o sr. Sud Mennucci, para a Cadeira de Geografia, História e Sociologia, e o sr. Afonso Penteado de Toledo Iza, para a Cadeira de Estatística Matemática e Demográfica (2.ª cadeira); e
ficando o Reitor da Universidade de São Paulo autorizado a expedir aos interessados os títulos correspondentes às nomeações feitas por este Decreto.

Contratando para exercerem, pelo prazo de 3 (três) anos, respeitadas as disposições do art. 13 do Decreto-lei n. 15.601, de 26 de janeiro de 1946, e de acordo com o disposto no parágrafo 3.º do art. 1.º do Decreto-lei n. 15.601, de 26 de janeiro de 1946, e de acordo com o distributivo, padrão P, da Tabela II da Parte Permanente do Quadro do Pessoal, na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, da Universidade de São Paulo, o sr. Francisco D'Auria, para a Cadeira de Estrutura e Análise de Balanços; Revisões e Perícia Contábeis (2.ª Cadeira de Contabilidade); o sr. Luiz de Castro Sette, para a Cadeira de Organização e Contabilidade Industrial e Agrícola; e o sr. Clodomiro Furquim de Almeida, para a Cadeira de Matemática Financeira e Matemática Atuarial, ficando o Diretor da referida Faculdade autorizado a assinar o respectivo termo de contrato, cuja despesa deverá correr no presente exercício pela dotação 6201 — 8090 — Item 015, e os interessados à disposição da Universidade de São Paulo, com prejuízo dos vencimentos e sem prejuízo de todas as vantagens dos cargos de que são ocupantes efetivos, durante o prazo do contrato.

AGRICULTURA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Fonte: Diário Oficial de São Paulo do dia 18 de julho de 1946

Na edição 21.835, Ano LXVII do dia 20 de julho de 1946 do *O Estado de São Paulo*, página 3, com os diretores Plínio Barreto e Júlio de Mesquita Filho e redatores chefes Léo Vaz e Paulo Duarte foi publicado na seção Notas e Informações:

O trabalho de demolição sistemática de nossa Universidade continua. Essa inglória tarefa iniciou-a o Sr. Interventor federal pela nomeação, para professores da malsinada Faculdade de Ciências Econômicas, de dois adolescentes, alunos ainda de escolas não oficiais deste Estado, e de um biólogo, autor de um tratado de Patologia das Aves, para a cadeira de Ciência da Administração. Esse gesto do Sr. José Carlos de Macedo Soares foi recebido, nos meios cultos de S. Paulo, como não podia deixar de o ser, isto é, como um grave atentado às prerrogativas do Conselho Universitário, único legalmente em condições de indicar nomes capazes de ocupar cátedras em nossos institutos superiores, e como um inaudito de respeito aos mais mezinhos princípios que soem reger a escolha de pessoal técnico em qualquer Universidade digna desse nome.

Procurasse defender-se das acerbas críticas desferidas pela imprensa contra o ato de inqualificável prepotência que acabava de praticar, o Sr. Interventor federal alegou ter feito as nomeações em caráter provisório, o que obrigaria as pessoas indicadas a justificarem ou não a escolha governamental por meio de concurso. A palavra de s. exa. era, porém, logo a seguir, desmentida pelo decreto que, dias após, nomeava, em caráter definitivo, para a cadeira de Ciência da Administração, o Sr. José Reis, chefe de Laboratório do Instituto Biológico.

Estão lembrados os nossos leitores da humilhante impressão causada no espírito publico por esse ato do mais alto magistrado de S. Paulo. No próprio Conselho Universitário esboçou-se então um movimento de protesto, que bem traduzia a indisfarçável repulsa com que fora recebido no seio da Universidade o golpe profundo que o Sr. Macedo Soares procurava desferir na obra de regeneração cultural iniciada com tanto brilho pela administração Sales Oliveira. Em todos os meios onde se comentava a desastrosa inovação, era ela apontada como a demonstração prática de que s. exa. pretendia manter, em face dos mais altos interesses de S. Paulo, os mais apurados processos de corrupção administrativa e oral de que durante oito anos usara e abusara a ditadura Vargas.

Infelizmente para todos nós, de então para cá essa impressão não fez senão acentuar-se, pois, visando não sabemos que objetivos ocultos, s. exa. persiste no seu propósito de dismantelar a organização de nosso ensino superior, abrindo-lhe as portas a apaniguados seus, sem nenhuma consideração pelas normas até aqui obedecidas pelos governos dignos desse nome, e transformando as cátedras universitárias em premio para a ambição descompassada de vulgares simuladoras de cultura.

Ontem, eram as cadeiras do primeiro ano da desditosa Faculdade de Ciências Econômicas que s. exa. preenchia com elementos por nenhum título em condições de figurar no quadro docente de uma Universidade. Hoje, s. exa. vai muito além, nomeando para lecionar cumulativamente Sociologia, História e Geografia, um indivíduo portador de um simples diploma da escola complementar, que lhe daria, se acaso não tivéssemos descido tão baixo, no maximo direito a uma cadeira de escolas complementares, e autor de umas obracinhas, que fogem a qualquer tentativa de classificação de caráter rigorosamente científico.

Quando da criação da Universidade de S. Paulo, colocou o seu fundador à disposição do prof. Teodoro Ramos⁹, a cadeira de Cálculo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que acabava de inaugurar-se. Embora considerado o maior matemático brasileiro, Teodoro Ramos recusou-a, alegando que a profissão de engenheiro, que sempre exercera, o havia impedido de aprofundar-se em Análise Matemática com o rigor que o exercício de uma cátedra universitária exigia. Agora, um biólogo se julga em condições de formar os futuros economistas brasileiros, e um mestre-escola de ministrar-lhes conhecimentos de sociologia, história e geografia. É que entre as duas épocas pode a sinistra ditadura Vargas exercer todo o seu poder de dissolução de apagar num grande número de nossos compatriotas o sentimento de respeito por si mesmos.

Este biólogo a que se refere a absurda crítica era o dr. José Reis, que, a página <http://www.biologico.sp.gov.br/grandesnomes/jose.php> dentre outros atributos, diz:

Prof. Dr. José Reis (1907 – 2002), médico e posteriormente jornalista. Paulo Sawaya, Maurício Rocha e Silva, José Reis e Gastão Rosenfeld, criaram a SBPC.

Uma de suas maiores habilidades era o escrever, a atividade de trocar em miúdos a informação científica para o grande público. Certa vez, José Reis cita em uma entrevista "o Prof. Otto Bier me perguntou se não era monótono e cansativo toda semana arranjar um assunto diferente e prepará-lo para divulgação. Creio haver mostrado que assim não ocorre porque essa tarefa envolve dois dos maiores prazeres desta vida: aprender e repartir".

Recebeu vários prêmios como o Prêmio "John R. Reitemeyer", no México; o Prêmio "Kalinga" recebido na sede do CNPq; Prêmio "Instituto Biológico" no próprio IB. Tem nome dado em sua homenagem em Auditório no Instituto Biológico. Em sua homenagem também se criou o "Núcleo José Reis de Divulgação Científica", na ECA/USP, que é comandado pelo eminente pesquisador Prof. Crodowaldo Pavan, tendo como seus colaboradores os grandes admiradores do Prof. José Reis, os Prof. Glória Kreinz e Ormir J. Nunes. Ainda em 2001, no dia 12 de junho, quando José Reis completava 94 anos, fundou-se por iniciativa do grupo do Núcleo, a Associação Brasileira de Divulgação Científica-ABRADIC, para homenageá-lo. Também, o CNPq e a FAPESP o homenagearam com prêmios em seu nome.

Além de escrever obras de divulgação científica para jornais, folhetos dirigidos aos criadores, livros infanto-juvenis, realizar palestras, monitorar visitas a laboratórios, assumiu a direção da redação da Folha de São Paulo, a convite de Otávio Frias, encontrando uma tarefa penosa em momento de

⁹ Teodoro Ramos foi comissionado pelo governador de São Paulo, Armando de Salles Oliveira (1887-1945), para chefiar a comitiva acadêmica que foi à Europa (1934) contratar pesquisadores para a recém criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL), da qual foi o primeiro diretor. Neste programa vieram para a FFCL da USP, figuras de grande expressão no meio acadêmico europeu, dentre eles, Luigi Fantappiè, Gleb Wataghin, Heinrich Rheinboldt, Giuseppe Occhialini, Ernst Bresslau, Émile Coornaert, Étienne Borne, Fernand Braudel, Paul Arrousse-Bastide, Claude Lévy-Strauss, Ettore Onorato e Giacomo Albanese.

transição e, para o jornal, de crise econômica, tudo isso agravado pelo advento da revolução de 1964. A marginalização dos estudantes e a tempestade que se abateu sobre a USP e outras universidades, onde alguns docentes denunciavam colegas, todos brilhantes, que na maioria acabaram com suas carreiras truncadas, apesar de absolvidos nos inquéritos policiais-militares contra eles abertos, mobilizaram o jornal sob a direção editorial de José Reis. Tornou-se a Folha a guardiã dos ideais universitários. Publicou na Folha até um dia antes de falecer na coluna "Periscópio", trabalho de muita pesquisa, na qual procurava dar relance das principais experiências científicas mundiais. "Essa atividade é continuação de trabalho que venho fazendo há 50 anos e ainda me dá muita satisfação".

Ralph Mennucci Giesbrecht, neto de Sud Mennucci nos relata, em seu livro *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...*, que Leo Vaz, redator-chefe desse mesmo jornal, era colega de Sud de Piracicaba, e tinha tão somente o mesmo diploma...

Por aí, via-se que o primeiro problema criado era uma preocupação geral da imprensa e da universidade, e o segundo, um problema pessoal. Desde a revolução de 1932, a relação entre Sud e Julinho não era das melhores, pois defenderam lados antagônicos. Piorou mais ainda durante a intervenção ademarista no jornal, quando Sud aceitou ser seu diretor superintendente. Pesava certamente o fato de Julinho ter sido um dos principais artífices da criação da USP, o que o fazia vê-la como a sua "menina dos olhos" e, portanto, não poderia admitir que as coisas fossem feitas de forma a não se cumprir a legislação.

Porém, havia quem o defendesse. Máximo de Moura Santos fez publicar nos jornais no dia 24 de julho um artigo bastante exaltado, claramente contra *O Estado*. Fixou-se nas indagações postas acima sobre o convite de Julinho a Sud, e sobre Vaz, e declarou-se ofendido por toda a classe de professores, que estariam ofendidos pelas afirmações contra "o simples diploma de escola complementar". Moura Santos foi contestado por alguns outros artigos, que diziam não tê-lo autorizado a falar por toda a classe, que isso era um problema somente de Sud. E o próprio *O Estado* deu sua resposta através de um de seus redatores, no dia 28, sem, entretanto, se referir aos casos Sud/Julinho e Leo Vaz. Estes, aliás, não se manifestaram.

A crise na universidade prolongou-se até setembro, por causa das nomeações. Durante o final de julho, e o mês de agosto, procurou-se um acordo entre o Reitor, Jorge Americano, o Conselho Universitário e o interventor. Afinal, não o conseguindo, o reitor e os membros do Conselho demitiram-se coletivamente no dia 11 de setembro, e os alunos de várias faculdades entraram em greve. Somente no final do mês, resolveu-se o problema, com a promessa de se rever as nomeações e de se respeitar a autonomia universitária pela interventoria. Descobriu-se que, afinal de contas, o interventor não havia nomeado "quem ele queria", mas pessoas que foram indicadas pelo reitor e seu vice, Benedito Montenegro. A ele, *O Estado* perdoou, afirmando, em 18 de setembro, que eles vieram a público, nobremente, reconhecer que eram os autores das indicações para o interventor. Isto ajudou a resolver a crise. Outro reitor seria nomeado; Jorge Americano ficaria na posição de demissionário por algum tempo, e, a esta altura, alguns órgãos da imprensa, mesmo do interior, pediam a Sud que ele renunciasse à cátedra. Mas *O Estado*, em 28 de setembro, seguia batendo, como se vê numa nota que terminava da seguinte forma: "(...) Resta agora que, continuando a boa política em andamento, saiba o sr. interventor

federal completar a sua obra nomeando para a Reitoria uma figura que inspire a todos a mais absoluta confiança e cuja presença naquele supremo cargo seja a garantia de que dentro em breve serão extirpados do seio da Universidade os aleijões que por pouco não a destruíam". Com a situação insustentável, Sud se demitiu em 23 de outubro, voltando para a sua velha Imprensa Oficial. Ele, que não tinha diploma universitário, porque em 1908 seu pai não tinha dinheiro para lhe pagar a viagem e a estadia na Escola Politécnica em São Paulo, e que depois, com a fama criada como educador e jornalista, nunca precisara desse diploma até agora. A questão é: por que ele se demorou tanto tempo antes de renunciar ao cargo, no qual jamais chegou a lecionar? A verdade é que o interventor e o reitor, que eram velhos amigos dele e os responsáveis pela sua nomeação, iam pedindo que ficasse, que a situação logo iria ser resolvida, quando, na verdade, era constantemente postergada. Além do mais, Sud queria o cargo, era uma forma de provar a todos que ele era capaz, mesmo sem ter os tão famosos títulos.

Vale ressaltar o artigo curioso e sensato, publicado em *A Gazeta* em fins de setembro, com a crise já praticamente resolvida:

"É muito difícil, senão impossível, formar uma opinião segura (...) Tais como as coisas se apresentam através da leitura dos jornais, tudo se teria reduzido ao fato de ter o interventor preenchido cadeiras da Faculdade de Ciências Econômicas por livre escolha (...) A nova Constituição estabeleceu essa formalidade como imprescindível: concurso de títulos e provas. Foi um erro. É o peso de um preconceito incompreensível. De fato, nunca pude compreender essa superstição do concurso para o magistério (...) Quando se cria uma carreira, será indispensável que cada passo dessa carreira, seja o candidato submetido a novas provas de habilitação? **Na prática o melhor juiz do professor é o aluno.** (grifo da autora) Professor, cujos cursos são seguidos com interesse, é o professor que sabe ensinar.

Mennucci foi um dos fundadores do CPP - Centro do Professorado Paulista em 1930 e seu presidente por dezoito anos.

No ano de 1930, um grupo de professores, preocupado com a falta de representatividade daquela que era, já então, a maior categoria profissional do serviço público do Estado de São Paulo, os professores estaduais, entendeu que deveria envidar todos os esforços para organizar uma entidade que aglutinasse os educadores. Esta decisão é histórica, uma vez que, até então, não havia nenhuma voz que representasse e defendesse a categoria. O professorado paulista necessitava adquirir a sua própria voz.

O Centro do Professorado Paulista nasceu em virtude dessa necessidade de representatividade dos educadores perante os diversos poderes do Estado. Uma associação que tem, desde sua fundação, o objetivo de lutar pelos direitos dos educadores e por uma escola pública de qualidade.

Amadeu Mendes presidiu a primeira reunião preparatória para a fundação de uma "sociedade com fim de congregar o professorado público do Estado". Cymbelino Ramos de Freitas liderou a organização e constituição da nova "sociedade".

Nesse dia, 19 de março de 1930, ficou decidido o nome da entidade e formada a comissão que iria redigir os estatutos. Eles foram aprovados no dia 30 de abril do mesmo ano, em assembleia geral, na qual foi eleita a primeira diretoria e, para presidente, Cymbelino de Freitas. Assim nasce o Centro do Professorado Paulista.

O fim do mandato da primeira diretoria ocorreu em uma época na qual o Estado encontrava-se em meio a intensa agitação política e, foi nesse cenário, que assumiu a presidência Sud Mennucci.

A primeira reivindicação da entidade foi a equiparação dos vencimentos de todas as categorias de professores e o aumento progressivo dos salários para evitar o deslocamento do professor fixando-o em sua escola, principalmente na isolada. Já naquele tempo, não foi fácil vencer a resistência oposta pela Fazenda do Estado, que após muita luta, terminou por aceitar as reivindicações. A primeira de muitas vitórias do CPP!

Após o término do mandato de Sud Mennucci, o CPP contou com grandes presidentes, todos trabalhando pela melhoria da educação: Genésio de Almeida Moura, Licínio Carpinelli, Arnaldo Laurindo, Joaquim Silvério Gomes dos Reis, Sólon Borges dos Reis e Palmiro Mennucci. Em abril de 2009, assumiu a presidência, o professor José Maria Cancelliero, que vem trabalhando com grande dedicação na condução dos destinos da entidade.

Os presidentes, liderando a categoria, ampliaram o quadro associativo, fortaleceram a entidade no interior do Estado, conquistaram vitórias que contribuíram para melhorar as condições de vida e de trabalho, inclusive, para os mestres aposentados, sempre com o apoio da sociedade.

Hoje, o Centro do Professorado Paulista, conta com mais de 120 mil associados. Integram o seu patrimônio, 90 sedes regionais no interior do Estado, 5 subsedes na Capital, o Instituto de Estudos Educacionais Sud Mennucci, a Clínica Médica, o alojamento na Capital e, em várias sedes do interior e 8 colônias de férias.

Para a construção dessa entidade, plantada no coração do Estado de São Paulo, houve um grande trabalho coletivo, sem o qual não teria sido possível, realizar o que foi feito.

A História do Centro do Professorado Paulista se confunde com a história da educação pública no Estado de São Paulo. Uma história de luta onde se destaca a crença de que a transformação de toda e qualquer sociedade só se realiza por meio da Educação de seus cidadãos.¹⁰

Mennucci casou-se em 1917 em Porto Ferreira com Maria de Oliveira Mennucci e teve cinco filhos. Faleceu em 1948, na Vila Mariana onde sempre morou durante sua vida na capital paulista, vítima de uma rara doença chamada "pressão alta maligna", com apenas 56 anos. Morava na rua Capitão Cavalcanti, 116. Quiseram homenageá-lo mudando o nome desta rua para o dele após sua morte. Como não se podia alterar rua que já homenageasse pessoas (lei da época), mudaram o nome da rua Araxans, que ficava ao lado. Em outras cidades nomes de ruas foram alterados, em Campinas, Osasco, Mogi das Cruzes e outras cidades homenagearam-no em logradouros públicos.

Em 1959, a Vila dos Pioneiros, surgida de uma fazenda, na região de Pereira Barreto foi elevada a município e recebeu o nome de Sud Mennucci

¹⁰ <http://www.cpp.org.br/index.php/categoriaccpp/historia>

2.2. Inspetor Escolar

A respeito da escola rural: a professora ministrava, em três anos, o ensino primário para crianças de diferentes idades na mesma sala de aula. Na época, havia uma Inspetoria da Instrução Pública e os inspetores visitavam periodicamente as escolas para fiscalizar a assiduidade de alunos e professores. Sobrinha do Diretor Geral da Instrução Pública, Guilherme Kuhlmann, Adozinda Kuhlmann, foi minha professora de Português em 1966 e hoje, aos 97 anos, conta algumas passagens das andanças de seu pai como Inspetor Escolar. Além disso, foi secretária de Sud Mennucci, que, entre 1925 e 1931, fez carreira como redator e crítico literário do jornal O Estado de São Paulo, assumindo neste último ano, a Diretoria-Geral de Ensino de São Paulo, cargo equivalente hoje à Secretaria de Estado da Educação. Ele voltaria a ocupar o cargo em 1933 e de 1943 a 1945. Sud Mennucci defendeu a ruralização do ensino.

Alguns Inspetores Escolares que merecem ser destacados:

Gustavo Fernando Kuhlmann, inspetor escolar. Nomeado em 15 de dezembro de 1920, entrou em exercício em 20 do mesmo mês (4.ª Região do Ensino – Guaratinguetá).

Sud Mennucci, delegado regional. Nomeado em 15 de dezembro de 1920, entrou em exercício a 16 do mesmo mês (6.ª Região do Ensino – Piracicaba).

Qual a função do Inspetor Escolar, no ensino do estado de São Paulo?

Para melhor entendimento, é de bom augúrio ler, de 1922, a circular que foi enviada às diretorias regionais:

São Paulo, 6 de fevereiro de 1922.

Sr. Delegado Regional,

Nos trabalhos de inspecção escolar deveis adoptar o seguinte:

1.º - Os inspectores deverão visitar, de preferênciã, as escolas isoladas. Os grupos e escolas reunidas terão, obrigatoriamente, duas visitas annuaes de orientação. Taes estabelecimentos, no entanto, poderão ser visitados accidentalmente, quando os inspectores, por qualquer motivo, não puderem inspeccionar as escolas isoladas. Estas visitas deverão ter a necessária justificativa.

2.º - Os inspectores deverão visitar, com rigor, as escolas particulares, notadamente as estrangeiras, indagando sempre do horário das aulas, exigindo o exacto cumprimento das disposições regulamentares em vigor.

3.º - A Delegacia, por intermédio de todos os funcionarios do ensino, na Região, indagará sempre da existência de escolas particulares não legalizadas. Nas escolas publicas os alumnos poderão prestar excellentes informações a respeito.

Attenciosas saudações.

Quem poderia ser Inspetor Escolar?

Os diretores de grupos escolares de 1ª e 2ª categorias do interior poderiam ser nomeados inspetores distritais se tivessem dois anos de direção em um deles, pelo menos.

Ou:

1º ano de exercício: substituto efetivo de grupo escolar;

2º ano de exercício: idem, idem ou professor de escola urbana do interior, seguindo depois a mesma escala dos professores que iniciam exercício em escola rural.

O 2º ano de exercício, como substituto efetivo de grupo escolar, ou como professor de escola rural, dá direito a concorrer ao preenchimento de escola urbana da Capital.

Na Capital:

3º ano de exercício: escola urbana da Capital;

4º ano de exercício: adjunto de grupo escolar;

5º ano de exercício: diretor de escolas reunidas;

6º ano de exercício: diretor de grupo escolar de 4ª categoria;

7º ano de exercício: diretor de grupo escolar de 3ª categoria;

8º ano de exercício: diretor de grupo escolar de 2ª categoria;

9º ano de exercício: diretor de grupo escolar de 1ª categoria.

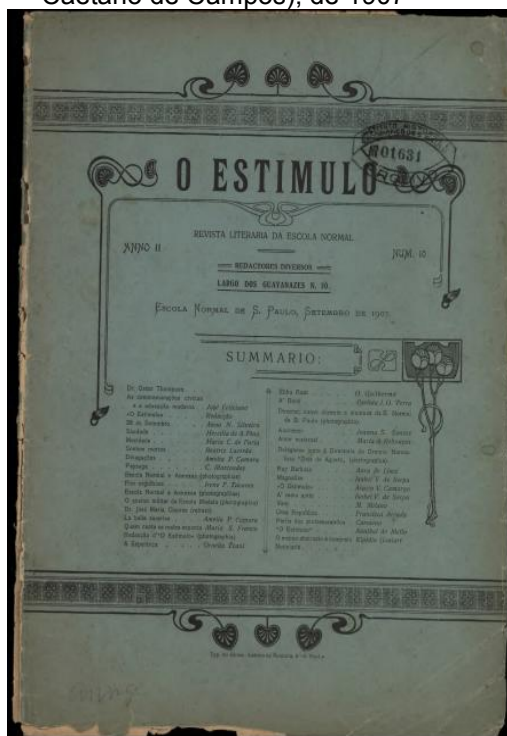
Os diretores de grupos escolares de 1ª e 2ª categorias, tanto da Capital, como do interior, poderão ser nomeados inspetores distritais.

2.2.1 Um Inspetor Escolar: Gustavo Fernando Kuhlmann

Gustavo Fernando Kuhlmann (1890 a 1930) foi aluno da Escola Normal de São Paulo, onde se destacou com brilhantismo.

Participativo, trabalhou como procurador, na Revista Literária da Escola Normal, “O Estímulo”.

Ilustração 24 - Capa da Revista *O Estímulo*, da Escola Normal de São Paulo (atual E.E. Caetano de Campos), de 1907



Fonte: http://200.144.6.120/upload/revistas/BR_APESP_IHGSP_003REV150417.pdf - Acesso em 16/11/2013

Formou-se em 1909 e foi imediatamente convidado pelo Presidente de Mato Grosso, Pedro Celestino Corrêa da Costa, por indicação do Diretor da Instrução Pública, Oscar Thompson, com seu colega de classe, Leowigildo Martins de Mello a reorganizar a Instrução Pública e implantar e organizar a Escola Normal e os Grupos Escolares do Estado de Mato Grosso. Os dois e mais Valdomiro Campos, lá implementaram uma reforma de ensino.

Ilustração 25 - Classificação dos alunos publicada no DOSP de 1907 Do segundo ano, foi o 3º colocado

Fevereiro 1907		
15	DIÁRIO OFICIAL	1907 - 025
PRIMEIRO ANO 1. Leocádio de Almeida 2. Francisco de Almeida 3. Antônio de Almeida 4. Antônio de Almeida 5. Antônio de Almeida 6. Antônio de Almeida 7. Antônio de Almeida 8. Antônio de Almeida 9. Antônio de Almeida 10. Antônio de Almeida 11. Antônio de Almeida 12. Antônio de Almeida 13. Antônio de Almeida 14. Antônio de Almeida 15. Antônio de Almeida 16. Antônio de Almeida 17. Antônio de Almeida 18. Antônio de Almeida 19. Antônio de Almeida 20. Antônio de Almeida 21. Antônio de Almeida 22. Antônio de Almeida 23. Antônio de Almeida 24. Antônio de Almeida 25. Antônio de Almeida 26. Antônio de Almeida 27. Antônio de Almeida 28. Antônio de Almeida 29. Antônio de Almeida 30. Antônio de Almeida SEGUNDO ANO 1. Antônio de Almeida 2. Antônio de Almeida 3. Antônio de Almeida 4. Antônio de Almeida 5. Antônio de Almeida 6. Antônio de Almeida 7. Antônio de Almeida 8. Antônio de Almeida 9. Antônio de Almeida 10. Antônio de Almeida 11. Antônio de Almeida 12. Antônio de Almeida 13. Antônio de Almeida 14. Antônio de Almeida 15. Antônio de Almeida 16. Antônio de Almeida 17. Antônio de Almeida 18. Antônio de Almeida 19. Antônio de Almeida 20. Antônio de Almeida 21. Antônio de Almeida 22. Antônio de Almeida 23. Antônio de Almeida 24. Antônio de Almeida 25. Antônio de Almeida 26. Antônio de Almeida 27. Antônio de Almeida 28. Antônio de Almeida 29. Antônio de Almeida 30. Antônio de Almeida TERCEIRO ANO 1. Antônio de Almeida 2. Antônio de Almeida 3. Antônio de Almeida 4. Antônio de Almeida 5. Antônio de Almeida 6. Antônio de Almeida 7. Antônio de Almeida 8. Antônio de Almeida 9. Antônio de Almeida 10. Antônio de Almeida 11. Antônio de Almeida 12. Antônio de Almeida 13. Antônio de Almeida 14. Antônio de Almeida 15. Antônio de Almeida 16. Antônio de Almeida 17. Antônio de Almeida 18. Antônio de Almeida 19. Antônio de Almeida 20. Antônio de Almeida 21. Antônio de Almeida 22. Antônio de Almeida 23. Antônio de Almeida 24. Antônio de Almeida 25. Antônio de Almeida 26. Antônio de Almeida 27. Antônio de Almeida 28. Antônio de Almeida 29. Antônio de Almeida 30. Antônio de Almeida		

Fonte: Diário Oficial do estado de São Paulo, 15/02/1907

Ilustração 26 - Gustavo Fernando Kuhlmann e Leowigildo Martins de Mello foram colegas de classe



Fonte: O Estimulo - 1907

http://200.144.6.120/upload/revistas/BR_APESP_IHGSP_003REV150417.pdf - Acesso em 16/11/2013

A Escola Normal se centrava nos princípios da Escola Nova. A Escola Normal de São Paulo “exportou” o modelo escolar para outros estados do país através de seus jovens e valorosos alunos.

Kuhlmann foi Diretor do Grupo Escolar do 2º distrito (fundada em 05 de abril de 1913). Os meninos estudavam no período da manhã e as meninas, à tarde.

Elizabeth Figueiredo de Sá, da Universidade Federal de Goiás, diz que Kuhlmann ressaltou a importância e a inter-relação existente entre os saberes estudados nos grupos escolares, organizados de forma coerente, através do método intuitivo, voltados para o mesmo objetivo: a formação moral dos “futuros cidadãos”:

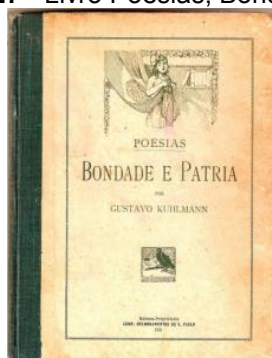
... porque é na escola que os futuros cidadãos aprendem lógica na matemática, observação na astronomia, experimentação na física, nomenclatura na química, comparação taxonômica na biologia, filiação histórica na sociologia e construção na moral. Sem lógica não há observação, sem observação não pode haver nomenclatura, sem nomenclatura não há comparação, sem comparação não há filiação histórica, sem filiação histórica não há construção. Assim também, sem matemática não há astronomia, sem astronomia não há física, sem física não há química, sem química não há biologia, sem biologia não há sociologia, nem política, portanto, sem sociologia não há moral. E sem moral, preclaros cidadãos, não pode haver Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Não pode haver Ordem nem Progresso, não pode haver civismo, não pode haver coisa alguma!

E ainda: que Kuhlmann e Mello planejaram alguns “horários especiais”, com os saberes distribuídos ao longo de todos os anos. Esclareceram que os horários foram planejados a lume do que estava acontecendo em São Paulo, tendo o objetivo de tornar freqüente e direta a relação entre mestres e alunos e, distribuir os trabalhos de forma tal que os alunos estivessem constantemente ocupados.

Para trabalhar os conteúdos, o Regulamento (1910) exigia que os professores utilizassem o método intuitivo, partindo do geral para o particular, do concreto para o abstrato, utilizando os órgãos dos sentidos, principalmente a visão. A formação do professor dava-se através da Escola Normal e, para os que estavam atuando, a capacitação dos docentes se dava através de Conferências Pedagógicas publicadas na revista *A Nova Época*, principalmente de autoria de Gustavo Kuhlmann.

Gustavo Kuhlmann escreveu para os jornais *O Republicano*, *A Reação*, *O Debate*, entre outros. Escreveu um livro de poesias: *Poesias, Bondade e Pátria*, publicado em 1915, que foi adotado nas escolas primárias.

Ilustração 27 - Livro *Poesias, Bondade e Pátria*



Fonte: Capa do livro – Acervo de Adozinda Kuhlmann

Em seguida, a transcrição da primeira página deste livro:

OBSERVAÇÕES ESSENCIAES

1ª A poesia, embora das cousas reaes, deve elevar os espíritos; por isso a sua linguagem não é a mesma da prosa e precisa de ser claramente explicada.

2ª Abolida a aprendizagem de pura memória, é mister, entretanto, não descurar desta, exercitando-a sem fatigá-la; a poesia, pela sua própria forma, com o auxilio da rima, é o elemento de que se pode dispor para attingir a esse fim.

3ª O sentimento se educa pela persuasão e a forma persuasiva por excellencia é a do verso.

4ª Para bem desempenhar-se de um papel é preciso que se esteja consciente do mesmo e que se o faça com enthusiasmo natural; a boa compreensão, a naturalidade e o enthusiasmo são, pois, as condições para que uma poesia seja bem recitada.

5ª Os gestos devem ser relativos ao enthusiasmo natural; não se os deve ensinar; a criança que os adquira próprios, diante de um espelho.

6ª A poesia é um poderoso auxiliar em todas as variantes da educação: - intellectual, moral, cívica, esthetica e mesmo pratica, porque ensina uma disposição de ordem.

7ª Ao distribuir uma poesia, observe-se:

- a) que esteja ao alcance da compreensão em relação á idade e ao adiantamento do alumno;*
- b) que o seu assumpto tenha sido previamente elucidado pelo professor e reproduzido e commentado pela classe;*
- c) que esteja ao alcance da compreensão em relação á idade e ao adiantamento do alumno;*
- d) que o seu assumpto tenha sido previamente elucidado pelo professor e reproduzido e commentado pela classe;*
- e) que a leitura seja, em seguida, feita pelo professor e depois pelos alumnos, observando-se a pontuação e a harmonia do verso, as pausas, as tonalidades de voz;*
- f) que a linguagem figurada, os termos novos, as allusões a factos históricos ou a phenomenos scientificos, tudo seja perfeitamente explicado; no verso*

nem tudo se pode dizer explicitamente por isso mesmo que a própria índole do verso não o permite; é necessário, porem, que as allusões brevemente feitas sejam largamente explicadas;

g) que sejam feitos outros exercícios sobre o assumpto e que a poesia seja paulatinamente decorada ao mesmo tempo que assimilada.

Em Cuiabá, Gustavo conheceu e casou-se com Emilia Amarante Peixoto de Azevedo, filha do Vice-Presidente do Estado de Mato Grosso, Coronel Joaquim Caracciolo Amarante Peixoto de Azevedo. Lá permaneceu até a morte de seu sogro e, então, em 1917, veio para São Paulo.

Teve quatro filhos: Maria Josephina, José Bonifácio, Adozinda e Washington.

2.2.2. Entrevista com a Professora Adozinda Caracciolo de Azevedo Kuhlmann

Sua filha Adozinda, seguiu seus passos na área da educação, trabalhando em escolas públicas e no ensino particular do Estado de São Paulo. Abaixo transcrevi uma palestra onde se refere com muito carinho ao seu pai, Gustavo Fernando Kuhlmann e, em seguida, a entrevista que me concedeu, aos 96 anos de idade, falando sobre o pai e alguns fatos de sua infância ao lado do pai Inspetor.

Fotografia 11 - Professora Adozinda Caracciolo de Azevedo Kuhlmann



Fonte: Acervo da autora

Transcrição da Palestra de Adozinda Caracciolo de Azevedo Kuhlmann no TEDx São Paulo¹¹

Local: Teatro Anhembi Morumbi, em 14 de novembro de 2009, proferida pela Prof Adozinda¹²:

Certa vez, como era hábito antigamente, eu fui incumbida na escola de ensinar tabuada para uma menininha que não entendeu bem o que era uma tabuada, o que era “três vezes o oito”, né, que era o “oito, mais oito, mais oito”. Então aí me designaram para ajudá-la. E eu cheguei para o meu pai, falei que queria deixar, porque ela não aprendia de maneira nenhuma o que se ensinava. Olhe, e eu fiquei craque em tabuada. Vocês não sabem...

Vocês não sabem... vocês não sabem, como dizer, não é só aquela tabuada do nove, que um decresce, outra cresce, etc. Eu sei de segredinho de tabuada do seis, eu sei de segredinho de tabuada do sete...

Sei, tudo isso para ensinar para a Jerônima. Não é? Mas ela não aprendia. Então eu cheguei para o meu pai – ele era Inspetor Escolar, um excelente professor –, e perguntei a ele “Papai, você ensinar seis semanas uma mesma coisa para uma pessoa,... e ela não aprendeu. O que é que eu faço?” E aí ele olhou para mim assim, sem titubear e disse “ensina mais seis semanas”.

Aí... aí eu fui, eu fiquei. Eu queria deixar esse trabalho.

Então eu disse a ele, e disse a ele assim... e fui aumentando, aumentando o tempo até eu chegar. “E se eu... e se eu ensinar três anos?” Aí ele estava fazendo um relatório, “essa ‘Chatonilda’ não vai me deixar”, então disse “Bom... quanto é, filha?” “Três anos”, “Bom... três anos? Três anos é muito, filha, é muito tempo. Se

¹¹TED – Tecnologia, Entretenimento e Design. É um grupo de pessoas que começou a se reunir anualmente há 30 anos nos Estados Unidos para assistir a palestras e discutir os mais variados assuntos de artes, ciências, novas tecnologias e novas idéias. O TED surgiu em 1984 como uma conferência anual na Califórnia e já teve entre seus palestrantes Bill Clinton, Paul Simon, Bill Gates, Bono Vox, Al Gore, Michelle Obama e Philippe Starck. No espírito das ideias que merecem ser espalhadas, o TED criou o programa chamado TEDx. O TEDx é um programa de eventos locais, organizados de forma independente, que reúne pessoas para dividir uma experiência ao estilo TED. O TEDx São Paulo é uma conferência sem fins lucrativos que reuniu, em 2009, mais de 30 pensadores de áreas de conhecimento: arte e tecnologia, ciência e negócios, para falar sobre suas melhores ideias. O tema desta primeira edição do evento foi: O que o Brasil tem a oferecer ao mundo hoje?

¹²A Professora Adozinda Caracciolo de Azevedo Kuhlmann nasceu em Cuiabá em 26 de abril de 1917. Ela tinha apenas dois meses quando para São Paulo veio com a família.

você ensinar três anos... e nada?", "É, pai, o senhor ensinar três anos e nada..." e esperançosa que ele viesse a falar "Então pára de ensinar". Aí ele foi e virou-se para mim e falou assim, "Três anos é muito, mas você, nessa situação, você só pode fazer uma coisa". E, com o dedo em riste, quase no meu nariz, ele me disse "você só pode fazer uma coisa, minha filha... continue ensinando".

Então, eu sou uma persistente. Assim, eu não me queixo nunca por causa desses ensinamentos, porque nós somos frutos do nosso berço, não é? De tudo o que nós vamos aprendendo.

Entrevista com Professora Adozinda Kuhlmann

Local: Residência da Prof^a. Adozinda, em 20/02/2014

P: Boa tarde, Professora Adozinda. O que a senhora pode nos contar sobre a Escola Rural?

R: Você quer que eu fale da Escola Rural? Escola primária rural, o meu pai adorava escola rural.

Nesta escola modesta da roça... (cantando)

- O Hino da Escola Rural -

Sabe quem é que fez esse hino? O meu pai.

Nesta escola modesta da roça

Rodeada de pés de café

O Brasil se levanta e remoja

Numa nova alvorada de fé

Batida de sol ardente

És do saber o fanal

Que nos leva para frente

Bendita escola rural.

Antigamente tinha Hino da Escola Rural.

P: Minha mãe estudou em escola rural. O meu avô construiu uma sala de aula na fazenda...

R: Graças a esse seu avô, é um dos, como dizia o meu pai, um dos “pioneiros da educação”.

R: Mas é verdade isso. Porque abriam nas fazendas, eles arrumavam às vezes num canto da cozinha. E os colonos iam lá para aprender a ler e escrever.

P: Ah, dona Adozinda, preciso trazer a foto então, dessa escola para a senhora ver.

R: Ah, traga.

P: A minha mãe, de laçarote na cabeça...

R: É mesmo? E você sabe, essas, de laçarotes, como a sua mãe, incentivavam os filhos dos colonos e os propriamente ditos, a ler e a escrever.

E elas passavam ,quer dizer, ela aprendia e imediatamente ensinava. Eram auto didatas, mas é, a escola rural era uma coisa... Meu pai era apaixonado por escola rural, o meu pai foi pioneiro de escola rural, o Hino da Escola Rural é dele. Gustavo Fernando Kuhlmann.

Gustavo Fernando Kuhlmann, era o meu pai. Meu pai foi Inspetor Escolar da Noroeste, da Noroeste de Bauru. E até Araçatuba, era tudo do meu pai. Era escola, ele saía para visitar escola rural e não voltava.

Ilustração 28 - Gustavo Fernando Kuhlmann



Fonte: Revista *O Estímulo*, p. 11, 1907 -
http://200.144.6.120/upload/revistas/BR_APESP_IHGSP_003REV150417.pdf Acesso em 16/11/2013

Ele visitava as escolas rurais. E às vezes ia de trole, ia de carrocinha, ia de... de carrocinha puxada por burro, carrocinha mesmo. Era um baú que eles faziam “assim” (faz um gesto de uma grande caixa), e com... com varal assim, e ali tinha um

burro. Um burrinho, um jumento que levava. E a pessoa ficava em pé alí, e alí, o meu pai dormia naquele negócio.

Meu pai foi... foi ruralista, foi um dos primeiros ruralistas do mundo.

Gustavo Fernando Kuhlmann. Ele tem uma escola em Bebedouro.

P: A senhora ia atrás do seu pai?

R: Ah, nós íamos, nós íamos, eu conhecia de Bauru a Araçatuba, que é onde é divisa de Mato Grosso, eu conhecia tudo. Morei em Penápolis, morei em Lins.

Agora me emocionou... meu pai era um fulano que não gostava, ele **acreditava**¹³ na educação. Ele foi e a Marly, minha irmã, foi uma das pioneiras do ensino rural de Batataes, que tinha o Grupo Escolar Rural de Batatais.

Marly Kuhlmann, quer dizer, Maria Josephina Kuhlmann, falava “Marly”, mas era “Maria Josephina”. Ela deu aula em escola rural, na Escola Rural de Batatais.

Ah, meu pai andava de burro, andava de carroça, andava... era assim que era. Era assim que era. Tinha um burrinho, o meu pai tinha um burro chamado “Canário”. E aí, esse burrinho chamado Canário, ele sabia tudo de escola rural. Ele chegava e lá ia ele, ia para as escolinhas. O papai dormia no Canário, e o Canário levava ele para as escolinhas.

P: E a senhora estava falando que ele dormia nessa... como é que chama? Carrocinha?

R: Não é carrocinha, não... carrocinha era depois. Era em cima do burrinho.

P: Ah, era em cima do burrinho?

R: E o burrinho rebojava. Tinha uma anca larga, eu lembro do Canário.

R: E ele morava em Guaratinguetá, e ele que saía, ele visitava as escolas uma por uma, ele, sozinho.

Os Kuhlmann, os Kuhlmann eram os pioneiros de educação.

P: E o seu tio?

R: Era diretor-geral da instrução pública.

E meu pai era Inspetor Escolar.

E ele tinha o Canário, que era o burrinho dele, o Canário conhecia todas as escolas. “Toca–toca–toca–toca–tó”, Canário... o Canário era “gente.” E nós morávamos em Guaratinguetá, e era uma casa que tinha um terreno que começava na rua Tamandaré e terminava no Beco do Bebedouro. Quer dizer, era um

¹³ Grifo da autora

quarteirão inteiro comprido, até lá embaixo, sabe? Porque era o Beco, e aí no final tinha uma rua que não tinha... – beco era aquela rua que não tinha saída, era aquela que batia lá e você não saía...

Meu pai no dia de festa, ele fazia os versinhos, e a Marly, a minha irmã, pena, não guardei nada, a Marly, minha irmã, era fantástica. Era uma artista, e ela declamava tudo que o meu pai escrevia. Ele escrevia na hora para todos...

E aí eu morei em Lins, morei em Penápolis, que eu lembro...

P: E a função do inspetor era verificar se tudo estava correndo bem?

Ele visitava as escolinhas na Noroeste. E deixava o registro da visita. E nos termos de visita, “encontrei isto assim, assim, assim...” e depois, no final, ele dava os parabéns para a escola. A inspetoria do papai era de Bauru a Araçatuba, quer dizer, era a Noroeste inteira. Às vezes as escolas, eu me lembro que ele falava “a escola do campestre”. A escola do campestre eram escolas nas fazendas. E, conforme o fazendeiro, eles eram formidáveis, não é? Que já tinha fazendeiro que queria escolas, já tinham aquela parte toda que eles faziam, e ele fazia e inaugurava tudo lá.

P: A escola da fazenda do meu avô, chamava-se Escola da Cachoeira Grande.

R: Porque nomeavam as escolas de acordo com as características do lugar. E daí tinham esses nomes. E essa bendita escola rural do meu pai é formidável.

R: O Hino da Escola Rural, na primeira Delegacia de Ensino, que naquele tempo quem era? Era o Ricchetti. E o meu pai fez e aí ele deu esse hino, o Ricchetti falou, “vamos fazer dessa sua música, vamos fazer o Hino da Escola Rural”.

R: Era quase “liberdade, liberdade, abre as suas asas sobre nós”... essas músicas. O meu pai era um fulano formidável. Formidável. Era lindo. Ele era moreno de olhos verdes. Ele era lindo, filho de alemão com francês. São duas raças que se adoram, né, todo mundo queria um matar ao outro... então ele era formidável. Ele sentava, ele fazia, na hora ele fazia, que minha irmã declamava. Tinha um livro de poesias dele. Minha mãe jogou tudo fora.

R: Mas o grupo escolar dele era em Botafogo, perto de Ribeirão Preto.

Ilustração 29 - Decreto da denominação do Grupo Escolar de Botafogo, em Bebedouro, para Grupo Escolar Gustavo Fernando Kuhlmann (atual E.E. Gustavo Fernando Kuhlmann (Botafogo) - Rua: Avelino Mariotini nº.1391 Centro - CEP: 14.718-000)



Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo, 18/03/1956

P: A senhora já falou que ele ia de Bauru a Araçatuba e que ele foi inspetor dessa região.

R: Inspetor Escolar, lá.

P: A senhora foi secretária do Sud Menucci. O Sud era também diretor-geral da Instrução Pública. A senhora... a senhora pode falar um pouquinho dele?

R: O Sud? O Sud Menucci era pioneiro de... de...

P: De escola rural.

R: ... de qualquer escola. E ele conheceu os Kuhlmann. Conheceu o meu pai. Conheceu todo mundo.

P: O seu tio Guilherme...

R: O tio Guilherme foi Diretor Geral da Instrução Pública.

P: Foi também?

R: Foi. Tio Guilherme, Guilherme Jorge Kuhlmann. Ele foi Diretor Geral da Instrução Pública.

P: Na mesma época que o seu pai era Inspetor?

JÂNIO QUADROS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições e,

Considerando que o professor Gustavo Fernando Kuhlmann exerceu em longa e proveitosa atividade educacional os cargos de professor primário, diretor de grupo escolar e professor de educação, tendo em todos eles revelado notável espírito público e profundo apego à causa da instrução popular;

Considerando que as atividades deste professor o recomendam à estima pública e ao reconhecimento do Estado que abnegadamente serviu, principalmente quando da grave conjuntura social criada pela gripe de 1918 e a organização escolar da vasta zona da noroeste, hoje superintendida por duas delegacias de ensino;

Considerando que o emérito paulista, autor de inúmeros trabalhos de real merecimento, especialmente na literatura infantil, que carinhosa e brilhantemente cultivou, foi um notabilíssimo exemplo de cidadão austero, operoso e digno, destacando-se tanto pelas suas qualidades de educação competente, como de cidadão modelar;

Considerando não ter ainda denominação o grupo escolar de Botafogo, no município de Bebedouro, onde o interessado iniciou a sua carreira de professor público neste Estado;

Considerando o que lhe foi representado, neste mesmo sentido pelo Centro do Professorado Paulista;

Decreta:

Artigo 1º - Fica denominado grupo escolar "Gustavo Fernando Kuhlmann" o grupo escolar de Botafogo no município de Bebedouro.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 17 de março de 1956.

JÂNIO QUADROS

Vicente de Paula Lima

Publicado na Secretaria do Governo do Estado de São Paulo, aos 17 de março de 1956.

Carlos de Albuquerque Sciffarth - Diretor Geral

R: Ele era Diretor Geral, o tio Guilherme. Guilherme Jorge Kuhlmann, e meu pai era Gustavo Fernando Kuhlmann. O meu pai, foi Inspetor Escolar da Noroeste inteira.

2.2.3. Entrevista com um Inspetor Escolar: Professor Eustásio Oliveira Ferraz¹⁴

“As escolas isoladas, elas tinham sexo”

Ao consultar os livros de atas da Escola de Emergência do Bairro da Cachoeira Grande, encontrei o nome de dois Inspetores de Ensino (atuais Supervisores Pedagógicos): Prof. Eustásio de Oliveira Ferraz e Prof. Nilberto Gonçalves Torres.

Procurei na lista telefônica da cidade e encontrei o Prof. Eustásio, já aposentado, e que poderia me conceder uma entrevista.

No dia aprazado lá estava eu na casa deste surpreendente Professor.

P.: O senhor se lembra de ter supervisionado uma escola, a Escola de Emergência do Bairro da Cachoeira Grande?

R.: É setenta e nove, oitenta, quando começou a terminar, elas foram, começaram, elas foram agrupadas às escolas, mas não lembro, porque a Cachoeira Grande a gente lembra do nome Cachoeira Grande. Cachoeira Grande não é?

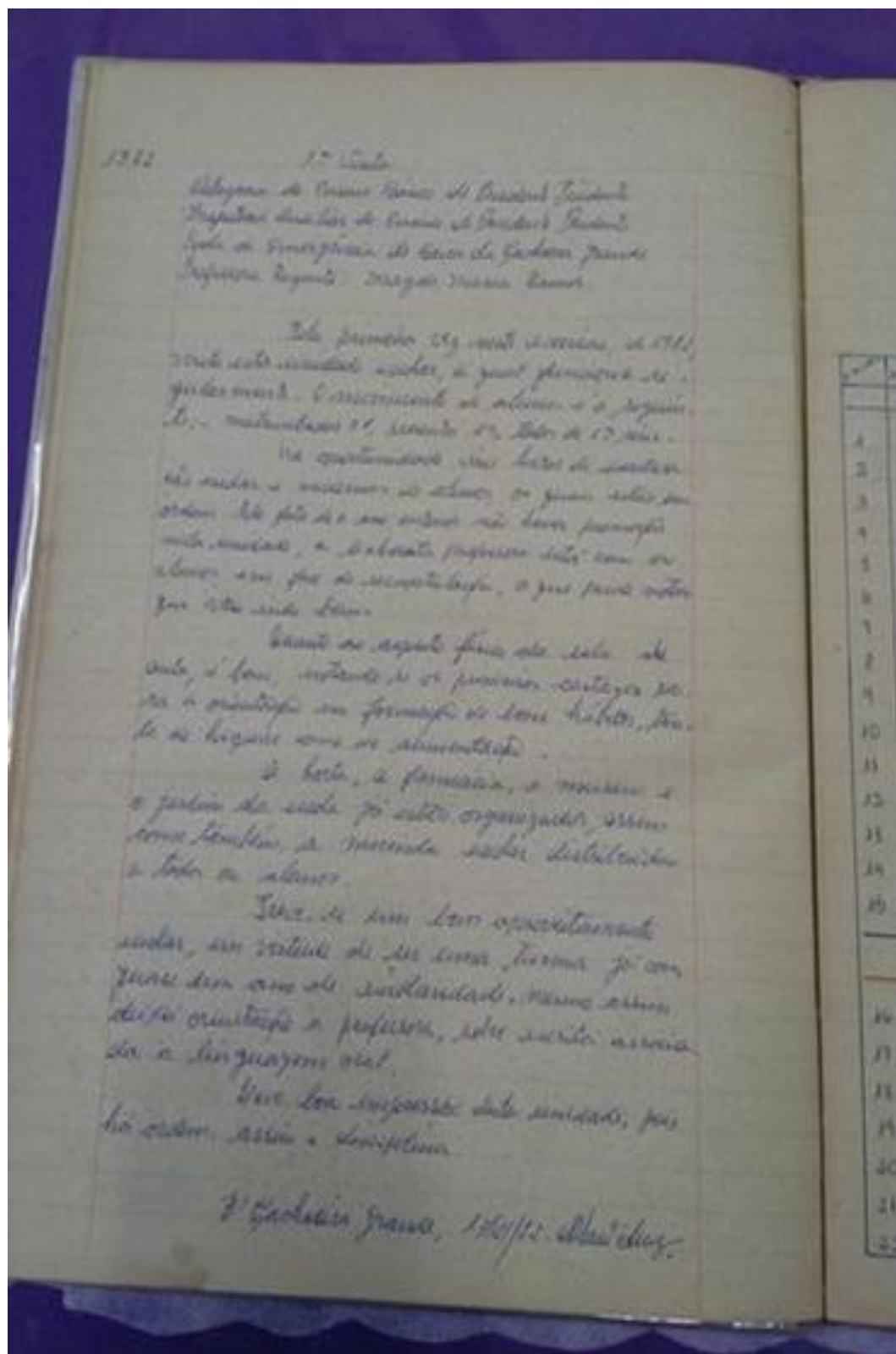
P.: É Cachoeira Grande, e o rio que existia, que deu o nome pra essa cachoeira hoje é um córrego de dois palmos, não existe mais o rio e nem a cachoeira.

R.: Então, qual as perguntas que você deseja fazer?

P.: O senhor pode falar alguma coisa sobre as escolas rurais? Eu gostaria que o senhor contasse sua experiência com as escolas rurais.

¹⁴ Eustásio de Oliveira Ferraz – Professor Rural, Inspetor Escolar, Supervisor Escolar, Secretário da Educação de Presidente Prudente, Advogado e Prof. de Direito.

Ilustrações 30, 31 e 32 - Registros de atas de visitas dos inspetores na Escola de Emergência do Bairro da Cachoeira Grande



Relação do Curso de Licenciatura em
Educação Infantil (Educação) da Faculdade de
Educação José Carlos de Almeida
Superior (Educação):

Curso de Educação Infantil

Milberto Gonçalves Torres

Data da Visita: 28 Junho 1971

Venhamos hoje a presentear, mediante
a demonstração de alguns materiais
1. Hora de chegada 9:00 horas.
2. Verificação da Matéria de processo de
aprendizagem: A escola atende em média
de 1º ano com total de 30 alunos, cada
uma faz de 28, dando o percentual de
93%. Os alunos estão sendo alfabetizados
pelo método "Soda" cujo método é o
fonético. 14 alunos não possuem ainda
prontidão para o processo. Constatamos, isto é,
a escola a demonstrando normalmente, observando
que a professora, a fim de por os 14 alunos
fazer progressos no processo de leitura, está se
preocupando com a escrita; neste processo os
alunos estão sendo estimulados a escrever
a locomoção motora manual. É princípio

depois de mais. Qualquer tratado de diplomacia
para os seus iniciados assim afirmam: "nos
seus cinco anos, o professor deve diplomatar, isto
é, ensinar a ler, depois é que se trabalha
com o escrito". *Matemática*. Os alunos
não possuem educação. Quando se encontram
em situação de arbitrariedade. Não sei o que está
acontecendo com as novas escolas quando leio
notícias das zonas rurais por volta de 1955-56-
57, as crianças estão ficando mais e mais
com quem quer trabalhar e controlar "fórmula"
e se iniciarem os processos de arbitrariedade.
As escolas de ensino, religião, cultura, poesia;
tudo de um modo bastante deficiente.

3. *Aspecto Técnico*:
O ensino é bom e se en-
contra em bom estado de conservação, assim
como a construção, fomenta a leitura e
que está em processo de estudo. Os grandes
problemas de ensino, estão com o aluno
e pessoas estacionárias a escola se tentarem
aprender a ler, e em alguma época
para trabalhar, motivação da moradia
melhor: "é a fome". Não há fome, a fome
é criada por uma situação. Em referência
ao ensino Gálvez de Souza, o que é de
inconveniente à PAE em que clara ex-
plícito sobre a prática, que é tentar.
Esta conta a mesma coisa, embora o
preço tenha.

Elisabete, 25/06/77

[Assinatura] *[Assinatura]*

Fotografia 12 - Professor Eustásio de Oliveira Ferraz



Fonte: Acervo da autora

R.: O meu nome é Eustásio de Oliveira Ferraz, ainda me sinto essencialmente um professor do antigo ensino primário. Porque foi nesse ensino em que realizei os meus ideais, comecei a lecionar em escolas isoladas no ano de 1955, no município de Andradina, na noroeste. As escolas isoladas, elas tinham sexo, eram escolas mistas, escolas femininas e escolas masculinas. As escolas masculinas eram essencialmente para os professores, e as mistas para professoras e professores e as femininas somente para as professoras. Essa característica, se não me falha a memória, para a época, era um tempo de uma moral muito rígida, é para que não houvesse qualquer relação íntima entre um professor e uma aluna na zona rural, era esse ponto de vista que existia na época. As escolas isoladas, elas prestaram um grande serviço à educação brasileira, primeiro porque na época o Brasil ainda era um país eminentemente rural, era um país agrícola, a zona rural não era urbanizada, e essas escolas atendiam as crianças até a terceira série ou o antigo terceiro ano primário. Nessa época, o professor procurava dar o máximo de conteúdo, porque o aluno não teria mais oportunidade para avançar em seu estudo. Hoje costuma-se ouvir dizer que naquele tempo, o aluno aprendia. Aprendia conteúdo, mas apenas conteúdo, o que se era ensinado nas escolas isoladas, até mesmo os grupos escolares urbanos não se passava do grupo, não se passava do muro, das paredes da escola. Hoje diz-se que o aluno não aprende, mas ele aprende muito mais porque

ele vai além das paredes da escola. Especificamente eu fui supervisor aqui na Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, no ano de 1970 eu assumi a supervisão, fui supervisor nos municípios de Narandiba, Tarabai, Sandovalina, Estrela do Norte, Alfredo Marcondes, Santo Expedito e Presidente Prudente. Em Presidente Prudente, há uma escola que eu fui supervisor, que era a Cachoeira Grande, mas não me lembro mais assim a sua localização, se era perto do distrito de Montalvão, ou se era perto de... esqueci o nome. Essa escola era aqui perto da cidade, ela ficava aqui perto da Vila Marcondes, o pessoal também chamava aquilo de Gramado, na região do Gramado, mas essa escola depois parece que ela passou a ser uma Escola de Emergência.

O que significa escola de emergência? Era uma escola que era pra atuar, funcionar por um período precário. Como a cidade começou a expandir, a escola ficou muito próxima da cidade, então ela foi incorporada aos grupos escolares da cidade. É esse ato legal que eu não to recordando para qual dos estabelecimentos que essa escola foi incorporada. É mais ou menos isso que eu posso falar da escola que eu tenho lembrança.

Fora a função do supervisor, na época não falava supervisor de ensino falava-se Inspetor. Eu era Inspetor, depois que o cargo foi transformado para Supervisor, porque a função mesmo do Inspetor, não era supervisionar, não era orientar a professora que estava isolada, era para inspecionar, para fiscalizar, para ver se ela estava trabalhando ou não. Mas eu, graças a Deus, nunca tive essa visão da inspeção como uma visão policial, mas sim de orientação, se for possível encontrar alguma ata, alguma ata de visita à escola, pode-se observar as orientações que eu passava para as professoras. Porque a maioria dos professores, só tinha curso normal e eu nessa época já tinha o curso de pedagogia. Então eu passava essa experiência para as nossas professoras.

P.: É. Foi no Góes Brandão que me informaram sobre o livro com a sua assinatura, porque foi lá que eu achei o senhor, e foi por telefone que eu conversei com a Silvana Lopes. Ela falou assim: “Tem um termo de visita de mil novecentos e setenta e sete, do professor Eustásio de Oliveira Ferraz.” Mas é um livro de visita, um termo de visita.

R.: Então, mas o termo de visita, era um livro, ou uma caderneta, então cada vez que o inspetor ia lá, ele fazia uma ata.

R.: Porque normalmente, às vezes o delegado substituía, você vai ficar responsável por aquele distrito, por tais e tais escolas. Primeiro você ficava um mês, dois meses, três meses como responsável, depois ele trocava, colocava um outro inspetor. Que hoje chama de supervisor. Pode ser até que eu tenha feito uma ou duas visitas nessa escola.

P.: Tem um outro inspetor, no caso, o Prof. Nilberto Gonçalves Torres.

R.: Conheço, ele está com oitenta e oito anos. O resto já morreu tudo, não tem mais ninguém.

P.: A minha mãe tá com oitenta e seis, ela foi aluna nessa escola em 1936.

R.: Trinta e seis?

P.: Trinta e seis, foi quando foi construída a escola, ela foi da primeira turma.

R.: É, essa escola agora tô lembrando, agora tô lembrando, ela era aqui perto do Parque Furquim e hoje ela foi, ela foi incorporada. Ela deve ter sido incorporada, provavelmente, aquelas escolas daquela época foram incorporadas a um grupo escolar, aliás, elas foram transferidas para a sede de Presidente Prudente, para constituir um novo grupo escolar. Parece-me que o Antonio Fioravante de Menezes, chamava-se grupo escolar da Vila Marina, esse grupo recebeu esses alunos dessas escolas isoladas pra formar esse grupo escolar, posteriormente, depois o grupo da Vila Marina, passou a chamar-se Antônio Fioravante de Menezes, fica na Vila Marina, se eles tiverem lá o livro Tombo, veja o livro Tombo. Quando eu estava na delegacia de ensino, eu fiz um trabalho da história desde quando criou a delegacia em Presidente Prudente, de onde surgiram as escolas, mas eu não sei, deve ter sumido. Não sei, eu lembro que eu fiz isso aí, todas as escolas como, escola tal onde foi, escola de emergência tava não sei aonde, então quer dizer, saía o ato no diário oficial incorporando essa escola ao grupo escolar, pra formar uma classe lá, então quer dizer o grupo escolar tinha quatro classes, certo. Como a cidade estava crescendo, então pegava essas escolinhas e então transferia essas escolas pra cá, aí o grupo passava a sete classes, quer dizer três escolas incorporaram. Uns falam incorporaram, outros falam fundindo.

P.: E esse trabalho seu, será que foi publicado em algum diário oficial?

R.: Não, não, não. Não foi não, era uma coisa interna mesmo na delegacia, que era pra fazer o livro tombo, não sei se tem ainda lá na, hoje chama divisão regional de ensino, hoje chama-se diretoria do ensino. É em frente ao Shopping.

P.: É livro Tombo então que chama?

R.: É da delegacia, a história de todas as escolas que tinha.

R.: Quando eu aposentei em oitenta e cinco, aí eu passei pro mundo jurídico, fui advogar e trabalhar em faculdade de direito, não tive mais contato com, faz tempo né, oitenta e cinco pra cá? Faz tempo que eu estou aposentado.

P.: Mas o, mas continua atuante? O senhor foi professor universitário e tem um escritório, tem ainda hoje?

R.: Não, não tenho mais nada, hoje não faço mais nada.

P.: Na Cachoeira Grande, as primeiras professoras foram, Alayde Tortorella.

R.: Tortorella é nome de escola.

P.: Hoje é nome de escola, a irmã da Alayde era Adelaide Tortorella e também a professora Noemia. Eu consegui encontrar a filha da professora Adelaide Tortorella, ela se chama Lúcia Maria Gomes Correa Ferri, e é professora da Unoeste. E eu vou entrevistá-la essa semana também.

R.: Ela trabalha na pós-graduação?

P.: É isso mesmo, na campus dois. E ela é filha da professora Adelaide, Adelaide Tortorella, irmã da Alayde. A Lúcia falou: “Minha tia (Alayde) não teve filhos”, e a Adelaide teve dois filhos, a Lúcia e um irmão, o nome do irmão eu não sei.

R.: É Luiz, Luiz Gomes Correa, vulgo Gavinha - ele foi delegado de polícia.

P.: A Lúcia tem lembranças da Escola da Cachoeira Grande - essa escola que a mãe dela contava que ia a cavalo, que ela ia de bota, de culote e é verdade, pois a minha mãe diz que as professoras chegavam de charrete na escola.

R.: É de charrete, cavalo. Moravam lá.

P.: Então, e aí eu vou conversar com ela também essa semana, eu falei esses nomes todos, porque o senhor deve ter conhecido uma delas, conheceu, o senhor mora aqui faz quanto tempo? Desde que nasceu?

R.: Não, não, eu nasci em Araçatuba, vim de Araçatuba pra cá, eu vim pra cá em sessenta e oito. Em cinquenta e cinco, eu comecei em Andradina. Comecei a trabalhar.

P.: E o senhor pegou escola mista?

R.: Escola masculina. Mas só que era o seguinte, como era no Brasil, a escola tinha nome de escola masculina, mas só que tinha menina, porque geralmente, onde tivesse uma escola masculina, obrigatoriamente deveria ter também uma escola feminina, quer dizer, as meninas ficariam com a professora, e

os meninos com o professor, mas onde a gente lecionava escola masculina, como a população às vezes era pequena, tinha lá vinte, trinta e poucos alunos, eles ficavam todos juntos, a escola era masculina, mas tinha alunas, quer dizer, aquele negócio que não era pra ter contato... era só no papel.

P.: E o senhor teve alunos estrangeiros?

R.: Estrangeiros? Eu como diretor, tive vários alunos japoneses, em Mirante do Paranapanema.

P.: E eles tinham, dificuldade com o português?

R.: Japoneses. Tinham. Eles cantavam assim: “O biro do ibiranga, mages pracidas”. “O biro do ibiranga”. É, tive também italianos, foi na na cidade de Lavínia, na noroeste, tinha, ainda tinha imigração, foi em cinquenta e sete, tive alunos de origem italiana, espanhola não, é foi italiana, portugueses e japoneses.

P.: Japoneses. Porque eu ainda li isso em diário oficial também, umas indicações de como o professor tinha que dar aula, e na hora do recreio.

R.: Tinha um programa. Deixa eu ver se eu tenho um programa, se eu guardei hein.

R.: Eu guardei. Isso aqui ó¹⁵, isso aqui tinha um programa da primeira série, isso aqui de que ano que é? Aqui ó, isso aqui é um programa da década de cinquenta, ta vendo aqui fundamental.

P.: Olha, que preciosidade.

R.: Então aqui, o professor tinha que seguir isso aqui ó, segundo ano objetivo, confederações, a matéria, ai ó, desenho espontâneo e livre, quer dizer era obrigado, a gente tinha isso aqui, a gente cobrava isso do aluno, quando eu falava que o inspetor fez, ia lá ver se ela tinha dado isso daqui, e era uma coisa errada, porque às vezes o aluno, ele não tinha o tempo dele pra chegar de acordo com isso daqui. Isso aqui era um programa, vamos dizer assim, era um programa formal, mas não era lógico né, ele não seguia uma lógica, aliás era lógico, mas não era psicológico, então tem aqui ó, o modo do aluno, tomadas as medidas seguintes, relação a linhas verticais, tomar o lápis na mão direita, distender o diâmetro do braço, colocando o lápis, tá tudo isso aqui até, certo, tudo, tudo, tudo, então o professor que seguisse isso aqui. Recorte, dobradura da cartonagem, tudo que ta aqui ó, tudo que ta aqui, tudo, tudo, tudo, traçado de desenho no papel, o canto, tinha o canto.

¹⁵ Mostrando o livro de Práticas Escolares, de Antonio D’Avila

Higiene e alimentação que é mais pra zona rural mesmo, higiene e alimentação, higiene coletiva, canto, trabalhos manuais, economia doméstica que era dado na época, desenho, português. E esse aqui também era práticas escolares que a gente seguia também, que era obrigado a seguir.

P.: Antonio D'Ávila.

P.: E a matemática professor?

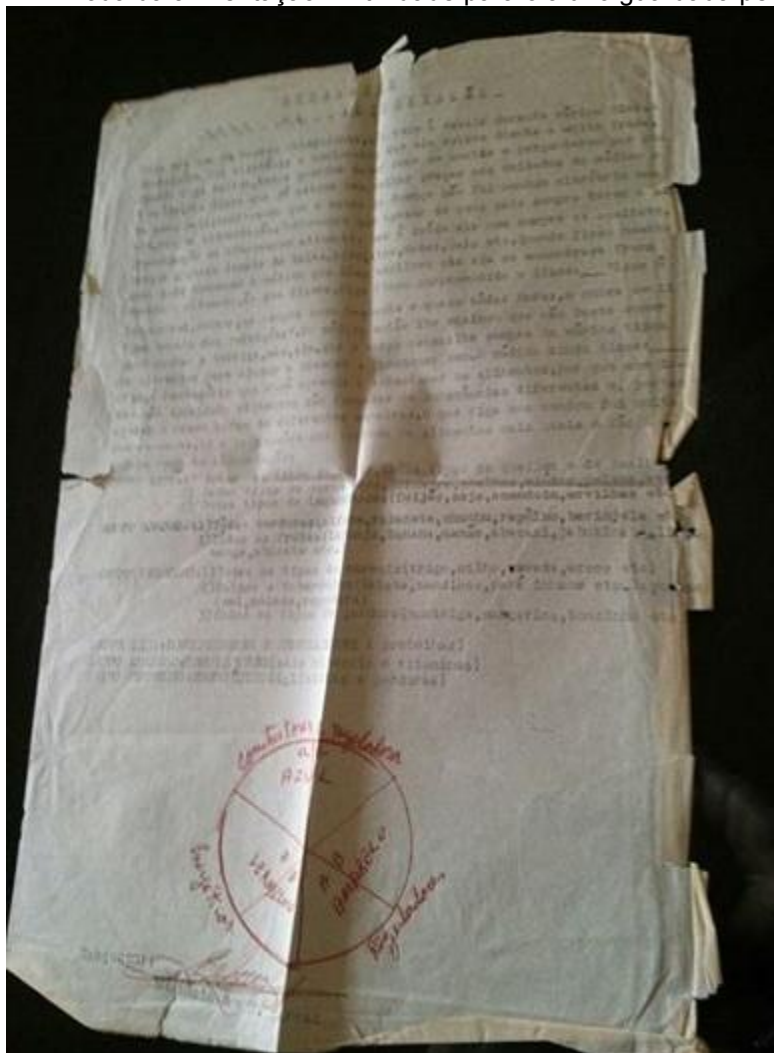
Fotografia 13 - Página do livro *Práticas Escolares*, de Antonio D'Ávila



Fonte: Acervo da autora

R.: É. Esse era o livro que a gente seguia, deixa eu ver se tem alguma coisa disso aqui. Ah, isso aqui era a roda da alimentação. Veja o ruralismo que era pra dar para o aluno. A matemática tava aqui ó, um terço, tudo isso aqui era, tudo isso era tudo dado pra meninada lá no sítio, ainda era cruzeiro ainda, ensino da escrita, copiar. Era bacana, eu gostava dessas coisas. Quer fotografar?

Fotografia 14 - Roda da alimentação – Atividade para o aluno guardada pelo Professor



Fonte: Acervo da autora

R.: Eu ainda guardei umas cartilhas ainda, antigas. Disso ai, o aluno sabia tudo, só que o que eu falei, só dentro das quatro paredes.

P.: Meu tio é médico, ele estudou na Escola da Cachoeira Grande, depois fez o quarto ano na escola Adventista, porque na do estado não tinha vaga - eram muitas crianças, e estudou no primeiro ginásio que teve aqui em Presidente Prudente, ele é da primeira turma, e de todos que se formaram, tem acho que três médicos.

R.: Isso tem, médico, advogado, juiz, promotor, eu sei. Mas é só porque naquela época a preocupação do ensino era conteúdo.

R.: O que tá escrito aqui?

P.: “A prática do ensino nas escolas normais”.

R.: Ah, essa era na escola normal, era o que era preciso pra formar o professor. Aqui tinha tudo aqui. O que é isso aqui, nem lembro mais?

P.: Sujeito, verbo, é aula de português. Ah, se tiver o da matemática, eu vou querer, o senhor poderia contar um pouquinho como é que o senhor dava aula de matemática?

R.: Bom nas escolas isoladas, o ensino da matemática, ela seguia mais ou menos aquela orientação jesuítica, o famoso LEC, “L”, “E”, “C”, que era o lema do Jesuíta, ler, escrever e contar.

Então nós também passávamos pras professoras, o famoso ‘LEC’, na escola isolada o aluno tem que ler, escrever e contar. Porque o que interessava para o menino, para os pais da zona rural, é que ele soubesse fazer continhas, então o objetivo deles era aprender a fazer continha, continha de mais, de menos, de vezes e de dividir, essa era a linguagem que eles usavam, então era isso que nós passávamos para os alunos, mas nós tínhamos um programa a seguir, que era fornecido pela secretaria da educação, então na primeira série, nós ensinávamos os numerais até cem, continha de somar de até dezenas, não se ensinava dividir, era só adição e subtração. Na segunda série continuava a adição, a subtração, aí entrava a multiplicação e a divisão por um número. No terceiro ano, a multiplicação já era por dois números, é por dezenas, por centenas, e a divisão também por dezenas e centenas, e assim ia até na quarta série. Quando eu lecionava numa quarta série, eu lembro que eu peguei os meus alunos, saí no pátio e fui ensinar ângulos para os alunos, naquele tempo, nós não tínhamos recursos materiais, não tínhamos nada, até o giz, nós professores é que devíamos comprar, o estado não dava nem giz, a gente é quem comprava. Eu lembro que eu mandava as crianças olharem para a árvore e fazia assim, olha os galhos dessa árvore, tem ângulo, qual é o ângulo desse aqui? Então o aluno falava: “Ah, professor, esse aqui é ângulo reto, esse aqui é ângulo tal, ou ângulo tal.” Quer dizer, muitas vezes eu saía da sala de aula com os alunos, o diretor não gostava, achava que eu tava bagunçando e, eu levava o aluno no pátio, ou ali mesmo na calçada, para mostrar as árvores e ver, aprender, ver e observar os ângulos. Então eu dizia que a vida era uma matemática, tudo, tudo o que você vê é matemática, não existe nada sem a matemática, então mais era essa coisinha simples, simplesmente quer dizer a tabuada, a gente obrigava o aluno a decorar a tabuada de mais, até a tabuada de menos, de vezes e de dividir. Por quê? Era isso que os pais desejavam na época, que os filhos

aprendessem. Alguns pais, eu lembro muito bem disso ai, na região de Andradina, naquela época estavam derrubando matas, um pai chegou assim e pediu: “Professor, o senhor podia ensinar o meu filho a cubicar madeira”?

P.: A?

R.: Cubicar. É fazer média, era expressão dele cubicar, quer dizer, quantos metros cúbicos? Como que ele devia fazer, para que ele não fosse enganado pelo patrão.

Eu falei assim: “Mas não tá no programa.” E eu não ensinei ao aluno a cubicar, porque não estava no programa, a gente estava cerceado, é bem o que eu falo. Eu não saí das paredes, a gente não saia das paredes. E eu sabia, porque eu falei assim: “Essa parte é só no quarto ano, que a gente vai aprender o sistema métrico, o metro cúbico, só no quarto ano, seu filho está no terceiro ano, só no ano que vem. E aqui não tem quarto ano, só na cidade.” E então, o menino não aprendeu a cubicar¹⁶. São coisas da vida.

Tinha um livrinho de problemas, você tinha que fazer problemas da matemática, problema com adição e subtração, problemas com multiplicação e divisão, problemas com adição, subtração, multiplicação e divisão, e todas essas coisas. Aquela editora, Melhoramentos, ou a Francisco Alves, ela publicava e a gente comprava. Eu comprava o programa de ensino.

Nada era dado.

P.: Nas escolas das crianças estrangeiras, na hora do recreio as crianças eram proibidas de falar a língua materna, era obrigatório o uso do português?

R.: Só o português. Era para não formar um quisto né, não formar um quisto cultural ali, lá no bairro. Era uma espécie assim... de um apartheid na época.

Eu lembro que os alunos, assim, eles saiam da escola, eles saiam do grupo escolar ali da escolinha, iam almoçar e depois iam voltar pro nihongako, quer dizer, eles iam pra escola japonesa, eles tinham o professor deles.

Então, quando a gente estava dando a aula de matemática, aritmética que falava, não é? A meninada japonesa já sabia, porque eles já tinham aprendido na escola deles, porque era uma colônia japonesa, então eles vinham para escola, a matemática, eles já sabiam, nem precisava ensinar para eles, porque eles já sabiam.

¹⁶ Grifo da autora

Agora quanto à língua pátria, o português, eles tinham dificuldade, mas na matemática não, eles eram craques e já sabiam, já vinham prontos. Já a colônia italiana, isso não ocorria, mas na colônia japonesa sim. Onde eu lecionei na colônia italiana em Lavínia, eles vinham crus também, eram analfabetos. Já os japoneses eles já estavam alfabetizados na língua deles, mas na área da matemática, eles já vinham prontos. Já estavam prontos.

P.: Eles já deviam saber cubicar...

R.: É provavelmente. Mas como o programa era só pro quarto ano, eu tinha que obedecer o programa, e o aluno não aprendeu a cubicar. O pai queria que o aluno aprendesse a cubicar, para ele não ser enganado pelo patrão, porque ele serrava e cortava a árvore e tinha que cubicar, ver quantos metros cúbicos e ele não sabia.

Eu também trabalhava com o Mostrador de Fato.

P.: Mostrador de fato?

R.: É o mostrador de fato era o seguinte, pegava um arame ou um barbante, na zona rural, a gente pegava sabugo, cortava o sabugo, fazia a espécie de uma rodinha e colocava dentro desse arame, então o aluno ia contando, ia contando de um a dez somava uma dezena, depois ou então o aluno tinha dois, três mostrador de fato, então ele somava de cima, de baixo, de baixo, então ele ia somando, ia fazendo essa contagem. Agora quando ele dava fração, a fração, a gente usava... laranja, era laranja, era banana, manga, como exemplos, e o ensino era mais na lousa, o aluno ia pra lousa, lousa ruim, de madeira, o professor que tinha que comprar o giz, depois passar pro caderno, ele dava a tarefa, o aluno era obrigado a fazer, no outro dia trazia a tarefa certinho, é uma experiência, é uma experiência boa viu, eu agora to vendo lá, o mostrador de fato, é mais ou menos.

P.: Era um arame e rodela de sabugo, é isso que eu entendi?

R.: É. Como chama aquela coisa de japonês que conta assim? Como chama? Balaban? Como chama?

P.: Soroban.

R.: Mais ou menos como soroban, que funcionava aquilo lá, e era feito de sabugo.

P.: E o senhor que inventou essa do sabugo?

R.: Não, isso foi a escola normal que ensinava pra gente. Na Escola Normal, nas práticas escolares, na escola normal a gente aprendia. O que eu aprendi por

mim, que eu criei, é isso aí de pegar o aluno e sair pra ver os ângulos nas árvores, na natureza. Tipos de folhas, você olha a folha, falava vegetal, uma função diferente, mostrava a grama: “O quê que é a grama? É vegetal?” “É.” “Essa árvore aqui, essa árvore que tá aqui, essa aroeira aqui”, tinha um pé de aroeira, “ela é o quê?”. “É vegetal.” “Mas é diferente.” Então eu me lembro que chamava-se “categorizar”. Categorizar. Então vamos categorizar, categorizar os vegetais, então tinha a grama, é vegetal, pé de roseira era outro vegetal, era outra categoria, categoria das rosas, a grama era das gramínias, das árvores nem lembro mais, mas é isso aí. Nós víamos os minerais, aí ia mostrando tudo, na chamada aula de ciência.

Outra coisa interessante, é que, todo sábado, a gente fazia um exame na criança, para ver se ela tinha unhas cortadas, se cortou a unha.

A gente olhava as orelhas das crianças. Eu me lembro de um fato, na região que era de olaria, então eles mexiam e trabalhavam no barro e as unhas dos meninos, porque eles trabalhavam, eram sujas de barro, e a gente ficava bravo com eles, tinham que limpar a unha. Eu lembro uma vez: “Vamos fazer a vistoria aí”. O menino ficava assim ó¹⁷, mostra a unha. “Eu não cortei a unha”. Falava assim: “Mas porque você não cortou a unha?” Ele falou assim: “Porque em casa na quaresma, ninguém corta a unha, a minha mãe não deixa cortar a unha, nem meu pai.” E eu vou lhe contar uma coisa, o moleque saiu da escola, não aparecia na escola, aí eu fui atrás dele, tô até relembando, cheguei lá e o pai dele estava amassando o barro, para fazer tijolo, não lembro o nome do pai dele. Já já eu lembro o nome do menino. “Não vai dar para ir na aula, porque o senhor falou que tem que cortar a unha e aqui na quaresma ninguém corta a unha.” “Pode ir, pode ir com a unha grande, não pode é ficar sem a aula.” Isso é o que eu lembro, é Miniel o nome do menino. Então isso também, todo professor tinha isso aí, e no sábado além de fazer essa vistoria, era trabalho manuais, era fazer dobradura, fazer é tarrafinha, agulha de tarrafa, que era para desenvolver a habilidade manual das crianças.

P.: Então o senhor trabalhava de segunda a sábado?

R.: Era de segunda a sábado, a aula era de segunda a sábado.

P.: Só domingo que folgava?

R.: Só domingo, e ficava lá mesmo, na roça mesmo.

P.: E o senhor chegou a dormir na roça?

¹⁷ Mostra a mão fechada, escondendo-a.

R.: Morava, morava lá. Morei cinco anos em sítio, cinco, cinquenta e cinco, cinquenta e seis, cinquenta e sete, cinquenta e oito, cinquenta e nove, cinco anos. Eu tinha um quarto, na própria escola tinha um quartinho.

Mas normalmente você morava na casa de um sitiante, geralmente na casa do dono do sítio.

Era difícil, eu lembro, a comida era arroz, feijão e ovo, arroz, feijão e ovo, arroz, feijão e ovo.

P.: Nossa, o senhor deve ter enjoado.

R.: Arroz, feijão e ovo e abóbora, arroz, feijão e ovo e abóbora, e de vez em quando, uma vez ou duas na semana, a gente matava galinha, porque não tinha açougue, pão não tinha. Era desse jeito aí. Sabe o que dava de sobremesa pra gente? Macaúba, sabe o que é Macaúba?

P.: Não, eu não sei.

R.: Um coquinho. Um coquinho que você mastigava.

R.: E olhe lá. Eu não reclamava.

P.: Mas foi uma época boa não é? O senhor lembra assim?

R.: Hoje estou com setenta e nove e eu tinha o que? Dezenove, vinte anos. A minha irmã se formou com dezessete, mas não pode lecionar, porque era obrigado a ter dezoito anos. Se não tivesse título de eleitor, não podia lecionar. Tinha que ter título de eleitor.

P.: Tá certo professor, nossa foi muito bom conversar com o senhor. Eu agradeço muito professor.

O senhor pode assinar o termo de consentimento para que eu reproduza nossa conversa?

R.: Ubiratan D' Ambrosio?¹⁸ ele não escreve naquela revista, naquela revista, eu devo ter artigo desse D' Ambrosio aí.

R.: Ubiratan D' Ambrosio, ele não escreve naquela Palas Athena?

P.: Escreve, sim.

R.: Eu tenho, eu fui assinante da Palas Athena muito tempo. D' Ambrosio, eu vi o nome... eu já li artigo dele. Eu devo ter livro dele aqui.

¹⁸O nome do Prof. Ubiratan D'Ambrosio constava no termo de consentimento, como meu Orientador.

2.2.4 A Professora Rural

A escola rural do início do século XX estava caracterizada pela falta de recursos materiais, financeiros e pedagógicos, o futuro da nação estava na escola e principalmente nas mãos dos professores, que por sua vez estavam à mercê da própria sorte, em se tratando da escola rural:

Bragança¹⁹ descreve a professora rural da seguinte forma:

A professora no Brasil, não passa de simples funcionária pública ou legítima sangue-suga dos cofres da Nação.

No entanto, os que assim julgam as professoras desconhecem por completo o trabalho que desenvolvem essas heroínas na distribuição do ABC pelos recantos remotos deste imenso paiz.

Só mesmo quem residiu durante longa temporada numa zona rural é que poderá dizer dos sacrifícios a que se expõem essas moças ao desempenho de tão nobre profissão!

Geralmente, as pessoas habituadas ao comodismo das cidades não compreendem o drama que se desenrola pelo interior e daí o calunniarem em cheio as moças que exercem o magistério, transformando-as em “parasitas” do erário público.

No entanto, volta-se as vistas para a zona rural, e avalie-se o sacrifício da recém-formada pela Escola Normal; são meninas-moças que á custa de muita protecção conseguem uma escola rural, lá longe, enfiada numa fazenda, desprovida de todo recurso!

É viagem por estrada de ferro, até atingir a estação próxima. Depois a condução em “trollys” ou “cabriolets” por péssimas estradas ou mesmo picadas abertas na mattaria, e horas e horas rodando e avançando até chegar ao edificio archaico e mal adaptado onde um bando de crianças aguarda os ensinamentos preciosos que são as bases solidas para o resto da vida.

E isso, seja sob sol quente... – verdadeiros temporaes... – rodando sob chão firme ou lama, ao lado dum desconhecido que dirige o vehiculo.

Muitas occasiões essas professoras luctam com a má vontade dos fazendeiros para ceder-lhes conducção!

E a tudo se submettem as professoras-ruraes, desconhecidas da gente da cidade, e que contribuem de modo valioso para a formação do caracter de centenas e centenas de “tabaréos”²⁰ que passam pelos bancos da escola!

As professorinhas das escolas ruraes, garotas que trazem nos lábios um sorriso maravilhoso, que é o reflexo da enorme reserva de energia de que são dotadas, não trepidam em pôr á prova muitas e muitas vezes a própria saúde, expondo-se ás intempéries em beneficio da criança que passa a ter nessas mestras uma companheira sincera que a guia com dedicação no caminho do Saber.

As professoras publicas soffrem injusta campanha no Brasil.

Entretanto, realizam trabalho formidável para realizar o milagre de fazer o garoto comprehender o que está lendo ou conseguir unir uma porção de letras para gravar num papel o que a imaginação dictou...

¹⁹Carlos de Bragança – Revista Fon Fon de 11 de maio de 1935 páginas 60/61

²⁰caipiras

Situação em 1935 que, em muitos aspectos, permanece atual, segundo depoimento da professora Adriana, entrevistada pela Prof^a Línlya Sachs²¹, que conta que, pela sua pontuação foi dar aulas num local mais afastado, no campo, com alunos em situação precária de higiene.

O ingresso da professora recém formada passava por um estágio, que ela cumpria lecionando numa escola rural. O decreto 6.947, de 6 de fevereiro de 1935, instituiu o ingresso no magistério através do estágio.

Os Delegados Regionais do Ensino, segundo o Anuario de 1936, a respeito das professoras de Escolas Rurais, recém saídas das Escolas Normais, concordavam que a Prática de Ensino precisaria ser mais realista, precisaria deixar de ser a “theoria da pratica”. Por força de lei, os professores recém-formados tinham que iniciar a carreira na zona rural, em escolas sem recursos materiais. A escola normal os havia preparado para a cidade, para classes homogêneas.

“Entendemos, afirma o Delegado de Casa Branca²², que durante o curso profissional das normaes, devem os professores receber orientações mais seguras e intensa da vida real, com a alteração voltada para os campos, na zona rural ou para as fainas marítimas, na zona litorânea. Temos tido nesta região casos interessantes e até dignos de piedade, com referencia a professoras recém-formadas que assumem, na zona rural, a regência de escolas para as quaes foram nomeadas, sem terem a menor ideia do que seja essa zona, muito menos de quaes sejam as condições de vida alli, ou quaes as suas necessidades e possibilidades”.

Na escola escolhida, o professor tinha tudo a fazer e, muitas vezes, agir sozinho. Havia a necessidade de buscar os alunos e matriculá-los.

Todo professor, ao receber o seu diploma, deveria ter um conhecimento de como é o funcionamento de uma escola em plena zona rural, da vida que teria de viver no meio campesino, onde tudo lhe era completamente estranho e inteiramente desfavorável, sob todos os aspectos. As normalistas, acentuadamente urbanistas, tinham sido formadas em meio urbano.

Continua o mesmo Anuario de Ensino:

Nas condições atuais (1936), a Escola Normal não dá aos professores o mínimo de technicas indispensáveis para o exercício de suas funções profissionais. Não ensina a ensinar.”

²¹ Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa, em sua tese Entendimentos a Respeito da Matemática na Educação do Campo: questões sobre currículo, Unesp Rio Claro, São Paulo, 2014

²² Anuário do Ensino de São Paulo, 1936.

O professor precisa se adequar ao meio e às suas condições, materiais e sociais.

Sem esta adaptação, ou melhor, sem esta conformação, o professor (quase sempre a professora) se abate, se perturba e nada realiza.”

Foram apontadas as dificuldades:

Araraquara --- “A residência e pensão para o professor rural têm sido um problema de solução difícil. O fazendeiro pensa que a professora pôde viver em qualquer lugar e, não raro, lhe destina uma casa de colono para residência, no caso de ter ella a família em sua companhia. Quando, porém, a professora é solteira, como na maioria dos casos, vai geralmente para a casa do fiscal de colonos ou para a casa do carpinteiro, pedreiro ou machinista da fazenda. Nunca, porém, para a casa do fazendeiro e, raramente, para a casa do administrador.

Em vista da grande diferença de educação existente entre a professora e a família que a hospeda, nenhuma dellas se conforma com a situação e a escola fica prejudicada pelo afastamento da professora, que solicita licença como único meio de resolver a situação do momento.”

Campinas --- “Um succulento almoço de um sitiante ítalo-brasileiro não é tolerado por uma professora. Na alta Araraquarense e mesmo nos bairros, aqui em Campinas, a quase totalidade da população é genuinamente nacional, nem todas as refeições são bem aceitas; as conducções em aranhas, trolynhos e carroças de molas, commodas para os sitiantes, são insupportaveis para as nossas professoras.”

Casa Branca --- “O regime das pequenas propriedades agrícolas, nas quaes os filhos dos lavradores se radicam á terra --- por que vivem sem dependência de patrões --- sem duvida nenhuma facilita a adaptação do professor.”

“Ahi, em virtude dessa mesma conjunctura de difficuldades e lutas, forma-se a tendência para a communhão de vistas, para a cooperação, para a defesa commum que levam, de parte dos pequenos surtos de egoísmo próprios do homem e supplantaveis pelo interesse colectivo, á prosperidade relativa, as progresso e aos melhoramentos, que as reaes necessidades reclama. Pois é ahi, nessa situação, nesse ambiente, segundo já se tem verificado plenamente, que com mais facilidade se adaptam os professores, que encontram mais acolhimento, que recebem mais facilidades e que, por igual e consequentemente, prestam melhores serviços.”

Doravante, as escolas sómente serão creadas em locaes saudáveis, com residência e pensão condignas e sala gratuita com os indispensáveis requisitos pedagogicos e hygienicos.

E é o que vimos fazendo de alguns annos a esta parte, com resultados lentos, mas seguros e satisfactorios, como se verifica em outros tópicos deste Relatorio.

As famílias da zona rural recebem, geralmente, os professores com boa vontade, proporcionando-lhes o conforto a que estão acostumados.

Acceitando essa hospitalidade, cumpre a estes, no seu trabalho educativo, que deve irradiar-se em todos os sentidos, elevar o padrão de vida do bairro, melhorando, desse modo, a sua própria situação.

Itapetininga --- “Uma das causas que têm concorrido para o mau funcionamento e inefficiencia da algumas escolas é o desconhecimento, por parte dos professores, das condições do meio rural, onde tudo lhes é adverso, alem da falta de meios para vencer as difficuldades que diariamente surgem no exercicio de suas funcções. Falta ao professor, para que seu trabalho frutifique, preparo ruralista. Professora surgiu certa vez aqui em Itapetininga, para assumir o exercicio de seu cargo na zona rural de Sarapuhy, com os lábios pintados e trajada como se fosse a uma recepção. Ao chegar ao local e ao ver a casa em que teria de residir não escondeu

seu espanto. Menor, porém, não foi a surpresa das pessoas do bairro, que a espiavam pelos buracos das paredes e pelas frestas das janellas, como se tratasse de uma avis rara que, por engano, alli tivesse pousado. E deu-se o inevitável: a professora voltou no mesmo automóvel. De mim, não considero desejável que o professor se adapte inteiramente ao meio, mas que tenha o preparo suficiente para, encaminhando os alumnos, fazendo-os viver a vida, poder influir no ambiente, sem se deixar absorver por elle. Dahi a necessidade de preparo especializado para a regência de escolas ruraes.”

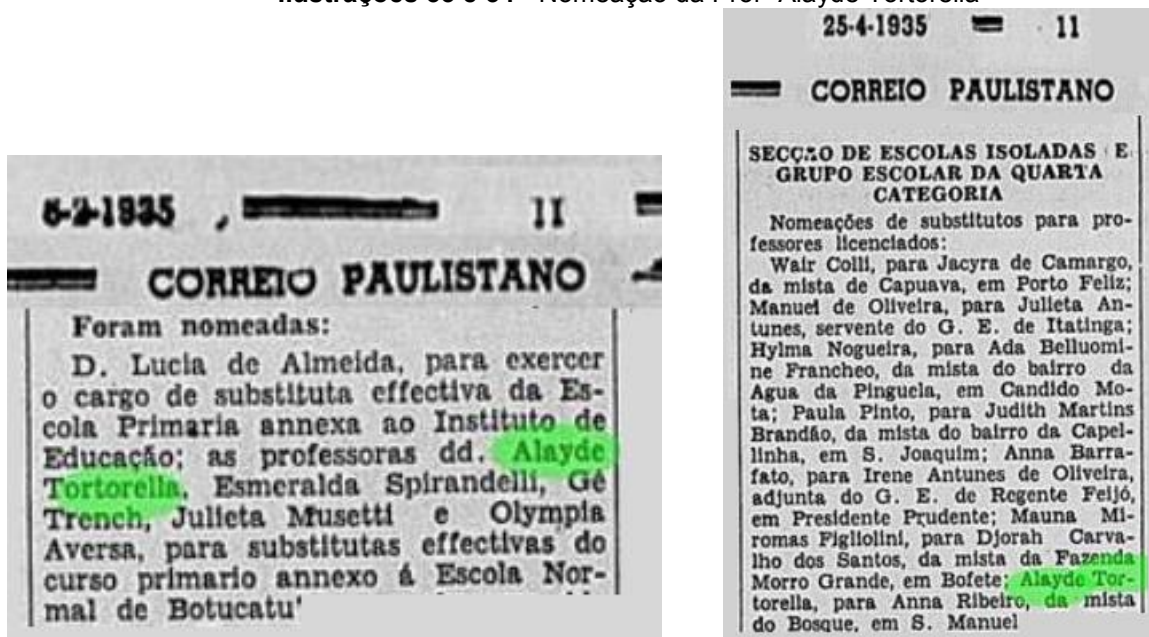
A situação em 1936 não era diferente das condições atuais de uma professora ao iniciar o seu magistério. As dificuldades permanecem. Situação parecida enfrentou a professora Maria Salett Biembengut, que nos contou, em uma reunião na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1991, do seu início de carreira numa escola rural com os cortadores de cana. No primeiro dia ela foi bem vestida, de vestido, maquiada e com joias. Após conhecer os alunos, ela mudou sua indumentária passando a usar calça comprida, tênis e nenhuma joia, pois seus alunos, se não estavam descalços, usavam apenas chinelos e ela ficou bastante constrangida por isso. Mas não desistiu como a professora de Itapetininga.

Neste ano de 1936, procurei nos diários oficiais dados sobre as primeiras professoras da Escola Mixta da Cachoeira Grande e consegui encontrar os documentos a seguir:

Sabedora do fato de que a primeira professora se chamava Alayde Tortorella, pesquisei em Diários Oficiais e no Correio Paulistano o seu nome. Encontrei: Logo após terminar o curso Normal, Alayde Tortorella foi nomeada para substituta efetiva do curso primário, anexo à Escola Normal de Botucatu, onde concluíra o curso. Isto ocorreu em 05/02/1935.

No mesmo ano, ela foi substituir a Prof Anna Ribeiro, na Escola Mista do Bosque, em São Manuel.

Ilustrações 33 e 34 - Nomeação da Profª Alayde Tortorella



Fonte: Correio Paulistano de 05/02/1935 e 25/04/1935

Em 1936, ainda como professora estagiária, assumiu as aulas da Escola Mixta de Cachoeira Grande.

Fotografia 15 - Escola Mixta da Cachoeira Grande, a 4 km de Presidente Prudente, 19/05/1936 – R. Bevilacqua Photo

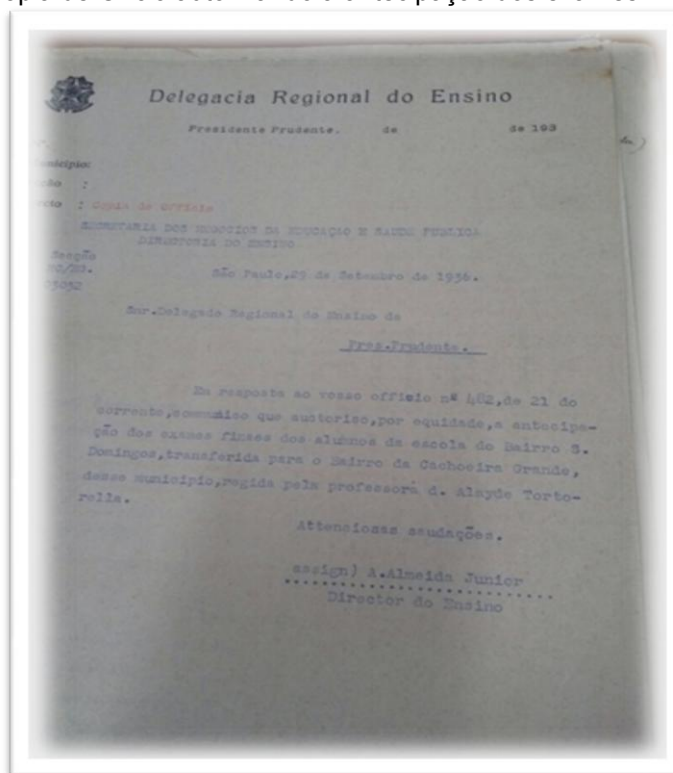


Fonte: Acervo da autora

Esta foto é de maio de 1936, primeiro ano de funcionamento da Escola Mixta da Cachoeira Grande, com a Professora Alayde Tortorella entre seus alunos

Ela solicitou antecipação dos exames finais em 1936 e a obteve, conforme cópia de ofício obtida na Diretoria de Ensino de Presidente Prudente.

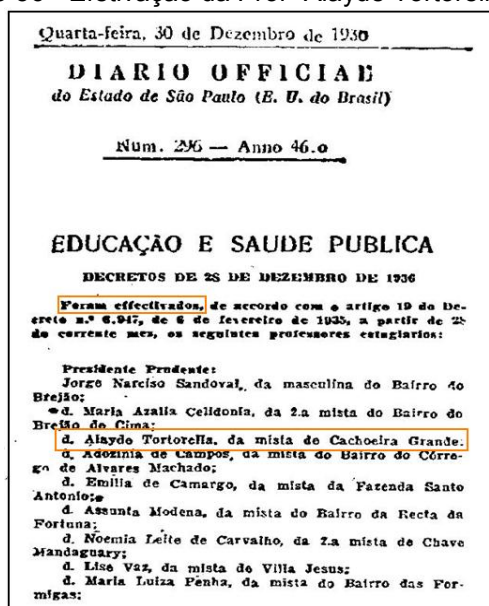
Ilustração 35 - Cópia de Ofício autorizando a antecipação dos exames finais em 29/09/1936



Fonte: Documento obtido na Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, em abril de 2014

Ainda em 1936, a Profª Alayde Tortorella é efetivada na rede estadual de ensino, conforme DOESP de 30/12/1936.

Ilustração 36 - Efetivação da Profª Alayde Tortorella, em 1936



Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo, nº 296 Anno 46º

Em 28 de dezembro, consegue se efetivar na Escola Mixta de Cachoeira Grande.

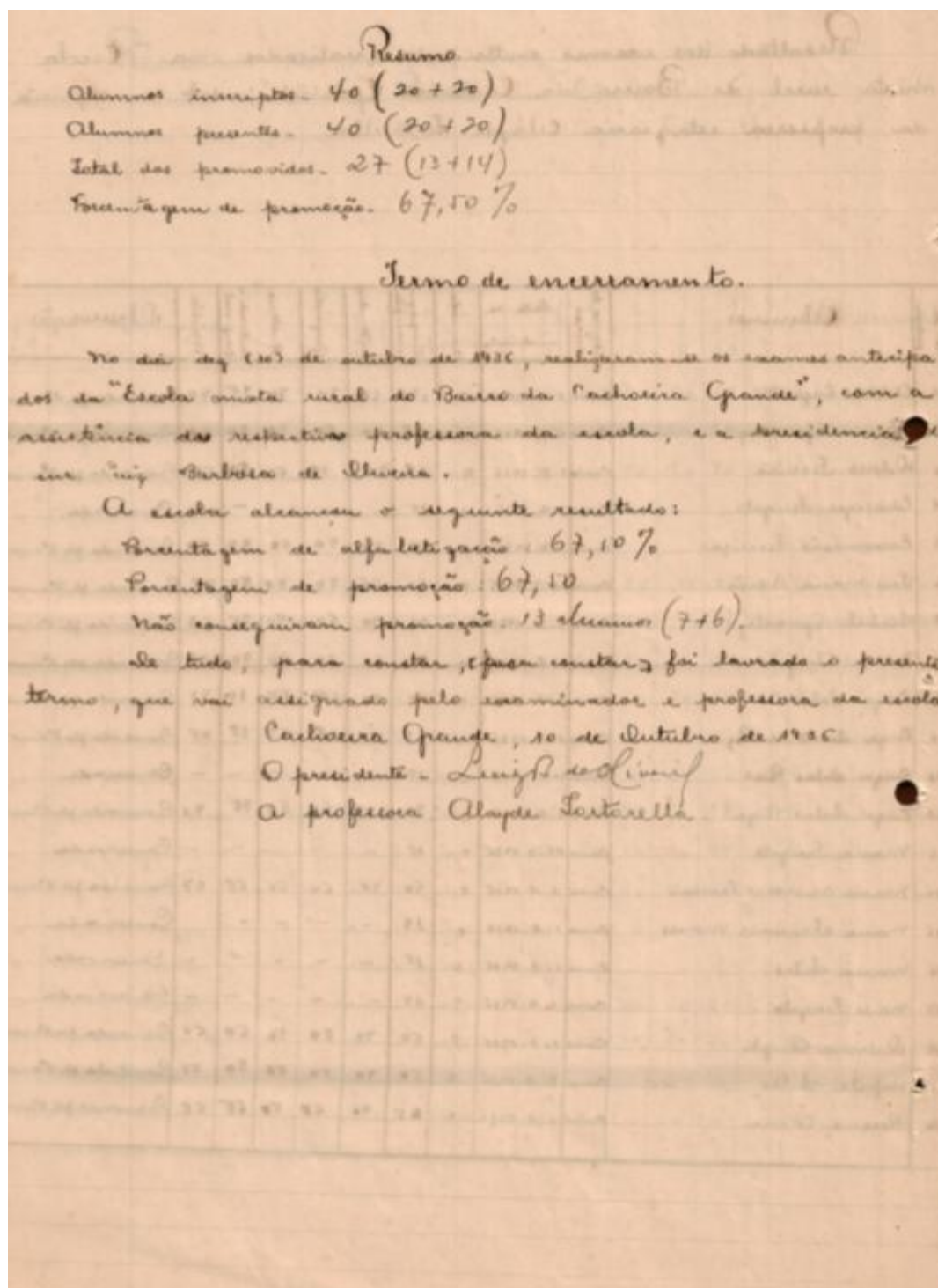
Ilustrações 37, 38 e 39 - Documento Oficial dos Resultados dos Exames antecipados realizados na Escola Mixta Rural do Bairro Cachoeira Grande, sob a regência da Professora Estagiária Alayde Tortorella, da sua primeira turma, em 1936

Resultado dos exames antecipados realizados na
"Escola mista rural do Bairro da Cachoeira Grande", sob
a regencia da professora estagiaria Alayde Tortorella

Nº Ordem	Alumnas	Curso do Curso	Data da matricula	Chamado	Portug. escrita	Portug. dictado	Geographia	Historia	Matematica	Medica	Observações
1	Agnes José Moraes	Primeiro	1. 2. 1936	e	65	90	60	60	65	58	Promovido pto 2º
2	Angela Partelin	Primeiro	1. 2. 1936	e	65	90	60	60	60	59	Promovido pto 2º
3	Antonio Martin Linhares	Primeiro	1. 2. 1936	e	75	65	60	60	70	66	Promovido pto 2º
4	Antonio Mogetti	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado
5	Arturdo Buschi	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado
6	Benedicto Marion	Primeiro	1. 2. 1936	e	60	90	60	60	60	58	Promovido pto 2º
7	Francisco Uchida	Primeiro	1. 2. 1936	e	60	90	60	60	60	60	Promovido pto 2º
8	Guadalupe Angeli	Primeiro	1. 2. 1936	e	75	90	60	60	70	69	Promovido pto 2º
9	João Machado da Silva	Primeiro	1. 7. 1936	e	75	65	60	60	65	65	Promovido pto 2º
10	João Rubens Dias	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado
11	João Rosetti	Primeiro	1. 2. 1936	e	60	90	60	60	60	58	Promovido pto 2º
12	José Paulo Marion	Primeiro	1. 2. 1936	e	50	65	60	60	63	53	Promovido pto 2º
13	Luiz Angeli	Primeiro	1. 2. 1936	e	70	65	60	60	65	64	Promovido pto 2º
14	Luiz Buschi	Primeiro	1. 2. 1936	e	60	65	60	60	65	64	Promovido pto 2º
15	Mano Corazza	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado
16	Mario Marion	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado
17	Primo Corazza	Primeiro	1. 2. 1936	e	60	90	60	60	65	69	Promovido pto 2º
18	Rinaldo Zagatti	Primeiro	1. 4. 1936	e	60	50	50	50	50	62	Promovido pto 2º
19	Rui Frassin	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado
20	Sylvio Mari	Primeiro	1. 2. 1936	e	15	—	—	—	—	—	Conservado

Resultado dos exames antecipados realizados na "Escola mista rural do Bairro da Cachoeira Grande", sob a regência da professora estagiária Ulayde Tortorella

Nº de ordem	Alunos	Curso do curso	Data da matrícula	Bandada	Português	Matemática	Geografia	História	Atualização e Inglês	Média	Observações
1	Adelia Lazaretti	Primário	1-2-1935	c	70	65	70	70	75	70	Promovida para 2º
2	Amem Gonzalez	Primário	1-2-1935	c	65	90	50	50	50	61	Promovida para 2º
3	Dolores Ferreira	Primário	1-2-1935	c	65	70	50	60	60	63	Promovida para 2º
4	Edwigeo Farigato	Primário	1-4-1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
5	Encarnação Ferreira	Primário	1-2-1935	c	50	50	50	50	50	50	Promovida para 2º
6	Iris Maria Sodráo	Primário	20-3-1935	c	60	65	50	50	50	55	Promovida para 2º
7	Isabel Gonzalez	Primário	1-2-1935	c	70	70	50	50	55	63	Promovida para 2º
8	Seonor Angeli	Primário	1-2-1935	c	70	50	50	50	70	63	Promovida para 2º
9	Luzia Salas	Primário	1-2-1935	c	70	90	65	50	80	73	Promovida para 2º
10	Luzia Salas de Rez	Primário	1-2-1935	c	65	90	65	65	85	75	Promovida para 2º
11	Luzia Salas Reis	Primário	1-2-1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
12	Luzia Salas Puga	Primário	1-2-1935	c	70	90	50	50	75	71	Promovida para 2º
13	Maria Farigato	Primário	25-3-1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
14	Maria Moraes Frasson	Primário	1-2-1935	c	50	90	50	50	65	67	Promovida para 2º
15	Maria Frasson Moraes	Primário	1-2-1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
16	Maria Salas	Primário	1-2-1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
17	Mari Farigato	Primário	1-4-1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
18	Querina Angeli	Primário	1-2-1935	c	50	90	50	50	50	60	Promovida para 2º
19	Rafaela Salas	Primário	1-2-1935	c	50	70	50	50	50	55	Promovida para 2º
20	Rosana Caccia	Primário	1-2-1935	c	65	90	50	50	65	68	Promovida para 2º



Fonte: Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, em 11/04/2014

Primeira turma de alunos da Escola Mixta Rural do Bairro da Cachoeira Grande, documento obtido junto à Delegacia de Ensino de Presidente Prudente. No destaque da ilustração 38, o nome de Luiza Salas Peres.

No dia dez (10) de outubro de 1936, realizaram-se os exames antecipados da "Escola Mixta Rural do Bairro da Cachoeira Grande", com a assistência da

respectiva professora da escola, Alayde Tortorella e a presidência do Inspetor Luiz Barbosa de Oliveira.

A escola alcançou o seguinte resultado:

Porcentagem de alfabetização: 67,50 %

Porcentagem de promoção: 67,50 %

Não conseguiram promoção: 13 alunos (7 + 6).

De tudo, para constar, [para constar] foi lavrado o presente termo, que vai assignado pelo examinador e professora da escola.

Cachoeira Grande, 10 de outubro de 1936

Assinaram o presidente e a professora.

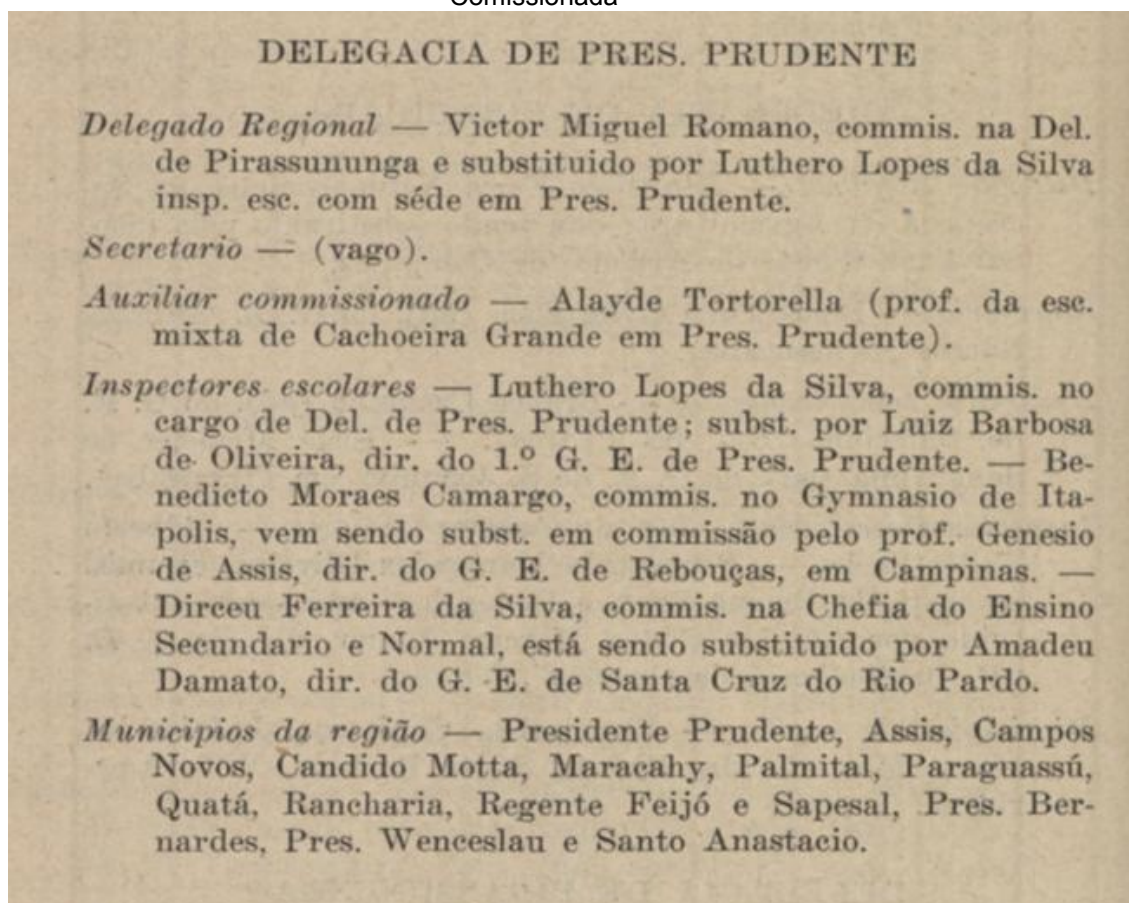
Este documento é o primeiro registro encontrado da Escola Mixta Rural do Bairro de Cachoeira Grande, que mostra os resultados da primeira turma de alunos da escola construída por Juan Antonio e que teve seus filhos e sobrinhos como alunos, bem como os colonos da fazenda. Detalhe para o resultado de Luiza Sallas Perez, que foi “conservada”.

Ilustração 40 - A Profª Alayde Tortorella é comissionada junto à Delegacia Regional do Ensino, em Presidente Prudente



Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo, 24/01/1937

Ilustração 41 - Alayde Tortorella é titular na Delegacia de Presidente Prudente, como Auxiliar Comissionada



Fonte: Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, de 1936-1937

No início de 1937 ela é comissionada junto à Delegacia de Presidente Prudente e acompanha o Delegado Regional na reunião com os outros Delegados Regionais, como Auxiliar Comissionado, conforme Anuário de 1936.

Em 3 de março de 1937, permuta com Noemia Leite de Carvalho e vai para a 2ª Mixta da Chave Mandaguary. Finalmente, em julho de 1938, é nomeada para Secretaria da Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, exonerada de seu cargo no ensino.

Inicialmente nomeada para substituta no 1º Grupo Escolar de Presidente Prudente, Noemia Leite de Carvalho permutou com Alayde Tortorella e se tornou a segunda professora da Escola Mixta da Cachoeira Grande. Foi efetivada na mesma data de Alayde Tortorella:

Ilustração 42, 43 e 44 - Recortes de publicações oficiais de Noemia Leite de Carvalho

15-3-1935
4
CORREIO PAULISTANO

Foram nomeados para o cargo de substitutos effectivos de grupos escolares: — Ismael Martins, para o 1.º de Catanduva; Maria Henriqueta Rangel, para o "Conselheiro Antonio Prado", na Capital; Zilda Giuncheti, para o "Frontino Guimarães", na Capital; Esmeralda Maldonado, para o "Campos Salles", na Capital; Eulalia Faria, para o 2.º do Sacoman, na Capital; Lola Rizzi, para o 3.º de Ribeirão Preto; Yolanda Legaspe, para o de Cascavel, em São João da Boa Vista; Rosa Ferraro, para o de Ibitinga; Judith Faleiros, para o de São Joaquim; Cecília Foster, para identicas funções no Externato Immaculada Conceição, na Capital; Lygia de Aquino Buongiorno, para "Romão Pulgari", na Capital; Maria Brigida Cappella, para o "Santo Antonio do Pary", na Capital; Maria Aparecida Amalfi, para o "Regente Feijó", na Capital; Sebastiana Fontoura Ferreira, para o "Prudente de Moraes", na Capital; Januária de Araujo Almeida e Alayde Montelero, para o "Rangel Pestana", em Amparo; Dalva Pestana Franco, para o "Dr. Alfredo Pujol", em Pindamonhangaba; Maria Aparecida de Paula Eduardo, para o 4.º de Campinas; Nair de Mattos Dedeca, para o de Bomfim, em Campinas; **Noemia Leite de Carvalho**, para o 1.º de Presidente Prudente

Quarta-feira, 30 de Dezembro de 1936
DIÁRIO OFFICIAL
do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil)
Num. 296 — Anno 46.º
EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA
DECRETOS DE 28 DE DEZEMBRO DE 1936

Foram effectivados, de accordo com o artigo 19 do Decreto n.º 6.947, de 6 de fevereiro de 1935, a partir de 28 do corrente mez, os seguintes professores estagiarios:

Presidente Prudente:
Jorge Narciso Sandoval, da masculina do Bairro do Brejo;
d. Maria Azalia Celdonia, da 2.ª mista do Bairro do Brejo do Cima;
d. Alayde Tortorella, da mista de Cachoeira Grande;
d. Adozinha de Campos, da mista do Bairro do Correio de Alvares Machado;
d. Emilia de Camargo, da mista da Fazenda Santo Antonio;
d. Assunta Modena, da mista do Bairro da Recta da Fortuna;
d. Noemia Leite de Carvalho, da 2.ª mista de Chave Mandaguary;
d. Lise Vaz, da mista de Villa Jesus;
d. Maria Luiza Penha, da mista do Bairro das Formigas;

21
Quinta-feira, 4 de Março de 1937
— **CORREIO PAULISTANO** —
Actos officiaes
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Por decretos de hontem, foram removidas as seguintes professoras:

D. Maria de Lourdes Montemor, estagiaria, da escola mista do Bairro da Varginha, em Maracahy, para a mista de Campo Comprido, em Potirendaba, ambas de 1.º estagio; d. Aida Palotino, da mista de Campo Comprido, em Potirendaba, para a mista do Bairro da Varginha, em Maracahy, ambas de 1.º estagio.

— Foram autorizadas a permutar os seus cargos, as professoras d.d. Alayde Tortorella, da escola mista de Cachoeira Grande, em Presidente Prudente, e **Noemia Leite de Carvalho**, da 2.ª mista da Chave Mandaguary, no mesmo municipio, ambas de 1.º estagio.

Fontes: Correio Paulistano, Diário Oficial do Estado de São Paulo

Fotografia 16 - Professora Noemia Leite de Carvalho e alunos - 1937



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 17 - Alunos da Escola Mixta da Cachoeira Grande, 1937



Fonte: Acervo da autora

Ilustrações 45 e 46 - Lista de alunos da Profª Noemia Leite de Carvalho, em 1937

DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO										
PRESIDENTE PRUDENTE										
Resultado dos exames finais realizados na <u>Escola Rural do Bairro Cachoeira Grande</u> do município de <u>Presidente Prudente</u> , sob a regência da professora <u>Noemia Leite de Carvalho</u> em <u>23 de Novembro</u> de 1937										
Número	Alunos	Ano do Curso	Data de Matrícula	Classificação	NOTAS				Média Geral	Observações
					Linguagem	Arithmetica	Geographia	Historia		
1º Ano										
1	Adelia Angile	1º ano 1º 1937		c	65	65	50	75	70	
2	Antonia Cordeiro	1º ano 1º 1937		c	70	75	10	75	65	
3	Edmundo Frigato	1º ano 1º 1937		c	75	100	50	75	75	
4	Isabel do	1º ano 1º 1937		c	70	75	50	70	65	
5	Luiza Palar Palar	1º ano 1º 1937		c	70	75	50	75	65	
6	Maria Frigato	1º ano 1º 1937		c	70	100	50	75	75	
7	Maria Frigato	1º ano 1º 1937		c	75	75	50	70	65	
8	Maria Palar	1º ano 1º 1937		c	75	75	10	75	65	
2º Ano										
1	Carminha Gonçalves	2º ano 1º 1937		c	70	100	50	70	75	
2	Dolores Ferreira	2º ano 1º 1937		c	70	100	50	70	70	
3	Edmundo Ferreira	2º ano 1º 1937		c	65	75	50	70	60	
4	Luiza Palar	2º ano 1º 1937		c	60	100	50	70	70	
5	Luiza Angile	2º ano 1º 1937		c	70	100	50	70	75	
6	Luiza Palar	2º ano 1º 1937		c	70	100	50	70	75	
7	Luiza Palar	2º ano 1º 1937		c	70	100	50	70	70	
8	Maria Frisson	2º ano 1º 1937		c	60	100	50	70	70	
9	Maria Angile	2º ano 1º 1937		c	40	40	40	40	40	Concedido
10	Rafaela Palar	2º ano 1º 1937		c	40	40	40	40	40	Concedido
11	Rebecca Cassia	2º ano 1º 1937		c	70	100	50	70	70	
12	Rebecca Dodrão	2º ano 1º 1937		c	40	40	40	40	40	Concedido
3º Ano										
1	Antonio Macedo	3º ano 1º 1937		c	60	75	50	70	60	
2	Conceição Oliveira	3º ano 1º 1937		c	60	75	60	70	65	

VIDE VERSO

VIDE VERSO

Número	Alunos	Ano de Curso	Data de Matrícula	Classificação	NOTAS					Média Geral	Observações
					Letras	Artes e Ofícios	Geografia e História	Matemática	Português		
3	Francisco Teixeira	1º	15/05/37	C	50	20	30	60	50		
4	Guilherme Sales Soares	1º	15/05/37	C	65	25	30	70	65		
5	Hyacintho Henri	1º	15/05/37	C	65	25	30	75	60		
2º Ano											
1	Angelo Bartolomeu	2º	15/05/37	C	30	40	40	40	35	Concedido	
2	Agostinho Moraes	2º	15/05/37	C	40	40	40	40	40	Concedido	
3	Antônio Martins Diniz	2º	15/05/37	C	75	60	30	70	75		
4	Benedicto Marion	2º	15/05/37	C	70	100	20	70	75		
5	Gerônimo Augusto	2º	15/05/37	C	60	100	20	70	70		
6	José Paulo Marion	2º	15/05/37	C	30	10	40	40	40	Concedido	
7	Luiz Augusto	2º	15/05/37	C	65	100	20	70	70		
8	Luiz Souza	2º	15/05/37	C	70	100	20	70	75		
9	Primo Cordeiro	2º	15/05/37	C	50	100	20	70	65		
10	Reginaldo Lacerda	2º	15/05/37	C	70	100	20	70	75		
Notas foram antecipadas para 15/05/37 foram aprovados 4 (quatro) alunos											

RESUMO

1.º Matriculados	35	39	2.º Promovidos para o 4.º ano	~
2.º Presentes	35	39	10.º Concluíram o curso	~
3.º 1.º Ano	12	16	11.º Percentagem de alfabetização	100% / 100
4.º 2.º Ano	22	23	12.º Percentagem de promoção	82,85 / 80
5.º 3.º Ano	~	~	13.º Reprovados	6 (seis) / 6
6.º 4.º Ano	~	~	14.º Matriculados em outubro	~
7.º Promovidos para o 2.º ano	12	16	15.º Promovidos em exames antecipados	4 / 4
8.º Promovidos para o 3.º ano	16	17		

O Prof. Grande 23 de Novembro de 1937

O Examinador Luiz B. de Oliveira

Visto Naum Leite de Carvalho

de _____ de 1937

Delegado Regional do Ensino

Em anexo são dados para fins de promoção (incluindo o exame antecipado)

Fonte: documento obtido junto à Delegacia de Ensino de Presidente Prudente.

Fotografia 18 - Professora Noemia Leite de Carvalho e alunos - 1937



Fonte: acervo da autora

Ainda em 1937 aumenta o número de alunos e assume uma segunda professora, Adelaide Tortorella, irmã da Profª Alayde Tortorella, também vinda de Botucatu.

Ilustração 47 - Ingresso da Profª Adelaide Tortorella

Sexta-feira, 9 de Abril de 1937

DIÁRIO OFFICIAL
do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil)

**DIRECTORIA DO
ENSINO**

Concurso de ingresso e Reversão
ao Magisterio Primario
ESCOLHAS EFFECTUADAS EM
8-4-1937

216 — Adelaide Tortorella —
Mista da Fazenda Santa Theresi-
nha, em Presidente Prudente.

Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo – 09/04/1937

Ilustrações 48 e 49 - Frente e verso dos resultados de exames finais da classe da Profª Adelaide Tortorella em 1937

DELEGACIA REGIONAL DO ENSINO

PRESIDENTE PRUDENTE

Resultado dos exames finais realizados na Escola Mista Rural da Faz.
da Ilha do município de Presidente Prudente, sob a regência da professora a
estagiária Adelaide Tortorella em 23 de Novembro de 1937

Número	Alunos	Ano do Curso	Data de Matrícula	Classificação	NOTAS					Média Geral	Observações
					Português	Arithmetica	Geometria e Algebras	Letras			
1	Alydio Corazza	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
2	Antonio Ferigato	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
3	Arthur Ferigato	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
4	Augusto Lorenzini	1º	1-9-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
5	Antonio Pastorin	1º	23-4-37	c	60	100	20	20	70	Presença de...	
6	Arlindo Peruchi	1º	1-9-37	c	70	100	20	60	65	Presença de...	
7	Carmelo Mazette	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
8	Celio Mori	1º	23-4-37	c	70	100	20	60	65	Presença de...	
9	Honorio Parizi	1º	1-9-37	c	70	100	20	60	65	Presença de...	
10	João Ribelato	1º	23-4-37	c	70	100	20	70	65	Presença de...	
11	Palmyro Peruchi	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
12	Pedro Angelo	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
13	Pedro Peruchi	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
14	Pedro Pastorin	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
15	Roque Marião	1º	23-4-37	c	60	100	20	70	70	Presença de...	
16	Rynaldi Angeli	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
17	Salvador Salas	1º	23-4-37	c	60	100	20	70	70	Presença de...	
18	Sito Lodrão	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
19	Vitorio Frasson	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
20	Valeriano Angelo	1º	23-4-37	c	25	-	-	-	-	Conversado	
21	Guerino Ribelato	1º	1-9-37	c	60	100	20	70	70	Presença de...	
22	Cingelina Alves	1º	1-9-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
23	Amelia Molina	1º	23-4-37	c	35	-	-	-	-	Conversado	
24	Apparecida Peruchi	1º	23-4-37	c	65	100	20	70	70	Presença de...	
25	Anira Frasson	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
26	Celeste Frasson	1º	23-4-37	c	30	100	20	70	70	Presença de...	
27	Geralda Corazza	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
28	Genebra Spagnolo	1º	23-4-37	f	-	-	-	-	-	Conversado	
29	Herminia Airo	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	
30	Isabel Ruge	1º	23-4-37	c	10	-	-	-	-	Conversado	

VIDE VERSO

VIDE VERSO

Nº	Alunos	Ano de Curso	Data da Matrícula	Classe	NOTAS					Média Geral	Observações
					Algebra	Arithmetica	Geometria	Historia	Letras		
31	Maria Corazza	1.º	22-4-1937	C	10	-	-	-	-	-	Concedido
32	Maria Salas	1.º	22-4-1937	C	35	-	-	-	-	-	Concedido
33	Maria Puga	2.º	22-4-1937	C	10	-	-	-	-	-	Concedido
34	Palmyra Baccchi	1.º	2-5-1937	f	-	-	-	-	-	-	Concedido

RESUMO

1.º Matriculados	34	9.º Promovidos para o 4.º anno	~
2.º Presentes	32	10.º Concluíram o curso	~
3.º 1.º Anno	34	11.º Percentagem de alfabetização	33,33%
4.º 2.º Anno	~	12.º Percentagem de promoção	33,33%
5.º 3.º Anno	~	13.º Reprovados	24
6.º 4.º Anno	~	14.º Matriculados em outubro	1 (um)
7.º Promovidos para o 2.º anno	10 (dez)	15.º Promovidos em exames antecipados	~
8.º Promovidos para o 3.º anno	~		

B.º Cash. final 23 de Novembro de 1937

O.º Professora *Cidebade Tortorella* Visto *Luiz B. de Oliveira* O Examinador

do de 1937

, Delegado Regional do Ensino

Fonte: Delegacia de Ensino de Presidente Prudente, em 11/04/2014

Fotografia 19 - Profª Adelaide Tortorella e sua turma, 1937



Fonte: Acervo da autora

2.2.4.1 *Entrevista com Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri, filha da Professora Adelaide Tortorella*

Em meu primeiro contato com Lucia Ferri, por telefone, em 22/02/2014, perguntei-lhe se ela tinha conhecimento de que sua mãe, Adelaide, tinha sido professora da Escola Mixta Rural da Cachoeira Grande.

A Cachoeira Grande... ficava no Marcondes. Minha mãe dizia que passava pela Vila Marcondes, ia para a Cachoeira Grande, ela ia para lá de bota e culote. Ela se referia muito aos laranjais - lá ela chupava muita laranja, muita fruta, e hoje a gente não tem plantação de laranja, por causa do cancro cítrico. E ela era muito magrinha lá, ela engordou e ficou muito disposta. E o namorado que ela tinha ficou com ciúme dela. Então ela rompeu com o noivo, em função do ciúme. Foi um tempo de vida que marcou muito a vida da minha mãe, viu.

Ela era magrinha e depois ficou uma moça, porque ela encontrou com as outras colegas aqui, elas participavam das festas da cidade.

O fato das frutas fez muito bem para a saúde dela e tudo mais e então ele se enciumou com isso...

“Como é que ela se referia a essa sala que o meu avô construiu?”

Era no meio do cerrado mesmo, da mata mesmo, fechada. Aqui é resquício da Mata Atlântica.

“Ela virou escola Alayde depois, não foi?”

Não, não. Nada a ver.

Cachoeira Grande era no sítio mesmo, lá para diante da Vila Marcondes, sabe? Para lá, bem mesmo no mato, vamos dizer. E essa escola Alayde Tortorella, ela funciona na Vila Industrial, aqui em Prudente.

Ela se casou aqui em Prudente. Meu pai foi Vereador (Ubaldo Gomes Corrêa), presidente da Câmara, não é? Ele era muito político, vivia na política.

“Eu tenho fotos da professora Alayde e da Adelaide. Eu posso te mandar por e-mail”.

Ah, manda sim, por e-mail. Eu vou ficar muito satisfeita e alegre em ter essa fotografia.

Entrevista com a Professora Lucia Ferri

Local: Unioeste, Campus 2 - Bloco B, em 02/04/2014.

O que a senhora pode contar sobre as irmãs Tortorella, suas tia e mãe?

O nascimento delas, os pais, não é? Então, elas são filhas de Pedro Tortorella e Joana Tiro Tortorella. Eram 13 irmãos.

Fotografia 20 - Pedro Tortorella e família



Fonte: Youtube - 108 Curta. Acesso em 05/05/2014

Tenho duas tias vivas. Uma com 93 anos, e a outra vai fazer 96, estão em Campo Grande, as duas. E agora, no mês de fevereiro, faleceu a Assunta com 111 anos. Teve uma vida muito longa, 111 anos, e muito saudável, graças a Deus, nunca sofreu operação cirúrgica, nada. E tinha a memória muito boa, conseguiu conservar durante muitos anos, eu a visitei em junho do ano passado e ela faleceu em fevereiro. Ela lembrava todas as estrofes de uma poesia sobre mãe: “Mãe”. Linda poesia que ela aprendeu na segunda série do curso primário, e que ela repetia, repetia. Até tem uma gravação por uma parente nossa, uma prima minha, que fez comunicação em Bauru. Quando ela completou 108 anos, está no Youtube²³, e se você quiser procurar 108, “108 curta”.

Então elas eram, as irmãs: Elisa, primeiro, faleceu logo. A Assumpta, a Adelaide, Antonieta, Eliana, e Vilma, Maria Vilma. Agora, os filhos eram Josié, Orestes, o Francisco, Alfredo, 3... 4-5-6-7-8-9-10. Então, dois a minha avó perdeu, né. Deixa ver se não está faltando nenhuma. Alayde e dois, que ela perdeu. Filhos de Pedro Tortorella e Joana Tílio Tortorella. Natural de Botucatu.

Adelaide nasceu em 8 do 7 de 17 e a Alayde dois anos antes, tudo na mesma data, 8 do 7 de 15.

As duas estudaram na escola normal Cardoso de Almeida em Botucatu, cuja escola foi fundada em 1911. Ela já é centenária, essa escola, hoje tem prédios mais amplos.

Agora só falar da Adelaide.

Minha mãe se casou com Ubaldo Gomes Correa, tem dois filhos, Luis Antônio Gomes Correa e Lúcia Maria Gomes Correa Ferri. Ferri é do meu esposo.

Agora, o trabalho: o percurso de trabalho da minha mãe, então a minha mãe chega em Presidente Prudente e foi para a escola da Cachoeira Grande.

P: Em que ano isso? A Alayde foi em 1936.

R: 37. Em 37 foi a Adelaide.

Minha mãe sofreu na escola normal, esses professores da escola normal de Botucatu na década de 30 eram professores que tinham vindo da Caetano de Campos de São Paulo, e iniciados pelos professores de origem francesa. E ela estudou na primeira edição da “Introdução ao Estudo da Escola Nova”, do Lourenço

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=YSR5XVHiKto>

Filho. Esse livro eu tenho em casa. Mas eu preciso achar. É. “Introdução ao Estudo da Escola Nova”. Como elas formaram na década de 30, o que é que acontece? Elas ficaram com todo o movimento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, elas chegaram com todas essas ideias. E aqui elas atuaram muito na parte cívica, não? - extrapolando a escola. Por exemplo, construção da Santa Casa, reforma da Praça da Bandeira.

Elas tinham uma tia que tinha um status social muito alto em São Paulo. Então elas foram tomar a posse da função em São Paulo. E chegaram aqui de trem. 24 horas elas levaram de São Paulo a aqui e desembarcaram de luvas.

Você imagina que a tia de São Paulo disse: “não, vocês vão lá, que vocês são professoras, vocês têm que chegar muito arrumadas”. Foi São Paulo direto a Prudente. A minha mãe contava “desembarquei de luvas”. Só que para a minha mãe acho que foi mais fácil, porque a irmã já estava aqui.

Também ela atuou em 39-40, no Colégio São Paulo que abrigava os filhos de japoneses, e aqui ela ficou como alfabetizadora. Esse colégio aqui era muito tradicional, hoje não existe mais. Aqui em Prudente, depois se transformou em colégio de iniciativa privada. E tinha curso técnico comercial. Ela atuou logo no começo, na alfabetização dos filhos de japoneses.

Bem, depois da Cachoeira Grande, ela veio para a cidade e trabalhou todo o tempo no Grupo Escolar Professor Adolfo Arruda Melo, onde ela se aposentou. Ela exerceu por mais de 30 anos o magistério. E a maior parte do tempo ela esteve na terceira série do ensino primário, que ela alfabetizou no colégio São Paulo.

E no Adolfo Arruda Melo, mais com a terceira série. Quando entrava, então as decimais, é interessante para você, que está mexendo com educação matemática.

P: Ah, isso eu vou querer aprender.

R: Isso eu vou mostrar para você. As decimais, tudo isso. Que ela gostava muito de lecionar.

Agora, num período de 1959-1962, Em 59, a minha tia, a Alayde, ela sofreu um acidente e faleceu. E a minha mãe ficou muito abalada e quis ficar perto da família dela em Botucatu. Então nós mudamos para Botucatu. E aí eu estudei em escola normal de Botucatu. Eu quis estudar na mesma escola da mãe e da tia. Eu estudei lá. Então, nesse período de 59 a 62, que nós residimos em Botucatu, a minha mãe trabalhou no ensino industrial. Ela ficou comissionada no ensino industrial. Então deixa me recordar então o que ela falava, por exemplo, do ensino

industrial ela se referia a muito à parte de arte culinária, de economia doméstica, de desenho industrial. Então ela dizia dos pratos, de como eram ensinados. Tinha a parte de corte e costura, ela estava comissionada e trabalhava no que a gente poderia dizer, uma espécie de uma 5ª série, uma admissão, que antigamente era admissão ao ginásio, uma transição entre o primário e o ginásio.

Aí no ensino industrial ela apreciava muito o professor de educação física, minha mãe sempre valorizou a educação física.

Ela dizia da importância da educação física. Então ela falava muito dessa pessoa da educação física, interessante, porque ela descrevia a professora distinta, toda de branco, sabe? Sempre as roupas muito engomadas e etc. e tal, mas vestida de branco. E ela acompanhava as aulas, observava as aulas. E ela achava importantíssimo que as crianças, que os estudantes tivessem aula de educação física, para ajudar a desenvolver toda a nossa coordenação motora, mas também cognitiva e acalmava as crianças. Ela achava que acalmava, que as crianças ficavam mais tranquilas, mais alegres fazendo... educação física. Na década de 60, teve aquele movimento da coordenadoria de aperfeiçoamento do pessoal de ensino que chamava CADES, Coordenadoria de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Pessoal do Ensino Secundário. Ela se interessou em fazer o curso, mas fez na área de português, o curso, sabe? Que na cidade acontecia, vieram professores de São Paulo, do Rio de Janeiro...

Bom, o pensamento pedagógico dela era interessante, por exemplo, a inventar a sua linha de pesquisa. Ela achava que a tabuada devia ser exercitada, fazia os exercícios de memorização, mas ela achava que o aluno deveria ter aula lá desde uma tabelinha com as tabuadas. E quando ele não lembrava, ele deveria ir ali consultar a tabelinha, ela achava que isso ajudava a memorizar. E foi tão interessante que tem uma parte cômica da história, que depois, quando ela já estava mais idosa, ela estava passeando em Botucatu, e a filha de uma prima minha tinha uma provinha, e a minha prima falou "Tia, o que é que a senhora está fazendo?", "ah, estou escrevendo algumas coisas aqui, para ela lembrar" "Ai meu Deus, não, você não pode", "são só lembretinhos", "não, isso não é lembrete, isso é cola, agora não pode, né", então ela achava um absurdo não poder a pessoa consultar a tabuada. Então ela achava que com o exercício, com o observar, ia... a pessoa ia memorizando, naturalmente. Outro aspecto interessante que ela valorizava muito no magistério eram os cartazes, era o recurso visual, áudio não porque não tinha até

então, né, era recurso visual. Tipo os cartazes. Como ela tinha um irmão que era gráfico, ela mandava os desenhos, né, a idéia também dos desenhos, que ele desenhava bem, e ele imprimia, ele fazia os cartazes para ela. Então ela sempre tinha coleção de cartazes.

P: Não sobrou nenhum cartaz desses?

R: Não. Não sobrou.

P: Que pena.

R: Que pena, não sobrou. Tanto é que eu me lembro de um fato assim, interessante, quando eu era normalista, tinha Caminho Suave, e junto com a Caminho Suave, vinha uma coleção de cartazes, cartazes da Caminho Suave. Isso talvez a gente consiga recuperar. E ela ficou encantada com os cartazes, porque já eram coloridos e tudo mais. O método era assim, a silabação o método da alfabetização era... era a silabação, né. Tipo assim, da cartilha Sodré. A pata nada, pata PA nada na.

Então, agora ela achava assim, que chegou da escola, outra coisa interessante, que hoje a gente fala muito para os alunos, principalmente em relação a minha neta, eu sempre falo. Chegou da escola? Descansa. Vê o que o professor deu, dá uma registrada naquilo que já emenda alguma coisa para memorizar, para solidificar o conhecimento. Então ela falava muito nisso, ela falava “olha, voltou da escola? Descansa. Depois pega a lição, já faz a lição desse dia para aprender mesmo, ficar retido o que aprendeu”. Então esse tipo de exercício ela recomendava muito depois da aula, verificar que tinha sido dado naquele dia, né.

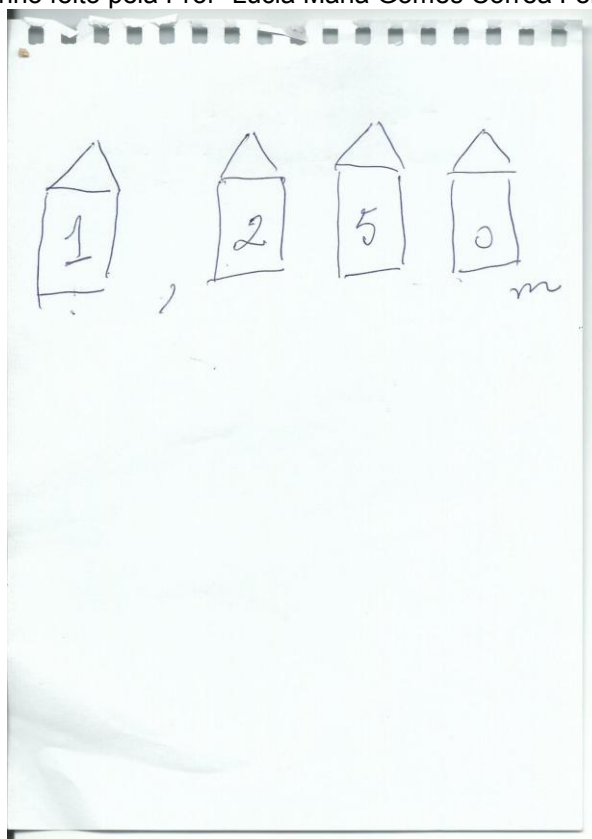
E também era assim, a minha casa era cheia de crianças, porque aqueles alunos que tinham dificuldade para fazer a lição, ela convidava para vir em casa depois do almoço, descansados e vir depois do almoço, para fazerem a lição com ela. Então ali era uma copa muito grande, então sentava ali todo mundo para fazer a lição com ela, né... e a Delegacia de Ensino, a forma de promoção, não sei que curso você teve, mas a forma de promoção era assim, sabe, Sonia? A provinha final do ano era feita na delegacia, os professores não faziam as provas, muito menos o diretor participava. Sabe? E aquelas professoras, pela porcentagem de aprovação, elas eram classificadas para a escolha da classe para o ano seguinte, do ano seguinte. Então ela era muito bem classificada e sempre ela queria ficar com o 3º ano, com a 3ª série. Então nós tínhamos um compromisso muito grande, que a aprovação delas fosse grande, para que os alunos fossem aprovados.

Elas ficavam, assim, em cima, para todo mundo, o aluno fraco se recuperava, e vinha essa prova da delegacia de ensino e aí tinha essa classificação. Inclusive até classificação de escolha física de qual classe eu vou ficar, que o prédio tinha dois andares, qual andar eu vou, a partir dessa classificação obtida na aprovação dos alunos. Agora eu lembro muito, mas acho que eu não lembro do Cachoeira Grande, eu lembro do Adolfo Arruda Melo, que eu estudei ali, as professoras eram muito amigas, as professoras. Até eu trouxe o livro de receitas, tem receitas, na hora do intervalo elas trocavam receitas e elas organizavam as festas cívicas, na hora do recreio, discutiam como ia ser a festa cívica, as comemorações da escola. Ali elas trocavam idéias, porque não tinha hora pedagógica, não tinha nada disso. Era naquele momento que elas se tratavam como irmãs. Ao longo da vida, quando uma morria, quando ela perdia uma das ex-colegas, elas sentiam como se estivessem alguém da família. Então quer dizer, elas realmente formaram um grupinho muito coeso. Muito coeso. Quando fiz a minha Livre Docência, eu chamei a atenção para isso, porque eu fiz uma análise de comparação de controle em escola que foi no Adolfo Arruda Melo e um hospital que foi a Santa Casa. Então o grupo médico teve um tempo, uma ética manifesta através do Código de Ética médica, etc. e tal. O professorado, os docentes não tem esse código explícito. Ele é internalizado. As regras de conduta estão internalizadas, elas não estão manifestas como são as regras do exercício médico, da profissão. De um lado, é interessante, mas de outro lado o docente sofre muito mais a pressão burocrática do que o outro grupo que tem uma ética explícita num código. Bem, então é assim que eu me lembro bem das coisas dela.

Agora, o ensino das decimais, ela andava muito com a "vírgula".

Bom, então vamos supor que isso aqui fosse um metro, não é? E vamos supor, 25 centímetros. O que é que ela fazia? Ela dava um número e as crianças se organizavam ou escreviam e aí ela mudava para... vamos supor, 12 metros, os decâmetros, porque também tinha a casinha para o lado de cá. Então essa "vírgula", dançava da frente para trás. E as crianças brincavam com isto, sabe? Brincavam com esse... era feito numa cartolina e elas brincavam com essa... com essa dança dos números, a dança da "vírgula". Então era bastante interessante porque é difícil da pessoa errar, e a memorização ficava.

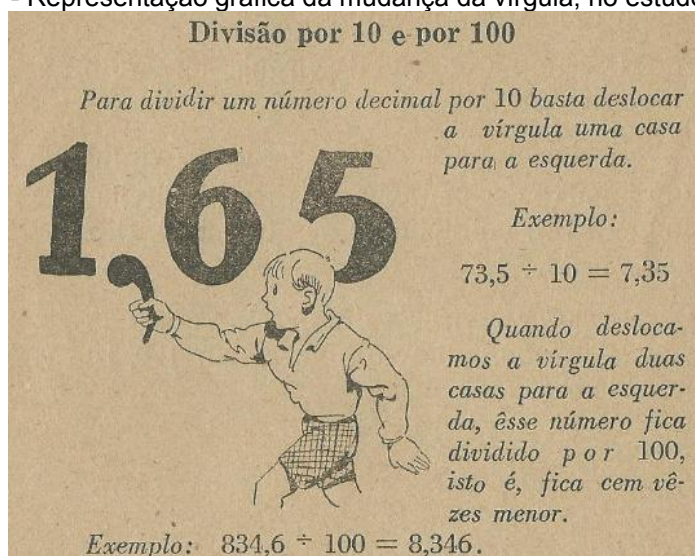
Ilustração 50 - Desenho feito pela Prof^a Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri durante a entrevista



Fonte: Acervo da autora

R: Era uma casinha, na casinha ficava o número. Então isso aqui eu acho que teve uma importância muito grande na concretização, no concreto, de transformar numa coisa concreta.

Ilustração 51 - Representação gráfica da mudança da vírgula, no estudo dos decimais



Fonte: Mello e Souza - *Tudo é Fácil* p. 168

Ela enfatizava muito o exercício, ela dizia que para aprender a matemática e tal, tem de fazer os exercícios, exercitar os probleminhas, resolver os probleminhas, enfim ela dizia que ninguém aprendia matemática só na aula, que tinha que fazer exercícios. E ela cuidava muito disso, para que tivesse tarefas, exercícios, que eles fossem corrigidos. Que visse onde errou. Agora eu lembrei de uma coisa importantíssima, Sonia. Ela falava que quem fazia os livros e que iriam, quem fazia o número pequenininho, que ela chamava mosquitinho, a tendência era errar. Que a matemática, a aritmética, para ser feito um bom exercício, um exercício bem feito, os números tinham que ter tamanho. Que não podia ser aquela “cosinha” ali e eu falei isso muito para a minha filha “a tua avó falou tanto, que não pode, mosquitinho”. E a minha filha tinha aquela letra mosquitinho. E ela dizia muito isso, ordem. Ela dizia que o caderno bagunçado, o exercício bagunçado, a pessoa errava na conta, que a conta tinha que estar muito dentro, para a pessoa não errar a conta. Então essas coisas ela enfatizava muito, na letra e na ordem do caderno.

P: É importante. E eu me lembrei de uma coisa agora. A sua mãe dava aula de reforço em casa?

R: Em casa.

P: E quando ela estava no sítio, ela também dava aula de reforço. Ou na sala da casa do meu avô, João, ou na casa do meu tio-avô, o tio Orestes.

R: Olha só.

P: Então o meu tio falou que ela ficava um tempo fora do período de aula, na casa de um ou na casa de outro.

R: Ensinando?

P: Ensinando. Então ela já vinha fazendo isso desde que iniciou a carreira...

R: Assim, durante a minha infância e tudo, ela sempre gostava de olhar os meus cadernos e diz “olha, precisa de ordem, muita ordem no caderno. Se não tiver ordem, não é.” e prestar muita atenção, né, ela falava “quem não presta atenção erra na conta.” Tem que prestar muita atenção... e conferir. Conferir. Valorizava muito aquela prova dos nove. “Faça sempre a prova dos nove para ver se a conta está certa”, sabe? Então valorizava muito essa técnica da prova dos nove.

Eu me lembro uma vez, nós passeando. E o colégio que eu estudava era um colégio de freiras, era das freiras daqui e nós tínhamos que decorar a tabuada do 12, as freiras faziam decorar até a tabuada do 12. E eu estava assim, e ela queria que eu brincasse, eu estava lá e ela falava, porque as freiras não deixavam usar –

lógico – a tabela, nada disso, tinha que saber mesmo. Aí eu me lembrava “não precisa de ficar assim nervosa. Vai brincar, é só você pegar o um e multiplicar: Doze vezes dois, dois vezes dois quatro, dois vezes um dois, vinte e quatro. Ou então você soma duas vezes o doze, ou você soma três vezes o doze, dá doze vezes três. Faz com calma, que você não erra”. Então eu lembro que eu fui brincar, eu fiquei toda feliz.

Porque tinha facilidade de resolver a questão da tabuada do doze. Uma coisa que me marcou foi essa bendita dessa tabuada do doze, que até hoje eu lembro dela. E foi uma pessoa assim, que se dedicou bastante ao ensino das... decimais, das frações, também as ordinárias, e enfim... ela procurava concretizar, deixar o mais próximo possível para o aluno, concreto, para que o aluno entendesse.

Ela se dedicou mesmo, de corpo e alma a tudo. Se referia à educação com uma dedicação muito grande mesmo. Tinha princípios filosóficos de educação, éticos, essa questão da atuação cívica, não é? Então isso eu acho que valeu muito para todo o período de exercício docente dela.

Agora, a Alayde. A Alayde, o que eu tenho para falar para você é o seguinte. Depois da Cachoeira Grande, ela veio para Prudente e ela ficou na parte administrativa. Ela ficou na delegacia de ensino como secretária da delegacia de ensino. Agora eu não sei se ela acumulou, o que é que foi, que ela foi ser diretora do Grupo Escolar Coronel José Soares Martins. Quando ela faleceu ela exercia o cargo de diretora do Grupo Escola Coronel José Soares Marcondes. Eu acho que ela é uma das primeiras diretoras lá.

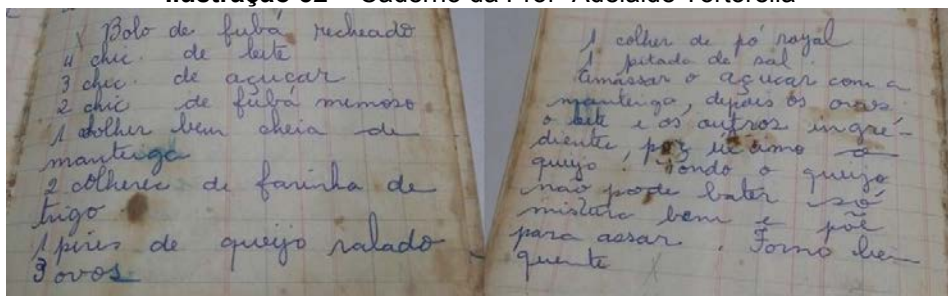
Eu trouxe para mostrar, para você ver. (mostra um caderninho) Que é de receitinhas, essa aqui é letra da minha mãe.

Eram receitas trocadas na hora do recreio?

Quando eu casei, ela deu esse caderninho para mim.

Então essa daqui, que eu quero te dizer, que tem esse bolo. Bolo de fubá cremoso. Você já ouviu falar de um bolo de fubá que você assa e aí ele fica com a parte do meio um creme? Esse bolo tem o nome de “bolo Adhemar de Barros” aqui, porque toda a vez que o Adhemar de Barros vinha aqui em Prudente, ele perguntava “cadê o bolo?”.

Ilustração 52 - Caderno da Profª Adelaide Tortorella



Fonte: Acervo da Profª Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri

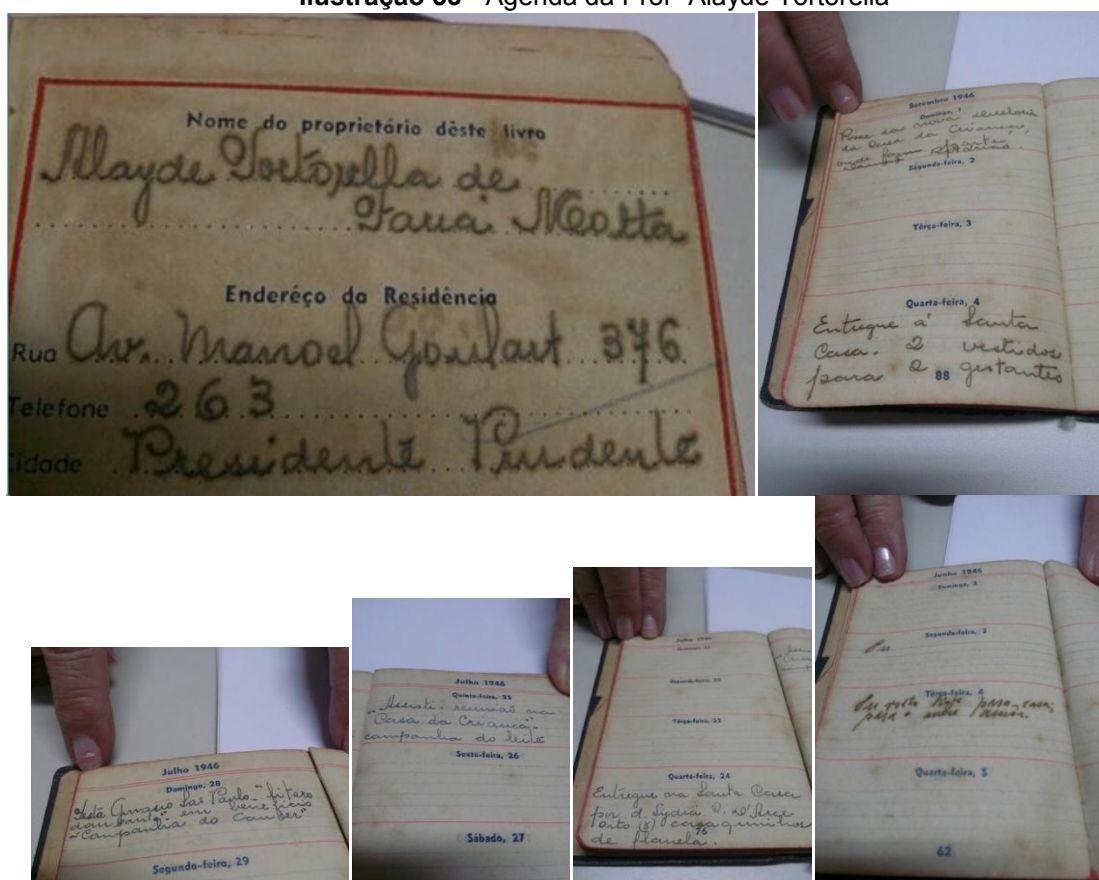
Pronto. Então o que é que aconteceu? A tia Alayde veio então para a delegacia de ensino. Ficou muitos anos e depois diretora do Grupo Escolar Coronel José Soares Marcondes, acho que foi a primeira diretora do Grupo Escolar Coronel José Soares Marcondes. Ela estava na delegacia de ensino, muitos anos. Agora o perfil da minha tia Alayde era o seguinte. Ela gostava desse envolvimento com a parte de assistência social, que ela era rotariana e fazia doações para gestantes, certo? Essa agenda de 46, Natal, onde elas iriam distribuir as coisas, Santa Casa, Casa da criança, cadeia, Abrigo Vicentino... então ela sempre estava nessas campanhas de assistência. Ela se dedicou muito a essa... agora olha, só que ela está toda rabiscada, porque eu acho que ela não queria mais e deu para mim. Então eu era criança, eu rabisquei muito essa agenda. Mas a outra que eu falei para você, que é a letra daquele quadro que deveria ser dela, olhe uma coisa. “Que linda letra”. É um bordado, por isso que eu falei para você, aquilo que está escrito “escola mixta”, é quase certeza que foi ela, naquela fotografia que você me mandou. Olha para você ver.

Ela valorizava muito a caligrafia, gostava das letras góticas, entendeu?

P: Aqui, a escola da Cachoeira Grande (mostrando a fotografia).

R: Olha, veja se essas letras, se não parecem ser dela.

Ilustração 53 - Agenda da Profª Alayde Tortorella



Fonte: Acervo da Profª Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri

Ela está dizendo “posse da nova diretoria da Casa da Criança”... E aqui elas estão entregando roupas na Santa Casa.

Isso aqui vai até o falecimento dela, sempre participando das conferências. Ela deixou... ela não teve filhos. Sempre muito atuante na parte social.

Ela era casada com Valdemar de Faria Motta. Aqui na agenda tem um dado que até eu desconhecia. Aqui tem uma anotação do Faria Motta, que era o meu tio, Faria Motta, interessante, que deve ter havido algum rompimento, alguma coisa, algum problema, sabe? E ele escreveu isso na agenda dela. É letra dele.

P: “Eu volto hoje para casa para o meu amor”.

R: Emocionante, não é? Deve ter tido algum problema, porque ele era boêmio. Infelizmente ela faleceu de uma batida que ele deu num poste, porque eles saíram numa festa do clube e ele tinha se excedido na bebida, e ele dirigindo, ele perdeu a direção ali do lado do Cristo Rei, do lado da Coronel Marcondes, e fraturou o esterno, que naquele tempo não tinha cinto de segurança. E ela ficou em casa. Olha, e teve uma hemorragia e faleceu.

R: Elas valorizavam também era o resumo, sabe? Fazer resumo. Então, no estudo da história e geografia, resumir, fazia os resumos do ponto dado, resumir. Então quando eu terminei o ginásio que ia prestar vestibular para o curso normal, que existia o vestibular para o curso normal, a entrada não era direto, fazia o vestibular. Ela organizou todos os resumos de história, dos pontos de história. E esse caderno depois, da minha mãe Adelaide, depois esse caderno passou por muitas turmas.

Eu era diretora em Martinópolis e vim escolher o Alayde. Eu escolhi essa escola. Mas aí eu prestei concurso na UNESP e passei no concurso e tive que me exonerar. Então eu permutei com a Selma.

A Selma veio para o Alayde, eu fui para a escola da Selma e eu me exonerei.

Então a Selma foi diretora. E uma vez a Selma me convidou para falar sobre a minha tia. E eu fui na escola e conversei.

Na saída da Unioeste, ganhei uma carona com a Prof^a Lucia e, durante o trajeto, ela falou sobre o seu avô, Pedro Tortorella, que ele fabricava artesanalmente, botas de couro, tipo de fazer sapato mesmo, fabricar o sapato, a bota, especializado em bota. E um dos clientes dele você não imagina quem foi? Vital Brasil. Então o meu avô e o Vital Brasil descobriu o soro antiofídico lá em Botucatu. Tem lá uma placa escrita “aqui Vital Brasil descobriu o soro antiofídico”. Então quem fazia as botas do Vital Brasil era o meu avô. E meu avô era uma pessoa muito sensível, pessoa muito interessante, maçom.

E aí ele se correspondeu com Vital Brasil, e esse material, o meu avô doou para a Faculdade de Medicina, para o Centro Acadêmico lá, que é Vital Brasil, da UNESP. E mais tarde ele recebeu uma comenda do Governo do Estado. Mas aí ele já tinha falecido e quem foi receber a comenda foi o meu tio Alfredo, na Assembleia Legislativa. Sabe? Eles conversavam muito, o Vital Brasil com o meu avô. Meu avô trocou correspondência com o Vital Brasil e eles conviveram ali em Botucatu.

A Professora Lúcia, depois de nosso primeiro contato, elaborou um texto sobre as memórias dos tempos de sua mãe e sua tia:

Memória Pedagógica de Presidente Prudente

Lúcia Maria Gomes Corrêa Ferri

Há muitas motivações para rever a memória. Uma delas é o saudosismo, a busca do passado para vivenciar emoções, afeto. Outra é analisá-la, discutí-la para extrair o legado que ela pode nos oferecer para entendimento dos fatos e ações acontecidos. Então propriamente iremos revisitá-la.

Viajando no tempo, chegando à década 1930 e aportando na estação da Estrada de Ferro Sorocabana, vamos nos encontrar com as professoras normalistas recém-empossadas em seus cargos, desembarcando de luvas, após 24 horas de viagem de trem de São Paulo à Presidente Prudente (sem atraso). Eram formadas pelas Escolas Normais de Botucatu, Piracicaba, São Paulo, cheias de ideais “escolanovistas” que buscavam construir a educação e o ensino nos últimos ditames daquela pedagogia. O que encontraram aqui foram as escolas mistas, ou melhor, classes de alunos nas quais estavam misturadas as séries da escolaridade, funcionando em precárias instalações de madeira, geralmente regidas por leigas.

O lema delas, no entanto, era “construir para transformar”. O texto do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, afirmava os princípios basilares da educação, que deveria ser obrigatória, laica e pública, ainda, sublinhava a democracia, a necessidade de investimentos do Estado para educação. A escola nova entendia que a educação é a socialização da criança e politicamente pretendia-se a paz pela escola. O aluno é ser em desenvolvimento que deve aprender com liberdade e em atividade.

Os professores incorporavam ao seu comportamento didático-pedagógico a luta política pelos ideais que defendiam. Assim, em Presidente Prudente, durante toda sua trajetória educacional, os docentes estiveram envolvidos com a comunidade para construção de escolas, para atendimento social e melhorias urbanas, como a da Praça da Bandeira, na campanha de doações para Santa Casa de Misericórdia, como na Revolução de 32, recebendo treinamentos de socorristas.

A sequência didática para ação docente ia da preparação organização, apresentação à observação, assimilação, associação, fixação e verificação, no processo de aprendizagem. A escolha de séries era determinada pelo índice de aprovações do docente no final do ano, sendo que a prova final para alunos era aplicada pela Delegacia de Ensino, desconhecida dos docentes e do próprio Diretor da Escola – que não participava de sua elaboração.

Da encenação das decimais, onde cada aluno com cartolina na mão representava uma casa decimal, outro a vírgula, o professor escrevia o número no quadro negro e o grupo arrumava-se para apresentá-lo, ao semanário docente obrigatório, registro semanal das atividades didáticas, com visto do Diretor - o ambiente escolar era de trabalho, competência e ética. Assim, as colegas ajudavam-se na elaboração do semanário, outras providenciavam os recursos didáticos, cartazes com desenhos, outras se dedicavam ao reforço de alunos, após o horário escolar, em suas casas. Não faltava na hora do recreio trocas de deliciosas receitas culinárias e ensaios das festas cívicas. De vez em quando havia um susto, quando, por exemplo, um novo diretor anunciou que o “ponto” deveria ser assinado quinze minutos antes do horário das aulas, senão os nomes seriam “carminados” (escritos em vermelho), o que era visto com indignação.

Mas, o que essa revisitação nos traz, para educação hoje, é que devemos de ter princípios filosóficos e pedagógicos eleitos para nossa ação e na condução do ensino e aprendizagem, e não esquecer que nossa atuação política e ética deve construir a cidadania participativa, para o exercício de uma democracia plena.

2.2.4.2 Entrevista com uma Professora Rural: Professora Antonia Salas Martim

Ilustração 54 - Professora Antonia Salas Martim



Fonte: Foto da parede de sua residência, Vila Marcondes – Presidente Prudente, em 30/03/2014.

P.: A senhora conheceu a Escola da Cachoeira Grande? E suas professoras?

R.:Conheci a dona Noemia. A dona Noemia morava aqui perto. Então ela punha um saião bem grande, também ia a cavalo, lecionava na escolinha. Era bonita, uma excelente professora. E depois, que ela parou, veio dona Alayde. Era moreninha, miudinha, ela vinha e se vestia na minha casa. Punha um saião bem grande porque vinha a cavalo e ia a cavalo para a tua escolinha (Cachoeira Grande), lá.

P: E a cavalo, ela ia de calça? Ou com esse saião?

Antonia: Não, não existia calça comprida para mulher ainda, não.

P: Era saião, mesmo?

R: Era saiona, mesmo. Era só saia grande.

P: Então, a primeira foi a Noemia? Eu achava que a primeira tinha sido a Alayde.

R: Eu não tenho certeza, pode ter sido a Alayde. Eu não lembro que eu era muito criança, né. É, pode ter sido a Alayde, sim. Mas eu era muito criança, e nunca estudei lá. Sabe por que é que eu nunca estudei lá? Porque era assim: o sítio da vovó era um sítio bem grande onde morava o tio João, tio Orestes, depois o tio Ginez comprou lá perto, o tio Diogo comprou lá perto e nós compramos do lado de cá da floresta. Quer dizer, tinha uma floresta para atravessar para ir lá. Então a

minha mãe não deixou a gente estudar lá. Ela falou para ir lá, no sítio, tem que atravessar a floresta, e ela não deixava, porque tinha tudo: tinha bicho, tinha homens, peões para lá e para cá, era perigoso. Então a gente veio para a cidade, para poder estudar. Aí ficamos com a casa da roça e a casa da cidade. A gente tocava a roça desde aqui, e foi assim.

P: Então, a minha mãe fala que a escola foi construída perto da casa dela.

R: Era bem perto, era tudo bem pertinho. Que lugar, que paraíso que se morava, viu. A gente morava no paraíso e não dava valor, viu.

Então, como é que chamava, a escola? Não me lembro do nome não.

P: Era Escola da Cachoeira Grande.

R: Isso... era Escola Mista Estadual da Cachoeira Grande... Uma escola rural.

Eu sou catedrática nisso, viu? Olha, eu lecionei no sítio da nossa tia Ana. A tia Ana era irmã do meu pai. Eu, quando me formei professora, peguei o livro de chamada e me mandei lá para o sítio da tia Ana.

P: Aqui em Prudente?

R: Chamava Escola Mista do Bairro do Córrego Seco.

P: E uma era Cachoeira Grande e o outro era Córrego Seco?

R: O córrego era seco... e eu ia a cavalo. Eu subia na Quintino Bocaiúva mesmo, lá adiante, no armazém, o homem guardava o cavalo lá. E aí eu pegava o cavalo e ó! 13 quilômetros no cavalo. Mas só que eu não ia todo dia, eu morava com a tia Ana. Eu só vinha sábado, eu vinha para casa, segunda-feira eu ia para escola. E fiquei lecionando lá um tempo até que... como a gente recém-formada, era substituta, eu não era efetiva. E veio uma efetiva e tomou o lugar. E ela não gostou do lugar, então ficou uns meses e foi embora. Quer dizer, eu perdi o meu lugar e ela também não ficou. Mas lá morando com a tia Ana, eu adorava aquilo lá. 'Nossa!' eu gostava muito.

P: E onde foi que o seu curso de Escola Normal?

R: Foi aqui mesmo, em Prudente.

P: Então foi a da primeira turma, a sua? Uma das primeiras?

R: Eu sou terceira turma. Uma belíssima escola viu. O que a gente aprendeu lá, eu faço uso até hoje. A gente começa, faz estágio na roça. Então nós aprendemos tudo sobre verminose, tudo sobre ofidismo – ofidismo é picadura de cobra – nós conhecemos todas as cobras. Nós sabemos tudo sobre tuberculose, tudo sobre todas as doenças contagiosas. Sem contar que a gente começava a

aula em fevereiro e em maio a criançada já estava lendo. Nós sabíamos alfabetizar como ninguém. A minha escola normal foi muito boa, muito boa mesmo.

P: Qual foi o seu ano de conclusão? O ano em que a senhora se formou?

R: Eu me formei em 50. Eu comecei o ginásio em 44.

P: Aqui também?

R: Aqui. Ginásio estadual de... ginásio do estado que chamava, eu estudei, porque escola paga, não dava para pagar, não. Então era ginásio do estado. Era também a terceira turma do ginásio. Eu fiz a primeira série, a segunda série, a terceira série e a quarta série. E naquele ano tinha caído a quinta série. Então a quinta série chamava pré-normal, e aí a gente fazia o pré-normal, primeiro normal, segundo normal e terceiro. Na época, tinha três anos de normal. Mas aprendia-se mais do que na faculdade de agora. Era muito forte o estudo, estudava-se para valer. Para fazer esse ginásio do estado, eu estudei muito, passei noites em cima dos livros. Era assim: hoje tinha prova de matemática, por exemplo, amanhã tinha de latim, que era tão difícil, quanto a matemática. E depois do latim vinha o português que era mais difícil ainda que o latim. Uma loucura o que se estudava, Sonia, era uma loucura. Você passava noites em cima dos livros. Estudávamos muito. E foi muito bom. Agora, a turma que estudou lá na escolinha rural que você está interessada, as crianças que saiam de lá, tua mãe que conte, olha, era letra bonita, pedagógica, redondinha, muito bem alfabetizados, muito bons na matemática. Eles vinham aqui, entravam no ginásio sem trabalho nenhum. O Honório era um deles, o nosso primo médico era um deles, maravilha. Muito boa essa escola, tinha excelentes professores.

P: E a sua história, na escola rural?

R: Então, eu fui para a casa da tia Ana, que também tinha escola rural. Era no sítio da tia Ana e tinha a escolinha, e eu morava lá com a tia Ana. Morei e lecionei lá quase um ano, mas eu tinha que ir na segunda-feira a cavalo, e voltar no sábado a cavalo. Não tinha condução nenhuma, não passava um ônibus naquela estrada. Depois, quando eu estava no fim da estadia lá, começou a passar o ônibus. Mas ele vinha de manhã para a cidade e voltava de tarde, quer dizer, para a professora não servia, porque o professor, ele teria que ir de manhã e voltar de tarde. O negócio era andar a cavalo, mesmo. Interessante, Sonia, que existe uma coisa que eu não sei explicar, porque nós morávamos todos na roça, né. Era minha irmã Luísa, que é mais velha, vai fazer 90 anos, a minha irmã Tomázia e eu e depois o Zé que era

bebezinho, o meu irmão José. As outras duas não chegavam perto de um cavalo. Eu, com cinco anos já andava a cavalo. O meu pai esquecia o cavalo arriado, lá, preso na cerca e eu desamarrava, e ó! lá para a roça a cavalo e troque-troque-troque, andava a cavalo, que era uma beleza. Eu vim para a cidade com seis anos, mas nesse tempo eu tinha cinco. Uma vez o meu pai deixou o cavalo amarrado sem o arreio. Pois eu fui no cavalo em pelo e sem arreio e subi, subi, subi, e eu fui até na roça. Mas na hora de voltar, como ele estava sem arreio, eu não conseguia dirigir o cavalo. O danado passou debaixo do varal da roupa, e aí ele me derrubou. E eu caí pelos pés do cavalo, a sorte é que ele era mansinho, ele não me deu coice. Mas olha, eu era arteira, uma menina arteira. E depois, depois de moça, no dia que eles perguntaram “Quem é capaz de andar a cavalo para ir lecionar no Córrego Seco?” E aí eu peguei a escola. Quer dizer, o fato de ter andado a cavalo me ajudou naquele tempo. Fui a única que levantou a mão. Eu precisava do dinheiro, eu precisava trabalhar. E fui para lá, e foi muito bom. Foi ótimo. Eu era recém-formada. Eu me formei em dezembro, dia 19 de dezembro recebi diploma, dia 10 de fevereiro estava na escola.

E era na casa da tia Ana. Era assim, era tia Ana, tia Rafaela, tia Luísa, tinha o Cristóvão, tinha Antônio, tinha Ginez, o Ginez morreu, judiação, você não faz ideia que tristeza na vida, eu, eu chorei muito a morte do Ginez, porque ele foi passar agrotóxico na agricultura e o vento veio contra ele, e ele se intoxicou, e não teve cura. O rapaz morreu com 23 anos, era noivo e não chegou a casar. Nós sofremos muito. E foi assim...

Mas era... era muito gostoso, era uma casa grande de madeira, tinha seis dormitórios, uma casa bem grande, né. E uma varanda. E de noite a gente sentava naquela varanda com os peões, conversar e contar coisas. Eles tinham sempre muita coisa para contar, viu? Era gostoso, aquilo. Eu gostava muito. Era o tio Antônio, o primo Antônio, o primo Cristóvão e a tia Ana, a gente sentava na varanda para conversar. Era muito gostoso, viu?

Depois eu sai de lá. E eu fui para uma escola municipal, que chamava Escola Mista do Bairro da Saracura. Eu lecionei no bairro da Saracura mais de ano e meio, lecionei lá, né. Depois que na municipal ganhava menos que na estadual, porque eu já tinha pontos, porque eu lecionava de manhã para as crianças e de noite para os adultos, eu tinha 40 alunos adultos, uma maravilhosa, Sonia, como era gostoso trabalhar com aquela gente. Sabe o que é trabalhar com quem quer aprender?

É uma maravilha. Eles prestavam muita atenção, eles eram curiosos, eles perguntavam... Olha, eu comecei dando tabuada... bom, a alfabetização completa, né. Comecei dando tabuada, depois passei para contas de multiplicação por dois números, multiplicação por três números, multiplicação de decimal com 'vírgula', juros, porcentagem, raiz quadrada, tudo eu dei para aqueles alunos, tudo. Tanto que eles queriam aprender, viu? Eram um amor.

E eles queriam muito matemática, é. E eu dava muito problema de arrobas de algodão, comprou, vendeu tantas arrobas de algodão a tanto, e quanto dinheiro era a cinco por cento de juros e não sei o quê, tudo isso eu dava. Tudo. Ah, eles saíram sabendo matemática para o resto da vida. E alfabetizados.

P: E isso, para os pequenos, também?

R: E isso... como?

P: Essa matemática, para os alunos, tanto os adultos como os pequenos, as crianças?

R: Ah, primeiro foram as crianças - aprendiam a somar, soma, divisão, multiplicação, tabuada, né, que é do nove, do dez, e eu ensinava metro quadrado, metro cúbico. Quer dizer, eles saíam de lá e podiam construir uma casa, que eles sabiam fazer os metros cúbicos, tudo, eles sabiam direitinho, eles saíam de lá preparados, viu. E foi muito gostoso aquilo, eu lecionei cinco anos na zona rural, foi um ano na tia Ana, depois um ano e meio no Bairro da Saracura, e depois três anos no bairro do Córrego Azul. Tinha um córrego azul, também, que era um córrego bem azul, mas era bacana, viu? E era assim - eu ia de ônibus, descia em um determinado lugar, andava um quilometro a pé para chegar na escolinha.

P: Tudo aqui? Em Prudente?

R: Não, essa é no município de Regente Feijó.

P: Regente Feijó? Essa do Córrego Azul?

R: A do Saracura era no município de Regente Feijó e a do Córrego Azul também era no município de Regente Feijó.

P: Então, aqui em Prudente foi o Córrego Seco?

R: Córrego Seco e aqui, em Prudente, foi só.

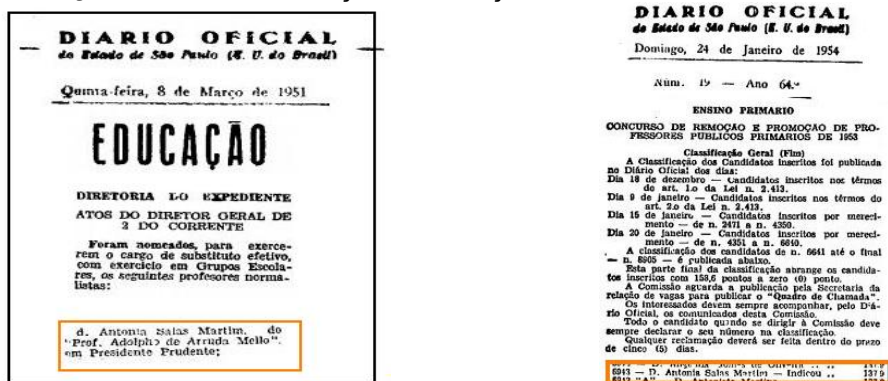
As minhas irmãs estudavam num grupo, todo mundo, uma escola enorme, mas era feita de madeira, e muito, muito antiga, muito, muito velho, que era o primeiro grupo escolar de Presidente Prudente. Elas estudavam lá. E depois construíram o grupão, aí elas foram para o Grupo Adolfo de Arruda Melo foi depois.

E quando eu acabei de fazer o terceiro ano aqui na escolinha municipal de Vila Marcondes, eu estudava na escolinha municipal de Vila Marcondes, eu fiz até o terceiro ano aqui. O quarto foi lá no grupão. Eu não consegui vaga no começo do ano. Então eu fui para uma escola religiosa, uma escola adventista, e estudei do começo do ano até mais ou menos o mês de maio nessa escola adventista. Então. E aí eu fui para o grupão também para completar, eu fui para o grupão. Depois prestei o exame de admissão, que era pior do que um vestibular. E aí eu fiz o ginásio, ano por ano, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano, repeti um ano por causa do latim. Latim era muito difícil. E depois passei para o normal. Normal foi uma maravilhosa, sempre tive as notas ótimas. Depois que terminei o normal já fui trabalhar, acabei o normal, peguei o livro de chamadas e já fui trabalhar. Trabalhei, quer ver? Trabalhei 16 anos. E depois de 16 anos de serviço, eu fui fazer a faculdade, em 78, mais ou menos que eu consegui fazer a faculdade, daí eu fiz pedagogia. Então, foi bom, foi ótimo que eu cheguei a ser diretora. Um dia chegaram lá e a minha diretora tinha sido recolhida para trabalhar na Delegacia de Ensino. E aí eles perguntaram, na reunião de professores, “alguém tem pedagogia aqui?” e a única que tinha era eu.

P: Era a única que andava a cavalo e a única que tinha pedagogia.

R: É, eu era “para frentex”, viu? E eu fui nomeada diretora. E fiquei 20 meses sendo diretora. Aí depois me puseram entre a cruz e a espada. “Ou presta concurso ou volta para sala de aula”. Para prestar concurso, eu estava com toda a minha criançada pequena (filhos). Para prestar concurso, eu ia começar lá na roça de novo. E eu, com os meus filhos adolescentes, começar de novo na roça? Meu Deus do céu... Falei: “volto para a sala de aula”. E voltei... E fiquei lá até aposentar.

Ilustrações 55 e 56 - Nomeação e Promoção da Profª Antonia Salas Martim



Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 08/03/1951 e 24/01/1954

2.2.4.3. Entrevista com ex alunos da escola Mixta da Cachoeira Grande

Honório Parizi

Entrevista feita por telefone, em 27/02/2014. O entrevistado mora em Fernando Prestes.

Um dos alunos da Professora Adelaide Tortorella foi Honório Parizi²⁴, que terminou o primário também na Escola Particular Adventista “Príncipe da Paz” e entrou para o Ginásio de Presidente Prudente. Ele se lembra da Profª Adelaide como uma professora muito competente e também muito severa. Se o aluno faltasse por estar doente, tinha que mandar recado. Naquele tempo, os alunos eram muito “chucros”. Hoje, o pessoal da roça é meio alfabetizado socialmente falando. Mas naquele tempo, caipira era caipira mesmo. Recordou-se das primeiras vezes que foi à cidade: A 1ª foi para tomar vacina contra varíola. Foi direto para a fila e da fila para casa. Na 2ª vez que foi à cidade, já tinha 10 anos e foi à casa de uma tia que lá morava. Deixou sua mãe embaraçada quando lhe perguntou: Para que papel para limpar a bunda?

P.: E o que vocês usavam?

R.: Folhas. Folhas de mato. Folha seca, folha verde, palha de milho, sabugo, só não podia ser urtiga; folha de jornal, papel de embrulho de coisas que se compravam na cidade, mas papel especial para isso, jamais pensei que existisse.

Naquela época não havia automóvel. Era carroça com burro e quando chovia, nem com carroça se ia à cidade.

Voltando às professoras: elas eram muito bravas. Pegavam os alunos de beliscão, pela orelha, com o marcador de quadro negro, mostrador de palavras (uma haste comprida, redonda). Você se mexia e levava uma cacetada na cabeça. Batiam com o bastão na cabeça da gente e com a régua nas mãos²⁵. Às vezes, punha ajoelhado no milho, na porta do canto da escola. Tinha aluno que era bravo e enfrentava a professora.

P.: Nossa, é mesmo?

R.: O Colombo, filho do tio Orestes era um dos principais. Ele era levado na marra pelos camaradas para dentro da escola. Tinha cerca de 9 anos e era terrível.

²⁴ Médico, advogado, contador, gerente de alto nível.

²⁵ Sobre a “Palmatória e outros meios aviltantes no ensino da Mocidade” ANEXO C

Para as professoras, era um sacrifício ir dar aula. Às vezes tinha que ir com chuva, a cavalo e às vezes o pessoal ia buscar e depois levar. Elas eram muito esforçadas. Naquele tempo as professoras eram de uma responsabilidade incrível. Elas eram muito esforçadas, mas não davam colher de chá de jeito nenhum.

R.: Eu fiz o 4º ano na cidade, na escola Adventista. Seu Assis foi meu professor e a esposa dele, dona Noemia, também. Ele era o pastor da igreja. O que eu aprendi da Bíblia, foi nesse 4º ano.

Fotografia 21 - Honório Parizi



Fonte: Acervo da família da autora

Eu fui aluno da primeira turma do Colégio que houve em Presidente Prudente. O pessoal que terminava o ginásio ia para Botucatu, Sorocaba ou São Paulo. A gente era da roça e não tinha dinheiro para fazê-lo em outra cidade. Então eu fiz parte da primeira turma. Éramos em dez. Uma, a única mulher, a Léa, se casou com um criador de gado. Dos outros 9, um trabalhava com água potável e a família continua até hoje com a indústria de água. Quanto aos outros 8, ele e mais seus colegas de classe, conseguiram 100% de aprovação no vestibular. Três entraram na Medicina em Sorocaba, dois na Praia Vermelha (RJ)²⁶ – sendo ele um deles - dois

²⁶ A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi criada pelo príncipe regente D. João, por Carta Régia, assinada em 1808, com o nome de Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia e instalada no Hospital Militar do Morro do Castelo.

Em 1856, a Faculdade de Medicina foi transferida para o prédio do Recolhimento das Órfãs, ao lado da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1918, foi inaugurado o seu prédio próprio, na Praia Vermelha.

A Faculdade de Medicina funcionou como escola isolada até 7 de setembro de 1920, quando foi criada, por Decreto, a Universidade do Rio de Janeiro. Em 1937, com a criação da Universidade do Brasil, passou a se chamar Faculdade Nacional de Medicina.

na Faculdade de Direito São Francisco e um na Politécnica. Formaram-se, portanto, 5 médicos, 2 advogados, 1 engenheiro e 1 contador.

Quando estava no 2º ano colegial, ele e mais alguns colegas deram aulas preparatórias para o Madureza, pelo Artigo 91 – o ginásio em um ano. Prepararam 25 alunos. Os professores de Prudente eram contra a lei e por isso eles (alunos) puderam preparar essa turma, mas fazer o exame, só em Jacarezinho, no Paraná. Dos 25, apenas 23 foram, de trem ou de ônibus. E 21 tiraram o diploma do ginásio.

P.: O senhor conhece o lugar onde ficava a escolinha?

R.: Há 5 anos eu fui até lá e o Rio da Água Espalhada, onde a gente pegava até dourado, hoje está seco, seco, seco.

Minha mãe falava: - Pega o teu irmão e vai buscar peixe – e traz agrião. A gente pegava a peneira e ia buscar. No rio, tinha agrião nas beiradas. A gente ia trazendo e ia comendo.

Onde era o rio da Água Espalhada, hoje é um corregozinho de água.

A Cachoeira Grande não era uma cachoeira muito alta. Tinha 1,50 m de altura. A gente entrava embaixo para tomar banho.

Não esquece de falar que beliscão e puxão de orelha era a água tônica. E tem mais: a família era diferente. Se eu chegasse em casa e falasse que a professora me bateu, eu apanhava de novo. Imagina se eu ia falar. A professora podia descarregar que eu não falava não.

Quanto ao prédio, ele foi construído pelo próprio pessoal do sítio.

Outra ex aluna entrevistada foi apresentada pelo vereador Izaque José da Silva, morador do Parque Alvorada, que conhece bem o local e a comunidade. Eu conversei com ele quando estava à procura do local onde se situava a Escola Mista do Bairro da Cachoeira Grande.

Ela me telefonou a pedido dele e contou suas memórias da “escolinha” onde estudou.

Em 1965, a Universidade do Brasil passou a ser denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, em 1973, foi determinada a transferência da Faculdade de Medicina, ainda localizada na Praia Vermelha, para o Campus da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, onde se encontra atualmente.

Maria Silvana de Faria

“A escola da Cachoeira Grande era de madeira, pintada de verde.

Havia uma sala de aula, e nas carteiras sentavam duas crianças juntas e era dividida em duas: numa metade era o 1º ano e na outra o 2º ano.

A professora era uma só.

Tinha um corredor, uma cozinha onde era servida a merenda.

Saindo do prédio, tinha dois banheiros: o das meninas e o dos meninos. O terreno era cercado, tudo muito arrumadinho, a cozinha era sempre limpinha e a merendeira era a Dona Cassimira, que servia a sopa para as crianças.

Tinha uma mangueira bem grande e mais lá no fundo, uma casa de três cômodos, onde morava o Seu Júlio, que tomava conta da Escola.”

Maria Silvana de Faria (47) foi aluna da Escola Mista do Bairro da Cachoeira Grande nos anos de 1972/1973, quando fez o 1º e o 2º anos.

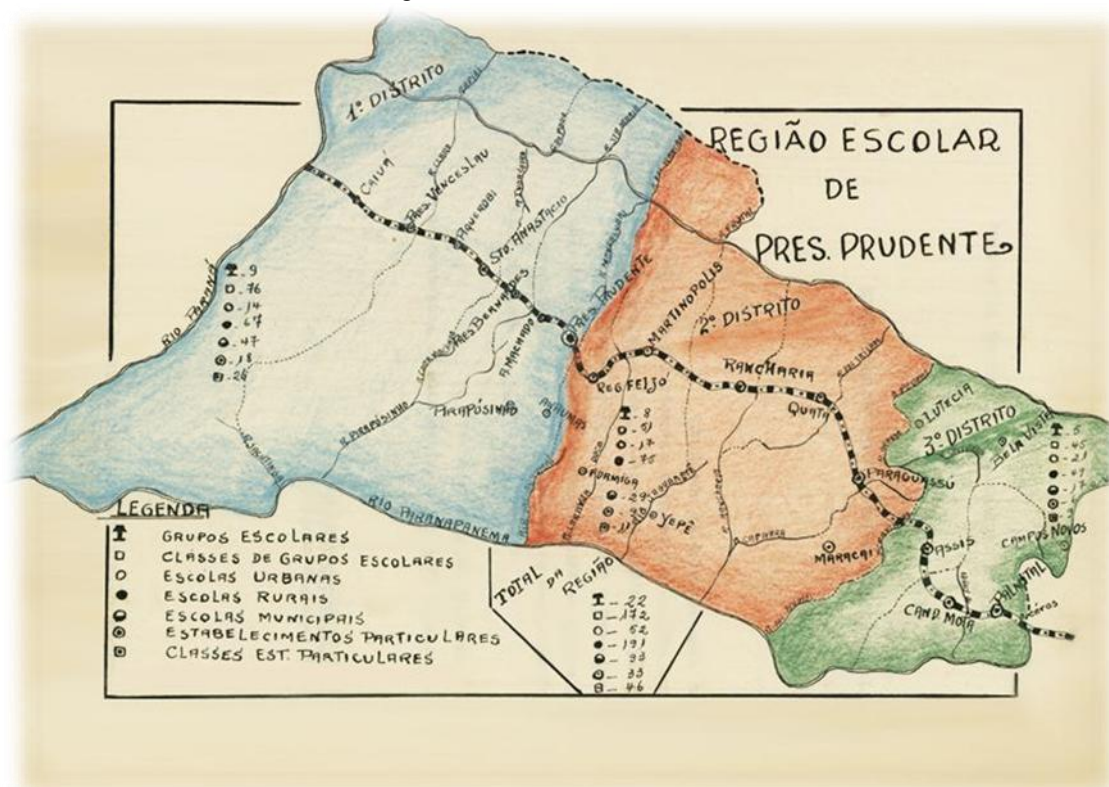
Ela contou que o ensino era forte e a “tabuada era na ponta da língua”.

Perguntei sobre as lembranças do ensino da matemática além da tabuada e ela respondeu que aprendeu a fazer contas com tampinhas de garrafa furadas e colocadas num arame.

3. REGIÃO ESCOLAR DE PRESIDENTE PRUDENTE

Na região escolar de Presidente Prudente, em 1936 havia 22 Grupos Escolares, 172 Classes de Grupos Escolares, 52 Escolas Urbanas, 191 Escolas Rurais, 93 Escolas Municipais, 33 Estabelecimentos Particulares e 46 Classes Est. Particulares, conforme mapa abaixo:

Ilustração 57 - Região Escolar de Presidente Prudente em 1936



Fonte: Parte integrante do Anuário do Ensino de São Paulo, de 1936

3.1 A Escola Rural

O Estado pagava o salário das professoras das escolas rurais, que eram em sua maioria, professoras estagiárias, recém-saídas da Escola Normal.

A professora da escola rural ministrava, em três anos, o ensino primário para crianças de diferentes idades na mesma sala de aula.

A Lei nº 1579, de 19 de dezembro de 1917 estabeleceu que as escolas:

“São rurais as localizadas nas propriedades agrícolas, nos núcleos coloniais e nos centros fabris distantes de sede de municípios.

As escolas distritais são as situadas em bairros ou sede de distrito de paz.

As escolas urbanas (ou de sede) são as criadas em sede de município”.

O presidente Altino Arantes, em 1918, ao referir-se à lei nº 1.579/1917, afirmou que:

...o Governo tem dado preferência aos municípios novos ou longínquos, e aos que são grandes núcleos de população estrangeira ou se encontram menos providos de instrução.

Dentro em pouco, serão installadas as escolas ruraes, que deverão funcionar nos centros agrícolas, onde a população escolar é, em grande parte, sinão em sua totalidade, descendentes de estrangeiros. A acção do Estado, que até agora se fazia sentir melhor nos centros urbanos, passará a ser exercida, com igual intensidade, na zona rural, até agora menos favorecida.

... vae o Estado convergir todos os seus esforços, em prol da disseminação do ensino, em pontos remotos, em quem elle se torna mais necessário, quer para os descendentes de estrangeiros, procurando dest'arte integral-os na vida política do paiz, quer para os núcleos de população nacional". (SÃO PAULO. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 14 de Julho de 1918, pelo Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado de São Paulo)

Na época, havia uma Inspetoria da Instrução Pública e os inspetores visitavam periodicamente as escolas para fiscalizar a assiduidade de alunos e professores.

Em 20 de julho de 1936, foi expedida a Circular 48, dirigida aos Delegados Regionais do Ensino, que dizia que os professores rurais reclamavam contra a circunstância do êxodo antecipado de seus alunos, já preparados para promoção ou conclusão do curso, e que se afastavam da escola desde setembro, em virtude da terminação do ano agrícola.

Como a proporção de professores promovidos era elemento legal para o acesso na carreira do magistério, esse fato, oriundo da instabilidade do trabalhador rural, prejudicava notavelmente o estagiário, candidato á efetivação, ou o professor efetivo, que pretendia remover-se.

Considerando justa a reclamação, a Diretoria resolveu que os professores de escola rural poderiam solicitar, por escrito, à autoridade escolar com sede no município, a antecipação dos exames.

Durante os exames finais, o examinador analisava as provas de cada aluno, exprimindo o seu parecer, com "conservado" ou "aprovado".

Ilustração 58 - Resultado dos exames antecipados

Resultado dos exames antecipados realizados na "Escola mista rural do Bairro da Cachoeira Grande", sob a regência da professora estagiária Ulayde Tortorella

Nº de ordem	Alunas	Curso do curso	Data da matrícula	Classificação	Português	Matemática	Geografia	História	Exatidão e legibilidade	Média	Observações
1	Adelia Sagaretti	Primeiro	1. 2. 1935	c	70	65	70	70	75	70	Promovida para 2ª
2	Armen Gonzalez	Primeiro	1. 2. 1935	c	65	90	50	50	50	61	Promovida para 2ª
3	Dolores Ferreira	Primeiro	1. 2. 1935	c	65	70	50	60	60	63	Promovida para 2ª
4	Edwiges Ferigato	Primeiro	1. 4. 1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
5	Encarnação Ferreira	Primeiro	1. 2. 1935	c	50	50	50	50	50	50	Promovida para 2ª
6	Irma Maria Sodráo	Primeiro	20. 3. 1935	c	60	65	50	50	50	55	Promovida para 2ª
7	Isabel Gonzalez	Primeiro	1. 2. 1935	c	70	70	50	50	55	63	Promovida para 2ª
8	Isenor Angeli	Primeiro	1. 2. 1935	c	70	50	50	60	70	63	Promovida para 2ª
9	Luiza Salas	Primeiro	1. 2. 1935	c	70	90	65	60	80	73	Promovida para 2ª
10	Luiza Salas de Rez	Primeiro	1. 2. 1935	c	65	90	65	65	85	75	Promovida para 2ª
11	Luiza Salas Bras	Primeiro	1. 2. 1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
12	Luiza Salas Puga	Primeiro	1. 2. 1935	c	70	90	60	60	75	71	Promovida para 2ª
13	Maria Ferigato	Primeiro	25. 3. 1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
14	Maria Moraes Frasson	Primeiro	1. 2. 1935	c	60	90	60	60	65	67	Promovida para 2ª
15	Maria Frasson Moraes	Primeiro	1. 2. 1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
16	Maria Salas	Primeiro	1. 2. 1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
17	Naia Ferigato	Primeiro	1. 4. 1935	c	15	-	-	-	-	-	Conservada
18	Queninia Angeli	Primeiro	1. 2. 1935	c	50	90	50	50	60	60	Promovida para 2ª
19	Rafaela Salas	Primeiro	1. 2. 1935	c	50	90	50	50	50	58	Promovida para 2ª
20	Rosana Caccia	Primeiro	1. 2. 1935	c	65	90	60	60	65	68	Promovida para 2ª

Fonte: Documento obtido na Diretoria de Ensino De Presidente Prudente

A duração do ano letivo de 1933 a 1936 foi registrada no quadro abaixo:

Quadro 1 - Duração do ano letivo

ESTABELECIMENTOS	1933	1934	1935	1936
Capital	226	213	223	226
Interior	226	214	225	227

Fonte: Anuário do Ensino de São Paulo, de 1936

A divergência entre os números da Capital e os do interior se deu ao fato de que, os “pontos facultativos” de última hora, chegavam ao interior demasiado tarde...

Transcrevemos, a seguir, o dispositivo do Código de Educação:

“Art. 244 --- O anno lectivo inicia-se a 1º de fevereiro e encerra-se a 30 de novembro, sendo considerados feriados:

Os dias de festa nacional;

a) A segunda-feira e terça-feira de carnaval;

b) A quinta-feira, sexta-feira e o sabbado da semana santa;

c) O período que vai de 16 a 30 de junho inclusive.

§ único --- Os delegados regionaes do ensino poderão propor, para cada escola rural, regimen especial de férias, de accordo com as conveniências locais, mas que não ultrapasse o numero de dias das demais escolas.”

Interessante observar este último parágrafo, pois os alunos das escolas rurais tinham que ajudar na lida do campo e assim, de acordo com as épocas dos trabalhos rurais, era feita a distribuição das férias.

O seguinte quadro, do ano de 1936, foi organizado mediante informações officiosamente obtidas de técnicos da Secretaria da Agricultura:

Quadro 2 - Actividades agrícolas em que as crianças colaboravam:

MEZES	PLANTIO	COLHEITA
Janeiro	Feijão	Mamona
Fevereiro	Feijão	Mamona
Março	---	Algodão, Mamona
Abril	---	Algodão, Mamona
Maio	---	Algodão, Café
Junho	---	Café
Julho	Feijão	Café
Agosto	Feijão, Mandioca, Mamona	-
Setembro	Mandioca, Mamona	---
Outubro.	Algodão	---
Novembro	Algodão	---
Dezembro	---	---

Fonte: Anuário do Ensino de São Paulo, de 1936

Como as plantações do Estado se distribuíam sem demarcações regionais muito precisas, era grande a dificuldade para se fixar, em regulamento, a época de férias de cada zona.

4 ENSINO PARTICULAR

Segundo as apurações estatísticas da Diretoria do Ensino em 1936, os resultados gerais, concernentes ao ensino particular de graus pré-primário, primário comum, supletivo e complementar ou vocacional:

1 – Ensino pré-primário maternal

Matricula geral	43
Matricula efectiva	42
Alumnos estrangeiros	0
Filhos de estrangeiros	4

2 – Ensino pré-primário infantil

Matricula geral	9.205
Matricula efectiva	6.248
Eliminações durante o anno	2.957
Porc. elim. s/ matr. Geral	32,12%
Alumnos estrangeiros	118
Filhos de estrangeiros	1.672

3 – Ensino primário commum

Matricula geral	82.390
Matricula efectiva	61.564
Eliminações durante o anno	20.826
Porc. elim. s/ matr. Geral	25,27%
Alumnos estrangeiros	6.908
Filhos de estrangeiros	28.175

Os alunos estrangeiros e os filhos de estrangeiros, que, na escola primaria comum estadual deram o total de 147.689 (39,74% da matricula efetiva dessas

escolas), são, nas escolas particulares de tipo correspondente, 35.083, equivalendo a 56,85% da matrícula efetiva.

Segundo os assentamentos registrados na Diretoria do Ensino, era esta, em novembro de 1936, a distribuição das escolas particulares mantidas por estrangeiros, no território do Estado:

Quadro 3 - Distribuição das escolas particulares mantidas por estrangeiros, no território do Estado, em 1936

NACIONALIDADES	CAPITAL	INTERIOR	TOTAL
Escolas japonezas	19	196	215
“ italianas	17	8	25
“ alemãs	18	8	26
“ húngaras	6	0	6
“ syrias	4	2	6
“ israelitas	4	2	6
“ lithuanas	4	0	4
“ inglesas	9	7	16
“ polonezas	1	0	1
“ armênias	3	0	3
“ francezas	2	0	2
Total	87	223	310

Fonte: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo

Alguns Delegados do Ensino fizeram, em seus relatórios, comentários em torno do problema das escolas particulares.

O Delegado de Presidente Prudente posicionou-se: --- “O ensino particular é falho e deficiente, havendo necessidade urgente de um inspetor que o possa orientar e regularizar de maneira definitiva, pois a Delegacia vem lutando com serias dificuldades, para orientação e regularização das escolas particulares, que surgem a cada instante em todos os lugares.”

4.1 A Escola Particular sob o olhar de A. Almeida Junior

Abaixo, transcrevo o resumo do discurso pronunciado pelo prof. A. Almeida Junior, Director do Ensino, na reunião dos professores particulares japonezes, promovida pela “Liga dos Amigos da Escola Japoneza”, em 20 de janeiro de 1937.

“Considero para a educação de São Paulo, altamente auspiciosa esta reunião, que permite o encontro dos “leaders” da colônia e dos professores primários japonezes, com as autoridades do ensino official do Estado.”

“Tendo tido a oportunidade de ouvir as palavras sensatas e elegantes do Sr. Consul Geral do Japão, fico immensamente satisfeito pelos seus elevados propósitos. Como todos os oradores que me precederam exprimiram sem reboços o seu pensamento, quero, tambem eu, externar o meu com inteira franqueza.”

A assimilação dos imigrantes

O interesse do Brasil não está somente em receber braços estrangeiros que venham colaborar para a sua grandeza material; mas tambem em obter que os imigrantes, assimilando os nossos costumes e fundindo-se connosco, cooperem para o desenvolvimento espirital do paiz e fortaleçam a unidade da nossa pátria.

O Brasil quer que os japonezes, uma vez radicados aqui, se tornem bons brasileiros. Para o Brasil, o filho do japonês, aqui nascido, é e preciso ser cidadão exclusivamente brasileiro; e, para alcançar esse objectivo, deve trabalhar a escola tanto official como particular.

Um dos instrumentos mais importantes e mais adequados para a nacionalização, é a língua pátria. Pouco importa que o japonês esteja naturalizado brasileiro: se continua falando a língua japonesa, não podemos considerá-lo inteiramente nosso. Será este, pois, o primeiro appello que faço ás pessoas aqui presentes, e, muito particularmente aos membros do magistério particular: *aprender a falar correctamente o idioma português*.

A escola, instrumento da nacionalização

A tarefa primordial da escola primaria é a unificação nacional, a formação e o cultivo do sentimento da pátria. Para conseguil-o, é mister que os seus professores sejam brasileiros. Não se comprehende que um professor primário japonês, ensinando a crianças no Brasil, seja um bom instrumento nacionalizador. Por mais esforço que faça, por mais sincero que seja, não o conseguirá: falta-lhe o domínio da língua pátria, falta-lhe o espírito nacional, falta-lhe a tradição.

Por isso, o ideal que havemos um dia de attingir, é que sobre toda a superfície do Brasil só encontremos, nas escolas primarias, mestres de nacionalidade visceralmente brasileira.

Periodo de transigência

Por enquanto somos forçados a transigir. O paiz não pode ainda collocar escolas suas em todos os pontos em que as crianças reclamam educação. Mas onde quer que se instalem escolas particulares, devem estas subordinar-se á formação do sentimento de pátria brasileira.

A primeira obrigação do professor primário estrangeiro é manejar bem a língua do nosso paiz.

Para os japonezes, homens geralmente intelligents, isto não será difficil. Mas os que não conseguirem aprender correctamente o portuguez devem

desistir do exercício do magistério, devem procurar outra occupação. Porque não se comprehende que o órgão de nacionalização, que é a escola primaria tenha efficiencia quando o professor estropia a língua nacional. Outra obrigação a que está sujeito o professor particular e que depende do conhecimento do portuguez, é a de que todas as matérias do curso primário sejam leccionadas em nossa língua. Não podemos permittir que se ensine a geographia ou a historia --- mesmo a do Japão --- em japonéz. Não concordamos em que se explique a arithmetica em japonéz. Não toleramos, afinal que e outra língua, que não a nossa, se ministre o ensino de qualquer matéria do programma escolar primário.²⁷

Saudação aos japonezes

Terminando este breve e sincero discurso, quero externar meu agradecimento ao Sr. Consul Geral do Japão, pela provas de deferência que me tem prodigalizado, desde que assumi a direcção do ensino, em S. Paulo. Saudo tambem a Liga dos amigos da Escola Japoneza, que tem procurado conhecer, e divulgar entre os mebrros de sua colônia, os preceitos e as leis nacionaes a respeito do ensino.

Aqui, me acho, não só como autoridade, mas tambem como amigo que sabe reconhecer a preciosa collaboração trazida ao Brasil pela colônia japoneza. Nesse character, eu auguro a todos a maior somma de felicidades dentro desta pátria acolhedora, que sabe recompensar a lealdade e a operasidade de todos quando procuram abrigar-se debaixo do seu céu e sob a protecção da sua generosa bandeira.

A. Almeida Junior".

²⁷ Sublinhado pela autora

5 NACIONALIZAÇÃO

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!

Criança! não verás nenhum país como êste!
Olha que céu que mar! que rios que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera.

Boa terra! jamais negou a quem trabalha...
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e humidece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como êste:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Olavo Bilac

Um dos objetivos principais da escola primaria era integrar a criança à nação, fazendo com que ela amasse o seu país e que trabalhasse por ele.

Isso porque nas escolas públicas primárias do Estado de São Paulo, 37% das crianças eram filhos de estrangeiros²⁸, e que quase todas as colônias estrangeiras aqui fixadas mantinham organizações educativas, substituindo ou complementando a escola pública.

Era então necessário que o trabalho nacionalizador fosse desenvolvido não só nas escolas do Estado como também nas particulares.

²⁸ Anuário do Ensino de São Paulo de 1936

Assim, as atividades escolares teriam que ter um efeito nacionalizador: os jogos, o recreio, o ensino da língua pátria e da historia do país, tudo para contribuir para fortalecer o patriotismo.

A esse respeito, manifestavam-se os Delegados Regionais de Ensino:

Campinas --- “Não há em nenhum dos municípios que constituem a região de Campinas o problema da nacionalização, se assim compreendermos a assimilação de estrangeiros. São todos eles constituídos de velhas cidades, habitadas em sua quasi totalidade por nacionaes e estrangeiros radicados no paiz.

Alguns raros núcleos de japonezes que procuram se organizar, como na Fazenda “Monte d’Este”, de Campinas, nacionalizam-se pela necessidade de commerciar e sem a intervenção do Estado”.

Lins --- “Já dissemos antes como os japonezes obtem a escola para seus filhos e a vida entre os adultos se passa sob um regime bem organizado de cooperação, ficando a cargo de um membro da colônia, a quem chamam chefe, escolhido por eleição, deliberar sobre as necessidades do núcleo.

Nesse viver arredio, tem cabimento as festas dedicadas a datas japonezas, ao imperador do Japão, com symbolos e emblemas typicos, assistidas tambem pelas crianças que quasi sempre tomam parte caracteristicamente vestidas.

Prival-os dessas manifestações de patriotismo, não nos cabe. Superal-os com as homenagens a nossa Patria, com a contribuição obrigatória de todos os escolares, scientes do que fazem até que a repetição os torne admiradores conscientes de tudo, é dever da escola.

Programma, já o esboçamos; a escola tambem.

O professor moço, trabalhador, entusiasta e compenetrado, precisa ter, no núcleo japonéz, acção muito mais ampla e obrigatória.

Onde a professora, de acção educadora mais affectiva e carinhosa, não for possível pela incompatibilidade de hábitos no seio da família japoneza, o professor que assuma as funcções de ensinar tambem em escolas mixtas, excepcionalmente.

Convem sempre dois professores, ficando um com a escola pre-primaria, de que já se cogita, apresentando-se assim a oportunidade de as crianças viverem mais horas com a nossa professora, antes de ingressar na escola primaria.”

Presidente Prudente --- “O problema da nacionalização vem sendo satisfactoriamente resolvido nesta região apezar das innumeradas dificuldades que surgem a cada instante.

Região nova, terras ubérrimas, é ella povoada na sua quasi totalidade por estrangeiros attrahidos pela fertilidade do solo. É elemento predominante o japonéz.

A observação rigorosa das exigências regulamentares, no tocante ao ensino particular, principalmente na existência do professor de português, geographia e historia; a localização de escolas junto a todo o núcleo estrangeiro, as festividades escolares, e, sobretudo, a proibição terminante do uso da língua estrangeira durante o período de recreio²⁹, são factores que nos vem auxiliando efficientemente na solução deste problema”.

Santos --- Eu comprehendo que é urgente nacionalizar o filho do immigrante. Que se peça ainda ao filho do indígena que nos ajude a fazer isso no recreio da escola. Mas não comprehendo que se cuide de economias quando se trata de promover a educação conveniente do brasileiro. O que convem ao brasileiro, em matéria de educação, está tão longe de se conseguir, que se é forçado á admiração, quando se considera que mesmo assim, mesmo com estes condiscípulos e com esta escola, vamos nacionalizando as correntes immigratorias. Confiada que está, principalmente á escola, a tarefa da nacionalização, nós deveríamos começar por apresentar casas, installações e alumnos brasileiros em condições de facilitar aquella assimilação. As escolas estrangeiras não nos convem. Fechar a estrangeira e deixar nenhuma seria solução desastrada. O que há a fazer, a única coisa que se deve fazer é installar escolas melhores que as estrangeiras. Mas melhores, não só nas zonas de immigrantes, como por toda parte. Precisamos nacionalizar o immigrante, é certo. Mas precisamos, com igual urgência, nacionalizar o brasileiro.

... mas há mais. Vamos ver a frequência dessas perigosas escolas: nas oito escolas em funcionamento havia 439 creanças em curso primário, 22 em jardim de infância e 28 em curso complementar. Não é direito contar as de jardim de infância, que ainda não passaram pela escola estadual, nem as do curso complementar, que já sahiram della. Fiquemos nas 439 e não nos impressionemos com as dos cursos privativos da língua japoneza --- 112 --- pois todas já sabem ler e escrever em português. Aquelles 439 representam 15% da matricula total do curso primário da zona, donde se vê que 85% não soffriam outra influencia alem da escola brasileira; outra influencia sendo de 1.209 as creanças em idade escolar filhas de japonezes, o que há a admirar é que 621 --- e incluídos todos os graus do curso primário --- frequentassem as escolas japonezas, quando não há lei que mande ir a esta ou aquella escola, havendo apenas, a proibição da aprendizagem da língua estrangeira antes dos 10 annos, ou quando a creança não souber ler e escrever em português.

Taubaté --- “Fugimos do regionalismo compromettedor da unidade da Patria e do jacobinismo antipathico. Porque o estrangeiro tem collaborado grandemente em nosso progresso e deve ser, porisso

²⁹ Sublinhado pela autora.

mesmo, acolhido e respeitado. Mas nos centros de grandes populações estrangeiras, não raro se vem escolas estrangeiras ensinando a própria língua, a própria geographia, a própria historia, olvidando as cousas, os homens e os factos do Paiz”.

Na maioria das escolas do Estado de São Paulo, onde predominavam os imigrantes, foi realizado um amplo e constante trabalho de nacionalização, através de cantos, jogos, hasteamento do pavilhão escolar e hinos patrióticos, como o *Hymno ao Pavilhão Escolar Paulista*, escrito por Gustavo Kuhlmann, oficialmente distribuído em todas as Delegacias Regionais de Ensino, através de uma circular.

Fotografia 22 - Alunos da Escola Mixta da Cachoeira Grande, em Presidente Prudente, com a bandeira nacional, em 1937



Fonte: Acervo da autora

HYMNO AO PAVILHÃO ESCOLAR PAULISTA³⁰

Protector das escolas paulistas,
 Estandarte bemdicto da luz!
 E's a imagem das velhas conquistas
 Que, na trilha do Bem, nos conduz

{ Salve! Salve! bello e nobre
 { Carinhoso Pavilhão!
 Estribilho { Doce brisa te desdobre
 { Na victoria da Instrucção!

Sobre as côres da Patria adorada,
 Qual escudo a guarda-las, sorri
 A Bandeira da Terra de Andrada
 Revivendo heroísmos em si.

Do "primeiro collegio" a Cidade
 Deu-te as armas e o lemma de fé:
 Das "bandeiras", espelhas e idade;
 E's o próprio Passado de pé!

E's o premio de nosso trabalho
 Pelo bem deste immenso Paiz!
 E's da Infancia, o bemdicto agasalho,
 Nesta escola risonha e feliz!

Gustavo Kuhlmann

³⁰ Ortografia do texto é original da época

Abaixo, cópia de outra circular³¹, reforçando o canto e o hasteamento do pavilhão escolar:

São Paulo, 18 de outubro de 1922.

Sr. Delegado Regional,
Recommendo-vos providencieis no sentido do hasteamento diário do pavilhão escolar em todas as escolas isoladas, escolas reunidas e grupos escolares, normaes e profissionaes. O hasteamento deverá ser feito sempre na fachada do edifício e não em mastros internos, embora o canto pelos alumnos se faça na sala escolar.

Attenciosas saudações.

³¹ Fonte: Anuario do Ensino do Estado de São Paulo.

6 OS LIVROS DIDÁTICOS

A EMCG foi fundada em 1936. Que tipo de material didático era utilizado naquele tempo?

Consta no Anuário do Ensino de São Paulo de 1936, a *Secção Technica de Livros Didacticos*³², que tinha dentre as suas tarefas, salientar a reconstituição da relação dos livros aprovados para uso nas escolas. Destes livros, os que mais interessam, porque postos diariamente nas mãos dos alunos, eram as *Cartilhas* e os livros de leitura corrente.

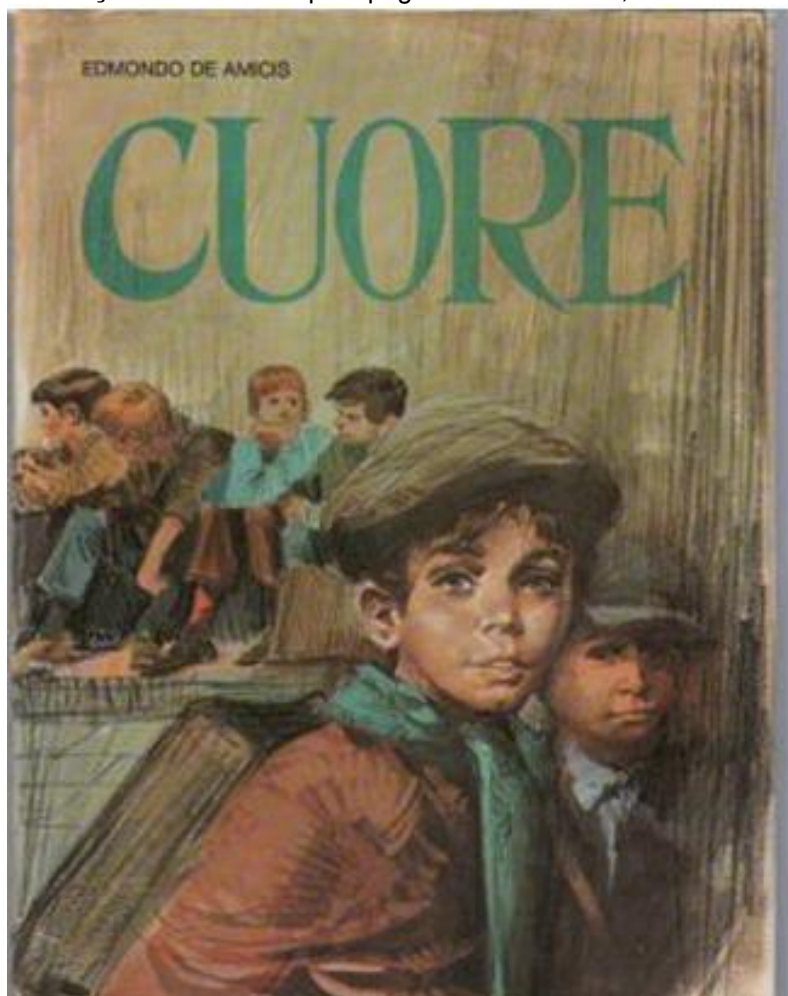
No início do século XX, uma das mais utilizadas dentre as cartilhas, *Contos pátrios*(1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, que foi editada de 1904 até 1962, quando deixou de ser adotada, tendo 46 edições. Bilac o escreveu após a proclamação da República. Republicano e nacionalista, seus relatos são de valores éticos, patrióticos, solidariedade, respeito aos pobres e importância do trabalho honrado.

Na mesma época, foi traduzido para o português, o livro de leitura escolar da Itália, *Cuore*, de Edmond De Amicis. O objetivo comum entre *Cuore* e *Contos Pátrios* era o da construção da nacionalidade, respeito e valores da família. O livro do jornalista Edmond De Amicis foi editado em 1888 e *Contos pátrios* foi escrito após a proclamação da República.

"Cuore" tinha o objetivo de criar uma identidade nacional e cultural para a Itália recém unificada. A história narra a vida de Enrico e uma turma de alunos na escola pública Barelli durante um ano escolar e o professor conta um conto por mês, exaltando em cada conto atos de heroísmo de um menino de cada uma das províncias italianas. Foi adotado como livro de leitura em quase todas as escolas da Itália durante muitos anos e aqui, no Brasil, pelos imigrantes italianos.

³² A relação organizada pela respectiva *Secção Technica* encontra-se no **ANEXO A**

Ilustrações 59 e 60 - Capa e página do livro *Cuore*, de De Amicis



Fonte: Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada de 24/12/2011

Sucesso editorial quando foi publicado, provavelmente pelo apelo ao civismo e ao nacionalismo, valores tão disseminados no Brasil no período pós-república, o livro ganhou nova edição, segundo Mônica Rodrigues da Costa.

Fotografia 23 - Thales Castanho de Andrade



Fonte: Álbum de formatura da antiga Escola Normal de Piracicaba (década de 1920), atual Escola Estadual Sud Mennucci, em <http://emebthalesdeandrade.blogspot.com.br/p/blog-page.html>

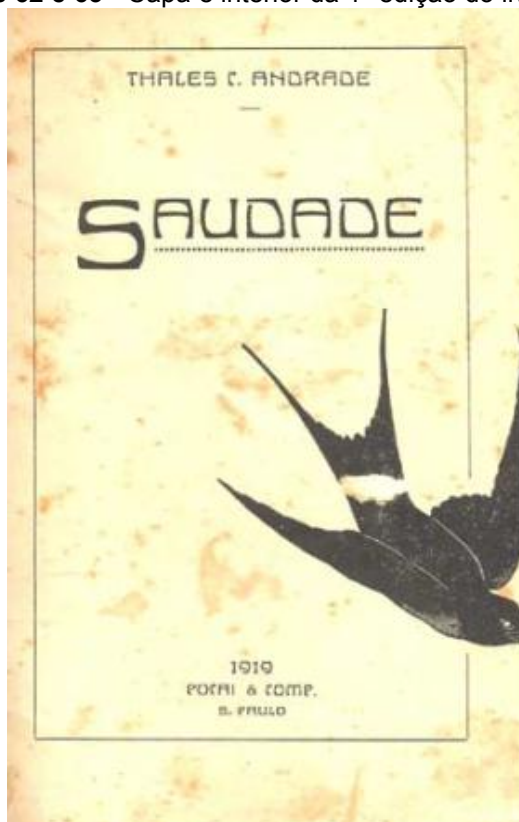
O paulista Thales Castanho de Andrade (15 de setembro de 1890 – Piracicaba – 22 de outubro de 1977 – São Paulo), escritor, historiador e professor brasileiro, um dos criadores do gênero infanto-juvenil da literatura brasileira com seu livro *A Filha da Floresta*, de 1919 ao lado de *Reinações de Narizinho* (de 1922), de Monteiro Lobato., escreveu *Saudade*, que localizava seus relatos na cidade de Piracicaba e em seu entorno rural. *Saudade* faz lembrar o *Cuore*. Escrito quando Thales trabalhou em Porto Ferreira, apresentou-o ao Patronato Agrícola, conforme Diário Oficial de 14 de dezembro de 1918.

Ilustração 61 - Apresentação do livro *Saudade* ao Patronato Agrícola



Fonte: Diário Oficial de 14 de dezembro de 1918

Ilustrações 62 e 63 - Capa e interior da 1ª edição do livro Saudade



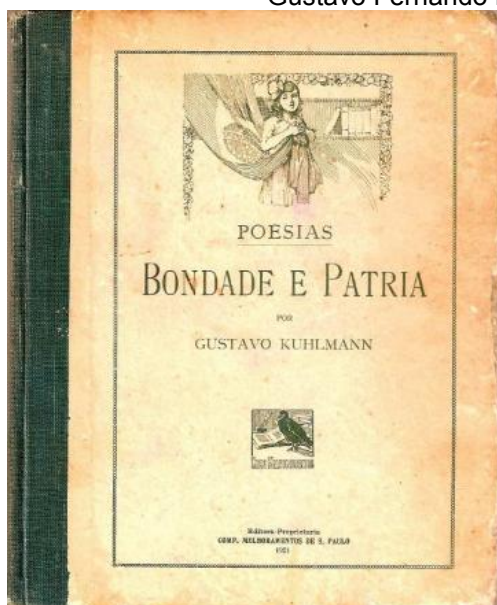
Fonte: Capa e interior do livro Saudade

Segundo Sud Mennucci, em seu livro *Pelo sentido ruralista da civilização* (1935):

“... era nessa época que o ensino rural recebia o seu mais significativo impulso. Pouco antes apparecera o primeiro livro didactico em condições de ser entregue impunemente ás crianças das escolas ruraes: o “Saudade”, de Thales de Andrade. Até 1920, a leitura das zonas agrícolas era obrigatoriamente feita em compendios urbanistas, que desencantavam e exalçavam e proclamavam as bellezas das cidades, o seu conforto, o seu prestigio, a sua riqueza. Era a mais bem organizada propaganda em prol do exodo dos campos, para encher de illusões e visões phantasmagoricas as cabecinhas dos ignaros meninos da roça, invariavelmente ridicularizados nesses mesmos livros que tantas emoções lhe davam. “Saudade” era o primeiro antidoto que o magisterio fornecia a essa insidiosa campanha, pois, pela primeira vez na literatura escolar se fazia abertamente o elogio da vida campeзина e se tinha a coragem de dizer que ella era superior á vida urbana e que o pobre da roça era um nababo comparado com o pobre da cidade.”

Os professores escreviam as próprias cartilhas. Quando não o faziam, utilizavam-se das preparadas pelos inspetores Escolares. Exemplos:

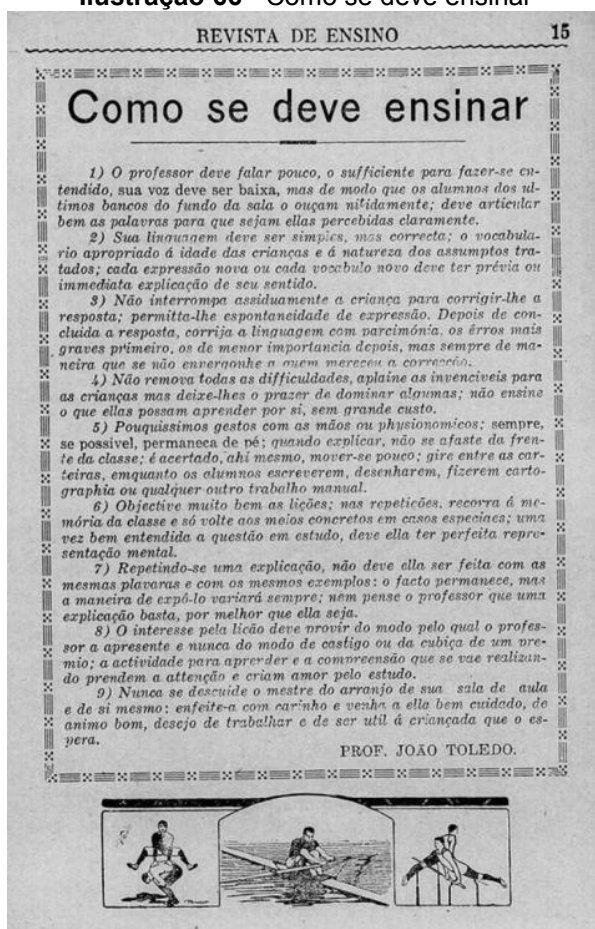
Ilustrações 64 e 65 - Os livros abaixo foram escritos pelos Inspectores Escolares: Gustavo Fernando Kuhlmann e Henrique Ricchetti



Fonte: Capas dos livros Poesias, Bondade e Pátria e Infância: 1º Livro

Os professores recebiam incentivos e orientações também através de revistas de educação, como por exemplo, na Revista de Ensino de Alagoas, que publicou em 1927, um artigo do Professor João Toledo:

Ilustração 66 - Como se deve ensinar



Fonte: Revista de Ensino, Alagoas, 1930, capturado de

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761559&pasta=ano%20193&pesq=Jo%C3%A3o%20Toledo>, p. 15

Como se deve ensinar:

- 1) O professor deve falar pouco, o suficiente para fazer-se entendido, sua voz deve ser baixa, mas de modo que os alumnos dos últimos bancos do fundo da sala o ouçam nitidamente; deve articular bem as palavras para que sejam ellas percebidas claramente.
- 2) Sua linguagem deve ser simples, mas correcta; o vocabulário apropriado á idade das crianças e á natureza dos assumptos tratados; cada expressão nova ou cada vocabulo novo deve ter prévia ou immediata explicação de seu sentido.
- 3) Não interrompa assiduamente a criança para corrigir-lhe a resposta; permita-lhe espontaneidade de expressão. Depois de concluída a resposta, corrija a linguagem com parcimônia, os erros mais graves primeiro, os de menor importancia depois, mas sempre de maneira que se não envergonhe a quem mereceu a correcção.

- 4) Não remova todas as dificuldades, aplaine as invencíveis para as crianças mas deixe-lhes o prazer de dominar algumas; não ensine o que ellas possam aprender por si, sem grande custo.
- 5) Pouquissimos gestos com as mãos ou physionomicos; sempre, se possível, permaneça de pé; quando explicar, não se afaste da frente da classe; é acertado, ahi mesmo, mover-se pouco; gire entre as carteiras, enquanto os alumnos escreverem, desenharem, fizerem cartographia ou qualquer outro trabalho manual.
- 6) Objective muito bem as lições; nas repetições, recorra á memória da classe e só volte aos meios concretos em casos especiaes; uma vez bem entendida a questão em estudo, deve ella ter perfeita representação mental.
- 7) Repetindo-se uma explicação, não deve ella ser feita com as mesmas palavras e com os mesmos exemplos: o facto permanece, mas a maneira de expô-lo variará sempre; nem pense o professor que uma explicação basta, por melhor que ella seja.
- 8) O interesse pela lição deve provir do modo pelo qual o professor a apresente e nunca do modo de castigo ou da cúbica de um premio; a actividade para aprender e a compreensão que se vae realizando prendem a atenção e criam amor pelo estudo.
- 9) Nunca se descuide o mestre do arranjo de sua sala de aula e de si mesmo: enfeite-a com carinho e venha a ella bem cuidado, de animo bom, desejo de trabalhar e de ser útil á criançada que o espera.

PROF. JOÃO TOLEDO

Da mesma Revista de Ensino – Órgão Official do departamento Geral da Instrucção Pública e da Sociedade Alagoana – Publicação Bimensal nº 21 – Maio – Agosto – 1930 - Alagoas, retiramos o pensamento que se encontra aqui refletido :

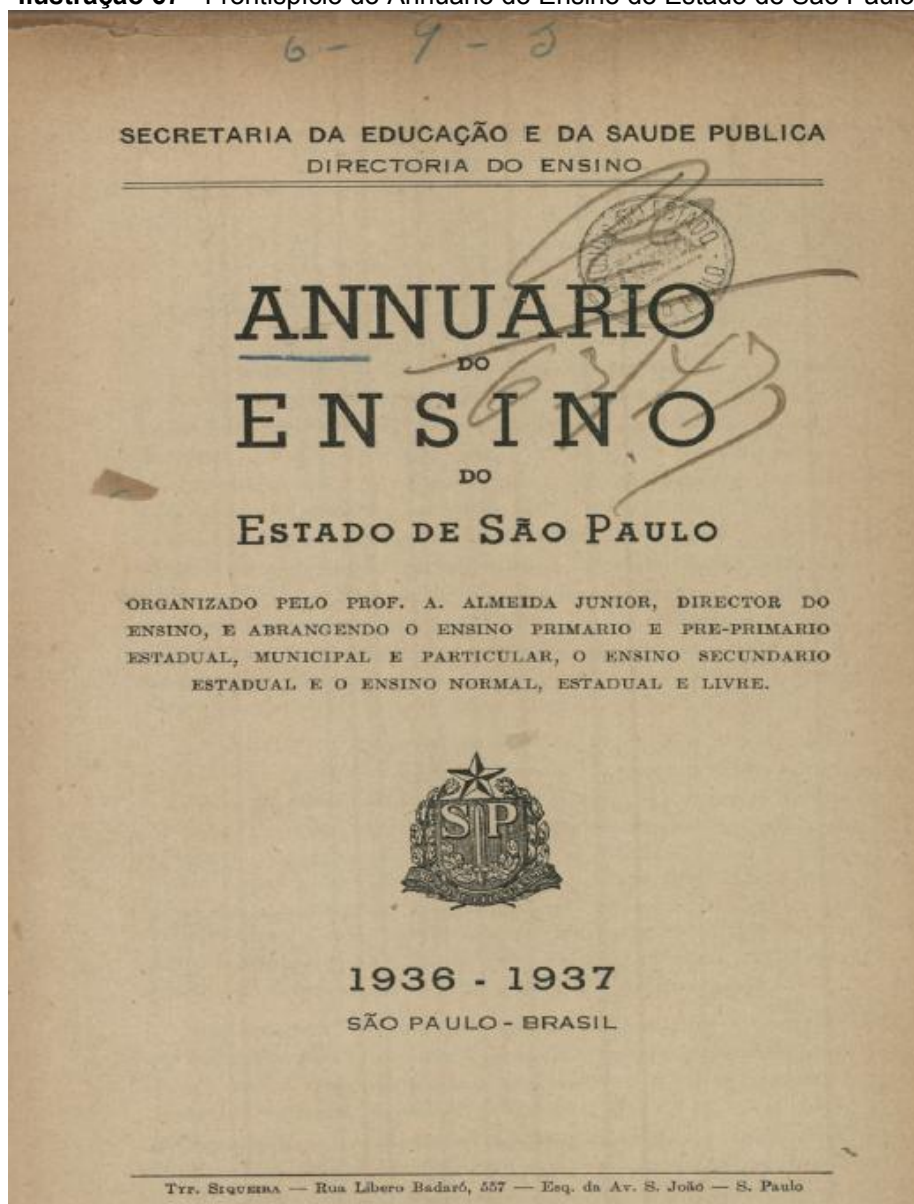
Para que estudamos?

“Estudamos a aritmética não somente para a empregarmos nas contingências da vida. Estudamo-la para suprir certas necessidades do espírito, como ginástica do pensamento, como tônico das faculdades perceptoras, como fator de equilibrio no queimamento de células nervosas. A aritmética, minhas senhoras e meus senhores, essa estrada luminosa aberta à passagem vitoriosa da alta matemática, é um dos elementos da lógica, é uma das bases do raciocínio, esta operação mental necessária a todos os atos da vida humana”. (Bernardes Júnior)

As bases do Ensino, em São Paulo no ano de 1936 foram registradas pelo documento oficial Annuário do Ensino do Estado de São Paulo.

De acordo com o Annuário do Ensino do Estado de São Paulo, organizado pelo Prof. A. Almeida Junior, diretor do Ensino e abrangendo o ensino primário e pré-primário estadual, municipal e particular, o ensino secundário estadual e o ensino normal, estadual e livre 1936 – 1937, da Secretaria da Educação e da Saúde Pública, temos o Programa utilizado também pela Escola Mixta da Cachoeira Grande:

Ilustração 67 - Frontispício do Annuário do Ensino do Estado de São Paulo



Fonte: Annuário do Ensino do Estado de São Paulo 1936 – 1937

PROGRAMMA DE ENSINO PARA O 1.º ANNO MÉDIO

LEITURA

- 1) Leitura silenciosa pela classe toda, que interpretará o sentido geral da lição;
- 2) descriminar as partes principaes da lição;
- 3) estudo das sentenças mais importantes de cada parte;
- 4) estudo das phrases ou palavras notáveis das sentenças consideradas;
- 5) leitura expressiva da lição pelo professor;
- 6) leitura de trechos da lição por alguns alumnos, de preferência pelos mais fracos de cada secção;
- 7) reprodução oral do trecho lido pelos alumnos, um de cada secção, usando os mesmos, tanto quanto possível, da própria linguagem;
- 8) reconhecimento, nas sentenças estudadas, dos factos de linguagem aprendidos nas aulas de grammatica.

(O conhecimento pratico dos signaes de pontuação resultará dos exercícios precedentes).

OBSERVAÇÕES: --- 1.º passo:

- 1) Convém, tanto no 2.º primário, como no 1.º e 2.º médio, manter a classe dividida em três turmas, uma formada pelos melhores alumnos, outra pelos regulares e outra pelos mais fracos. Cada turma ocupará um logar distincto na sala.
- 2) Serão dados 5 a 10 minutos para a classe fazer a leitura silenciosa da lição e respectiva interpretação. Durante esse tempo, o alumno poderá pedir ao professor qualquer explicação que necessitar, á qual o professor satisfará ou não immediatamente, conforme a natureza da pergunta mostre que a mesmadeva ou não constituir, por si só, thema para uma lição oral a toda a classe.

3) Concluída a leitura silenciosa, será chamado, de cada secção, de preferência o aluno mais fraco, para expor o assumpto da lição. O professor corrigirá, explicará, desenvolverá a exposição de cada aluno, ilustrando-a por todos os modos convenientes.

2.º passo:

Os alunos descriminarão as partes mais notáveis em que se póde dividir a lição.

Figuremos que a lição trate de um passeio: poderá Ella constar a) dos preparativos do passeio; b) do passeio realizando-se; c) da volta para casa; d) dos resultados do passeio ou das noções adquiridas.

Serão convidados alguns alunos para lerem as partes descriminadas.

3.º passo:

- 1) Destacar de cada parte uma ou duas sentenças, das mais notáveis, já pela forma, já pelas idéas que encerrarem. Taes sentenças serão estudadas no que de notável tiverem, e servirão de modelos para as crianças formarem novas sentenças ou dizerem as mesmas idéas, variando um pouco a forma. Toda a classe deve procurar a sua sentença, embora o professor, na generalidade dos casos, devido a exiguidade do tempo, apenas possa ouvir uma ou duas de cada secção. As sentenças proferidas poderão também ser escriptas no quadro negro, se o professor achar isso conveniente.
- 2) Em seguida, os alunos promoverão a analyse da sentença em phrases e locuções, as quaes serão escriptas no quadro negro e servirão de modelo a outras equivalentes na forma ou nas idéas.

4.º passo:

- 1) Das sentenças, phrases, locuções, anteriormente estudadas, destacar as palavras mais notáveis, que os alunos procurarão explicar, convenientemente auxiliados pelo professor por um dos meios seguintes: pelos synonymos, pela explicação do sentido ou empregando-as em sentenças.

Esse exercício, como, em regra geral, todos os outros, será feito pelos alunos. Somente quando nenhum aluno atinar com a solução do caso, entrará o professor com o exemplo necessário, com a maior clareza e simplicidade.

5.º passo:

- 1) O professor lerá a lição para a classe ouvir;
- 2) Os alunos lerão a lição por partes. O professor acompanhará os seus alunos com muito cuidado, neste passo,

A seguir, ainda do Anuario de Ensino de São Paulo, em 1936, apresentamos o PROGRAMA de MATEMÁTICA:

ARITHMETICA

- 1) Numeração falada e escripta. Numeros inteiros e decimaes. Explicar o que não altera um decimal. Tornar um numero inteiro ou decimal 10, 100, 1000 vezes maior ou menor. Systema monetário brasileiro.

O metro; vantagens do seu emprego. Divisões do metro. Medir comprimentos com o metro. Dar uma Idea perfeita de seus múltiplos. O metro dobradiço, a fita métrica, a trena, a régua graduada.

Adição de números inteiros e decimaes. Provas. Numerosas contas e problemas. Exercicios de calculo mental: sommar --- de cabeça --- números formados de dois ou três algarismos. Exs. $20 + 50$; $600 + 300$; $25 + 80$; $37 + 42$; $120 + 300$; $270 + 140$; etc.

- 2) Subtracção de números inteiros e decimaes. Provas. Problemas e questões praticas sobre as duas primeiras operações.

O litro. Medidas effectivas: unidades múltiplos e submúltiplos; dobro e metade dessas medidas. Construir um litro com papel cartão ou papelão.

Exercicios de subtracção mental (semelhantes aos da addicção), sendo as questões enunciadas oralmente.

Numeração com algarismos romanos até um milhão.

- 3) Multiplicação de inteiros e decimais. Provas. Problemas sobre as três operações combinadas. Noção sumária de potencia como caso especial da multiplicação --- quadrado e cubo. Processos mentais para resolver certos casos de multiplicação --- multiplicar 20, 30... 90; por 9, 19... 99; por 5, 25, 50; por 15, 75 e 125; 6,11, etc.

O gramma; múltiplos e submúltiplos. Mostrar uma balança. Pesagem de diferentes objectos. Verificar o peso de um litro de água.

- 4) Divisão de números inteiros e decimais. Dois casos; o divisor é inteiro ou decimal. (Regra prática para o primeiro caso; colocar a vírgula à direita do quociente, depois de abaixar o último algarismo da parte inteira do dividendo. Converter o segundo caso no primeiro, tornando inteiro o divisor). Quociente aproximado até millesimos. Provas. Exercícios de aplicação. Problemas. Exercícios de cálculos mental com números decimais. Medidas de tempo.

- 5) Revisão das quatro operações sobre decimais. Resolução de problemas fáceis por meio do cálculo mental.

Noção concreta de fracções ordinárias. Fracções próprias e impróprias. Números mixtos. Redução de números inteiros e mixtos a uma expressão fraccionária. Extração de inteiros.

Medidas antigas de comprimento: palmo, côvado, pé, vara, jarda, toesa, braça, milha e légua.

- 6) Simplificar fracções pelo processo das divisões sucessivas. (Demonstrar objetivamente o que não altera o valor de uma fracção. Reconhecer os números divisíveis por 2, 3 e 5) Converter fracções ordinárias em decimais e vice-versa.

Multiplicar e dividir mentalmente inteiros e decimais por 0,25; 0,50; 0,75 e 0,125 --- mostrando que esses decimais correspondem a fracções ordinárias muito simples. Exercícios de aplicação.

Medidas de superfície. O múltiplo quadrado: múltiplos e submúltiplos. O are. A braça quadrada. O alqueire de terreno.

- 7) Redução de fracções ao mesmo denominador pelo processo geral. Comparação de fracções entre si.

O metro cúbico: múltiplos e submúltiplos. O estere.

Medidas antigas de capacidade --- a canada e a pipa; a quarta e o alqueire.

Resolver problemas com abstracção de números, isto é, sem valores numéricos. Convidar os alumnos a enunciarem problemas.

- 8) Somma e subtracção de fracções ordinárias e de números mixtos. (Converter os inteiros ou os números mixtos a forma fraccionaria, para reduzir o numero de casos e, portanto, de regras).

Medidas antigas de peso: arroba, libra, quintal e tonelada. Exercicios e problemas.

- 9) Multiplicação e divisão de fracções ordinárias e de números mixtos. (Observação idêntica a do numero 8).

Medidas da circumferencia. A extensão em metros, de um grão, minuto e segundo do meridiano terrestre. Problemas e questões praticas.

- 10) Revisão geral.

GEOMETRIA

- 1) Conhecimento pratico das varias espécies de linha e das posições da linha recta. (Evictar que o alumno ligue á perpendicular a Idea de vertical e á inclinada a de obliqua). Traçado de uma recta a mão livre ou a regua. Medida da linha recta, servindo-se do metro e suas subdivisões. Comparar o comprimento das linhas rectas. Traçar uma recta duas ou três vezes maior que a outra. Fazer uma recta igual á somma ou differença de duas rectas dadas.
- 2) Perpendiculares e parallelas. Traçado de perpendiculares com o auxilio de esquadro, régua e compasso. Dividir uma recta em quatro, oito partes iguaes. Traçar parallelas com os instrumentos de desenho geométrico. Dividir uma recta em qualquer numero de partes iguaes.
- 3) Circumferencia e suas linhas. Traçado Da circumferencia a mão livre e a compasso. Circulo e suas partes. Achar o numero de um arco dado. Divisões da circumferencia: graus, minutos e segundos.

- 4) Angulos. Medida do angulo --- transferidor. Fazer um ângulo igual a outro com compasso e também com o transferidor. Dividir um ângulo em partes iguaes; bissectriz. Comparar a abertura de dois ou mais angulos. Angulos complementares e suplementares.
- 5) Triangulos: especies. Traçados de triangulos com instrumentos. Medidas dos angulos de um triangulo. Perímetro, mediana, altura e base.
- 6) Quadrilateros: espécies. Traçados de quadriláteros. Inscrever num circuito um quadrado. Medida da area do rectangulo, parallelogramo e quadrado. Área do triangulo e trapézio.
- 7) Figuras equivalentes. Achar a relação entre as dimensões e a superfície de dois quadriláteros. Construir um quadrado duplo de outro, e um rectangulo quádruplo de outro.
- 8) Polygonos: espécies. Inscrição do hexágono, do triangulo equilátero e do octógono. Determinar a superfície de um polygono regular ou irregular.
- 9) Em circuitos diferentes, com o auxilio de um fio, obter approximadamente a relação entre a circumferencia e o diâmetro --- 3, 1416 ---. Comprimento de circumferencia. Mostrar que um circulo se origina de polygonos regulares de um grande numero de lados. Área de circulo.
- 10) Revisão geral.

A carga horária a ser seguida ficava a critério de cada professor. No entanto, o Inspetor Escolar Gustavo Fernando Kuhlmann sugeria aos seus professores que seguissem o critério que ele e Leowigildo Martins de Mello planejaram quando estiveram em Mato Grosso para reorganizar a Instrução Pública de lá, pioneiros paulistas que foram, formados pela Escola de São Paulo, objetivando tornar frequente e direta a relação entre mestres e alunos, distribuindo de tal maneira os trabalhos a fim de que os alunos estivessem constantemente ocupados:

O horário adequado deveria observar alguns preceitos pedagógicos que dizem respeito à ordem, à extensão e ao desenvolvimento das lições. O primeiro preceito determinava a necessidade de reservar o primeiro período das aulas para as disciplinas que requisitam maior esforço de atenção do aluno. Desse modo, as áreas da Matemática, compreendendo a Aritmética, Cálculo e Geometria, ocupavam, em todas as séries, o primeiro horário, com uma duração que variava de 20 (1° e 2° anos) a 35 minutos (3° e 4° anos); seguida do ensino da Leitura, que oscilava de 55 (1° ano) a 40 minutos (2°, 3° e 4° anos). Às aulas de Desenho, Ginástica, e Trabalhos Manuais eram destinados os últimos horários. A última disciplina a ser ensinada, nos 3° e 4° anos, nas terças e quintas-feiras e sábados, era a Educação Moral e Cívica.

O segundo preceito era “intercalar, quando possível, exercícios de fácil execução entre as outras disciplinas para descanso do aluno”. Por isso, distribuíram as aulas intercalando as disciplinas que consideravam que exigiam mais “esforço” do aluno, com uma mais “leve”, como no caso do ensino da Leitura, no 1° ano, que foi alternado com os exercícios calistênicos. Em obediência ao terceiro preceito o qual dizia que “as aulas de matérias essenciais à vida prática devem ser diárias e merecem mais atenção do professor”, o horário foi organizado privilegiando algumas disciplinas em detrimento a outras.

Por fim, como quarto e último preceito determinante para a elaboração do horário escolar, deve-se “atender a que, no primeiro ano, quando uma das seções estiver em leitura, as outras se ocupem em trabalhos auxiliares da disciplina” Tal regra explica a distribuição do horário de Leitura no primeiro ano.

A classe era dividida em três seções: A, B e C; e, enquanto uma seção estava da alfabetização, as outras duas seções estavam fazendo atividades referentes ao ensino da leitura.

6.1 Quem eram os autores dos livros de Matemática?

Na Escola Mixta da Cachoeira Grande, o livro adotado e utilizado por minha mãe, Luiza Sallas Perez, foi o de Mello e Souza e Cecil Thiré.

Esta é a razão por eu destacar estes autores, dentre outros que escreveram naquela época.

Cecil Thiré, Euclides Roxo e Julio Cesar de Melo e Souza foram professores do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro e escreveram vários livros, que foram adotados por todo o Brasil.

Peço licença para fazer aqui um pequeno parêntese para elucidar um período especial de minha vida: eu estudei em escolas públicas do Estado de São Paulo: Grupo Escolar de Interlagos (primário) e Instituto de Educação Professor Alberto Conte (ginásio e colegial) onde tive a oportunidade de ser aluna de excelentes professores, dentre eles o saudoso Professor Orlando Alvarenga Gáudio (O Professor Orlando de Alvarenga Gáudio brincava com o cacófono de seu próprio nome), professor de Geografia, que lecionou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro,

e foi contemporâneo nada mais nada menos que de Euclides Roxo, Cecil Thiré e Júlio César de Mello e Souza – o Malba Tahan, dos quais apreciou e recebeu livros. Tive a felicidade de trabalhar com ele anos depois, quando me formei e me tornei a herdeira de um pequeno tesouro de livros de matemática daqueles famosos autores e os doe para o Professor Wagner Valente, do GEHMAT, (estudioso dos matemáticos brasileiros). O Professor Gáudio foi não só meu Professor de Geografia, como também responsável pelos nossos passeios, excursões (visitamos a Caverna do Diabo, a maior caverna do Estado de São Paulo, no município de Eldorado e lá aprendemos, in loco, a diferença entre estalactite, estalagmite e coluna), idas a teatro (lembro-me das peças *A Moreninha*, com Marília Pera e Marcos Nanini, que era bem novinho e a inesquecível *Esperando Godot*, com Cacilda Becker, coincidentemente em sua última apresentação, naquele fatídico 06/05/1969, quando entrou em coma no palco e veio a falecer 38 dias depois) e por ter-nos transmitido o amor à arte e cultura. Acredito que aquele seleto grupo de professores do Colégio Pedro II era harmônico e todos já apresentavam um indício de respeito e interesse pelas disciplinas uns dos outros, primeiros traços de transdisciplinaridade de que tenho conhecimento. Fim do parênteses.

Na época, da fusão da aritmética, com a álgebra e a geometria, nasceu a Matemática a partir da Reforma Francisco Campos, no primeiro governo de Getúlio Vargas. Segundo Wagner Valente³³:

Pelo país, a partir dos anos de 1930, começaram a proliferar os ginásios e liceus públicos. A população escolar, antes quase que exclusivamente formada por uma elite, é mais e mais engrossada por filhos de uma classe média que não pára de crescer. Aumenta a produção editorial de livros didáticos, surgem as coleções de obras para serem usadas pelos alunos em cada uma das séries escolares.

³³ Valente, W. R. Quem somos nós, professores de matemática?

Caderno Cedes, Campinas, vol. 28, n. 74, p. 11-23, jan./abr. 2008.

Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Ilustração 68 - Cecil Thiré, Euclides Roxo e Julio Cesar de Mello e Souza



A partir da esquerda: Cecil Thiré, Euclides Roxo e Mello e Souza (Foto publicada no *Correio Popular* de Campinas, em 6 de maio de 2001)

Fonte: *Correio Popular* de Campinas, em 6 de maio de 2001

Um deles, Julio Cesar de Mello e Souza escreveu, na década de 1940, vários livros de matemática e outros inspiração árabe, com o pseudônimo de Malba Tahan, destacando-se, o livro *O homem que calculava*, traduzido em várias línguas e publicado em diversos países. Ele escreveu também sobre didática da matemática, e para as séries iniciais, os livros *Tudo é Fácil* e *Alegria de Ler*.

Ilustração 69 - Capa do livro *Tudo é Fácil*



Fonte: *Tudo é Fácil*, de 1937, por Mello e Souza e Irene de Albuquerque.

Tive a felicidade de encontrar estes dois livros, no Rio Grande do Sul e a surpresa de encontrar pérolas no ensino da Matemática. Mello e Souza faz algumas considerações sobre a utilização do livro na escola Primária:

“... por melhor e mais perfeito que seja, não pode, em caso algum, prescindir do Professor... uma só finalidade tem êste livro: *colaborar com o Professor auxiliando diretamente o aluno*”.

Julio César de Mello e Souza foi, sem dúvida, um professor com a cabeça à frente de seu tempo. Já se utilizava ele da “Transdisciplinaridade”.

“Transdisciplinaridade” que viria, anos depois, a ser considerada por D’Ambrosio:

“Todos os povos, pensados como a mesma espécie humana, e todas as culturas, pensadas como integrando uma civilização planetária, exigem um novo pensar e um novo relacionamento de saberes e de fazeres que muitas vezes se manifestam diferentemente. Se na era colonial havia, entre saberes e fazeres, uma relação de prepotência e de marginalização, e mesmo de rejeição, de formas de conhecimento próprias dos povos conquistados, as novas relações internacionais e a intenção de recuperar a dignidade cultural de todos os povos, manifesta na Declaração dos Direitos do Homem, exige o diálogo intercultural e interdisciplinar. Esse é o primeiro passo para o pensamento transcultural e o conhecimento transdisciplinar. A transculturalidade e a transdisciplinaridade possibilitam a sobrevivência, com dignidade, da espécie humana. O Programa Etnomatemática é representativo desse novo pensar.

Ao se fazer a imagem das gaiolas epistemológicas, que caracterizam as disciplinas, somos levados a metáfora de pássaros voando nas respectivas gaiolas. Justapondo-se duas gaiolas, ou três ou quatro, e permitindo que pássaros possam voar de uma para outra, esses pássaros continuarão engaiolados! Essa é a grande limitação da interdisciplinaridade. Mas podemos ter o ideal de verem os pássaros livres para voar, podendo entrar e sair de suas gaiolas quando lhes apraz. Ou jamais voltarem e permanecerem livres. Algumas gaiolas talvez nunca voltem a ser procuradas e, com o tempo, serão esquecidas. Outras, ao receberem de volta seus pássaros, serão enriquecidas, pois eles trarão coisas novas. E alguns outros pássaros talvez se reúnam e construam novas gaiolas que, se tiverem suas portas abertas, darão continuidade a esse ciclo. Assim é a transdisciplinaridade.”

Mello e Souza, em seu livro Tudo é Fácil, diz que o seu objetivo foi tornar bastante vivo o ensino de Matemática, aliando-o ao ensino de Linguagem, Ciências Sociais, Ciências Naturais, etc. Para isso, conta a história de Kaneco – filho do Sr. Tak Fugita, que é negociante e se dedica ao comércio de frutas, trabalhando no mercado - e seu colega de classe, Roberto, filho do Dr. Mauro Ponce, engenheiro que trabalha na construção de uma nova estrada de ferro. O

livro apresenta diversas lições metamorfoseadas em leituras, contos e curiosidades. Ele recomenda que os trechos sejam lidos em classe e completados com esclarecimentos e exercícios feitos pelo Professor.

Sugere ainda que a lição de Matemática seja desenvolvida de acordo com o plano:

- I) *Leitura* - Um aluno, indicado pela professora, lê em voz alta (exatamente como faz na aula de *Linguagem*) o trecho que constitui a lição e também a parte complementar intitulada "PARA O CADERNO". Essa leitura deve ser atentamente acompanhada por todos os outros alunos (4 minutos).
- II) *Comentários* - A seguir a professora fará comentários sobre os principais centros de interesse sugeridos no decorrer da leitura (10 minutos).
- III) *Exemplos* -- Com o auxílio de exemplos numéricos a professora procurará esclarecer os conceitos matemáticos contidos na parte lida. Os alunos, na pedra, resolverão problemas sob a orientação da professora (10 minutos).
- IV) *Perguntas e exercícios orais* - Seguem-se as perguntas e exercícios orais com auxílio dos quais poderá a professora verificar se a noção explicada ficou bem compreendida (10 minutos)."

Mello e Souza escreveu vários livros. Ele retratou um perfil prático profissional que condizia com as características e com o discurso pedagógico que apresentava em suas obras. (Oliveira, 2001). Ele tinha uma posição crítica em relação ao currículo e aos programas implantados nas escolas. Ele afirmava que "era necessário fazer uma revisão cuidadosa dos programas de matemática com o objetivo de simplificá-los, torná-los mais vivos e mais interessantes.

Ilustração 70 - Antologia *Alegria de Ler*



Fonte: Capa do livro *Alegria de Ler*.

Irene de Albuquerque escreveu com ele *Tudo é Fácil*. Ela foi autora de outros livros e também publicou testes para o Curso Primário. Tive a oportunidade de encontrar uma destas publicações que fiz questão de aqui deixar, como Anexo D.

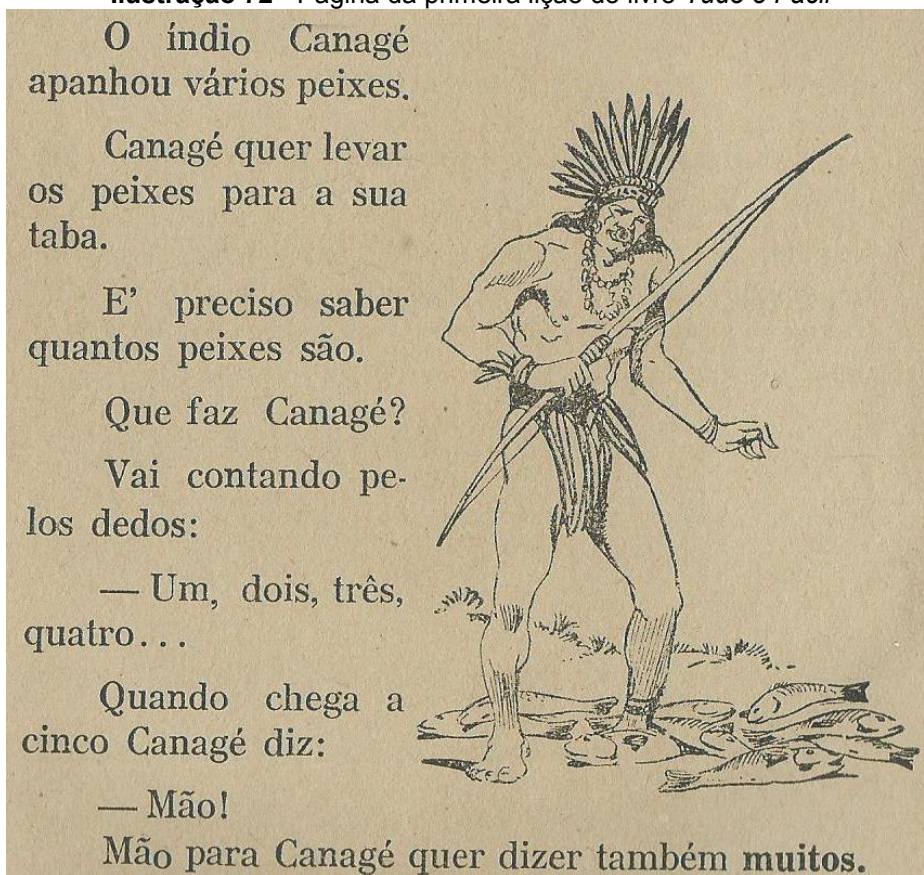
Ilustração 71 - Pular corda, caçar borboletas, jogar bola, tênis, brincar com fitas, jogar bilboquet, eram brincadeiras que faziam parte dos folguedos das crianças nas décadas de 30, 40, 50 e este desenho fazia parte da capa de um dos livros de Irene de Albuquerque. Provável ilustração de Solon Botelho, que ilustrava os livros de Mello e Souza.



Fonte: Livro: Testes para o curso primário – 3ª série

A seguir, para que possam ser apreciadas, algumas páginas do livro sensível *Tudo é Fácil* de Mello e Souza e Irene de Albuquerque, com ilustrações de F. Acquerone, dirigido às crianças:

Ilustração 72 - Página da primeira lição do livro *Tudo é Fácil*

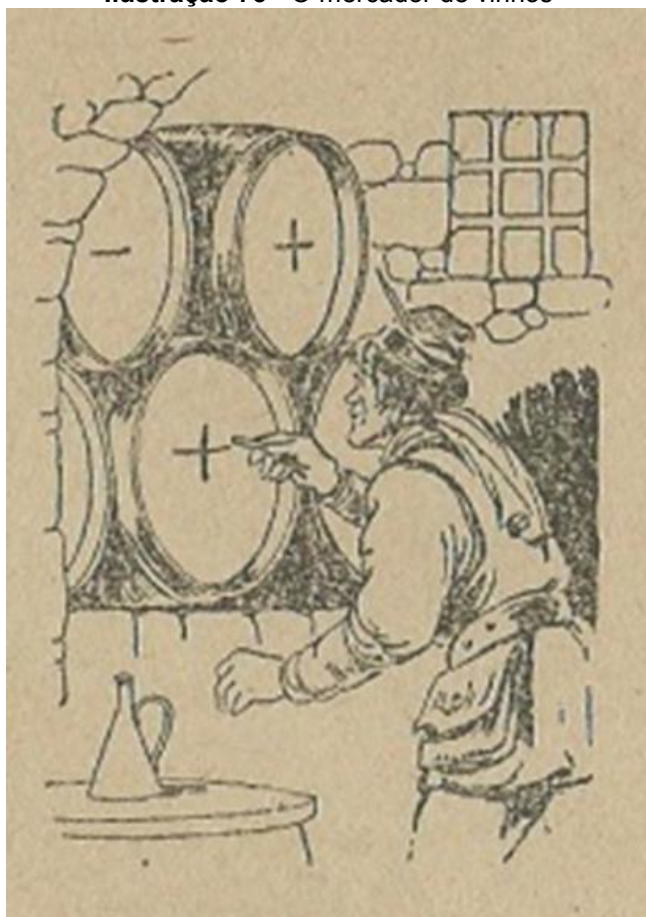


Fonte: Livro *Tudo é fácil* – pág. 9

Segundo Ubiratan D'Ambrosio, Mello e Souza trabalhava com Etnomatemática desde a primeira lição deste livro, ao considerar a contagem dos peixes pelo indígena.

Outro exemplo retirado do livro está na transcrição da “Origem dos sinais de adição e subtração. Sinal de igualdade.”

Havia antigamente, numa cidade da Alemanha, um homem que negociava em vinhos. Esse homem recebia diariamente vários tonéis de vinho. Os tonéis que chegavam do fabricante eram cuidadosamente pesados. Se o tonel continha mais do que devia, o homem marcava-o com um sinal em forma de cruz (+). Esse sinal queria dizer mais. Se no tonel parecia faltar uma certa quantidade de vinho, o homem marcava-o com um traço (-). Esse sinal queria dizer menos. Os sinais usados outrora pelo negociante de vinho são, até hoje, empregados pelos matemáticos. O sinal mais (+) indica soma. O sinal menos (-) indica diferença. Além dos sinais + e - há muitos outros de grande utilidade. Assim, a igualdade de dois números é indicada pelo sinal (=). Assim: $8 + 1 = 9$

Ilustração 73 - O mercador de vinhos

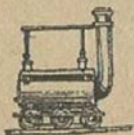
Fonte: Livro *Tudo é fácil* – pág. 15

Suas lições eram sempre sobre assuntos pertinentes à vida da criança e coisas que ocorriam em seu entorno, como as estradas de ferro, locomotivas ou rodovias. Ou então, que usassem bastante a imaginação, visitando mentalmente outros países, como no caso da pirâmide. Um artifício de que se utilizou bastante, tendo até uma carteira de identidade como Malba Tahan.

Ilustrações 74, 75 e 76 - Páginas do livro *Tudo é fácil*

PARA O CADERNO

Copie o seguinte trecho escrevendo por extenso todos os números que encontrar:




A primeira locomotiva, construída em 1814, pesava 4000 quilos, percorria 22 quilômetros por hora e puxava até 3 carros com passageiros. A locomotiva moderna mede 34 metros de comprimento, pesa 300 000 quilos, possui 12 rodas e pode conduzir uma composição com 125 carros cheios de passageiros.

Estudo da pirâmide — Base —
Vértice — Tronco de pirâmide.

TRIGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO

AS PIRÂMIDES

Alguns reis que governaram, outrora, o Egito, mandaram construir, por seus escravos, monumentos gigantescos com a forma de **pirâmides**.



Pirâmides do Egito

Pirâmide é um sólido que tem por base um polígono qualquer, e cujas faces laterais são triângulos. Esses triângulos têm um vértice comum que é o **vértice** da pirâmide.

A pirâmide pode ser triangular, se a base for um triângulo; quadrangular, se a base for um quadrilátero; **pentagonal**, se a base for um pentágono.



Pirâmide triangular

TUDO É FÁCIL 119

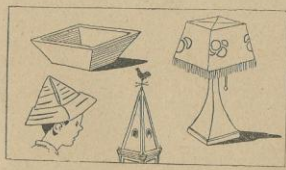
As pirâmides do Egito são quadrangulares (base quadrada).

Se cortarmos uma pirâmide paralelamente à base, obtemos um sólido que se denomina **tronco de pirâmide**.



Tronco de pirâmide

O tronco de pirâmide tem duas bases e as faces laterais são trapézios.



Observe, na figura acima, diversos sólidos que apresentam a forma de pirâmides ou de tronco de pirâmide. Poderá citar mais algum?

Divisão por 10 e por 100

Para dividir um número decimal por 10 basta deslocar a vírgula uma casa para a esquerda.

1.65



Exemplo:

$73,5 \div 10 = 7,35$

Quando deslocamos a vírgula duas casas para a esquerda, esse número fica dividido por 100, isto é, fica cem vezes menor.

Exemplo: $834,6 \div 100 = 8,346$.

Este garotinho “andando” com a vírgula lembra e muito as aulas da Profª Adelaide Tortorella com os alunos da Escola Mixta da Cachoeira Grande, quando fazia com eles a “dança dos decimais”

Outros escritores também adentraram no campo da Matemática e um deles foi o inesquecível Monteiro Lobato que escreveu *Aritmética da Emília*, lançado e publicado em 1935.

Na história, Monteiro Lobato consegue transformar a Aritmética em uma brincadeira no pomar, onde o quadro-negro em que faziam contas era o couro do rinoceronte Quindim. No livro, as crianças aprendem números decimais, frações, como transformar frações em números decimais, soma, subtração, multiplicação de números decimais, frações e números mistos e comuns. Aprendem também sobre o mínimo múltiplo comum, números romanos, quantidades, dinheiros antigos e de outros países.

Foi uma época de brilhantes manifestações que mostravam pistas, indícios propostas que eram e ainda hoje são consideradas inovadoras.

7. MEU PERCURSO ATÉ A ESCOLA MIXTA DA CACHOEIRA GRANDE

Quando me pus a pesquisar o que havia acontecido a essa escola, consegui, por telefone, alguns dados, na Diretoria de Ensino de Presidente Prudente, sobre a Escola Mista de Emergência do Bairro da Cachoeira Grande:

As escolas rurais fecharam em 1980. A documentação das mesmas foi enviada para uma escola municipal: “Goes Brandão”.

Verifiquei a documentação existente na Escola Municipal Francisca de Almeida Goes Brandão - (18) 3231 5611

Rua Democrata, 320 – Jardim Bongiovani

Localização: Atrás do tiro de Guerra

Diretora Vania Maria Nunes Paiva

Orientadora Ana Lúcia Galli

(39085611)

Falei com Daiane (estagiária) e com Silvana.

Só havia registros a partir de 1964 até a 1979.

O que consegui:

- Livro de Matrícula de 1964 a 1976
- Livro de 1976 – Resultados de Avaliação Final
- Livro de Exame Final – 1967
- Resultado dos Exames Finais: 1967 a 1979
- Livro de Resultado Final - 1977
- Livro de Resultado Final - 1978
- Livro de Resultado Final - 1979

Escola de Ensino de 1º Grau do Bairro Cachoeira Grande

Escola Mista de Emergência do Bairro Cachoeira Grande

Nomes:

Professora Elzoé Savittari

Examinador:

Professora Dalva Guimarães Bell Mossini – 1967

Professora Neide Ribeiro Faustino (substituta)

Professora Toshiko Ishibashi

Professora Carmella Baptista Rosa – 1970

Professora Dinorah Silva da Rocha Zanalli

Aspecto físico – é bom, notando-se os primeiros cartazes na formação de palavras. Possui farmácia, museu, jardim e merenda escolar para todos os alunos. Prevê-se um bom aproveitamento escolar

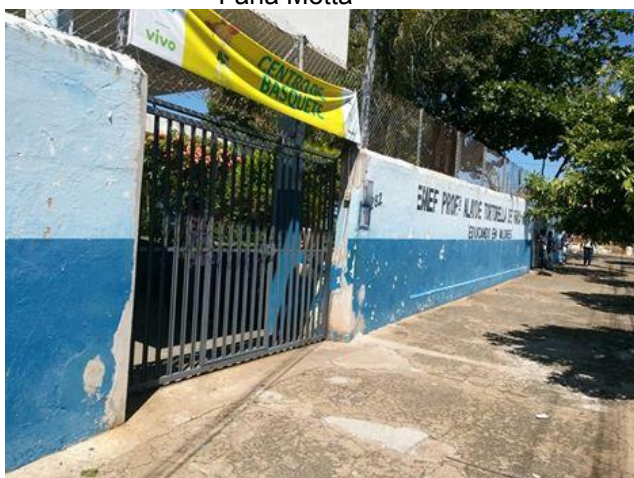
Termo de visita assinado pelo Supervisor Eustásio de Oliveira Ferraz – já foi Secretário de Educação de Presidente Prudente (Supervisor de ensino em 1977) e pelo Supervisor Nilberto Gonçalves Torres.

Essa informação me levou a procurar o Prof. Eustásio de Oliveira Ferraz e com ele marcar uma entrevista.

Ele não se lembrava da localização da escola e não sabia o que havia sido feito dela.

Fui até a Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Alayde Tortorella Faria Motta e me decepcionei, pois esta não tinha sido inicialmente a Escola da Cachoeira Grande.

Fotografia 24 - Entrada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Alayde Tortorella Faria Motta



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 25 - Camiseta usada por aluno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Alayde Tortorella Faria Motta



Fonte: Acervo da autora

Visitei ainda a EMEI Emílio Becker em busca de um possível endereço, pois duas classes da Escola da Cachoeira Grande haviam sido transferidas para lá. Mas também nada consegui.

Fui ao Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto pesquisar todos os jornais do periódico A Voz do Povo, de 1936, para ver se encontrava a data de inauguração da Escola da Cachoeira Grande, mas não encontrei especificamente a escola. Encontrei, na data de 9 de fevereiro de 1936, um artigo que mencionava que “ Pois o Sr. João Foz, já inauguro neste município varias Escolas ruraes, sendo algumas d’ellas para os filhos de japonezes e hespanhoes, cujas colônias estão por isso mesmo, radiantes de alegria”.

Ainda visitei a Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Plácido Braga Nogueira, na Rua Abílio Nascimento, 1333, no Parque Alvorada e na sua documentação não havia menção à Escola da Cachoeira Grande.

7.1 A descoberta

Após a saída do Plácido, inconformada de voltar para São Paulo sem descobrir onde ficava a Escola da Cachoeira Grande, saí à procura de moradores antigos da vizinhança.

Foi-me indicada a dona Mercedes, de 70 anos, como a mais antiga moradora do Parque Alvorada.

Perguntada se sabia sobre a Escola, ela respondeu que sabia, sim (finalmente!!!), e que dois de seus 6 filhos haviam estudado lá. Aliviada, eu quis saber tudo sobre a Escolinha, como ela a chamava.

A história da Escola da Cachoeira Grande pode finalmente ser montada.

Inaugurada em 1936, a Escola Mixta da Cachoeira Grande distava 4 km do centro de Presidente Prudente e, em seu primeiro ano, teve a Profª Alayde Tortorella como a professora de todas as crianças da antiga fazenda Mont’Alvão.

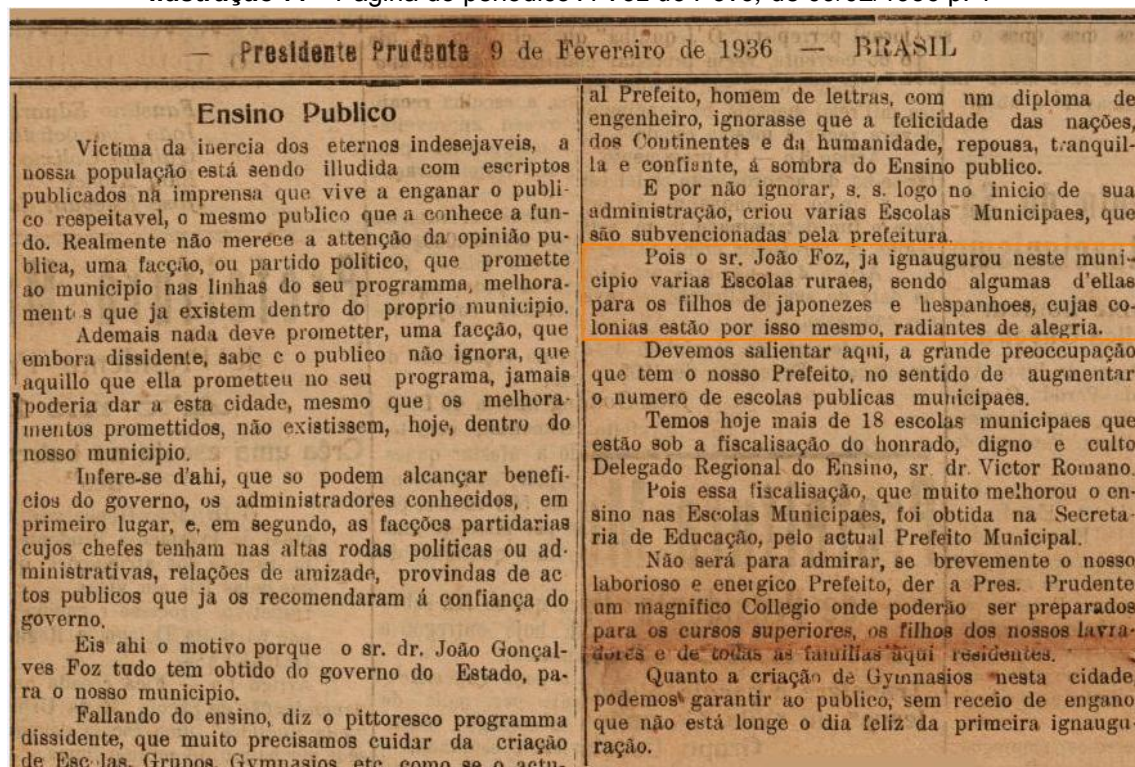
Fotografia 26 - Centro Comunitário do Parque Alvorada. À esquerda, na parte do gramado, ficava a “Escolinha”, segundo local da Escola da Cachoeira Grande



Fonte: Acervo da autora

O registro que encontrei no Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto foi a menção no Jornal A Voz do Povo do dia 09/02/1936 à inauguração de várias escolas rurais, algumas para filhos de japoneses e espanhóis e que as colônias estavam radiantes de alegria.

Ilustração 77 - Página do periódico A Voz do Povo, de 09/02/1936 p. 1



Fonte: Jornal do acervo do Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto

Mesmo com a venda das terras pelo meu avô ela continuou funcionando por muitos anos, depois se transferiu para um terreno situado entre as atuais Rua Antonio Espigarioli, esquina com a Rua João Salvador, local onde hoje funciona o Centro Comunitário Alvorada

Ninguém tinha ouvido falar desta escola. Mas ela existiu. Onde estava a documentação de 1936 a 1964? Esta documentação foi, com a ajuda da Diretora de Ensino de Presidente Prudente, Prof Naíde Videira Braga, encontrada no sótão do prédio da Diretoria, pela Lucilene e pela Luiza, que foram incansáveis em procurar a documentação.

Ainda faltava encontrar o local da escola.

Visitei várias escolas que poderiam ser próximas à Escola Mista de Emergência do Bairro da Cachoeira Grande, que foi extinta em 1979. Ela se situava no Parque Alvorada.

Fui até o Parque Alvorada e visitei a Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Plácido Braga Nogueira. Ao sair da escola, sem saber ainda da localização, procurei por moradores mais antigos do local e acabei encontrando a dona Mercedes.

Segue a transcrição da entrevista:

Moradora: Mercedes Cortes Rodrigues

Local: Rua Milton José Bissoli, em 04/04/2014

Eu me apresentei como neta de um antigo morador.

R.: Como que chama o seu avô?

P.: João. João Sallas Molina.

R.: Então é irmão do compadre Giné. É irmão do meu padrinho Giné.

P.: Ele tinha um irmão Ginez.

R.: Giné?

P.: O apelido era Giné. É.

R.: Giné? Então. É o padrinho Giné, que eu trato ele de Giné. Agora eu não sei o nome dele, verdadeiro, né, se Giné mesmo, ou se era apelido. Eu... o Zé... eu acho que ele já faleceu. Eu não sei não. Mas...

P.: A senhora nasceu aqui?

R.: Eu não. Eu nasci em Minas mas vim com três anos de idade de Minas.

E aqui o meu pai morou no sítio deles. Tem muitos dos Molina. Olha, tem o Giné, que é meu padrinho. E ele tinha o filho, José, que morava lá. Então, mas é... o José também tinha muitos filhos. E tinha, quer ver? Ó, tinha acho que era a Bércia, que era do compadre Giné.

P.: É isso mesmo.

R.: A Bércia, ela era professora de lá. Era professora de lá.

P.: Da Cachoeira Grande?

R.: Da Cachoeira Grande.

P.: E onde que é "lá"? A senhora aponta para lá e eu não sei onde é.

R.: Olha, você tem que... você desce aqui, tem o sítio da finada Rita, tem o sítio da finada Rita, que tem... mas ali... não existe mais a escolinha.

P.: Não existe mais a escolinha?

R.: Não.

P.: De lá, ela veio para cá...

R.: Agora ela veio para cá, agora de cá eu não sei para onde é que ela foi

P.: Eu sei. (descobrimo o mistério do paradeiro da Escola!!!) Aqui³⁴! Ela foi desmanhada e está onde é o Placídio de hoje. Ela foi fechada para formar o Placídio.

R.: Tem o Placídio.

R.: É.

P.: É. Agora, me mostra onde era, pelo menos para eu saber. A senhora pode ir até lá comigo?

R.: Vem aqui, ó! Dá para ver daqui, da esquina. É. Ali, é onde tem o Centro Comunitário agora. Ali, ó! (menos de 50 metros da casa da dona Mercedes)

P.: É bem ali?

R.: É. Ali, ó! Ali é o centro comunitário, ó!

P.: Onde era o centro comunitário?

R.: Para cá um pouquinho, mas é ali, encostado ali. Era a escolinha.

³⁴ Mesma quadra onde mora a dona Mercedes.

Fotografia 27 - Dona Mercedes Cortes Rodrigues apontando o local da “escolinha”



Fonte: Acervo da autora

P.: Olha... a escolinha era lá?

R.: Era ali. A escolinha.

P.: Dona Mercedes qual o seu nome?

R.: Mercedes Cortes Rodrigues, filha do Alfredo Albano Porti e Maria Dalpério. O meu marido é Hélio Rodrigues e eu tenho seis filhos. Tem a Maria, a Maria, Dulcinéia, que é uma “mental” minha, o Sebastião, Sandra, e Marcos e Lucineia.

Fotografia 28 - Dona Mercedes Cortes Rodrigues



Fonte: Acervo da autora

R.: A Sandra, a Dulcineia, estudou o prezinho aqui, na escolinha.

P.: Aqui, nesse centro comunitário? A senhora lembra como que era o prédio daqui, antes de ser o centro comunitário?

R.: Onde era a escolinha?

P.: É.

R.: Era de madeira. Era uma escolinha de madeira. Era bem feitinha, toda pintadinha, eles pintaram todinha ela, ficou a coisa mais linda. Tinha uma professora que vinha dar aula. A minha Sandra estudou nela, estudou nessa escolinha.

P.: E a outra? A antiga?

R.: Aí era no bairro Cachoeira Grande, né. É onde que depois foi, ficou tudo sendo do Nato, o Nato Lodão ficou dono disso aqui tudo, ó! O Nato também já faleceu.

P.: E agora não chama mais Bairro da Cachoeira Grande? Ninguém sabe onde fica esse bairro.

R.: Ninguém sabe, mas era, o bairro Cachoeira Grande era ali.

P.: Era aqui, pertinho?

R.: É.

P.: Onde tem o posto de polícia?

R.: Fica mais chegado lá.

R.: O Santa Mônica, hoje é Santa Mônica, é Cambuci, é tudo por ali. É lá, perto da Santa Mônica que era a Cachoeira Grande. O rio corria mesmo. Passa, ainda. Acho que não secou, não. Esse rio é velho, ali. É uma descida, assim, ó! Onde que passava o rio, tinha capelinha ali onde que é do Nato, acho que do tempo dos seus avós que ainda casou até fizeram até casamento naquela capela. Na capela dos Molina. Nossa! Foi muito terço que o menino chamava nós, nós ia lá para rezar terço.

Fotografia 29 - Dona Mercedes Cortes Rodrigues



Fonte: Acervo da autora

P.: Ah, dona Mercedes, que coisa boa, lembrar, né?

R.: Eu lembro tudo.

P.: Ah, a senhora lembra, mesmo.

R.: A Cachoeira Grande é lá na... não tem o Santa Mônica? E não tem o rota, do lado de lá? É aquele rio que atravessa ali. É... era Cachoeira Grande, que diz que tinha cachoeira, era bem ali no sítio mesmo. Ele passa para lá, passa no sítio do compadre Giné. No sítio dos Molina. Era sítio dos Molina. : É. Não tem aquele que era da dona Rita ali? Ali passava um rio... Ainda passa. É ali, ó! Ficava ali, onde que era da dona Rita. Eles venderam lá, venderam tudo.

É. Um pouco depois da Marisa você vai ver o pasto bem grande ali. E essa daí é cheia de vacas, e ali em diante corre dali, e eu acho que é...

R: A escolinha era para cá. Não era meio fazendinha?

P.: Era, de café.

R.: Então,

P.: Ela terminou aqui, nessa rua? No centro comunitário, a escola?

P.: E começou para lá. Mas onde ela era, não existe mais nada? O terreno está vazio?

R.: Está vazio. Ave Maria, é só pasto, agora.

P.: Só pasto?

R.: É. Tem aquele... não é um posto policial? Que tem ali, na... na dona Rita? Eles fizeram lá. Sabe o posto policial lá?

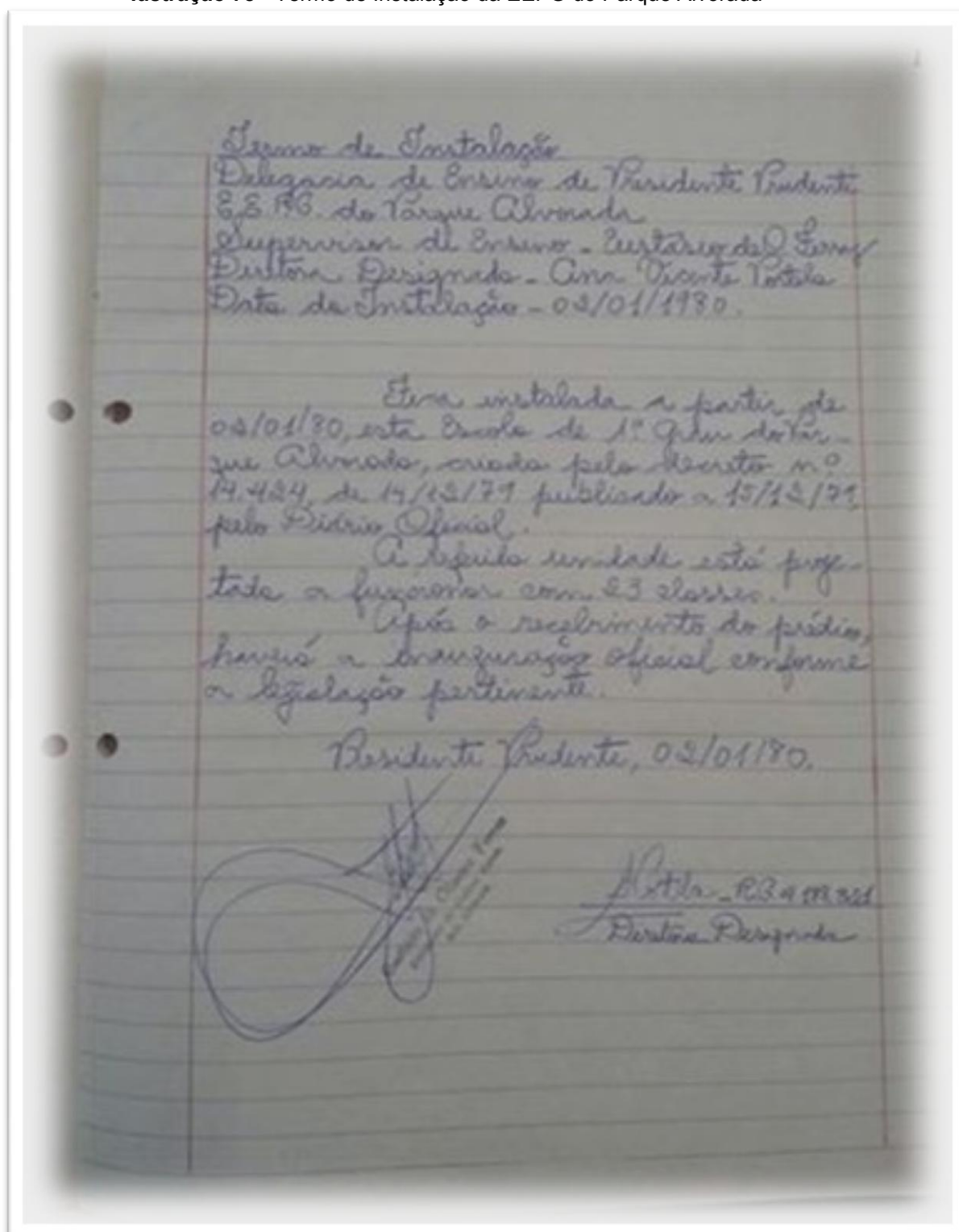
P.: Bom, eu vou registrar esse centro comunitário e aquele pasto vai ficar para uma outra vez, dona Mercedes. Então, muito obrigada. Fiquem com Deus.

R.: Amém.

P.: Tchau...

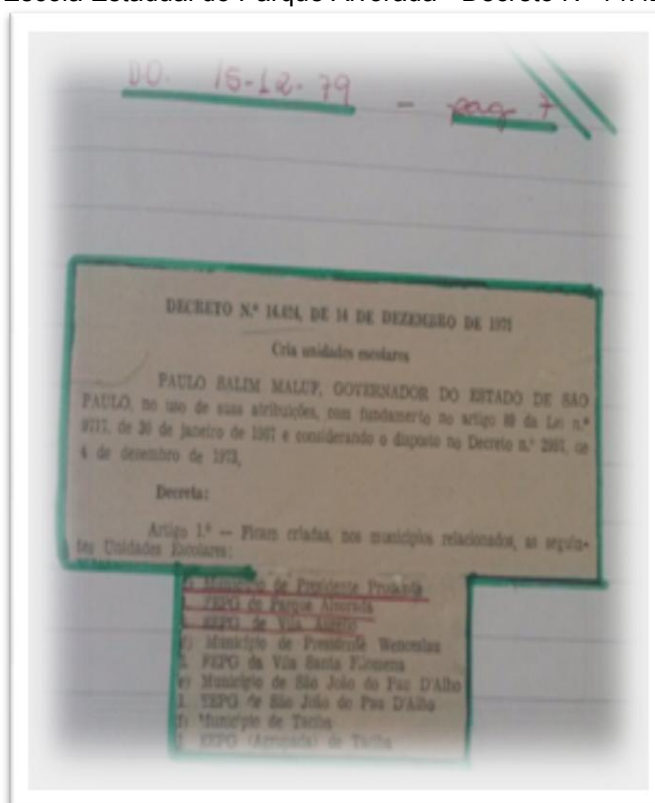
Considerando que os últimos documentos da Escola Mista do Bairro da Cachoeira Grande datam de 1979 e que, pelo Decreto Nº 14.424, de 14 de dezembro de 1979, foi criada a Escola Estadual de Primeiro Grau do Parque Alvorada, a apenas duas quadras da antiga “Escolinha”, chegamos à conclusão de que a antiga Escola Mista de Emergência do Bairro da Cachoeira Grande transformou-se na Escola Estadual de Primeiro Grau do Parque Alvorada, que foi posteriormente confirmada pelo Vereador Izaque José da Silva.

Ilustração 78 - Termo de Instalação da EEPG do Parque Alvorada



Fonte: documento obtido na secretaria da Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Plácido Braga Nogueira

Ilustração 79 - Escola Estadual do Parque Alvorada - Decreto Nº 14.424 de 14/12/1979



Fonte: Documento obtido na secretaria da Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Plácido Braga Nogueira

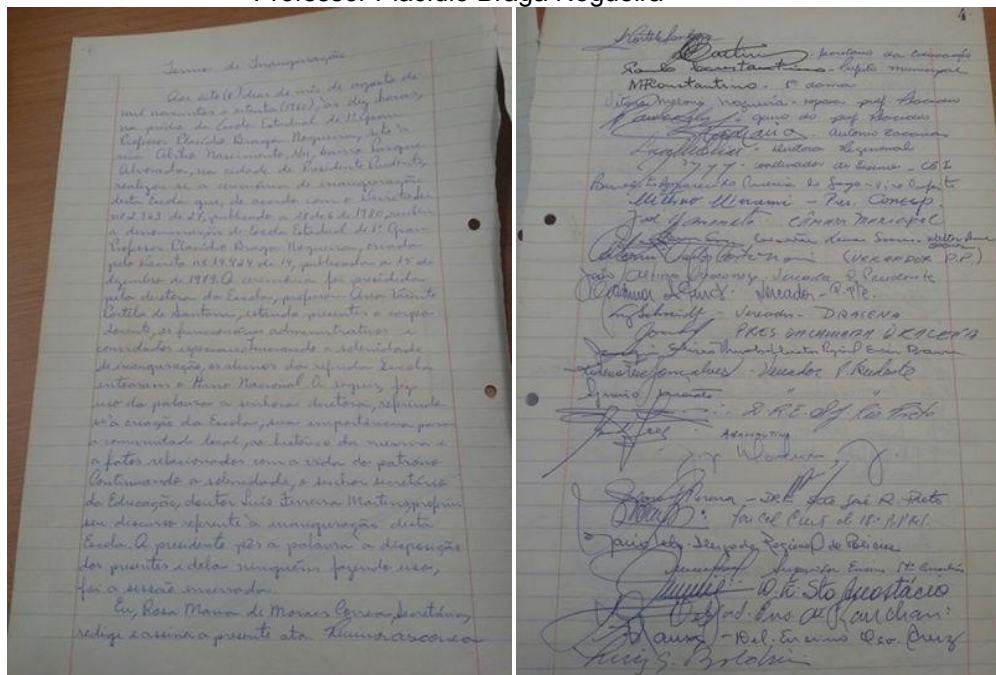
Em 1980, a EEPG do Parque Alvorada passou a denominar-se A Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Plácido Braga Nogueira, conforme ata da cerimônia de inauguração que transcrevo a seguir:

Aos oito (8) dias do mês de agosto de 1980, às dez horas, no prédio da Escola Estadual de 1º Grau Professor Plácido Braga Nogueira, sito à rua Abílio Nascimento, s/n, bairro Parque Alvorada, na cidade de Presidente Prudente, realizou-se a cerimônia de inauguração desta Escola que, de acordo com o Decreto Lei nº2.363 de 27, publicado a 28 de 6 de 1980, recebeu a denominação de Escola Estadual de 1º Grau Professor Plácido Braga Nogueira, criada pelo Decreto 14.424 de 14, publicada a 15 de dezembro de 1979. A cerimônia foi presidida pela diretora da Escola, professora Ana Vicente Portela de Santana, estando presentes o corpo docente, os funcionários administrativos e convidados especiais. Iniciando a solenidade de inauguração, os alunos da referida Escola entoaram o Hino Nacional. A seguir, fez uso da palavra a senhora diretora, referindo-se à criação da Escola, suma importância para a comunidade local, ao histórico da mesma e a fatos relacionados com a vida do patrono. Continuando a solenidade, o senhor secretário da Educação, doutor Luís Ferreira Martins, proferiu seu discurso referente à inauguração desta Escola. A presidente pôs a palavra à disposição dos presentes e dela ninguém fazendo uso, foi a sessão encerrada.

Eu, Rosa Maria de Moraes Correa, Secretária, redigi e assinei a presente ata.

Seguem-se as assinaturas, do Secretário da Educação, do Prefeito, da 1ª dama, esposa do Prof. Placídio, genro do Prof. Placídio e várias outras, conforme registro abaixo:

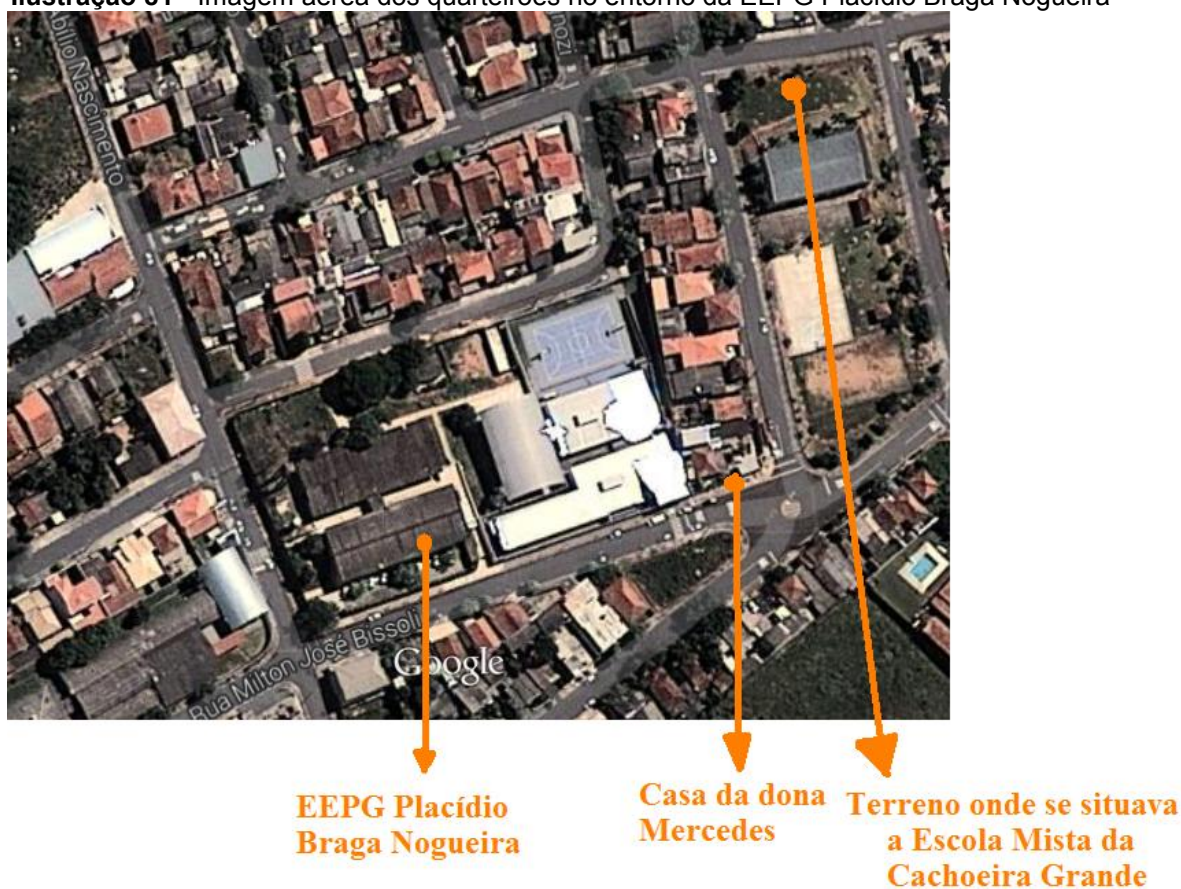
Ilustração 80 - Ata da cerimônia de inauguração da Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Placídio Braga Nogueira



Fonte: Documento obtido na secretaria da Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Placídio Braga Nogueira

Para se ter uma melhor ideia da distância entre a antiga e a nova escola, coloquei, a seguir, uma visualização do espaço compreendido pelas duas, através de uma imagem aérea capturada do Google Maps.

Ilustração 81 - Imagem aérea dos bairros no entorno da EEPG Plácido Braga Nogueira



Fonte: Google Maps - imagem capturada em 20 de julho de 2014

Ficou fácil perceber que a antiga “escolinha” havia se tornado a EEPG Plácido Braga Nogueira ao observarmos a foto aérea do Google Maps e após a conversa com o Vereador Izaque José da Silva, que é morador do Parque Alvorada e me foi indicado pela dona Mercedes. Posteriormente ao meu encontro com ela, entrei em contato com o vereador que, em conversa telefônica, confirmou a inauguração em 1980 e conheceu pessoas que chegaram a estudar na antiga Escola Mista da Cachoeira Grande, chegando inclusive a me apresentar a ex-aluna Maria Silvana de Faria, que prestou seu depoimento, também por telefone.

Fotografias 30, 31, 32, 33, 34 e 35 - EEPG Placídio Braga Nogueira em 2014







Fonte: Acervo da autora

A EEPG Placídio Braga Nogueira localiza-se à Rua Abílio Nascimento, 1333, no Parque Alvorada.

A Diretoria de Ensino de Presidente Prudente firmou a adesão a um novo modelo de escola de tempo integral. A EEPG Placídio Braga Nogueira possui alunos dos ensinos médio e fundamental que, a partir de 2014 tiveram, além da grade curricular padrão, um novo cronograma de atividades.

Segundo a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo³⁵, o novo modelo estipula 8h30 por dia de aula. Além disso, os alunos contam com três refeições diárias, grade curricular com matérias escolhidas pelos próprios estudantes, além de professores exclusivos para a unidade.

E aquela cidade que foi construída em apenas dois anos hoje é uma grande cidade e tem em seu hino o agradecimento àqueles que nela chegaram e a fizeram crescer:

³⁵ <http://www.ifronteira.com/mobile/noticia-48885>

Hino de Presidente Prudente³⁶

Louvores a Marcondes e a Goulart	O labor e o amor profundo
Que aqui vieram para desbravar	Há de encontrar.
Este rincão,	
Do meu coração,	Aqui se planta e colhe com
Cantando em prosa e verso	cantigas
Hoje nesta canção.	Do branco algodão à loura espiga,
	A pecuária,
Rasgando os sertões sorocabanos,	Em plena ascensão,
Valentes, corajosos, soberanos,	
Tão brava gente	Exporta para o mundo
Plantou a semente,	Sua produção.
Que vingou e assim nasceu	Cresceu, cresceu demais e tão
Prudente.	menina
	Orgulho desta gente prudentina,
Pedaco de terra	
Na boca do sertão,	Seus edifícios,
Que abriga e encerra	Quais mãos numa prece,
Um vasto coração.	Olham os céus e a Deus
	agradecem.
Qualquer raça do mundo	
Que nela aportar,	

Presidente Prudente³⁷ é um município brasileiro no interior do Estado de São Paulo. Pertencente à mesorregião e microrregião de mesmo nome, localiza-se a oeste da capital do estado, distando desta cerca de 558 km. Ocupa uma área de 562,107 km², sendo que 16,5600 km² estão em perímetro urbano, e sua população foi estimada no ano de 2010 em 207 625 habitantes, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sendo então o 36º mais populoso de São Paulo e primeiro de sua microrregião. Está a 979 km de Brasília, capital federal.

³⁶ <http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/Documento.do?cod=21406>

³⁷ <http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/acidade.xhtml>

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde meados do século XIX, o Brasil incentivou a vinda de imigrantes europeus e asiáticos, antecipando a abolição da escravidão. O trabalho remunerado desses imigrantes, substituiria a mão de obra da escravidão indígena e negra. Muitos imigrantes foram atraídos pela propaganda que se fazia do Estado de São Paulo, uma terra paradisíaca onde se plantava o “ouro verde” (café). E foi assim que, italianos, espanhóis, japoneses e outros imigrantes, aqui chegando, garantiram o trabalho na lavoura e a fixação na terra, contribuindo para o povoamento deste interior tão vasto.

A necessidade de escolas era uma decorrência esperada pois as famílias eram muito prolíferas e o governo tinha o dever de oferecer o ensino e também o interesse em nacionalizar os pequenos “extrangeiros”, o que era conseguido através da escola. Isto porque o imigrante trazia consigo o desejo de enriquecer e de voltar, diante das lembranças de sua terra, dando à sua prole, que nasceu aqui, uma educação de acordo com os reclamos e aspirações do seu país. Se a criança se nacionalizasse, esse retorno não aconteceria.

Cada cultura tem seu espaço, tempo e suas maneiras de lidar com o seu dia a dia, com fatos e fenômenos naturais ou criados pelos homens. Diferentes culturas vieram nacionalizar-se no Brasil. Assim, uma descoberta que muito me impressionou foi como era imperativo nacionalizar os pequenos campesinos “extrangeiros”. Um dos instrumentos mais importantes e mais adequados para a nacionalização é a língua pátria.

Ilustração 82: Recreio das crianças



Fonte: Andrade, Alegria, Companhia Editora Nacional, 1941, p. 35 e 67

Um exemplo significativo era de que, no recreio, as crianças não podiam se comunicar na língua materna. Eram obrigados a conversar em português.

Os professores das escolas rurais passaram por muitas dificuldades ao assumirem classes em fazendas. A maior delas talvez fosse a de moradia, visto que os alojamentos a eles destinados às vezes era, muitas vezes, junto dos colonos, e eles eram tratados quase que como os antigos escravos.

A dificuldade de acesso às escolas rurais é uma constante em vários depoimentos, desde as professoras da Escola Mixta da Cachoeira Grande, que iam de carroça ou a cavalo, do Inspetor Escolar que utilizava o burro Canário, da Professora Antonia, do Professor Eustásio, situação que se mantém até os dias atuais, como se pode constatar a partir do estudo produzido em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)³⁸, que diz ser características das escolas rurais:

- a insuficiência e a precariedade das instalações físicas da maioria das escolas;
- as dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar;
- a falta de professores habilitados e efetivados, o que provoca constante rotatividade;
- currículo escolar que privilegia uma visão urbana de educação e desenvolvimento;
- a ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas rurais;
- o predomínio de classes multisseriadas com educação de baixa qualidade;
- a falta de atualização das propostas pedagógicas das escolas rurais;
- baixo desempenho escolar dos alunos e elevadas taxas de distorção idade-série;
- baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores, quando comparados com os dos que atuam na zona urbana;
- a necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas;
- a implementação de calendário escolar adequado às necessidades do meio rural, que se adapte à característica da clientela, em função dos períodos de safra.

Características essas idênticas às que encontrei ao pesquisar o que ocorria em 1936, como veremos a seguir:

³⁸ *Panorama da educação do campo*. Brasília - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007 (p 8-9). Disponível em <http://www.red-ler.org/panorama-educacao-campo.pdf>

Quando se trata de insuficiência e precariedade das instalações físicas - havia que se construir salas de aula no espaço rural para atender ao número excessivo de crianças em idade escolar.

Quanto às dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar, impressionante como se mantém essa precariedade, desde os Professores Sud Mennuci, Gustavo, Alayde, Adelaide, Noemia, Eustásio até Antonia, todos relataram problemas de transporte, ora utilizando-se de cavalos, charretes ou burros.

Professores habilitados e efetivados em falta – a situação parece não alterar-se, sendo a rotatividade uma constante. Desde Alayde, Adelaide e Noemia, uma por ano, na Escola Mixta da Cachoeira Grande até os dias atuais, não se resolveu a situação dos professores em escolher uma escola e nela fixar-se. No caso da Professora Antonia que foi entrevistada, quando menciona que trabalhou “cinco anos na zona rural, foi um ano na tia Ana, depois um ano e meio no Bairro da Saracura, e depois três anos no bairro do Córrego Azul. Tinha um córrego azul, também, que era um córrego bem azul”. Foram cinco anos em três escolas diferentes: A escola do Córrego Seco, a do Córrego Azul, a da Cachoeira Grande, havia esta curiosidade em relação aos nomes das escolas, que assumiam o nome do acidente geográfico mais próximo ou de alguma característica que lhe fosse peculiar. Isto deu origem às escolas: Escola Mista Rural do Bairro da Água Comprida, Escola Mista Rural do Bairro da Água do Atalho, Escola Municipal da Laranja Doce, Escola Municipal do Bairro da Alegria, Escola Mista da Rita da Fortuna, Escola Masculina do Brejão, Escola Mista Urbana de Formigas, Escola Mista Rural do Bairro da Lagôa Seca, Escola Mista do Bairro Floresta, Escola Mista do Piraporinho, Escola Mista Rural do Brejão de Cima, Escola Mista do Bairro da Confusão, Escola Isolada do Bairro do Ribeirão do Cedro, Escola Mista do Bairro Pau Queimado³⁹, dentre outras.

Uma luta insana a de Sud Mennucci em se considerar um currículo escolar que privilegiasse a escola rural e não a da visão urbana de educação e desenvolvimento.

Quanto à assistência pedagógica e supervisão escolar, acontecia com pouca frequência, mas não era ausente em 1936. Então, em 2007, piorou.

³⁹ Nomes obtidos em documentos verificados na Diretoria de Ensino De Presidente Prudente pela autora.

As classes multiseriadas eram e continuam uma constante, quase oito décadas passadas.

E quanto ao calendário escolar adaptável aos períodos de safra? Não foram considerados nos anos seguintes e chegamos a 2007 sem a sua implementação.

Assim, o livro de Mennucci, *“A Crise Brasileira de Educação”*, continua mais atual do que nunca.

Há muito ainda a fazer no resgate da história da educação no Brasil. Muitos documentos se perdem facilmente, ou por má preservação ou por reformas e ainda, uma falta de consciência do valor histórico dessas fontes documentais. Há que se resgatá-los, quando possível, e às memórias das pessoas.

Tive dificuldade em descobrir o destino físico da Escola Mixta da Cachoeira Grande porque houve o crescimento da zona urbana, que “chegou” ao campo (eram apenas 4 km) e a escola deixou de ser “rural”.

Quanto à matemática ensinada na década de 1930, há que se considerar que esta ocorreu no período pós Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, que preconizava que:

“a *escola única* se entenderá entre nós, não como uma conscrição precoce arrolando, da escola infantil à universidade, todos os brasileiros e submetendo-os durante o maior tempo possível a uma formação idêntica, para ramificações posteriores em vista de destinos diversos, mas antes como a escola oficial, única, em que todas as crianças, de 7 a 15 anos, todas ao menos que, nessa idade, sejam confiadas pelos pais à escola pública, tenham uma educação comum, igual para todos.”⁴⁰

Este Manifesto foi um importante marco para a divulgação dos princípios da Escola Nova e, sob esta influência, Euclides Roxo, que era diretor do Colégio Pedro II, e por forte influência de Felix Klein e Ernest Breslich. Segundo João Bosco Pitombeira de Carvalho,

... Euclides Roxo sentia a necessidade de uma mudança nas linhas do movimento renovador da educação – a Escola Nova – e que teria encontrado nas idéias de Klein e de Breslich pontos de vista com os quais concordava, sendo estes incorporados a seu modo de pensar o ensino-aprendizagem da matemática e postos em prática, aproveitando-se, para isso, de sua posição estratégica. Felix Klein tinha ideias muito mais gerais, profundas e significativas do que Breslich. Euclides Roxo as adotou integralmente. De Breslich, adotou a preocupação com um currículo integrado de matemática, e copiou dele maneiras de executar tanto as ideias do próprio Breslich quanto as de Klein.

⁴⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_dos_Pioneiros_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nova

O papel de Euclides Roxo nas reformas promovidas por Campos e Capanema fez que se consolidassem no Brasil duas ideias defendidas por Klein e Breslich: o ensino simultâneo dos vários campos da matemática em cada série, integrando-os na medida do possível; e a presença da matemática em cada série do currículo

[...]

Euclides Roxo provavelmente não teria tido sucesso em suas reformas fora do ambiente autoritário do Brasil entre os anos de 1930 e 1945, quando se efetuaram as reformas de Campos e Capanema.

Neste cenário, a surpresa foi descobrir o trabalho inovador de Mello e Souza, precursor das idéias de Ubiratan D'Ambrosio. Imagino Mello e Souza como um pássaro livre, que voa entre as gaiolas epistemológicas, entrando e saindo delas, enriquecendo as que entram, pois sempre leva coisas novas a cada uma e construindo novas gaiolas e as deixando de portas abertas.

Fiquei estupefata com o engessamento do ensino da matemática que tinha que seguir o “programa” e assim, influenciava as atitudes dos professores, como no caso d’o menino que não aprendeu a cubicar”, que era o maior desejo da mãe, para que ele não fosse enganado pelo patrão. E o Prof. Eustásio conclui:

“Essa parte é só no quarto ano, que a gente vai aprender o sistema métrico, o metro cúbico, só no quarto ano, seu filho está no terceiro ano, só no ano que vem. E aqui não tem quarto ano, só na cidade.” E então, o menino não aprendeu a cubicar⁴¹. São coisas da vida.

E as crianças já tinham alguma experiência matemática antes de entrar na escola, quantificando ou observando as formas de suas coisas, nas brincadeiras de que participavam, no exemplo do pequeno trabalhador do campo, antes mesmo que um professor ou professora as ensinasse. E não eram atendidas no que mais queriam e precisavam.

Hoje é quase consensual entre os educadores a importância de considerar os conhecimentos prévios das crianças e utilizá-los para que elas organizem e aprofundem o que sabem, mesmo que de modo informal, para adquirir novos conhecimentos.

O livro era comprado pelo professor e pelos alunos. O professor Eustásio disse que “Nada era dado”.

⁴¹ Grifo da autora

Eu já estava terminando estas considerações, quando me deparei, em 06 de agosto de 2015, com a página (rede social) do então ministro da Educação, Renato Janine e sua opinião a respeito do ENEM⁴² (Exame Nacional do Ensino Médio):

O ENEM é um instrumento fabuloso para avaliar a educação. Mas somos justamente nós, responsáveis por aplicá-lo, que alertamos para a necessidade de levar em conta aspectos que não saltam aos olhos. No ensino, há fatores que dependem da escola e outros que são externos a ela. A clamorosa desigualdade social que persiste no Brasil é o mais perverso. Podemos atuar, sim, dentro da escola, e atuamos muito!! Queremos professores mais bem formados, valorizados no salário e em outras qualidades, disciplinas bem definidas, material didático bom e tudo o mais. Isso é o que depende mais de nós (embora o aumento salarial dependa da receita econômica, que a educação não gera). Mas o nível social dos alunos, ou a cor da pele, ou outros fatores que aumentam ou diminuem o resultado, não dependem apenas de nós. É por isso que políticas sociais são relevantes. É por isso que o engajamento da sociedade é crucial. O ENEM é um prodigioso termômetro. Mas precisa ser interpretado, entendido, utilizado. É o que começamos a fazer.⁴³

Em outro post do dia 5 de agosto de 2015, ainda na sua página, há o resultado do ENEM de 2014, dizendo que as Escolas Familiares Agrícolas estão entre as melhores instituições privadas do país que atendem alunos de nível socioeconômico baixo ou muito baixo. Estes dados foram apresentados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

O ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, disse que foi uma surpresa para o Ministério da Educação (MEC) e o Inep o destaque dessas escolas no Enem. “Não sabíamos da grandeza do trabalho delas [das escolas familiares agrícolas] e é interessante quando uma pesquisa mostra algo inesperado, porque normalmente elas mostram confirmações do que já existe.” Segundo Janine, o MEC vai agora dar mais visibilidade e ir atrás da experiência dessas escolas para “aprender com elas”. São instituições comunitárias geridas por associações de moradores e sindicatos rurais vinculados à comunidade. “Nesse sentido é a melhor escola privada do Brasil e merece nosso destaque”, ressaltou Janine. O presidente do Inep, Chico Soares, destaca que as escolas avaliadas são muito heterogêneas entre si e que é possível a construção de muitos rankings. “Um único ranking produz um quadro distorcido da

⁴² Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (**Enem**) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores.

⁴³ <https://www.facebook.com/renato.janineribeiro>

realidade”, disse ele, explicando que é preciso considerar o porte e a estratégia da escola de seleção de alunos e as características socioeconômicas dos estudantes.

O indicador de permanência na escola foi usado pela primeira vez nas avaliações do Enem por escola, além dos indicadores de nível socioeconômico e da formação docente. Os dados mostram que quanto mais alto o nível socioeconômico, melhores são as notas em todas as áreas de conhecimento avaliadas. Escolas com alunos de nível muito alto tiveram nota média de 611 pontos, enquanto as que atendem um nível muito baixo foi de 429 pontos.

As maiores médias foram apresentadas pelos estudantes cujos professores têm formação acadêmica específica nas disciplinas que lecionam. Aquelas que têm até 50% dos professores lecionando na sua área tiveram média de 478 pontos, enquanto as que têm mais de 50% dos professores formados nas disciplinas tiveram média de 512 pontos.

O Enem de 2014 foi feito por aproximadamente 6,2 milhões de estudantes em todo o país. Os que fazem parte do ranking divulgado nesta quarta-feira totalizam 1,3 milhão de estudantes, que fizeram as provas em 15.640 escolas. Os alunos fazem provas de redação, matemática, português, ciências humanas e ciências da natureza. Para a correção das provas, é usada a Teoria de Resposta ao Item (TRI). Segundo o Inep, além de estimar as dificuldades dos itens e a proficiência dos participantes, essa metodologia permite que os itens de diferentes edições do exame sejam posicionados em uma mesma escala. Cada uma das quatro áreas do conhecimento avaliadas no Enem tem uma escala própria, e a redação é a única parte do exame em que os alunos têm de escrever.⁴⁴

A Escola Família Agrícola (EFA) utiliza o método da Pedagogia de Alternância, criado em 1935, na França, em Lot et Garonne, que passava pelos mesmos problemas que nossos imigrantes, na mesma época, ao querer que os filhos estudassem. Na França, com a ajuda do Padre Granereau, o pai pode proporcionar aos filhos duas semanas de conhecimentos gerais e técnicos voltados para a realidade agrícola e duas semanas nas propriedades rurais, onde exerciam a prática dos conhecimentos recebidos.

Segundo Amélia Hamze⁴⁵, a Pedagogia da Alternância chegou no Brasil em 1969, no Espírito Santo.

Atualmente estão disseminadas nos estados do norte ao sul do país. Nessa escola os educandos estudam a leitura, a escrita, a matemática, a tecnologia e também aprendem a trabalhar com a terra, com as plantas, os

⁴⁴<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/08/escolas-familiares-agricolas-estao-entre-melhores-instituicoes-privadas-do-pais>

⁴⁵<http://educador.brasilecola.com/politica-educacional/escola-familia-agricola.htm>

animais e a conviver e se interagir com a realidade agrícola. Em suas casas, ensinam os pais a utilizarem as novas tecnologias e a maneira mais adequada de lidar com a realidade do campo. Com a Pedagogia da Alternância há a possibilidade do sujeito da aprendizagem incorporar-se na comunidade, estimular a sua conscientização política e se valorizar como ser humano, sem perder de vista as suas relações com a cidade. A formação integral dos alunos e a promoção do meio rural são os principais objetivos da Escola Família-Agrícola (EFA), sendo que se busca como fundamental interagir escola-família, articulando esses dois ambientes como espaços de aprendizagem contínua, valorizando as informações da cultura rural e o calendário agrícola. A Pedagogia da Alternância baseia-se em um método subentendido na proposta de Jean Piaget, “fazer pra compreender”, ou seja, primeiro praticar, para depois teorizar sobre a prática. A Pedagogia da Alternância baseia-se no tripé ação – reflexão – ação – ou prática – teoria – prática. A teoria está sempre em função de melhorar a qualidade de vida. Na Pedagogia da Alternância o primeiro ambiente é o familiar e a realidade onde vive; interagindo com a escola, o educando compartilha os múltiplos saberes que possui com os demais atores de maneira reflexiva; finalmente aplica o conhecimento e a prática na comunidade agrícola ou faz uso delas em movimentos sociais.

As aulas são em sala ou em um ambiente, no terreno da escola. Durante o curso, os discípulos seguem um plano de estudos, compartilham com colegas e professores modelos reais de suas propriedades, assistem a palestras, freqüentam fazendas e centros de pesquisa. Antes de concluírem o curso, precisam ainda cumprir 250 horas de estágio trabalhando geralmente em grandes propriedades e desenvolvem um projeto educacional para aplicação prática em sua propriedade agrícola. Os filhos de agricultores após a conclusão dos estudos regressam às propriedades rurais e aplicam a contribuição dos conhecimentos construídos, dando continuidade e melhoramento na produção agrícola. Esse procedimento pedagógico permite a profissionalização do educando combatendo o êxodo rural.

Penso que a Pedagogia da Alternância vem de encontro ao que eu acredito acontecer de melhor na vida de um estudante. Teria sido outra a história que pesquisei se, em 1936, meu avô tivesse tido acesso a esse conhecimento que só chegou ao Brasil em 1969, após mais de 30 anos.

Para acrescentar ao que penso sobre a educação, não só rural, mas de um modo geral, quero exemplificar com uma experiência pessoal. Em 1988 um amigo, Régis França Machado, tinha sua filha matriculada numa escola em São Paulo. Estávamos no segundo semestre e a menina, no final da terceira série primária. Ele, muito emocionado, me contou que no início do ano, sua filha tinha plantado trigo como parte das atividades escolares, durante meses agudou, cuidou do trigo, colheu, moeu, fez pão com este trigo e o assou num forno que ela mesma havia construído e o ofertou aos pais, assim como todos os seus coleguinhas o fizeram naquela oportunidade. Ele me contou, com lágrimas nos olhos, que foi o pão mais gostoso que ele já havia comido em toda a sua vida! Eu nunca havia ouvido nada parecido antes e fiquei entusiasmada com a escola que promovia tal experiência com as

crianças e a interação com os pais. Régis me contou que a escola era a Rudolf Steiner de São Paulo e para lá eu fui estudar no ano seguinte. Fiz o Seminário Pedagógico Waldorf. Maravilhoso. Mas esta é uma outra história que poderá ser contada numa outra vez.

Por hora, é importante mencionar que, desde a década de 1930, as propostas para as escolas públicas, seus aspectos sociais e culturais ainda não foram estudados de uma maneira satisfatória. O ideal seria aliar a experiência à teoria e para tal, haveria que se pesquisar o passado e o presente, porque com este olhar retrospectivo ao passado, podemos entender melhor o presente e ter uma melhor perspectiva de futuro. Uma Pedagogia da Alternância devidamente estudada com a Pedagogia Waldorf seria uma alternativa bem viável para a educação do Brasil.

Em relação à Matemática, posso afirmar que, o fato de conhecermos melhor o nosso aluno nos possibilita trabalhar com o Programa Etnomatemática, que abre possibilidades de investigação e permite o desenvolvimento do respeito pelas diferentes formas de expressão e culturas.

Há que se identificar os estágios de desenvolvimento de cada criança em relação às noções matemáticas e tomá-los como apoio para uma possível sistematização, buscando vincular o conhecimento com o cotidiano, provocando a mudança da aprendizagem da matemática de fora da escola para dentro da escola e procurando, dentro do possível, contextualizar as questões.

Assim, a proposta pedagógica que eu imagino, tem que levar em conta três aspectos: o individual, que reconhece o indivíduo como um ser histórico e social, o grupal, que analisa o processo de construção coletiva e o sócio-cultural, que evidencia a matemática enquanto prática cultural.

Este trabalho não pára por aqui. Ainda há muito a ser explorado sobre o ensino e aprendizagem das matemáticas e sobre a prática educacional.

Para finalizar, o que posso afirmar é que foi uma experiência demorada com final feliz, pois foi emocionante chegar ao desfecho da sina da Escola Mixta da Cachoeira Grande, depois de inúmeros telefonemas a instituições de uma cidade 561,2 km de distância de onde moro – São Paulo - e de visitá-la e ter a oportunidade de percorrer as ruas antes percorridas a cavalo ou charrete por minha mãe, meus tios e avós, e prestar um pequeno contributo à terra que acolheu meus antepassados e onde minha mãe nasceu: Presidente Prudente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, I. **Jogos e Recreações Matemáticas**, Rio de Janeiro, Editora Getulio Costa, 1942.

ANDRADE, T. C. **Alegria**, 9ª ed. São Paulo, Nacional, 1941.

_____. **Saudade**, 64ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.

_____. **Trabalho**, São Paulo, Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

BARBOSA, L. N. S. C de, **Entendimentos a Respeito da Matemática na Educação do Campo: questões sobre currículo**, Unesp Rio Claro, São Paulo, 2014

BERTELLI, L.G. **Sud Mennucci, um educador que não pode ser esquecido**. Revista do Historiador, edição 162, São Paulo, maio/junho de 2012.

Cadernos Cedes, **Educação: a encruzilhada do ensino rural**, nº 11, São Paulo, Cortez, 1984.

CARRADORE, H. P. **Thales de Andrade Uma história verdadeira**, Piracicaba, Degaspari, 2004.

CHIECO, N. W. **Discurso de posse**. São Paulo: Academia Paulista de Educação, 2004.

D'AMBROSIO, U. EA, **Pitágoras e Avatar: Cenários Distintos em Matemática**, São Paulo, Arte-Livros, 2011.

_____. **Uma história concisa da matemática no Brasil**, Petrópolis, Vozes, 2008.

_____. **Educação Matemática: Da teoria à prática**, Campinas, Papirus, 2012

D'AVILA, A., **O Tesouro da Criança**, São Paulo, São Paulo Editora S. A., 1963

EZPELETA, J.: ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**, São Paulo, Cortez, 1986.

FREITAS, S. M.: RODRIGUES, O. A. **Imigração Espanhola no Estado de São Paulo**, São Paulo, Memorial do Imigrante/Museu da Imigração, 2003.

GIESBRECHT, R. M. **Sud Mennucci: memórias de Piracicaba**, Porto Ferreira, São Paulo: Imprensa Oficial, 1998

GOMES, N.L.: SILVA, P. B. G. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil; Uma abordagem histórica**, 2ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2001.

LUCA, T. R. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação**, São Paulo, UNESP, 1999.

MARTINS, Z. **Agricultura Paulista; Uma história maior que cem anos**, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo IMESP, 1991.

MATTOS, I. C. R. **A concepção de educação nas obras de Sud Mennucci**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

MELLO E SOUZA, J.C. **Tudo é Fácil**, 9ª Ed., Rio de Janeiro, Editora Getulio Costa, 1950.

_____. **Alegria de Ler**, 4ª Ed., Rio de Janeiro, Editora Getulio Costa. [194-]

MENNUCCI, S. **Humor**, São Paulo, Piratininga, 1934.

_____. **Brasil Desunido**, São Paulo, Salles Oliveira, Rocha & Cia, 1932.

_____. **Corografia do Estado de São Paulo**, Rio de Janeiro, Saber é Poder, 1936.

_____. **Pelo sentido ruralista da civilização**, São Paulo, Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", 1935.

_____. **Rodapés**, São Paulo, Casa Editora Antonio Tisi, 1927.

_____. **A crise brasileira de educação**, fonte digital da 2ª edição em papel, São Paulo, SP, Editora Piratininga, 1934 (ebooksbrasil.org e eLibris/sudeducacao.html)

NERY, A. C. B. **A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, C.C. **Do menino "Julinho a Malba Tahan": uma viagem pelo oásis do Ensino da Matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2001

POSSAS, L. M. V. **Mulheres, trens e trilhos**, Bauru, EDUSC, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE, **Prudente 90 anos**, Secretaria Municipal de Cultura, Presidente Prudente, 2007.

RESENDE, B. **Raízes Prudentinas 2, Crônicas publicadas pelo autor nos jornais O imparcial e Oeste Notícias de Presidente Prudente**, SP, 1ª ed. Presidente Prudente, Editora do autor, 2006.

Revista de educação pública UFMT, Cuiabá, 2009.

Revista do instituto histórico e geográfico brasileiro, Rio de Janeiro, O Instituto, 2002.

Revista Fon Fon de 11 de maio de 1935 páginas 60/61

Revista de Ensino, Órgão Oficial do departamento Geral da Instrução Pública e da Sociedade Alagoana de educação, Anno IV, Nº 21, Maceió, 1930, p. 15,

Revista adventista, maio de 1978, p. 26.

RIBEIRO, D. **Os Brasileiros**, 12ª ed. Petrópolis, Vozes, 1993.

ROXO, E., **Euclides Roxo e a modernização do ensino da matemática no Brasil**, Brasília, Editora UnB, 2004

SANTOS FILHO, J.C. (org.) **Projeto Educativo Escolar**, Petrópolis, Vozes, 2012.

SOUZA, I. I. **Espanhóis; História e engajamento**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2006.

SOUZA, R. F. de. **O “bandeirismo paulista no ensino” e a modernização da escola primária no Brasil: entre a memória e a história**. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 20, n. 42, 2011, p. 123-143.

_____ ; ÁVILA, V.P.S. **Para uma genealogia da escola primaria rural: entre o espaço e a configuração pedagógica** (São Paulo, 1889 – 1947) VII Congresso Brasileiro de História da Educação – Cuiabá, 2013.

TOYNBEE, A. J. **De Leste a Oeste**, São Paulo, IBRASA, 1959.

VALENTE, W. R. **Quem somos nós, professores de matemática?** -Caderno Cedes, Campinas, vol. 28, n. 74, p. 11-23, jan./abr. 2008 11

VELHO, G. **Antropologia I, Coletânea de Textos para fins didáticos**, s/d.

VICENTINI, P. P. **Um estudo sobre o CPP - Centro do Professorado Paulista (1930-1964)**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

VON TSCHUDI, J. J. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**, São Paulo, Livraria Martins Editora S/A, 1953.

www.dipalme.org/Servicios/Information/Informacion.nsf/referencia/Ayuntamiento+de+Mojacar+Ayo.Mojacar+064-H-001-16

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao52/materia04/>

http://200.144.6.120/upload/revistas/BR_APESP_IHGSP_003REV150417.pdf.
Acesso em 16/11/2013

http://www.mariafumacacampinas.com.br/fazenda_cafe/fazenda_7.htm

<http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com.br/2011/12/coracao-edmubndo-de-amicis.html>

<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/saopaulo-governadores.php>

http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/fotografias.php?pesq=1&tema=planta%C3%A7%C3%A3o+de+caf%C3%A9&local=&Ano_ini=&descricao=&palavra_chave=&topografico=&Reset2=Pesquisar

<http://museudaimigracao.org.br/centro-de-preservacao-pesquisa-e-referencia/historico-das-imigracoes/>

<http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/upload/jornais/GH19360400.pdf>

<http://www.al.sp.gov.br/acervo-historico/exposicoes/parlamentares-paulistas/egas/patronato.htm>

http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/BR_APESP_IHGSP_003REV150417.pdf

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761559&pasta=ano%20193&pesq=Jo%C3%A3o%20Toledo>, p. 15

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720526&PagFis=2313>

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720526&PagFis=2318&Pesq=>

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/pageflip/prophp/main.php?MagID=2&MagNo=2>

<http://www.iecc.com.br>

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/pageflip/prophp/main.php?MagID=2&MagNo=2>

<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/Documento.do?cod=21406>

<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/acidade.xhtml>

<http://www.educacao.sp.gov.br/cgrh/escolas/placidio-braga-nogueira-professor/>

<http://perfil.sp.gov.br/site/legislacaoi.asp?atoid=19560>

<https://www.youtube.com/watch?v=YSR5XVHiKto> , publicado em 13/07/2011 – é um Curta Metragem feito pelos estudantes de Jornalismo da USC: Estela Pinheiro

Machado, Natália Sforcin e Bruno Gatto - baseado em fatos reais, este curta narra a história de 108 anos de Assumpta Tortorella, moradora de Botucatu (SP).

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761559&pasta=ano%20193&pesq=Jo%C3%A3o%20Toledo>

<http://www.biologico.sp.gov.br/grandesnomes/jose.php>

<http://www.imparcial.com.br/site/estado-amplia-ensino-integral-em-prudente>

<http://www.cpp.org.br/index.php/categoriacpp/historia>

<http://www.sudmennucci.sp.gov.br/index.php/2013-08-07-13-52-08/quem-foi-sud-mennucci>

ANEXO A

1.º GRAU					186
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
101	Minha Cartilha	Rachel Amazonas Sampaio ..	Relação de livros adoptados — Diario official		14—1—930
102	Cartilha intuitiva	Faria e Souza	Publicação do "Diario Official"	14—9—933	19—9—933
103	Cartilha supplemento do Jo- go da Leitura	Maria de Lourdes Calazans ..	Processo n.º 1.529	17—3—936	
105	Cartilha dos Pequenos ..	José Scaramelli	Relação de livros adoptados — Diario Official		14—1—930
106	Cartilha (Leituras infantis)	Francisco Furtado Mendes Vi- anna	Livro "Registro de obras approvadas e adoptadas nas escolas do Estado"	11—6—912	
107	Pasta de Leitura	J. O. Orlandi	Processo n.º 2.034	12—2—934	
108	Cartilha Brasileira de Alpha- betização	Elpidia de Lima Paiva	Ficha do Protocollo	6—2—934	
109	Nova Cartilha Analytico- Synthetica	Mariano de Oliveira	Annuario do Ensino		1918
110	Cartilha (Série Oscar Thom- pson)	Altina Rodr. de A. Freitas ..	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	16—7—921	
111	Cartilha de Brinquedo — Methodo Activo	Ofelia e Narbal	Processo n.º 1.446	10—2—934	
112	Cartilha Facil (Collecção Caetano de Campos)	Claudina de Barros	Diario Official		23—3—932
113	Cartilha do Operario (Adul- tos)	Theodoro de Moraes	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	16—7—921	

1.º GRAU (Continuação)					187
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
114	Cartilha Analytica	Arnaldo de Oliv. Barreto	Relação de livros adoptados — Diario Official		14—1—930
115	Cartilha das Mães	Arnaldo de Oliveira Barreto	Relação de livros adoptados — Diario Official		19—1—913
116	Na Roça — Cartilha rural de alfabetização	Renato Seneca Fleury	Processo n.º 8.217	12—12—935	
117	Cartilha infantil — (Me- thodo Analytico)	Carlos A. Gomes Cardim ...	Livro "Registro de obras approvadas e adoptadas nas escolas do Estado"	6—3—911	
118	Cartilha do Povo	Cia. Melhoramentos de São Paulo — (Ed. prop.)	Relatorio do Director do Ensino....		1927—1928
119	A Cartilha de Cecilia (In- tuitivo-dynamico)	Egydio Prada e Luiz Prada	Processo n.º 995	6—3—935	
120	Cartilha Analytica (Série Vida Escolar)	Cesar Martinez	Publicação do "Correio Paulistano"	17—9—930	19—9—930
121	Minhas lições (Collecção Caetano de Campos)	J. O. Orlandi	Relatorio do Director Geral do Ensino		1927—1928
122	Cartilha Bandeirante	Julia Macedo Pantoja	Processo n.º 12.724	8—1—935	
123	Cartilha — Ensino rapido da leitura	Mariano de Oliveira	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	16—6—922	12—7—927
124	Minha Cartilha	Olga Borelli	Copia da certidão fornecida á autora		
125	Cartilha das Creanças	Clary Galvão Novaes	Processo n.º 448	4—2—935	
126	Cartilha Proença	Antonio Firmino de Proença	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	20—10—926	

1.º GRAU (Continuação)					
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
128	Cartilha Prática (Série Orlando Mendes de Moraes)	Antonieta Pantoja Mendes de Moraes	Processo n.º 16.149	31-7-933	ANNUÁRIO DO ENSINO
129	O Amigo da Infância	Stella Brant de Carvalho	Ficha do Protocollo	15-12-932	
130	Meu Amigo (Cartilha Analítico-Synthetica)	Walfredo Arantes Caldas	Processo n.º 14078	22-9-933	
131	Cartilha do lar	J. Pinto e Silva	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
132	Cartilha de Alfabetização (adultos)	Rachel Amazonas Sampaio	Diário Oficial		
133	Meu livro (Methodo analítico-primeiras leituras)	Theodoro de Moraes	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
134	Cartilha de Alfabetização	Benedicto M. Tolosa	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	11-1-923	
136	O alfabetizador 1.º	José Leonel Ferreira	Cópia da comunicação feita ao autor	11-6-932	
137	Brincando também se aprende	Sebastiana Teixeira de Carvalho	Processo n.º 1135	21-3-932	
138	Cartilha Suave	S. L. Guedes de Souza	Publicação do "Correio Paulistano"	17-9-930	
141	Primeiros passos — Leituras Infantis	Francisco Furtado Mendes Vianna	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
143	Cartilha Activa	Sebastião de Oliveira Rocha	Processo n.º 32	22-2-933	

1.º GRAU (Continuação)					
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
144	Cartilha Auri-Verde	Orlando Mendes de Moraes	Processo n.º 1560-7	8-3-937	PROBLEMAS GERAIS DO ENSINO PRIMARIO
145	Leitura Intermediaria	Erasmu Braga	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
146	Sei Lér — Leitura intermediaria (Serie Cesario Motta)	Theodoro de Moraes	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
147	Leitura Intermediaria	Maria Rosa Moreira Ribeiro	Livro "Registro de obras approvadas e adoptadas nas escolas do Estado"	9-3-911	
148	Minhas Historias	Leonor S. Gomes e Orlando Martins Lino	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	19-12-924	
149	Corações de crianças (Leituras preparatorias)	Rita de M. Barreto	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
150	Paginas Infantis — Leituras preparatorias	Mariano de Oliveira	Annuario do Ensino		
151	Leitura preparatoria (Leituras Infantis)	Francisco Furtado Mendes Vianna	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		
152	Leitura Intermediaria	Faria e Souza	Diário Oficial	14-9-933	
153	Leitura intermediaria (Serie Oscar Thompson)	Altina Rodr. de A. Freitas	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		

1.º GRAU (Continuação)

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
154	Pequenas leituras	Ramon Roca Dordal	Livro "Registro de obras aprovadas e adoptadas nas escolas do Estado"	6-7-912	
155	Corações de Crianças (1.º livro)	Rita de M. Barreto	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		14-1-930
156	Leitura do principiante ...	Antonio Firmino de Proença	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos."	20-10-926	
158	1.º livro de leitura (Serie Cruzeiro do Sul)	G. de Lacerda Ortiz	Processo n.º 812	26-1-934	
159	Primeiro Livro (Serie Vida Escolar)	Cesar Martinez	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		14-1-930
160	Novas Leituras (Serie Oliveira Dordal)	Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal	Livro "Registro de obras aprovadas e adoptadas nas escolas do Estado".	3-7-914	
161	Pirulito (1.º anno — Serie Coração Brasileiro)	F. Faria Netto	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos."	16-7-926	
162	Primeiro livro (Leituras infantis)	Francisco Furtado Mendes Vianna	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		19-1-913
163	Minhas historietas (Serie Orlando Mendes de Moraes)	Orlando Mendes de Moraes	Ficha do Protocollo	23-9-933	

190

ANUARIO DO ENSINO

1.º GRAU (Continuação)

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
164	Meu Companheiro	Walfredo Arantes Caldas ...	Processo n.º 13443	1-9-932	
165	1.º livro de leitura (Serie Puiggari Barreto)	Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		19-1-913
166	Leituras moraes e instructivas (Serie Rangel Pestana)	João Kopke	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		19-1-913
167	Na Roça (Primeiras leituras)	Renato Seneca Fleury	Processo n.º 831	26-3-936	
168	Leituras do Operario (adultos)	Theodoro de Moraes	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		14-1-930
169	Minha infancia	Antonieta Pantoja Mendes de Moraes	Processo n.º 14098	22-11-932	
171	Sejamos bons — 1.º livro	Faria e Souza	Processo 2834-6	23-11-936	
172	Meu livrinho — Cartilha	Maria de Lourdes Ferreira Pacheco	Processo n.º 901-7	2-2-937	
173	Cartilha Bandeirante (Serie Bandeirante)	Julieta Nogueira	Processo n.º 1074-7	15-2-937	
174	Livro dos principiantes ...	N. de Araujo	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		14-1-915
175	Cartilha Moderna	R. Rocca	Relação de livros adoptados — Diário Oficial		14-1-915

PROBLEMAS GERAIS DO ENSINO PRIMARIO

191

2.º GRAU					
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
201	Na Roça (Segundas Leituras)	Renato Seneca Fleury	Processo n.º 2610	21-5-936	
202	Infancia	Henrique Ricchetti	Processo n.º 1876-6	28-9-936	
203	Segundo livro (Serie Primavera da Alma)	Cesar Martinez	Relação de livros adoptados — "Diario Oficial"		17-1-931
204	Historias infantis (Serie Orlando Mendes de Moraes)	Orlando Mendes de Moraes .	Publicação do "Correio Paulistano"	17-9-930	19-9-930
205	Leituras moraes e instructivas — 2.º livro — (Serie Rangel Pestana)	João Kopke	Relação de livros adoptados — "Diario Oficial"		19-1-913
206	Segundo livro de leitura ..	Hilario Ribeiro	Relação de livros adoptados — "Diario Oficial"		12-4-921
209	Minha Patria	J. Pinto e Silva	Relação de liv. adopt. — "Diario Oficial"		19-1-913
208	Meu livro (Segundas leituras)	Theodoro de Moraes	Livro "Registro de obras aprovadas e adoptadas nas escolas do Estado"	12-11-913	
210	Minhas licções	Aprigio Gonzaga	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	26-2-926	
211	Tempos de escola	Erasto de Toledo	Relatorio do Director Geral		1927-1928
212	Meus deveres	J. Pinto e Silva	Livro "Registro de obras aprovadas e adoptadas nas escolas do Estado"	21-2-914	
213	Leitura (2.º livro — Serie Oscar Thompson)	Altina Rodr. de A. Freitas ...	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de obras didacticas"...	13-9-926	

192

ANUARIO DO ENSINO

2.º GRAU (Continuação)					
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
214	Leitura para o segundo anno	Maria Rosa Moreira Ribeiro	Livro "Acto do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	23-4-924	
215	Horas felizes	Walfredo Arantes Caldas ...	Ficha do Protocollo	5-5-934	
216	Infancia na Roça	Fernandes Paes de Barros ..	Processo n.º 15675	13-10-933	15-10-933
217	Segundo livro (Leituras infantis)	Francisco Furtado Mendes Vianna	Relação de livros adoptados — "Diario Oficial"		19-1-913
218	Corações de crianças (2.º livro)	Rita de M. Barreto	Publicação do "Diario Oficial"	8-1-913	10-1-913
219	Pequenas historias	Assis Cintra	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	24-1-924	
220	Segundo livro de leitura ..	Thomaz Galhardo	Relação de livros adoptados — "Diario Oficial"		19-1-913
221	Recordando (Collecção Caetano de Campos)	Beatriz de Lacerda	Relação de livros adoptados — "Diario Oficial"		14-1-930
222	Novas leituras (Serie Oliveira Dordal)	Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal	Annuario do Ensino		1918
223	2.º livro de leitura (Serie Cruzeiro do Sul)	G. Lacerda Ortiz	Processo n.º 5616	26-1-934	

PROBLEMAS GERAES DO ENSINO PRIMARIO

193

2.º GRAU (Continuação)

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
224	Segundo livro de leitura (Serie Puiggari Barreto)	Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913
225	Pirulito (2.º anno — Serie Coração Brasileiro)	F. Faria Netto	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14—1—930
226	1.º livro de leitura	Antonio Firmino Proença	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14—1—930
227	O livrinho das crianças	José Scaramelli	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14—1—930
228	Segundo livro (Serie Vida Escolar)	Cesar Martinez	Relatorio do Director Geral		1927—1928
229	Leitura I (Serie Braga)	Erasmio Braga	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		12—4—921
230	Espelho (Serie Thales de Andrade)	Thales de Andrade	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14—1—930
231	Vida na roça (Serie Thales de Andrade)	Thales de Andrade	Processo n.º 5.804	21—3—933	
233	Sei Lêr (1.º livro — Serie Cesario Motta)	Theodoro de Moraes	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14—1—930
235	Historietas	J. Pinto e Silva	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913

3.º GRAU

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
301	Terceiro livro de leitura (Serie Puiggari-Barreto)	Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913
302	Contos escolares	Aprigio Gonçalves	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	26—2—926	
304	Leituras moraes e instructivas (Serie Rangel Pestana)	João Kopke	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913
305	Terceiro livro de leitura	Thomaz Galhardo	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913
306	Leitura para o terceiro anno	Maria Rosa Moreira Ribeiro	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	23—4—924	
307	Cousas brasileiras	Romão Puiggari	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913
308	Leituras moraes	Arnaldo de Oliveira Barreto	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19—1—913
309	Meus deveres (3.º anno)	J. Pinto e Silva	Livro "Registro de obras approvadas e adoptadas nas escolas do Estado"	21—2—914	
310	Leituras de Ilka e Alba	Fabio Luz	Livro "Registro de obras approvadas e adoptadas nas escolas do Estado"	21—2—914	
311	O Pequeno Escolar (Serie Moura Santos)	Maximo de Moura Santos	Processo n.º 4.488	11—5—936	

3.º GRAU (Continuação)

196

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
312	Leitura II (Serie Braga).	Erasmus Braga	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		12-4-921
313	2.º livro de leitura	Antonio Firmino de Proença	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14-1-930
314	Leitura simples	Orlando Mendes de Moraes	Publicação do "Correio Paulistano"	17-9-930	19-9-930
315	Leitura (3.º livro — Serie Oscar Thompson)	Altina Rodr. de A. Freitas	Copia do certificado fornecido á autora	10-6-927	
316	O lar	Miguel Milano	Publicação do « Diario Official »	20-3-915	23-3-915
317	Minha Patria	J. Pinto e Silva	Publicação do « Diario Official »		19-1-913
318	Terceiro livro (Leituras infantis)	Francisco Furtado Mendes Vianna	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19-1-913
319	Terceiro livro (Serie Vida Escolar)	Cesar Martinez	Relatorio do Director Geral		1927-1928
320	3.º Livro de Leitura (Serie Cruzeiro do Sul)	G. Lacerda Ortiz	Processo n.º 5.616	26-1-934	
321	Terceiro livro de leitura	Hilario Ribeiro	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		12-4-921
322	Primavera escolar	Luiz Prada	Ficha do Protocollo	21-2-933	
323	Corações de crianças (3.º livro)	Rita de M. Barreto	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		19-1-913
324	Trabalho (Serie Thales de Andrade)	Thales de Andrade	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	13-8-926	

ANUARIO DO ENSINO

3.º GRAU (Continuação)

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
325	As Férias no Pontal	Rodolpho von Ihering	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	20-5-924	
326	Primeiras saudades	M. Bomfim	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	16-7-921	
327	Pequenos trechos	Octaviano de Mello	Anuario do Ensino		1918
328	Paginas infantis	Prisciliana Duarte de Almeida	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	2-2-922	
330	Novas leituras (Serie Oliveira Dordal)	Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal	Livro "Registro de obras approvadas e adoptadas nas escolas do Estado"	3-7-914	
331	Na Roça (Terceiras leituras)	Renato Seneca Fleury	Processo n.º 2664	21-5-936	
332	Coração brasileiro	F. Faria Netto	Parecer e despacho	4-6-924	
334	Paginas civicas (1.º livro)	Ramon Roca Dordal	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	16-7-921	
335	Livro de Nilda	Leonor Posada	Livro "Actos do Director Geral sobre approvação de trabalhos didacticos"	9-9-926	
336	Campos e arreboes	Tullio de Castro	Relação de livros adoptados — "Diario Official"		14-1-930

PROBLEMAS GERAES DO ENSINO PRIMARIO

197

4.º GRAU

198

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
401	Leitura III (Serie Braga)	Erasmus Braga	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		12—4—921
402	Alma do meu paiz	Isabel V. Serpa e Paiva	Officio enviado á autora	2—1—932	
403	Sei lêr (3.º livro — Serie-Cesario Motta)	Theodoro de Moraes	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		14—1—930
404	Minhas Leituras — (Serie Orlando Mendes de Moraes)	Antonieta Pantoja Mendes de Moraes	Processo n.º 14098	22—11—932	
406	Terceiro Livro de Leitura	Antonio Firmino de Proença	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		14—1—930
407	Livro de Leitura	Maria H. de Portella	Ficha do Protocollo	19—9—933	
408	Lições uteis	Francisca Neves Lobo	Processo n.º 2767	22—2—934	
409	Quarto livro de leitura (Serie Puiggari Barreto)	Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari	Annuario do Ensino		1918
410	Saudade	Thales de Andrade	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		12—4—921
411	Meus deveres (4.º anno)	J. Pinto e Silva	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	9—1—925	
412	Leitura para o quarto anno	Maria Rosa Moreira Ribeiro	Libros "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	23—4—924	
413	Os Sertões na fazenda	Guiomar Rinaldi	Ficha do Protocollo	14—9—933	19—9—933
414	A minha escola	Guiomar Rinaldi	Relatorio do Director Geral		1927—1928

ANUARIO DO ENSINO

4.º GRAU (Continuação)

N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
416	A linda historia do meu paiz	Cesar Martinez	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		14—1—930
417	Recordações	Erasto de Toledo	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		14—1—930
418	Meninice	Luiz Gonzaga Fleury	Processo n.º 4826	27—4—936	
420	São Paulo e suas grandezas	Aprigio Gonzaga	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	26—2—926	
421	Seara patriotica	Antonio Faria	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	21—1—925	
422	Contos infantis	Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		19—1—913
423	Quarto livro de leitura Serie Cruzeiro do Sul	G. Lacerda Ortiz	Processo n.º 5616	26—1—934	
424	Corações de crianças 4.º livro	Rita de M. Barreto	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		19—1—913
426	Livro das escolas	Tancredo do Amaral	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		19—1—913
428	Almas sensiveis	Leona H. Pereira Guilherme	Relação de livros adoptados — Diario Oficial		14—1—930
429	Pindorama	Ofelia e Narbal	Processo n.º 11865	20—7—932	

PROBLEMAS GERAES DO ENSINO PRIMARIO 199

4.º GRAU (Continuação)					200
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
430	Patria e amor	Miguel Milano.....	Livro "Registro de obras aprovadas e adoptadas nas escolas do Estado"	9-10-924	
431	O Pequeno Escolar (Série Moura Santos — 4.º anno)	Maximo de Moura Santos ..	Processo n.º 4488	11-5-936	
433	Estrada Luminosa	Alduino Estrada	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	3-4-924	
434	Mocidade	Maximo de Moura Santos ..	Processo n.º 15585	9-11-933	
437	Brasil Eugénico	Ulysses Freire	Processo n.º 19873	26-2-932	
438	João Pergunta	Newton Craveiro	Relatorio do Director Geral		1927-1928
439	Narizinho Arrebitado	Monteiro Lobato	Relação de livros adoptados — Diario Official		12-4-921
440	Férias de inverno	Ulysses Freire	Officio enviado ao autor	26-2-932	
441	Os nossos amigos	Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	7-4-923	
444	Paginas civicas (livro 2.º) ..	Ramon Roca Dordal.....	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	16-7-921	
445	Fabulas	Monteiro Lobato	Livro "Actos do Director Geral sobre aprovação de trabalhos didacticos"	23-12-921	
448	Através do Brasil	Bilac e Bomfim	Annuário do Ensino	1918	1918
449	Leituras praticas	João Kopke	Relação de livros adoptados — Diario Official	19-1-933	19-1-913

ANNUÁRIO DO ENSINO

4.º GRAU (Continuação)					201
N.º	OBRA	AUTOR	DOCUMENTO DE APROVAÇÃO	DATA DO DESPACHO	DATA DA PUBLICAÇÃO
450	Historias da nossa terra ..	Julia Lopes de Almeida	Relação de livros adoptados — Diario Official		19-1-913
454	Contos patrios	Olavo Bilac e Coelho Netto ..	Annuário do Ensino		1918
455	Vida escolar	Maria Salomé Penna	Processo n.º 2073-6	6-11-936	

(Relação abrangendo os livros aprovados até o dia 18 de agosto de 1937).

PROBLEMAS GERAIS DO ENSINO PRIMARIO

ANEXO B

GOVERNADORES E PRESIDENTES DE ESTADO (de 1889 a 1930)

Prudente de Moraes foi primeiro o governador de São Paulo, ficando no cargo no período de 14 de dezembro de 1889 a 18 de outubro de 1890. Depois vieram os governadores Jorge Tibiriçá e Américo Brasiliense que ficaram no poder por apenas alguns meses. Isso porque, com a Constituição de 1891, o nosso país ficou dividido em vinte estados (antigas províncias) e um distrito federal (ex-município neutro). A partir daquele momento, cada estado era governado por um "presidente".

Governadores Nomeados

- 14/12/1889 a 18/10/1890 - Prudente José de Moraes Barros

Francisco Glycério de Cerqueira Leite foi nomeado o 1º Vice-Governador e Luis Pereira Barretto o 2º Vice-Governador, segundo o Decreto do Chefe do Governo Provisório de 31/12/1889. A posse ocorreu em 22/01/1890.

- 18/10/1890 a 07/03/1891 - Jorge Tibiriçá Piratininga
- 07/03/1891 a 11/06/1891 - Américo Braziliense de Almeida Mello

Presidentes de Estado

- 11/06/1891 a 15/12/1891 - Américo Braziliense de Almeida Mello (Presidente eleito pelo Congresso Constituinte)

No período de 13/06/1891 a 16/07/1891, o vice-presidente José Alves de Cerqueira Cezar assumiu o cargo interinamente.

- 15/12/1891 - Sérgio Tertuliano Castello Branco (Presidente Interino)
- 15/12/1891 a 23/08/1892 - José Alves de Cerqueira Cezar (Vice-presidente)
- 23/08/1892 a 15/04/1896 - Bernardino José de Campos Júnior (Presidente eleito)

No período de 21/09/1892 a 26/09/1892, o presidente do Senado Estadual, Ezequiel de Paula Ramos, assumiu interinamente.

José Alves de Cerqueira Cezar foi vice-presidente eleito em 15/10/1892. A posse ocorreu em 31/12/1892.

- 15/04/1896 a 01/05/1896 - Francisco de Assis Peixoto Gomide (Presidente do Senado Estadual - interino)
- 01/05/1896 a 31/10/1897 - Manoel Ferraz de Campos Salles (Presidente eleito)

No período de 31/05/1897 a 04/06/1897, o vice-presidente Francisco de Assis Peixoto Gomide assumiu o cargo interinamente.

- 31/10/1897 a 10/11/1898 - Francisco de Assis Peixoto Gomide (Vice-presidente)
- 10/11/1898 a 01/05/1900 - Fernando Prestes de Albuquerque (Presidente eleito)
- 01/05/1900 a 13/02/1902 - Francisco de Paula Rodrigues Alves (Presidente eleito)

No período de 21/10/1901 a 28/10/1901, o vice-presidente Domingos Corrêa de Moraes assumiu o cargo interinamente.

- 13/02/1902 a 03/07/1902 - Domingos Corrêa de Moraes (Vice-presidente)
- 03/07/1902 a 01/05/1904 - Bernardino José de Campos Júnior (Presidente eleito)

Nos períodos de 04/05/1903 a 08/07/1903 e 10/01/1904 a 31/03/1904, o vice-presidente Domingos Corrêa de Moraes assumiu o cargo interinamente.

- 01/05/1904 a 01/05/1908 - Jorge Tibiriçá Piratininga (Presidente eleito) e João Baptista de Mello Oliveira (Vice-presidente)
- 01/05/1908 a 01/05/1912 - Manoel Joaquim de Albuquerque Lins (Presidente eleito)

No período de 05/02/1910 a 05/08/1910, o vice-presidente Fernando Prestes de Albuquerque assumiu o cargo interinamente.

- 01/05/1912 a 01/05/1916 - Francisco de Paula Rodrigues Alves (Presidente eleito)

No período de 11/10/1913 a 04/01/1915, o vice-presidente Carlos Augusto Pereira Guimarães assumiu o cargo interinamente.

- 01/05/1916 a 01/05/1920 - Altino Arantes Marques (Presidente eleito) e Antonio Candido Rodrigues (Vice-presidente)
- 01/05/1920 a 01/05/1924 - Washington Luis Pereira de Souza (Presidente eleito)

Virgílio Rodrigues Alves foi vice-presidente até 21/09/1922 quando faleceu no exercício do cargo. Fernando Prestes de Albuquerque se tornou vice-presidente eleito em 29/10/1922 (sua posse foi em 05/12/1922).

- 01/05/1924 a 27/04/1927 - Carlos de Campos (Presidente eleito), mas faleceu no exercício do cargo em 27/04/1927
- 27/04/1927 a 14/07/1927 - Antonio Dino da Costa Bueno (Presidente do Senado Estadual)

Em 11/07/1927, o vice-presidente Fernando Prestes de Albuquerque renunciou.

- 14/07/1927 a 24/10/1930 - Júlio Prestes de Albuquerque (Presidente eleito)

O vice-presidente Heitor Teixeira Penteado foi eleito em 14/08/1927 e tomou posse em 26/09/1927. Nos períodos de 20/02/1930 a 17/03/1930 e 21/05/1930 a 24/10/1930, assumiu o cargo de presidente do estado interinamente.

INTERVENTORES E GOVERNADORES (de 1930 até o momento)

Anos depois, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, devido a sua vitória na Revolução de 1930 (também conhecida como "Revolução de Outubro", e que tinha como objetivo derrubar Washington Luís), formou-se, de início, um Governo Provisório, que acarretou na suspensão da Constituição de 1891.

A forma de governar passa a ser através de decretos-leis (atos do Executivo com força de lei), já que todos os órgãos legislativos haviam sido dissolvidos. Nesse período, foram nomeados interventores para os Estados.

Em 16 de julho de 1934 foi promulgada uma nova Constituição. De acordo com ela, seriam eleitos Governadores e representantes dos Estados no Senado Federal, pelas Assembleias Constituintes dos Estados. Para tanto, após 90 dias da promulgação desta Constituição, seriam realizadas eleições dos membros da Câmara dos Deputados e dessas Assembleias Constituintes.

Mesmo assim, o Governo poderia realizar intervenções nos Estados e nomear um Interventor Federal.

Na prática, São Paulo teve interventores até 1947, havendo de forma intercalada mandatos de Governadores eleitos.

De 1947 até o momento, tivemos somente governadores.

Chefes de Governo Provisório

- 24/10/1930 a 28/10/1930 - Hastimphilo de Moura (Comandante da Região Militar)
- 28/10/1930 a 04/11/1930 - José Maria Whitaker
- 04/11/1930 a 25/11/1930 - Plínio Barreto

Interventores Federais

- 25/11/1930 a 25/07/1931 - João Alberto Lins de Barros
- 25/07/1931 a 13/11/1931 - Laudo Ferreira de Camargo
- 13/11/1931 a 07/03/1932 - Manoel Rabello (interino)
- 07/03/1932 a 10/07/1932 - Pedro Manoel de Toledo

No período de 25/04/1932 a 02/05/1932, José da Silva Gordo foi o substituto do interventor titular.

- 10/07/1932 a 02/10/1932 - Pedro Manoel de Toledo (Governador aclamado)
- 02/10/1932 a 06/10/1932 - Herculano de Carvalho e Silva (Delegado militar)
- 06/10/1932 a 27/07/1933 - Waldomiro Castilho de Lima (Governador militar e interventor)

- 27/07/1933 a 21/08/1933 - Manuel de Cerqueira Daltro Filho (interino)
- 21/08/1933 a 11/04/1935 - Armando de Salles Oliveira

No período de 22/09/1934 a 24/10/1934, Márcio Pereira Munhós foi o substituto do interventor titular.

- 11/04/1935 a 29/12/1936 - Armando de Salles Oliveira (Governador Eleito pela Assembleia Constituinte)
- 29/12/1936 a 05/01/1937 - Henrique Smith Bayma (Presidente da Assembleia Legislativa)
- 05/01/1937 a 10/11/1937 - José Joaquim Cardozo de Mello Neto (Governador Eleito pela Assembleia Legislativa)
- 11/11/1937 a 25/04/1938 - José Joaquim Cardozo de Mello Neto
- 25/04/1938 a 27/04/1938 - Francisco José da Silva Júnior (Comandante da Região Militar)
- 27/04/1938 a 04/06/1941 - Adhemar Pereira de Barros

No período de 10/11/1939 a 26/11/1939, José de Moura Rezende foi o substituto do interventor titular.

- 04/06/1941 a 27/10/1945 - Fernando de Souza Costa
- 27/10/1945 a 07/11/1945 - Sebastião Nogueira de Lima
- 07/11/1945 a 14/03/1947 - José Carlos de Macedo Soares

Governadores

Observação: os substitutos dos governadores titulares, que responderam pelo cargo de seus efetivos eventualmente, estão com as datas entre parênteses.

Siglas utilizadas: (G) Governador - (GE) Governador Eleito - (GEAL) Governador Eleito pela Assembleia Legislativa - (GECE) Governador Eleito pelo Código Eleitoral - (PAL) Presidente da Assembleia Legislativa - (PTJ) Presidente do Tribunal de Justiça - (VG) Vice-governador

- 14/03/1947 a 31/01/1951 - Adhemar Pereira de Barros (GE)

O vice-governador de Adhemar Pereira de Barros foi Luiz Gonzaga Novelli Júnior, eleito em 09/11/1947 e empossado em 28/11/1947.

- 31/01/1951 a 31/01/1955 - Lucas Nogueira Garcez e Erlindo Salzano (VG)
- 31/01/1955 a 31/01/1959 - Jânio da Silva Quadros (GE)
- (26/07/1955 a 24/08/1955) - José Porphyrio da Paz (VG)
- (09/05/1956 a 02/07/1956) - José Porphyrio da Paz (VG)
- (07/07/1957 a 03/09/1957) - José Porphyrio da Paz (VG)
- 31/01/1959 a 31/01/1963 - Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto (GE)
- (27/07/1962 a 03/08/1962) - José Porphyrio da Paz (VG)

- (07/08/1962 a 05/10/1962) - Joaquim de Sylos Cintra (PTJ)
- 31/01/1963 a 06/06/1966 - Adhemar Pereira de Barros (GE) e Laudo Natel (VG)
- 06/06/1966 a 31/01/1967 - Laudo Natel (G)
- 31/01/1967 a 15/03/1971 - Roberto Costa de Abreu Sodré (GEAL)
- (01/11/1967 a 09/11/1967) - Hilário Torloni (VG)
- (30/05/1969 a 14/06/1969) - Hilário Torloni (VG)
- (21/09/1970 a 05/10/1970) - Cantidiano Garcia de Almeida (PTJ)
- 15/03/1971 a 15/03/1975 - Laudo Natel (GEAL) e Antonio José Rodrigues Filho (VG)
- 15/03/1975 a 15/03/1979 - Paulo Egydio Martins (GEAL)
- (28/10/1977 a 06/11/1977) - Manoel Gonçalves Ferreira Filho (VG)
- 15/03/1979 a 14/05/1982 - Paulo Salim Maluf (GECE)
- (05/07/1979 a 08/07/1979) - José Maria Marin (VG)
- (02/01/1980 a 29/01/1980) - José Maria Marin (VG)
- (12/07/1980 a 18/07/1980) - José Maria Marin (VG)
- (04/11/1981 a 05/12/1981) - José Maria Marin (VG)
- (02/04/1982 a 14/04/1982) - José Maria Marin (VG)
- 14/05/1982 a 15/03/1983 - José Maria Marin (G)
- 15/03/1983 a 15/03/1987 - André Franco Montoro (GE)
- (09/12/1983 a 13/12/1983) - Orestes Quércia (VG)
- (01/03/1985 e 02/03/1985) - Néfi Tales (PAL)
- (03/03/1985 a 06/03/1985) - Orestes Quércia (VG)
- (08/03/1986 a 13/03/1986) - Orestes Quércia (VG)
- (11/12/1986 a 16/12/1986) - Luiz Carlos Santos (PAL)
- 15/03/1987 a 15/03/1991 - Orestes Quércia (GE)
- (05/12/1987 a 22/12/1987) - Almino Monteiro Alvares Affonso (VG)
- (12/05/1989 a 16/05/1989) - Almino Monteiro Alvares Affonso (VG)
- (13/01/1990 a 16/01/1990) - Almino Monteiro Alvares Affonso (VG)
- (16/02/1990 e 17/02/1990) - Almino Monteiro Alvares Affonso (VG)

Almino Affonso renunciou em 18/06/1990.

- (07/02/1991 a 17/02/1991) - Tonico Ramos (PAL)
- 15/03/1991 a 01/01/1995 - Luiz Antonio Fleury Filho (GE)
- (02/10/1991 a 07/10/1991) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (08/05/1992 a 18/05/1992) - Carlos Apolinário (PAL)
- (19/11/1992 a 01/12/1992) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (16/12/1992 a 21/12/1992) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (24/04/1993 a 06/05/1993) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (08/10/1993 a 18/10/1993) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (09/11/1993 e 10/11/1993) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (21/01/1994 a 31/01/1994) - Aloysio Nunes Ferreira Filho (VG)
- (10/09/1994 a 14/09/1994) - Alberto Weiss de Andrade (PTJ)

- (12/12/1994 e 13/12/1994) - Vitor Sapienza (PAL)
- 01/01/1995 a 31/12/1999 - Mário Covas Júnior (GE)
- (06/07/1998 a 30/10/1998) - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (VG)
- (31/10/1998 a 10/11/1998) - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (VG)
- (01/01/1999 a 10/01/1999) - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (VG)
- 10/01/1999 a 06/03/2001 - Mário Covas Júnior (GE)

Mário Covas Júnior foi reeleito em 25/10/1998. Faleceu no exercício do cargo, em 6/3/2001.

- (22/01/2001 a 06/03/2001) - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (VG)
- 06/03/2001 a 01/01/2003 - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (G)
- 01/01/2003 a 31/03/2006 - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (GE)
- 31/03/2006 a 01/01/2007 - Cláudio Salvador Lembo (G)

Cláudio Salvador Lembo assumiu o posto de governador em decorrência da renúncia de Geraldo Alckmin para disputa das eleições em 2006.

- 01/01/2007 a 02/04/2010 - José Serra (GE)
- 02/04/2010 a 01/01/2011 - Alberto Goldman (VG)

Alberto Goldman assumiu o posto de governador em decorrência da renúncia de José Serra para disputa das eleições em 2010.

- 01/01/2011 - Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (GE)

Autores do Trabalho Original

Antônio Sérgio Ribeiro, da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo

Colaboração:

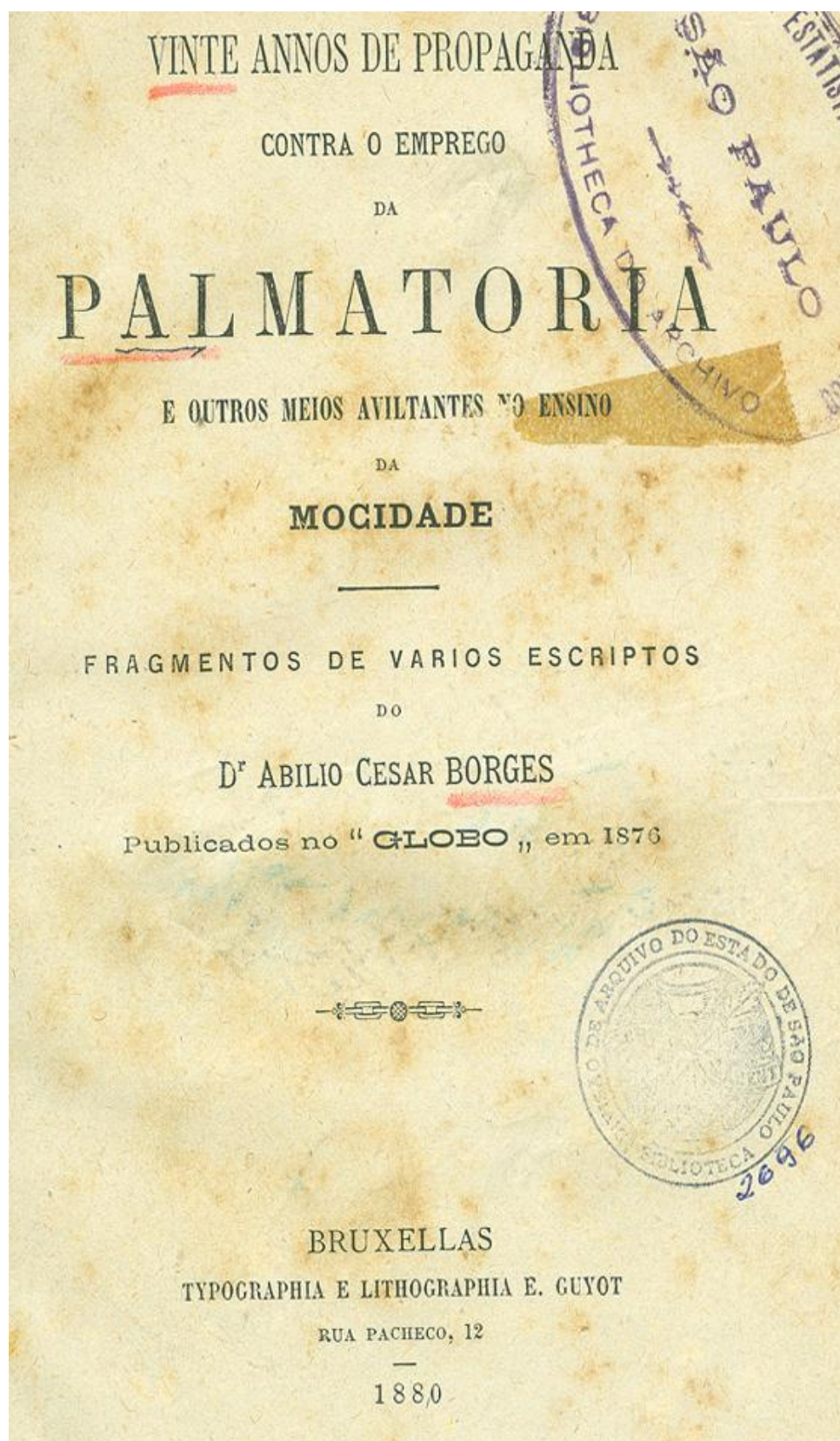
- Naiara Reis de Almeida, pesquisadora e advogada, trabalha na Divisão de Pesquisa Jurídica da ALESP

- Silvia Regina Soares Rogeri, Diretora da Divisão de Pesquisa Jurídica da ALESP

- Dainis Karepovs, Diretor da Divisão de Acervo Histórico da ALESP

h <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/saopaulo-governadores.php>

ANEXO C



D^r ABILIO CESAR BORGES

7 de Março de 1876.

« Quanto a mim, desde que encetei a vida de educador, em vez de ameaçar meus discipulos com punições, ameaço-os apenas com a vergonha do não cumprimento de seus deveres; procuro dirigir-lhes a vontade e despertar nelles os sentimentos da dignidade pessoal; (1) estimulo-os com palavras energicas, que lhes dêem tempera ao character e o elevem; sensibiliso-os fallando-lhes de Deus, dos pais, dos mestres, da patria e do amor; e aceno-lhes constantemente com as glorias ou com as tristezas deste dia. »

(1) Eis a proclamação que lhes leio, ou faço ler-lhes invariavelmente todos os dias ao entrarem para o estudo.

« Charos meninos !

Depois de brincar, justo é que com gosto e boa vontade vos entregueis ao estudo.

Lembraí-vos do prazer que tereis é dareis a vossos mestres, si souberdes vossas lições, e da vergonha que passareis, si as não souberdes.

Deshonra-se, além de se prejudicar a si mesmo, e de peccar contra Deus, contra os pais, e contra os mestres, o menino que vadia nas horas de trabalho.

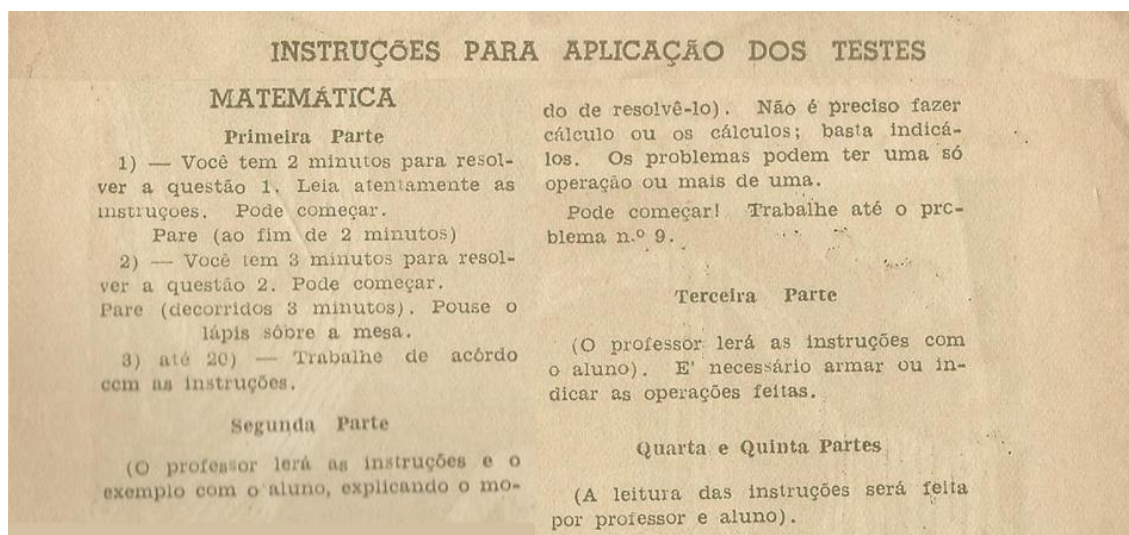
Correspondei, charos meninos, ao que de vós esperam vossos pais, vossos mestres e a chara patria.

Lembraí-vos do futuro. Lembrai-vos que Deus está vendo o que fazeis. »

ANEXO D

Testes para o Curso Primário

Terceira Série



MATEMÁTICA:**PRIMEIRA PARTE**

- 1) — Escreva os resultados das seguintes operações, sem efetuar cálculos: (2 minutos)

$$432 \times 10 =$$

$$\text{Cr\$ } 5,20 \times 100 =$$

$$\text{Cr\$ } 78,00 \div 10 =$$

$$85\,000 \div 100 =$$

$$\text{Cr\$ } 5\,000,00 \div 10\,000 =$$

- 2) — Escreva, em algarismos:

a) — dois mil, quinhentos e dois:

b) — três mil e vinte:

c) — noventa mil e dois cruzeiros:

- 3) — Coloque os resultados: (3 minutos)

$$17 - 9 = \quad 9 \times 6 = \quad 8 \times 9 = \quad 54 \div 6 =$$

$$14 - 8 = \quad 6 \times 8 = \quad 6 \times 9 = \quad 48 \div 8 =$$

$$15 - 8 = \quad 7 \times 9 = \quad 7 \times 8 = \quad 56 \div 7 =$$

$$13 - 6 = \quad 8 \times 7 = \quad 9 \times 7 = \quad 81 \div 9 =$$

$$17 - 8 = \quad 9 \times 8 = \quad 8 \times 6 = \quad 72 \div 8 =$$

$$14 - 5 = \quad 6 \times 7 = \quad 7 \times 6 = \quad 54 \div 9 =$$

$$56 \div 8 = \quad 72 \div 9 = \quad 63 \div 9 =$$

$$63 \div 7 = \quad 48 \div 6 = \quad 64 \div 8 =$$

- 4) — Decomponha, em suas diferentes ordens, o número 800 532:

.....

- 5) — Diga de quantas ordens preciso para escrever um milhão: R.:

Nome do aluno

Data

Data

Nome do aluno

6) — Efetue:

$$\begin{array}{r} 20 \\ \times 4 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 12 \\ \times 4 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 203 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1243 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 53 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 912 \\ \times 4 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 24 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 172 \\ \times 6 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 408 \\ \times 7 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 970 \\ \times 9 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 832 \\ \times 40 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 435 \\ \times 120 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2500 \\ \times 130 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1123 \\ \times 302 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 178 \\ \times 92 \\ \hline \end{array}$$

7) — Coloque os seguintes números na tabela abaixo. Pode repetir os números. Não coloque os números não divisíveis:

48 — 37 — 122 — 435 — 990

Divisíveis por:

2	3	5	9	10

- 8) — Leia e escreva, em algarismos arábicos, a seguinte data, que está escrita em algarismos romanos (dia, mês e ano):

VII — X — MDCCCXXII

- 9) — Marque, com uma cruz, os ângulos obtusos do desenho:



- 10) — Encha a lápis preto os círculos encontrados no desenho:

- 11) — Escreva o nome de um sólido que não tenha superfícies planas:

- 12) — Efetue as seguintes divisões:

$$38 \quad | \quad 3 \quad \quad 367 \quad | \quad 4 \quad \quad 4445 \quad | \quad 9$$

$$2418 \quad | \quad 8 \quad \quad 24016 \quad | \quad 9$$

- 13) — Tire a prova real das seguintes operações. Escreva, na linha de pontos, se as operações estão certas ou erradas:

$$\begin{array}{r} 5091 \\ - 397 \\ \hline \end{array} \quad \quad \quad 5832 \div 9 = 648, \text{ resto } 2$$

.....

Nome do aluno

Data

14) — Complete:

$$3\text{ m} = \dots\dots\dots \text{ cm} \quad 300\text{ m} = \dots\dots\dots \text{ km}$$

$$100\text{ g} = \dots\dots \text{ kg}$$

$$0,4\text{ m} = \dots\dots \text{ cm} \quad 5\text{ cg} = \dots\dots\dots \text{ g}$$

15) — Risque as frações que têm o mesmo valor que a primeira:

$$\begin{array}{ccccccc} \frac{1}{2} & \frac{3}{6} & \frac{3}{4} & \frac{2}{4} & \frac{2}{2} & \frac{5}{10} & \frac{4}{8} \end{array}$$

16) — Escreva a fração $\frac{3}{4}$ sob a forma de oitavos.

17) — Sublinhe a palavra que completa corretamente a afirmação:

Para somar $\frac{2}{3}$ com $\frac{1}{2}$, devo reduzir ambas as frações a

(meios) (terços) (quartos) (sextos)

18) — Escreva os resultados:

$$\frac{1}{5} + \frac{3}{5} = \quad \frac{3}{8} - \frac{1}{8} =$$

$$2\frac{3}{5} - \frac{1}{5} = \quad 2 - \frac{1}{2} =$$

19) — Efetue:

$$\begin{array}{r} 1375 \\ \underline{} 21 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 37608 \\ \underline{} 75 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 4521 \\ \underline{} 78 \end{array}$$

20) — Arme e efetue:

$$34,2 \times 5 =$$

$$48 + 0,25 + 3,4 =$$

$$27 - 0,42 =$$

$$0,08 \div 2 =$$

$$24,5 \div 0,3 =$$

Nome do aluno

Data

SEGUNDA PARTE

Indique, ao lado de cada problema, a operação ou as operações que você faria para resolvê-lo. Não precisa efetuar o cálculo.

Exemplo:

De uma caixinha com duas dúzias de bolas foram tiradas 5 bolas. Quantas ficaram?
24 — 5

- 1) — Uma engomadeira trabalha à razão de Cr\$ 5,60 por hora. Ganhando Cr\$ 50,40, quantas horas trabalhou?

- 2) — No dia do aniversário de Paulinho, Mamãe quer oferecer saquinhos de balas aos 28 colegas do menino. Quantas gramas de balas Mamãe precisará comprar, para colocar 50 gramas em cada saquinho?

- 3) — Um menino tem 225 livros para colocar nas diversas prateleiras de uma estante. Sabendo que cada prateleira comporta, aproximadamente, 45 livros, quantas prateleiras serão ocupadas?

- 4) — O terreno da escola de Paulinho é quadrado e tem 32 metros de lado. Quantos metros de muro serão necessários para cercá-lo?

Nome do aluno

Data

- 5) — João tem 23 anos e seu tio 52. Quantos anos o tio de João é mais velho do que ele?
-

- 6) — O tio de Luís foi de automóvel do Rio a S. Paulo em 10 horas. Qual a média de quilômetros que ele percorreu por hora, sabendo-se que a estrada tem 526 quilômetros?
-

- 7) — Nossa escola comprou 1,5 m de morim, 3 m de linon e 5 m de lã, gastando, ao todo, Cr\$ 62,00. Nós tínhamos Cr\$ 100,00 para essas compras. Quantos metros de fazenda compramos e quanto nos restou?
-

- 8) — Mariazinha comprou 3 maçãs por Cr\$ 6,00 e 2 laranjas por Cr\$ 2,00. Quanto custou cada fruta? Quanto pagou ao todo?
-

- 9) — Tônico coleciona selos. Possuía numa caixinha 129 selos e num envelope 242 selos. Da caixinha tirou 35 selos para dar ao padre. Do envelope tirou 59 selos para pregar no novo álbum. Com quantos selos ficou na caixinha? E no envelope?
-

Nome do aluno

Data

TERCEIRA PARTE

Dê as respostas aos problemas abaixo e indique ou arme as operações necessárias:

- 1) — Pedro e Paulo criavam bicho da sêda. Pedro tinha 23 lagartas e Paulo 13. Morreram 7 lagartas de Pedro. Quem ficou possuindo mais? Quantas mais?

R.:

- 2) — O Sr. João comprou 4 quilos de uvas por Cr\$ 80,00. Quanto pagarei por 5 quilos das mesmas uvas?

R.:

- 3) — Para ir à escola, José anda 12 quarteirões, Antônio 8 e Maria 5. Antônio anda quarteirões mais do que Maria e menos do que José.

- 4) — O Duque de Caxias nasceu em 1803 e faleceu com 77 anos. Em que ano morreu?

R.:

Data

Nome do aluno

QUARTA PARTE

Responda aos seguintes problemas. (Se precisar fazer algum cálculo, pode fazer, mas não é obrigatório).

- 1) — José colheu algumas rosas e deu a metade à Mamãe. Quem ficou com mais rosas: José ou Mamãe?

R.:

- 2) — De uma ninhada, saíram alguns pintos pretos e o triplo de pintos amarelinhos. Os pintos pretos são somente a parte dos amarelinhos.

- 3) — De um cesto de laranjas, $\frac{1}{5}$ apodreceram. Que fração se pôde aproveitar?

R.:

- 4) — Com os novos processos usados, a produção do nosso sítio quadruplicou. Conseguimos, assim, uma colheita vezes maior do que a do ano passado.

- 5) — $\frac{1}{5}$ do nosso terreno está ocupado com a casa, $\frac{1}{3}$ com o jardim e $\frac{1}{4}$ com a horta. Qual o espaço maior: o da casa, o do jardim ou o da horta?

R.:

Nome do aluno

Data

QUINTA PARTE

Resolva os seguintes problemas, explicando a solução, fazendo os cálculos e escrevendo a resposta em frase completa:

- 1) — Numa viagem de automóvel, José percorreu 45,600 km de uma estrada, e ainda faltam $\frac{2}{5}$ dessa distância para chegar ao ponto desejado. Quando chegar lá, quantos km, ao todo, terá percorrido?

Solução raciocinada:

Cálculos:

Resposta:

- 2) — A Cooperativa da escola comprou 50 livros por Cr\$ 275,00 e revendeu-os a Cr\$ 7,00 cada um. Qual o lucro obtido em cada livro, e qual o lucro total?

Solução raciocinada:

Cálculos:

Resposta:

Data

Nome do aluno